

M IMPRENSA
NACIONAL

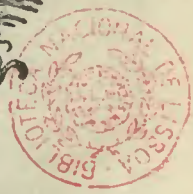
© DISTRIBUIDORA DE LIVROS E MATERIAL DE COMERCIALIZAÇÃO

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO
THOME JOSE DE BARROS QUEIROZ

DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO
DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS
TERRAS, E MARES DO ORIENTE.
DECADA QUINTA.
PARTE SEGUNDA.



LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCLXXX.

Com Licença da Real Mesa Censoria, e Privilegio Real.

OFERTA

281304

✓
7/2/55

DECLARAÇÃO



LIBRO

DECLARAÇÃO DE TITULARIDADE

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM

NESTA PARTE II.

DA DECADEA V.

LIVRO VI.

CAP. I. *Dos Reynos , que o Bramã
possue: e dos ritos, e costumes de
todos estes Gentios.* Pag. 1.

CAP. II. *Do Pico , que chamam de Adão
na Ilha de Ceilão: e das varias opiniões
que sobre elle houve: e da que os natu-
raes tem.* 10.

CAP. III. *Das opiniões, ritos , e cercmo-
nias de todos os Gentios , que jazem en-
tre o Indo, e Ganges : e do que contém
o original de suas escrituras , que os seus
Theologos ensinam em suas escolas.* 23.

CAP. IV. *Das outras tres partes dos seus
originaes : e de todos os mais ritos , e
costumes destes Gentios : e dos seus tres
Regentes : e do engano que alguns tive-
ram em haverem , que tiveram conheci-
mento da Santissima Trindade: e das dif-
ferenças das castas dos Gentios.* 35.

CAP. V. *De hum navio de Castelhanos , que
foi ter ás Ilhas de Maluco , que se per-
deo:*

* ii

INDICE

- deo: e das cousas que acontecêram a Antonio Galvão, Capitão de Ternate. 49.*
- CAP. VI. *Da Armada, que este anno de 1539. partio do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Lopes de Sousa: e de como o Çamorim mandou pedir pazes ao Viso-Rey D. Garcia de Noronha: e dos Capitulos com que lhas concedeo. 56.*
- CAP. VII. *De como o Viso-Rey D. Garcia de Noronha adoeceo, e mandou seu filho D. Alvaro a jurar as pazes com o Çamorim: e de como Antonio da Silveira se embarcou pera o Reyno: e de como lá foi recebido. 64.*
- CAP. VIII. *De como o Viso-Rey D. Garcia de Noronha faleceç: e das partes, e qualidades de sua pessoa. 71.*

L I V R O VII.

- CAP. I. *De como por morte do Viso-Rey D. Garcia de Noronha succedeo na Governança da India D. Estevão da Gama: e das cousas, em que logo começou a entender. 76.*
- CAP. II. *Do que este anno de 1540 aconteceo em Maluco: e de como se descubríram as Ilhas dos Cellebes, Macacá, Bogis, e outras: e dos Reys, e Senhores dellas, que se fizeram Christãos: e de*

co-

DOS CAPITULOS.

como Francisco de Castro descobrio as
Ilhas de Mindanão. 83.

CAP. III. De como o Senhor de Damão foi
correr as terras de Baçaim : e de como
Ruy Lourenço de Tavora o foi buscar :
e do recontro que com elle teve , em que
o desbaratou , e lhe tomou o galeão Zam-
buco. 94.

CAP. IV. Da Armada que este anno de 1540.
partio do Reyno pera a India , de que era
Capitão mór Francisco de Sousa Tava-
res : e das pazes que o Governador Dom
Estevão da Gama fez com ElRey de Cam-
baya : e dos apercebimentos que fez pe-
ra ir buscar as galés : e de hum honra-
do desafio que tiveram Ruy Lourenço de
Tavora , e D. Francisco de Menezes : e
dos Embaixadores que ElRey da Cota
mandou ao Reyno. 102.

CAP. V. Da grande Armada , com que o
Governador D. Estevão da Gama partio
pera o Estreito do mar Roxo : e do que
lhe aconteceu até chegar a Maçud. 113.

CAP. VI. De como o Governador D. Este-
vão da Gama destruiu a Ilha de Gua-
quem : e de como partio pera Suez : e
dos grandes contrastes que achou. 119.

CAP. VII. Das differenças que o Governador
teve com alguns Fidalgos : e de mui-
tos aggravados que houve , por não se-

INDICE

- rem eleitos pera aquella jornada : e do que a Armada passou até á Cidade de Alcocer.* 124.
- CAP. VIII.** *De como o Governador Dom Estevão da Gama destruiu a Cidade de Alcocer , e desembarcou em Tór : e de como deixou de destruir aquella Cidade a rogo dos Frades de Santa Catharina de Monte Sinay : e dos Cavalleiros que alli armou : e da Regra que estes Frades seguem.* 122.
- CAP. IX.** *De como o Governador D. Estevão da Gama chegou a Suez : e da descripção de todo aquelle Estreito : e do sitio deste lugar : e de como querendo desembarcar lhe sabio muita gente que estava de guarnição , e o Governador se recolheu sem fazer cousa alguma.* 140.
- CAP. X.** *De todos os Imperadores Christãos da Ethyopia , que reináram depois que se descobrio a India : e das guerras que lhe fez ElRey de Adel , tomando-lhe a mór parte de seu Reyno : e de como a Rainha mãi d'ElRey , sabendo estar o Governador em Maçudá , o mandou visitar , e pedir-lhe soccorro.* 151.
- CAP. XI.** *De como se assentou , que se desse soccorro á Rainha : e de como o Governador D. Estevão da Gama elegeo pera aquella jornada seu irmão D. Christa-*

DOS CAPITULOS.

tovão da Gama : e do que lhe acontceeo até se ver com a Rainha. 157.

L I V R O VIII.

CAP. I. *De como Martim Affonso de Sousa foi cleito no anno de 1541 pera Governador da India : e de como El-Rey mandou pedir a Roma Padres da Companhia : e quaes foram os primeiros que entráram em Portugal , e passáram á India : e do que acontceeo na jornada a Martim Affonso de Sousa até Moçambique , onde invernou.* pag. 168.

CAP. II. *De como o Governador D. Estevão da Gama partio pera a India : e do que lhe acontceeo na jornada até chegar a Goa : e de como partio pera Cochim : e das náos que negociou pera mandar ao Reyno por faltarem todas as de viagem.* 174.

CAP. III. *De como o Nizamoxá tomou as fortalezas de Sangaçá , e Carnalá , que eram do Estado de Cambaya : e de como D. Francisco de Menezes Capitão de Baçaim foi soccorrer os Senhores dellas , e as tornou a ganhar : e da Doação que dellas fizeram a ElRey de Portugal.* 183.

CAP. IV. *De como Jorge de Lima , Capitão de Chaul , avisou D. Francisco de*

Me-

INDICÉ

- Menezes da gente do Nizamoxá : e da grande batalha que deo aos inimigos , em que os desbaratou.* 189.
- CAP. V.** *Do que fez o Governador D. Estevão da Gama depois que deo aviamento ás náos do Reyno : e de como partio pera o Norte : e do soccorro que mandou a Sangaçá , e Carnalá : e dos tratos , que Nizamoxá teve com elle sobre lhe largar aquellas fortalezas : e das pareas a que se obrigou por ellas.* 197.
- CAP. VI.** *De como o Governador D. Estevão da Gama escreveu a D. Francisco de Menezes largasse aquellas duas fortalezas ao Nizamoxá : e dos inconvenientes que teve : e de como em fim lhas largou : e de outras cousas em que o Governador proveo : e de todos os Reys Mouros , que houve naquelle Reyno de Mandanager , ou de Chaul.* 203.
- CAP. VII.** *Das cousas , que acontecêram a D. Christovão da Gama na Abasia : e de alguns recontros que teve com os Mouros , em que os desbaratou.* 211.
- CAP. VIII.** *Do que mais aconteceu a Dom Christovão da Gama : e de como o Rey de Zeilá o foi commetter em os vallos : e da aspera batalha que tiveram , em que ElRey foi ferido , e desbaratado , e escapou fugindo.* 120.

CAP.

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

DOS CAPITULOS.

- CAP. IX. *Do que aconteceu ao Governador Martim Affonso de Sousa em Moçambique até partir pera a India : e de como a sua náó se foi perder em Baçaim , e elle chegou a Goa : e de como D. Estevão da Gama lhe entregou a India.* 232.
- CAP. X. *Da Armada que este anno de 1542 partio da nova Hespanha pera as Ilhas de Maluco , de que era Capitão Ruy Lopes de Villa-Lobos : e do que lhe aconteceu na jornada até á Ilha de Saragão : e do aviso que D. Jorge de Castro , Capitão de Maluco , teve desta Armada : e de hum protesto , que mandou fazer ao Capitão Ruy Lopes de Villa-Lobos.* 239.
- CAP. XI. *Do que aconteceu a Hamau Paxá Rey dos Magores na Corte de Xá Ismael : e da ajuda que lhe deo pera tornar a conquistar seus Reynos : e de como foi contra o Reyno dos Patanes : e de sua descripção : e de como foi desbaratado o Hamau , e lhe nasceo seu filho herdeiro.* 250.
- CAP. XII. *De como se descobríram as Ilhas de Japão : e de huma breve relação do principio , e origem de seus povoadores : e de alguns ritos , e costumes daquellas gentes : e das Provincias que tem.* 262.
- CAP. XIII. *De como ElRey de Zeilá foi soccorrido dos Turcos : e da serra do Ju-
deo,*

INDICE

- deo, que D. Christovão da Gama tomou: e de como os inimigos o foram buscar: e do conselho, que tomou. 276.
- CAP. XIV. De como os Mouros commettêram D. Christovão da Gama: e da grande batalha que tiveram: e de como os nossos foram desbaratados, e D. Christovão da Gama cativo: e do cruel martyrio que recebeo. 282.

L I V R O IX.

- CAP. I. De algumas cousas, em que o Governador Martim Affonso de Sousa provêo: e da Arnada que este anno de 1542 partio do Reyno sem levar Capitão mór: e de como o Governador se embarcou pera Cochim. Pag. 294.
- CAP. II. Do sitio da Cidade de Batecalá: e de como o Governador Martim Affonso de Sousa desembarcou nella, e a destruiu: e de como D. Estevão da Gama se embarcou pera o Reyno: e das partes, e qualidades de sua pessoa. 303.
- CAP. III. Do que fez o Governador Martim Affonso de Sousa depois que despedio as náos do Reyno: e de huma breve relação de todas as cousas d'ElRey de Maluco, que estava em Goa: e de como foi despachado pera ir entrar no seu Reyno: e

DOS CAPITULOS.

e das cousas a que o Governador mandou Simão Botelho a Malaca. 310.

CAP. IV. *Das cousas, que acontecêram na Abasia: e como o Imperador com o favor dos Portuguezes deo batalha a El-Rey de Zeilá, em que o desbaratou de todo.* 319.

CAP. V. *Do que aconteceu ao Secretario Antonio Cardoso em Ormuz: e de como aquelle Rey concedeo a Alfandega daquella Ilha: e de outras cousas.* 327.

CAP. VI. *Do que mais aconteceu a Ruy Lopes de Villa-Lobos, depois que partiô do porto de Camarião até chegar ao Moro: e da Armada que D. Forge de Castro mandou em busca da dos Castelhanos: e do que lhe aconteceu pela Ilha do Moro.* 334.

CAP. VII. *Da grande Armada, com que o Governador Martim Affonso de Sousa partiô pera o pagode de Tremel: e da tormenta que lhe deo, com que não pode passar: e de como desembarcou em Callecoulão, onde esteve desbaratado pela gente da terra.* 344.

CAP. VIII. *De como o Accedecan se levantou contra o Idalxá: e dos tratos que teve com D. Garcia de Castro, Capitão de Goa, sobre fazer Mealecan Rey de Visapor.* 352.

CAP.

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

INDICE

- CAP. IX.** *Do que fez o Governador Martim Affonso de Sousa tanto que teve recado de D. Garcia de Castro: e da Armada que este anno de 1543 partio do Reyno, de que era Capitão mór Diogo da Silveira: e de como o Governador partio pera Goa.* 359.
- CAP. X.** *Da razão, porque o Governador Martim Affonso de Sousa deixou de passar Mealecan á outra banda: e da batalha que teve o Idalcan com os conjurados, em que os desbaratou.* 367.
- CAP. XI.** *Dos tratos que houve antre o Idalcan, e o Governador Martim Affonso de Sousa sobre lhe entregar Mealecan: e de como Coge Cemaçadim foi a Goa ver-se com o Governador, e lhe deo oitocentos mil cruzados pera ElRey de Portugal: e de outras muitas cousas.* 372.

L I V R O X.

- CAP. I.** *Do principio do Reyno de Ormuz, e Reys que até hoje teve: e de como ElRey Xargol Xá faleceo: e o Governador Martim Affonso de Sousa levantou por Rey a Torunxá, que estava em Goa: e de como foi pera seu Reyno entregue a Luiz Falcão, que hia entrar naquella fortaleza: e de como o Gover-*

DOS CAPITULOS.

- nador se foi ver com Coge Cemaçadim a Cananor. Pag. 378.
- CAP. II. Dos recados , que houve antre o Idalcan , e o Governador Martim Affonso de Sousa sobre Mealecan: e de como o Governador o mandou pera Cananor : e de outras cousas. 390.
- CAP. III. Das cousas que aconteceram em Ormuz , até chegar ElRey Torunxá : e da guerra que o Rey de Xirás fez áquelle Reyno : e de alguns recontros , que tiveram com os Portuguezes : e que cousas são Mocarrarias. 394.
- CAP. IV. Do que aconteceu aos Portuguezes da Abasia : e das cousas , que fez Diogo de Reinoso por aquelle Estreito. 401.
- CAP. V. Das cousas , que mais succedêram em Maluco : e de como Ruy Lopes de Villa-Lobos se foi a Tidore : e dos recados que se passáram antre elle , e D. Forge : e de como chegou Jordão de Freitas áquella fortaleza : e das cousas , que aconteceram com sua chegada : e de como prendeo ElRey de Ternate , e o mandou pera Goa. 406.
- CAP. VI. Da Armada que este anno de 1544. partio do Reyno , de que era Capitão mór Fernão Peres de Andrade : e de como o Governador Martim Affonso de Sou-

INDICE

- sa tratou de haver ds mãos Coge Cem-
çadim: e de como mandou levar Meale-
can pera Goa. 416.*
- CAP. VII.** *De como o Governador Martin
Affonso de Sousa ordenou bum galeão pe-
ra mandar ao Reyno, por faltarem náos:
e de como se embarcou pera Cananor, sem
dar conta a pessoa alguma, e foi ter a
Baçaim: e das differenças que teve com
D. Manoel de Lima, Capitão da fortale-
za. 422.*
- CAP. VIII.** *Do que fez o Governador Mar-
tim Affonso de Sousa em Baçaim: e de
como voltou pera Cananor, e se vio em
segredo com o Capitão: e de como Hen-
rique de Sousa matou o Aderrajão de Ca-
nanor, e seu irmão. 431.*
- CAP. IX.** *De como Manoel de Sousa de Sê-
pulveda, Capitão de Dio, desmanchou
as paredes, que ElRey de Cambaya
mandava fazer antre a fortaleza, e
a Cidade: e a falla que Coge Çofar
sobre isto fez a ElRey, em que o per-
suadio a fazer guerra contra os Portu-
gueses. 438.*
- CAP. X.** *De como Fernão de Sousa chegou
a Malaca: e de como falecco naquella for-
taleza ElRey D. Manoel, Rey de Malu-
co: e de como deixou ElRey de Portu-
gal por herdeiro de seus Reynos: e da*

DOS CAPITULOS.

posse que Jordão de Freitas tomou delles
por ElRey D. João. 446.

CAP. XI. Dos requerimentos, que o Idal-
can mandou fazer ao Governador Mar-
tim Affonso de Sousa sobre Mealecan: e
do que sobre isso passaram: e das par-
tes, e qualidades deste Governador. 452.

DE-

N IMPRENSA
NACIONAL

... e a possibilidade de...

... e a possibilidade de...

... e a possibilidade de...



DECADA QUINTA.

LIVRO VI.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Dos Reynos, que o Bramá possui: e dos ritos, e costumes de todos estes Gentios.



Á que tratámos neste Capitulo passado do fim do quinto Livro, como o Bramá conquistou os Reynos de Pegú, mostraremos no principio deste sexto Livro, que gentes são estes Bramás, e que Estados possuem, que he cousa muito curiosa. Os Reys Bramás foram antigamente sujeitos aos de Pegú, e tinham por obrigação mandarem suas gentes a trabalhar nas obras do Reyno, Cidades, Fortalezas, e outras que os Reys mandavam fazer. Succedeo em tempo do pai deste Rey de Pegú, que perdeu o Reyno, querer fazer hum grande edificio sobre o rio de Si-

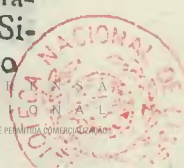
Couto. Tom. II. P. II.

A

mão

NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO.



2 ASIA DE DIOGO DE COUTO

mão Banhá, (que assim se chama o de Pegú,) pera cuja obra mandou ElRey do Bramá mais de trinta mil servidores, pedreiros, cavoqueiros, e outros. E em quanto esta obra durou, costumava ElRey ir muitas vezes vella, e levava suas mulheres, e filhos, porque folgavam muito de verem aquellas gentes tão differentes nos trajos, e pinturas. E como ElRey, quando hia a isto, não levava gente de guarda, por causa das mulheres, que não querem elles que lhas vejam, vieram os Bramás a reinar malicia; e fallando-se todos, estando ElRey hum dia bem descuidado de tal successo, deram sobre elle, e o matarão com todos os da sua companhia, roubando as riquissimas joias que levavam as mulheres, e mettendo-se pelos matos, deram comsigo em suas terras. Vendo isto os Pegús, alevantaram por Rey o filho do morto, que se chamava Dachá Roupi, que desejava de vingar a morte do pai, e de tornar a restituir aquelle Reyno á obediencia, foi-lho o tempo estorvando com occasiões de guerras intrinsecas, que se lhe alevantaram com outros vassallos, que como víram o Rey morto, logo se rebellaram; com o que ficou tão desfalecido, e fraco, que não pode bolir comsigo. Sabido isto pelo Rey dos Bramás, que se chamava Pará Mandará, ajuntando seus exercitos, con-

quif-

quistou logo os Reynos dos Lanjões , Láos , Jangomás , e outros , que são sujeitos a Pegú , com o que ficou tão poderoso de gentes , thesouros , e alifantes , que lhe cresceu a cubiça de se fazer senhor de toda aquella Gentilidade , por ser condição do Mundo , não só os Mouros , e Gentios medirem os direitos dos Reynos pelo poder de cada hum , mas ainda os Principes Christãos , cuja obrigação he não moverem guerra , senão muito justificada. Assim este barbaro Gentio , vendo-se tão poderoso , quiz estender seu Imperio pera todas as partes ; e ajuntando grandes exercitos por mar , e por terra , em que se affirma trazia dous milhões de homens , e dez mil elefantes , e entrando pelo Reyno de Pegú , o conquistou a poucos golpes , como no Capitulo passado contámos , ficando com isto tão grande senhor , que houve sua cubiça por satisfeita. Os Reynos que ficou possuindo , são os seguintes.

Avá , que foi o seu antigo Reyno , que será dous mezes de caminho do Pegú ; e he de saber , que suas medidas das jornadas , como nós as nossas leguas , se chamam tháo , e cada hum destes tem duas mil vezes tres varas , de sinco palmos a vara , que fazem seis mil varas , que são trinta mil passos ; e a tres palmos por passo , vem a ser tres milhas e meia Italianas , que he huma legua

A ii

nos-

BIBLIOTECA DO INSTITUTO NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

4 ASIA DE DIOGO DE COUTO

nossa: E a cada tháo destes, tem por todos os caminhos póstos marcos pera os viandantes saberem quantos caminhão por dia; e de ordinario hum Bramá anda doze leguas, pela conta Portugueza, ou doze marcos dos seus. Este Reyno de Avá tem sessenta e duas Cidades, que não nomeamos, posto que temos todos os nomes, por escusarmos prolixidades.

Ao Nordeste, hum mez de caminho, está o Reyno dos Turcos, que o Rey de Pegú tomou ao do Cathayo, que tem sessenta Cidades, e as principaes são, Simbi, Sanchaupá, Simbifá, Chanrá; desta vem muito almíscar, damascos, e outras fazendas, e tem todas muitas minas de prata, e cobre.

O Reyno de Bimir, que fica a Leste de Avá, hum mez de caminho, tem vinte e sete Cidades grandes.

O Reyno de Jongomá, que está ao Nordeste de Pegú por vinte jornadas, tem trinta e tres Cidades.

O Reyno de Lãojão ao Norte deste, hum mez e meio de caminho, tem trinta e oito Cidades. He este Reyno o mais rico de todos os que possui o Bramá, por ter muito ouro, e prata, e della sahe a mór parte do beijoim, que vem á India.

O Reyno de Mampróm ao Nascente def-

te, hum mez de caminho, tem oito Cidades ; parte pelo Levante com o Reyno de Cochinchina, e pelo Sul com o Reyno de Sião, que o Bramá depois conquistou, como adiante diremos na sexta Decada. Este foi já Imperador sobre todos, como dissemos na fundação de Malaca Cap. I. Liv. II. da IV. Decada: tem trinta e sete Cidades. Ao Nascente delle está o grande Reyno de Camboja, que sempre foi izento, de que adiante com o favor Divino trataremos. São todos os Gentios destes Reynos os mais supersticiosos de todos os do Oriente. E posto que elles, e todos os mais do Industan, creão que ha hum Deos, Creador de todas as cousas ; todavia attribuem todas as acções, e necessidades da vida humana a idolos, que pera isso tem, e tantos alevantão de novo, como quantas occasiões pera isso se lhes offerecem ; porque se lhes doe o olho, logo lhe levanta idolo ; se lhes doe o pé, a mão, a cabeça ; em fim pera todos os membros tem dedicados idolos em seus templos ; até pera as necessidades corporaes, cuja estatua está naquella fórma, e acto, como quando se quer exercitar aquella obra. Mas sobre todos adoram, e veneram aquelle idolo chamado Budão, de que já atrás fallámos muitas vezes no Cap. IX. do Liv. V., que dizem fora ter áquelle Reyno, in-

6 ASIA DE DIOGO DE COVTO

indo da Ilha de Ceilão , e que fora mandado por Deos pera lhes dar luz. E assim tem todos tamanha veneração áquella Ilha de Ceilão , como a cousa fanta ; e a mór romagem que tem he a do Pico , que chamam de Adão , onde o Budão , dizem suas escrituras , que esteve muitos annos. E porque sobre este Pico houve muito varias opiniões entre os Escritores da Europa , logo adiante diremos a verdade do que os naturaes tem d'elle , conforme suas escrituras , e o que nos d'elle parece.

Confissão todos estes Gentios , de que tratamos , a immortalidade da alma pelos officios que fazem a seus defuntos , e pelas orações que rezão , e esmolas que fazem ; porque dizem , que estas obras satisfazem na outra vida culpas dos que morrem com ellas. São tão caridosos , que alguns Frades nossos (que foram ter a Sião , e a Camboja) andando pedindo esmolas pelas portas , lha davam com bem differente reverencia do que o nós fazemos , porque se punham de joelhos. E hum Fr. Antonio da Magdalena , Frade menor , nos contou , que indo por huma rua em Sião com sua sacola pedindo esmola , encontrára com hum Mandarim , (que assim chamam a seus Regedores , o que tomáram dos Chins ,) que hia a cavallo com grande acompanhamento , e encontrando com

ellê descavalgára muito depressa, e mandára tomar algumas cousas na praça, e lhas dera com os joelhos no chão, pedindo-lhe rezasse por elle alguma cousa. Que vergonha esta pera Christãos, que pôde ser haja muitos, que não fação tamanha reverencia, nem tenham tamanho acatamento ao Divino Sacramento, encontrando-o pelas ruas! Ha por todos estes Reynos muitos Religiosos de diferentes regras, huns a que em Pegú chamam Talapoís, e em Sião Bicos, e em Camboja Chicús. Estes vestem habitos estreitos, e enclaustrados dentro em seus templos, em que ha muitos, que passam de duzentos Religiosos. Fazem profissão, tem Coro, e rezão Matinas, e as mais Horas quasi a nosso modo, mas em todas huns mesmos versos. Confessão-se a seus Prelados assentados de joelhos como nós, mas não de cousa particular, senão em geral. Tem pulpitos em que prégam, a que acode grande concurso de ouvintes; e nas prêgações trazem as vidas, e milagres fingidos dos seus santos. Ha antre elles algumas Ordens tão estreitas como a dos Cartuxos, e muitos delles depois de velhos se recolhem aos ermos a fazer vida solitaria fóra da communicação dos homens, e alli se sustentam de hervas, e frutas dos matos. Saem os Religiosos de seus Conventos certos dias na se-

8 ASIA DE DIOGO DE COUTO

mana de dous em dous a pedir esmolas pelas ruas, e chegam ás portas com grande mortificação, hum por huma parte, e outro pela outra, e das esmolas que lhes dam se sustentam, e não comem mais que huma vez no dia, e o que sobeja dam aos pobres; e se os não ha, ás aves do Ceo, porque não podem guardar cousa alguma. Não tem rendas, nem proprio, nem comem carne, nem matam cousa viva. Seus vestidos são capas, e tunicas de huma côr amarella escura, tinta que fazem com casca de jaqueira; trazem na cabeça sombreiros de papel azcitados. Tem muitos Geraes, e escolas, em que ensinam todas as sciencias. Tem Quaresma quasi no mesmo tempo que os Christãos, e em todos os dias della ha grandes prégações, e no cabo sua Pascoa com procissão de madrugada muito solemne, com festas, rangeres, bailos, danças, e infinitas luminarias, e algumas charolas ao modo das que vam nas nossas procissões. Dizem, que na Quaresma veio o seu Quiái (que elles tem por Deos) a estar na terra com sua mãe, e que no cabo daquelles dias se tornou pera o Ceo; e a esta ida fazem estas festas, e solemnidades. Os seus preceitos são quasi como os nossos dos Mandamentos, por onde nos parece que estas gentes foram doutrinadas pelo Bemaventurado Apostolo S. Tho-

né, que por aquellas partes andaria. E como ficáram sem Prelados, e sem Mestres, vieram a perder a doutrina, e a misturar-lhe erros, e ceremonias, como cada dia inventam. E concluindo com esta gentildade, são todos os Gentios destes Reynos bestialissimos, e sem policia nenhuma, alvos; as mulheres formosas, e bem aslombadas; são todos dados ao vicio da carne, em que as mulheres tem extremo sobre todas. Quasi todos os seus ritos se usam mais por costume, que por fundamentos. Os Bramás são alvos, e trazem cabellos como mulheres, e dos hombros até os joelhos andam pintados de muitos lavores de huma tinta azul, que fazem com huns ferros quentes. Os Pegús trazem cercilhos como os Clerigos antigos; cingem por debaixo de humas cabaias curtas huns pannos como mulheres, e nas cabeças trazem humas beitalhas finas foteadas, levantadas humas pontas pera cima como cachos; andam descalços, e comem todas as sevandilhas da terra. Os Siames trazem as cabeças rapadas, e sobre as faces deixam ficar grandes guedelhas; e os trajos são quasi como o dos Pegús. O mesmo os Jangomás, e Laojoés. Os Turcos trazem cabellos como mulheres, mettidos em coifas de rede de seda; calção meias de agulha, e humas cabaias muito curtas, e por cima hu-

10 ASIA DE DIOGO DE COUTO

mas ábas postigas, como as dos nossos pelotes de prégas antigos. Tem outras brutalidades, que deixamos por não enfadar.

C A P I T U L O II.

Do Pico, que chamam de Adam na Ilha de Ceilão: e das varias opiniões que sobre elle houve: e da que os naturaes tem.

NO Capitulo passado nos offercemos a dar razão daquella pégada, que está sobre aquella serra, a que chamam o Pico de Adão na Ilha de Ceilão, pela grande variedade que ha nos Escritores, e pelas abusões que Marco Polo Veneto, e Nicoláo de Conti com outros Venezianos escreveram. E porque nós averiguámos a verdade disto com Chingalás muito antigos, e práticos nas cousas daquella Ilha, e em seus ritos, e costumes, e nos differam o que tem suas escrituras; será bem que tiremos a confusão, que até agora houve. Este Pico, que chamam de Adão, he huma serra, que está no coração daquella Ilha em humas terras, que chamam Dinavaca, e he tão alto, que se vê de doze leguas, quando se vai demandar a Ilha. Chamam-lhe os naturaes Amalalá Saripadi, que em sua lingua quer dizer, serra da pégada. Vai subindo debaixo, e em cima se divide em dous picos, e em

hum delles está esta pégada , e de ambos descem algumas ribeiras de agua , que se fazem de algumas fontes que em cima tem , e vam por differentes partes fazer ao pé da serra hum riacho , que quasi a rodea. Neste ribeiro se lavam os romeiros , que se vam offerecer á pégada , porque aquelle he o seu baptismo , e hão que alli se purificam. No cume de hum destes Picos se faz huma planicie arzeoada , e no meio della está huma lagea , (que será como duas campas de sepultura ,) alevantada sobre grandes pedras ; no meio tem huma fórmula de pégada de hum pé , muito maior que os ordinarios , de tal feição , que parece que foi impressa na mesma pedra , da propria maneira , que em huma pouca de cêra branda se imprime hum sinete , ou em hum pouco de barro mole huma pégada de hum homem. Os romeiros que aqui concorrem (que são infinitos) não só Gentios , mas ainda Mouros , desda Persia até China , chegando áquelle riacho , purificam-se , como já dissemos , com suas ceremonias , e vestem-se de roupas novas. Depois que lhes parece que estam purificados , sobem pela serra que he muito ingreme ; e pouca distancia antes de chegarem ao cume estam atravessadas humas traves , de que pende hum sino grande da feição dos da China , de metal finissimo , e delle pende

12 ASIA DE DIOGO DE COUTO

hum masso grande forrado de couros , em quem cada romeiro he obrigado a dar hum pancada pera saberem se vam puros ; porque tem pera si , que o que alli chegar immundo não lhe soará o sino ; e este tal he obrigado a tornar-se a purificar com outras ceremonias maiores. Tão enganados os trazem os diabos , que lhes mettem daquella maneira em cabeça , que todos vam puros ; porque nunca se achou homem a que o sino deixasse de soar. E nós fallámos com pessoas , que foram a esta romagem em companhia de mais de quinhentas , e a todos soou o sino. Chegados assim , não podem fazer mais , que beijarem aquella pedra com grande veneração , e tornarem-se , e por nenhum caso podem subir em cima da lagea , porque he peccado sem absolvição. Os Mouros tambem se vam aqui offerecer , porque dizem , que aquella pégada foi de nosso pai Adão , e que dalli subio aos Ceos , e do derradeiro pé ficou naquella pedra aquella fórma.

Marco Polo Veneto , livro terceiro , folio sincoenta e sinco , diz , que tem os Mouros pera si , que debaixo daquella pedra estava o sepulcro de Adão. E diz mais , que os Gentios naturaes contavam , que hum filho de hum Rey , chamado Sogomombarcão , desprezando o Reyno , se recolhêra áquella

ferra a fazer vida santa , e que dalli subira aos Ceos , e que o pai lhe mandára fazer templos , e levantar estatuas , e que dalli tivera principio a idolatria da India. Disto se ríram os naturaes , a quem o nós perguntámos; mas o do que elles tem suas escrituras , e o que hoje cantam em suas cantigas , (em que conservam todas suas antiguidades ,) he o que logo contaremos mui abbreviadamente , porque em todos os seus contos , e historias são todos mui prolixos.

Dizem , que houve hum Rey , que reinava sobre todo este Oriente; que havendo muitos annos que era casado sem ter filhos , lhe viera Deos no cabo de sua velhice a dar hum macho , a maior , e mais formosa creatura que podia ser; e mandando-lhe tirar o nascimento por seus Astrologos , acháram , que aquelle menino seria santo , e que desprezaria os Reynos do pai , e se faria peregrino (a que elles chamam Jogues) de que o pai posto em cuidados determinou de atallar todas estas cousas com encerrar o filho que não visse cousa alguma. E assim como foi de cinco annos pera cima , o recolheu em huns Paços , que pera isso tinha mandado fazer , fechados , e cerrados , com grandes , e frescos jardins por dentro , onde o mandou crear em companhia de moços nobres de sua idade , com guardas , e vigias ,

14 ASIA DE DIOGO DE COUTO

pera que fóra daquelles ninguem mais fallasse com elle, por não ver, nem ouvir coufa, que lhe dêsse paixão, nem soubesse que havia outra coufa fóra dalli, pera que a não desejasse. Aqui se creou até idade de dez-eito annos, sem saber que havia doenças, mortes, nem outras miserias humanas.

Chegando á idade de entendimento, não deixou de saber que havia mais coufas que aquellas que via; pelo que mandou pedir ao pai, que o deixasse sahir dalli, e ver as Cidades, e Villas do seu Reyno. Isto lhe concedeo ElRey, mandando-o tirar fóra, e levallo pela Cidade com grande resguardo; e em humia rua encontrou hum homem manco, e enfermo, e perguntando aos que hiam com elle o que era, disseram-lhe que eram coufas da natureza mui ordinarias no Mundo, em que havia muitos mancos, cegos, e com outros defeitos. Outra vez que o tornáram a tirar fóra, vio hum velho muito decrepito encostado a hum bordão, tremendo-lhe o corpo todo. Espantado este Principe daquella visão, perguntou o que era, e disseram-lhe, que aquillo procedia dos muitos annos que vivêra, e que por isso se vinham os homens, que chegavam áquella idade, a debilitar muito. Outro dia encontrou com hum morto, que levavam a enterrar com grande pranto, e perguntando por aquil-

lo,

lo, lho differam; ao que o Principe perguntou, como? Eu, e todos havemos de morrer? e dizendo-lhe que sim, ficou malencozado, e triste.

Andando com aquella imaginação, dizem que lhe appareceo em visão hum santo em figura de peregrino, e que o persuadirá ao desprezo do Mundo, e á vida solitaria; e como elle andava já abalado, e tinha mais largueza, teve modo com que desapparecêra em trajos de peregrino, e que se mettêra por essa terra dentro a fazer vida solitaria, e asperissima. E deixando muitas fabulas que contam, assim da fugida, como da peregrinação, depois de correr muitas terras, dizem que fora ter a Ceilão, levando já consigo grande concurso de discipulos. Alli naquella serra fez tal vida tantos annos, que o adoravam os naturaes como a Deos; e querendo-se partir dalli pera outras partes, os discipulos que alli ficavam lhe pediram lhes deixasse alguma memoria sua, pera em seu nome a reverenciarem; ao que fixando elle o pé naquella lagèa, imprimíra aquella pégada, que ficou tida em tanta veneração, como temos dito. A este Principe nomeam suas historias por muitos nomes, o seu proprio era Dramá Rajo; o porque foi conhecido, depois que o tiveram por santo, he o Budão, que quer

di-

dizer fabio , de que já fallámos atrás no Cap. IX. do Liv. V. , que dizem profetizára da Cidade de Pegú: pera estas partes se passou depois que deixou Ceilão.

A este nome tem dedicado os Gentios por toda a India grandes , e soberbos Pagodes. Vendo nós esta historia , estivemos cuidando se teriam os antigos Gentios destas partes em suas escrituras conhecimento do santo Josaphat , que foi convertido por Barlão , que em sua lenda temos ser filho de hum grande Rey da India , e que tivera a mesma criação , e todos os mais termos que temos contado da vida deste Budão. E como a historia de Josaphat havia de ficar escrita pelos naturaes , (que nada lhes fica por escrever ,) parece que por tempos lhe vieram accrescentar muitas fabulas , como elles tem na vida do Budão , que nós deixámos , porque nem em dous Capitulos as concluiremos da maneira que as elles tem.

E porque nos vem a proposito o que nos disse hum homem muito antigo das terras de Salfete em Baçaim do santo Josaphat , nos pareceo bem trazella. Andando nós nesta Ilha de Salfete vendo aquelle raro , e admiravel Pagode , (que chamam do Canará ,) fabricado em huma serra , e talhadas em huma só pedra muitas salas , e huma dellas tamanha como a grande dos paços

ços da Ribeira de Lisboa , e mais de trezentas cameras pela ferra assima , quasi em caracol , cada huma com sua cisterna á porta , na mesma pedra viva , da mais fria , e excellente agua , que se póde desejar ; e nas portas da sala grande formosissimas figuras de vulto tamanhas como gigantes , de obra tão subtil , e prima , que nem em prata se podiam esculpir melhor ; com outras muitas grandezas , que deixamos por não ser comprido.

E perguntando a este homem velho , que dissemos , por esta obra , e o que lhe parecia por quem fora feita , nos disse , que sem dúvida aquella obra se fizera por mandado do pai do Santo Josaphat , pera o recolher , e crear nella , como diz a sua lenda. E como nós temos della , que fora filho de hum grande Rey da India , bem póde ser , como já dissemos , que fosse este o Budão , de que elles contam tantas maravilhas.

E continuando com a pégada do Pico , trabalhando nós muito por inquirir a certeza della , correndo muitas antiguidades da India , nos parece que poderá ser do Bemaventurado Apostolo S. Thomé ; e assim mesmo humas nodoas de joelhos , que estam impressas o dia de hoje em huma pedra grande , que está na parte da pedreira de Columbo , que hum Vigairo daquella fortale-

za nos disse, que notára bem muitas vezes, e que lhe não parecêram feitas por industria; e isto dizemos por outras semelhantes, que se acháram na Cidade de Meliapor, onde aquelle Apostolo fez sua casa; porque posto que sua lenda não declare, que fosse ter áquella Ilha, cousa he que poderia ser, porque nem de todas as partes por onde andou, se acha feito memoria, como já difsemos no Cap. I. do X. Liv. da quarta Decada, do tempo em que os Tartaros, e Mogores recebêram a Fé de Christo.

Em huma inquirição, que na Cidade de Meliapor se tirou por mandado d'ElRey D. Manoel em tempo do Governador Dom Duarte de Menezes sobre o corpo do Santo Apostolo, testemunhou hum Diogo Fernandes Portuguez: » Que na era dezesete
 » fora de Malaca em companhia de hum
 » Bastião Fernandes, e de hum Armenio,
 » chamado Coja Escander, pera visitarem a
 » Casa do Santo, e que elle fora o primei-
 » ro Portuguez que alli chegára; e que en-
 » trando todos dentro nella, a acháram cer-
 » cada de mato, e derribada, e na porta
 » della hum Mouro muito velho, que tinha
 » cuidado de accender alli huma alampada
 » por ordem dos Gentios, (que sempre ti-
 » veram muita devoção áquella Casa,) que
 » lhes contára muitas cousas da vida do Apof-

» to-

» tolo , que elles não tinham sabidas , nem
 » ouvidas ; e que lhes fora mostrar huma pé-
 » gada , estampada em huma pedra , tão fres-
 » ca , como se áquella hora se acabára de pôr
 » alli o pé , e aquillo fora de barro ; e ou-
 » tra pedra , em que estava a nódoa de hum
 » joelho ; e que era muito averiguado antre
 » todos os naturaes , que estes dous sinaes
 » ficáram alli do Santo Apostolo ; e que quan-
 » do o matáram , ajoelhára sobre aquella pe-
 » dra , e deixára nella aquelle sinal. »

Diz mais : » Que o anno de dezenove
 » foram alli tres Portuguezes de Malaca , cha-
 » mados Antonio Lobo Falcão , Manoel Fal-
 » cão , e João Moreno , que tomáram a pe-
 » dra da nódoa do joelho , e a quebráram ,
 » e partíram antre si , levando-a por grande
 » reliquia ; » e que depois fizeram muitos mi-
 » lagres , como em outra parte diremos. Isto
 » tudo he bastante razão para prova da con-
 » jectura , que fazemos da pégada do Pico de
 » Adão , e das nódoas de joelho da pedreira ,
 » serem do Santo Apostolo , que andou en-
 » chendo a India de milagres , e maravilhas ,
 » de que a menor parte temos na sua lenda ;
 » e em muitas escrituras temos , que sempre
 » os semelhantes sinaes foram milagrosos , e
 » permittidos por Deos.

Em hum pateo da Casa Santa de Jeru-
 » salem , que he lageado de formosas lageas ,

B ii

em

em huma dellas estão impressas duas pégadas como esta de que tratamos, que (segundo referem alguns, que escrevêram as coufas do Santo Templo, e antre elles o Padre Fr. Pantaleão,) affirmam serem de hum Abexim, que alli martyrizáram pela Fé de Christo, que teve por bem ficassem alli aquelles vestigios, em final de como lhe fora seu martyrio acceito.

Na Igreja da Ascensão, que está no Monte Olivete, se vê outra pedra com huma pégada como estas, que deixou alli nosso Senhor JESUS CHRISTO, quando subio aos Ceos, do derradeiro pé que alevantou.

No Horto de Gethsemani (naquelle lugar, onde se puzeram os tres Apostolos, em quanto Christo orou) está outra pedra, em que se encostáram aquelles Discipulos, e nella ficáram impressos os tres sinaes dos corpos, como em huma pouca de cêra mole. Por onde esta pégada do Pico de Adão, e as nódoas dos joelhos, de que fallamos, são milagrosas, e ás partes da India naquelle tempo não passou quem pudesse fazer os taes milagres, senão este Santo Apostolo. E lendo nós o que diz Dorotheo, Bispo de Tiro, (e o refere Mapheo no terceiro livro da Historia da India,) que nesta pégada do Pico de Adão se venerava a Memoria do Eunuco da Rainha Candace, que diz andá-

ra prégando o Evangelho por todo o mar Roxo, Arabia Felice, e na Taprobana, não achámos donde poderia aquelle douto Varão inferir aquillo, porque em nenhuma escriptura se lê, que passasse este Eunuco da Abassia, donde era natural. E nós revolvemos a India, e fallámos com muitos Mouros, Gentios, e ainda Judeos antigos, e doutos, e em nenhuma parte della se conhece, nem ha noticia deste Eunuco.

E por concluirmos com estas cousas de Ceilão, o faremos brevemente com huma pera nós muito espantosa, que he, que todas as arvores que jazem pelo pé deste Pico de Adão á roda, e ainda mais de meia legua affastadas d'elle, todas por todas as partes fazem com suas copas huma inclinação pera a serra, sendo todas muito directas nos troncos até onde começam as ramas, sem vento algum as fazer mudar. Isto tem todos os da Ilha por milagre, e se o não he, (porque bem póde ser queira Deos, que façam todas aquella reverencia á pégada do seu Apostolo,) alguma cousa natural deve de haver pera isso; e o que nos parece, he nascer aquillo de alguma propriedade, que aquella serra terá de attrahir a si as arvores, como a pedra de cevar ao ferro. E como lemos daquella fonte de Plinio, que está no nosso Portugal, que se lhe

che-

22 ASIA DE DIOGO DE COUTO

chegam huma arvore muito grande perto de agua, a forve toda, e recolhe em si pela rama até se esconder de todo : agora filosofem sobre isto os curiosos.

Esta Ilha toda he tão prospera, que mandando o Rey da Cota semear duas parás de trigo, respondeo com sessenta. Os matos são todos de arvores de espinho, e frutas excellentes. Tem pimenta, gengivre, cardamomo, muitas canas de açúcar, mel, muitos gatos dalgalea, alifantes, muita pedraria, rubis, olhos de gato, chrysolitas, amathistas, çafiras verdadeiras, e outras de agua, berillo finissimo, e tão puro, que parece crystal, e todos o tem por esse, no que se enganam. Tem ferro, cairo, estopa, muitos rios de agua excellente, em que se criam muitos, e bons pescados; tem grandes Officiaes de armas, principalmente de espingardas, onde se fazem as melhores de toda a India. Tem muitas bahias, e portos de huma, e da outra parte, capazes de grandes náos, e navios. Tem outras muitas cousas, que deixamos por não ser comprido.

CAPITULO III.

Das opiniões, ritos, e ceremonias de todos os Gentios, que jazem entre o Indo, e Ganges: e do que contém o original de suas escrituras, que os seus Theologos ensinam em suas escolas.

JÁ que fallámos nos Capitulos atrás da Gentilidade do Gange pera fóra, parece que cabe aqui bem darmos razão de toda a outra do Gange pera dentro; e posto que nisto sejassem alguma cousa comprido, podem-nos relevar por serem coufas muito curiosas, e até agora não trazidas ao Mundo nesta linguagem, e tambem nos servirão de darmos graças a Deos nosso Senhor da mercê que nos fez, em nos dar conhecimento de si mesmo, vendo os feios, nefandos, e brutos ritos destes cegos Gentios, que foram significados naquella diversidade de animaes immundos, que S. Pedro vio naquella visão do vaso cheio delles, como se lê nos Autos dos Apostolos no 1. cap.

Pelo que se ha de saber, que antre toda a Gentilidade do Oriente se guarda, e sustenta huma só opinião no conhecimento de Deos, criação, e corrupção das creaturas, que he lição, que se lê nas suas escolas pelos seus Bragmanes, que são os Mes-

tres

N IMPRENSA
NACIONAL

tres de sua religião. Disto tem muitos livros em seu Latim, a que chamam Gerdão, que contém tudo o que hão de crer, e todas as ceremonias que hão de fazer. Estes livros são repartidos por corpos, membros, e artigos, cujos originaes são huns a que elles chamam Vedãos, que são repartidos em quatro partes, e estes em outras sincoenta e duas, por esta maneira. Seis a que chamam Xastrá, que são os corpos; dezoito a que chamam Puraná, que são os membros; vinte e oito chamados Agamon, que são os artigos: de todos estes faremos distincção brevemente pera melhor se entender.

A primeira parte destes quatro originaes trata da primeira causa, da materia primeira, dos Anjos, das almas, do premio do bem, da pena do mal, da geração das creaturas, de sua corrupção, que cousa seja peccado, e como se póde remir, e absolver, e porque.

A segunda parte trata dos Regentes, a que dam o dominio sobre todas as cousas.

A terceira he toda de doutrina Moral, conselhos que exhortam á virtude, e obrigação a avorrecer o vicio, e assim da vida monastica, e politica, que são a activa, e contemplativa.

A quarta parte trata das ceremonias dos

Pagodes , dos sacrificios , e de suas festas ; e nestes tambem mettem os encantamentos , feiticerias , adivinhações , e arte Mágica , porque a todas estas cousas são muito dados. Todos estes livros são escritos em versos mui heroicos , e pomposos em palavras ; invenção que o demonio urdio , pera que a modulação , e suavidade delles os obrigassem a ouvillos pera se lhes affeioarem. E assim o fizeram tanto , que qualquer Bragmanne , que lhes quer fazer crer huma mentira , em a pondo em verso , fica tida em tanta veneração , e authoridade , que não liaverá cousa , que lha tire da cabeça ; e tanto he isto assim , que historias a que nenhuma origem sabem , e de cousas ainda que repunham sua propria lei , e costumes , pelo uso de as cantarem em verso , assim lhes dam fé , como se as víram com o olho. Isto lhes nasce de não defenderem , nem sustentarem por razões cousa alguma das que crem , antes em todas se atão aos mestres , que lhas ensinaram , e aos livros , em que andam escritas. Desta arte , ou sciencia de Poesia , tem grandes escolas , e geraes : cada verso dos seus tem setenta e cinco syllabas. Deixando isto , tornemos ás distincções das quatro partes dos seus Vedãos.

A primeira , que trata da causa primeira , segundo os livros que tem , chamados

26 ASIA DE DIOGO DE COUTO

Terúm , Mandramole , Etrivaxigão , (que são humas summas de sua Theologia , que lem nas escolas ,) dizem que esta causa primeira he Deos , e que este he hum espirito puro , incorporeo , infinito , cheio de todo o poder , de todo o saber , de toda a verdade , e que está em todas as partes , a que chamam Xarves Zibarú , que quer dizer , Creador de tudo. Trata mais esta primeira parte da materia dos Anjos , a que chamam Monixeparum , que quer dizer os Santos , que dizem que não foram creados , e que são *ab eterno* com o mesmo Deos. Destes Anjos fazem tres Estados , huns limpissimos , que acompanham , e servem a Deos ; outros menos puros , donde sahem as almas , que se informão nos corpos humanos pera nelles se purgarem ; os terceiros immundos , estes servem de ministros da justiça de Deos , e de carcereiros do Inferno , que elles confessam , como se verá em seu lugar. As almas tem que são immortaes ; mas que se tem peccados , como hum morre , sua alma se passa ao corpo de qualquer alimaria , onde os anda purgando até que mereça subir ao Ceo. E de todas as que se mettem nas vacas , tem por mais ditosas , e por isso são veneradas de todos os Gentios , como cousa sagrada.

Chega sua bruteza a tanto , que quando hum está em passamento , lhe chegam huma

vaca á cama, e lhe mettem o rabo na mão como candeia, pera que em se despedindo a alma do corpo, entre logo na vaca, porque o não façam em outro animal mais çujo; por onde parece que tem pera si, que suas almas se mettem no animal que está mais perto, e por isso não matam os porçovejos, nem pulgas da cama, nem os piolhos da cabeça. Este negocio das vacas nunca acabámos de entender a veneração que lhes tem, nem a deidade que lhes attribuem; nem elles o sabem bem declarar. Muitas vezes vimos no Reyno de Cambaya as vacas urinarem pelas ruas, e acudirem os Baneanes, homens, e mulheres, e apararem as mãos, e tomarem a ourina, e lançarem-na por cima das cabeças, como nós fazemos á agua benta, dizendo algumas palavras.

Dizem mais, que as almas dos mais peccadores, e mofinos se traspassam aos corpos dos animaes çujos, e immundos, e o mais peccador de todos no cão, e que conforme os merecimentos de cada hum, assim lhe cabe a sorte, e o estado de rico, ou pobre, alto, ou baixo, são, ou enfermo; e que de corpo em corpo andam purgando seus peccados, até que de todo tenham satisfeito, e que mereçam passar á gloria.

Esta opinião brutal he tão antiga, que Empedocles Agrigentino disse, que os espi-

ritos que mal viviam, o ar, o mar, a terra os lançava de si; e que de lugar em lugar andavam purgando suas culpas até passarem á gloria.

Quanto ao premio do bem, e castigo dos males ha infinitas opiniões, porém está averiguado haver gloria, e pena; mas qual seja esta pena, e aonde, não se acabam de determinar.

Tem tambem pera si, que em nascendo hum homem, logo vem destinado pera o bem, ou pera o mal, e que forçado lhe ha de acontecer o pera que nasceo, e que não está em sua mão poderem-lhe fugir; no que negam o livre alvedrio, e daqui vem dizerem a tudo o que lhes succede; que he seu nacibo. Muitos dizem, que a gloria, e premio, que se dá aos virtuosos, e em satisfação de penitencias, e sacrificios, são riquezas, honras, dignidades, e filhos; e que morrendo hum, que teve estes bens, se viveo bem, torna a lograllos em outro corpo; e assim medem a virtude pelos bens, que cada hum possue.

Outros, que se tem por mais atinados na verdade, dizem, que no segundo Ceo ha hum lugar, a que chamam Xorvagó, em que hão de ir descansar os que bem viveram; e que no centro da terra ha outro, a que chamam Naranca, que he todo de fogo, e

de

de tormentos, aonde se vam pagar os peccados; e que neste lugar ha tanto genero de tormentos, quantos foram as diversidades das culpas.

Dizem mais, que os Anjos da tereceira ordem são os ministros destas penas, e a estes pintão elles com todas as fealdades que podem, como nós fazemos ao demonio, e os nomeam por muitos nomes, e os principaes são Diagal, e Saitan, nome por que he bem conhecido em toda a parte, e que até antre estes brutos elle não quiz perder.

Alguns tem pera si, que os tormentos não são perpétuos, senão por tempo limitado, e que conforme as culpas de cada hum, assim terá o termo do degredo; e passado elle, tornará a nascer de novo, e tomará outro corpo, em que tornará a viver no Mundo, e que assim tantas vezes irá, e virá do Inferno, até que faça obras dignas de ir ao Ceo.

No meio destes dous lugares, superior, e inferior, dizem, que ha outro pera as almas, que não merecem pena, nem gloria, não tratando de innocentes; mas dizem, que se huma alma teve hum peccado, por que merecia o Inferno, e por outra parte se teve alguma virtude por onde merece a gloria, como dizermos, foi hum incontinente, mas caridoso com os pobres em igual gráo,

em

30 ASIA DE DIOGO DE COUTO

em tal caso se pelo mal mereceo o Inferno, e pelo bem o Paraíso, então ficará no lugar do meio, onde não terá pena, nem gloria.

Quanto á criação do primeiro homem, dizem os seus Theologos, que procedem de huma geração dos deoses immortaes.

Outros, que foram formados dos elementos, e que estes foram feitos da primeira materia que he eterna, e que todos os elementos tem mistura huns dos outros, sómente o fogo que he simples, e sem mistura.

Outros affirmam, que da propria materia de que o Mundo foi composto, o foi também o homem, por onde não dizem, como alguns cuidam, que o Mundo he eterno, senão a massa de que se fabricou, e nesta criação contão fabulas, e disbarates sem fundamento.

E concluindo com esta primeira parte com a materia dos peccados, e da absolvição delles: quatro cousas tem, que são peccados vedados em grande maneira, e avorrecidos. A primeira matar; segunda furtar, e neste não se entende o onzenar, e ganhar com engano, porque isto tem elles por religião; a terceira beber vinho; a quarta tomar mulher alheia. Todos estes peccados hão que se satisfazem por outras quatro ma-
nei-

neiras. A primeira por romagens a pagodes , aonde se vam offerecer com rezes ; e alguns fazem sacrificio de si , cortando-se , e cauterizando-se , e dedicando os filhos , e filhas a perpétuo serviço dos idolos. He tão grande o concurso da gente em tempo de suas festas a se offerecerem aos pagodes com grossas dadas , que he espanto. O principal , e de mais veneração que ha em todo o Indústão , são os pagodes de Rainanancor , defronte de Manar , junto aos baixos de Chilão. Odixilavarão oito leguas de Negapatão. O de Triquinimale no Reyno de Gigi , no sertão de Nagapatão. O de Canjavarão , duas jornadas da Cidade de S. Thomé. O de Tripiti no Reyno de Bisnaga. O de Tremiel no mesmo Reyno , que tem grossissimo thesouro. O de Jagarnate no Reyno de Orixá. O de Vixanate em Bengala. Este he cabeça de todos , e de maior romagem , faz-se sua festa em Fevereiro , e dura perto de dous mezes ; e a gente , que em todo este tempo se ajunta ás festas , he tanta , que se affirma occuparem suas estancias perto de seis leguas. Cada pessoa se offerece com o que póde ; e houve algumas que se pezaram a ouro , e a prata , e affirma-se que o seu thesouro he infinito. Tem mais o pagode de Tanavaré em Ceilão , e o do Pico de Adão. E o pagode de Jaquete , e outros fomenos infi-

ni-

nitos , onde o demonio he bem venerado.

O segundo modo de penitencias são esmolas a peregrinos jogues , pera fabricas de pagodes , pera abrir tanques em lugares públicos , fazer casas nos caminhos pera os passageiros , romper ladeiras , abrir caminhos pera os viandantes , fabricar hospitaes pera passaros. Nós vimos hum na Cidade de Cambayete muito pera notar , porque tem enfermarias separadas pera as castas que alli recolhem. São as paredes levantadas sobre arcos abertos por todas as partes , tapados com redes subtís de arame ; tem grandes corredores , e de huma , e de outra banda vam as cellas em que estam recolhidos , e tem enfermeiros que correm com aquillo ; tem rendas , e muitas esmolas pera a fabrica , e despeza. Nós conhecemos na Cidade de Chaul hum Bancane , creado antre os Portuguezes , muito rico ; este quando faleceo , lhe fez seu testamento hum Tabellião Portuguez , chamado Gaspar Rozado , em que deixava a todas as Confrarias das Igrejas de Chaul trinta pardãos a cada huma ; e pera o hospital de Cambaya dos passaros , quatro mil pardãos. Tem este hospital certos homens a que se dam tenças , e comedias , que são obrigados a andar pelos campos , e pelas ruas das Cidades buscando passaros doentes ,

tes, aleijados, cegos, e de qualquer outra enfermidade pera os levarem ao hospital; e outros tem cuidado de visitarem as praças, onde os Mouros caçadores vam vender os passaros, que compram todos, e os tornam a lançar a voar. Fazem tambem curraes pera as alimarias velhas, e docentes, em que as recolhem, e curam; e para as buscarem, tem outros deputados. Estes em achando a bufara velha, o cavallo, ou mula com chagas, ou tolhido, logo he levado ao seu curral, e curado com grande caridade; mas se acharem hum homem paralytico, e tolhido, cahido por esse chão, não lhe daram a mão pera se levantar, ainda que o vejam trilhar dos homens, e das bestas; porque dizem, que aquelle por seus peccados chegou áquelle estado. Resgatam os passaros, como disse-mos, e não o faram a hum cativo, ainda que seja seu pai.

O terceiro modo de absolvição, são jejuns, em que estes Gentios são austerissimos, porque em todo o dia não comem; e ha alguns, que os tomam por espaço de dias, sem em todos comerem cousa alguma.

O quarto modo de absolvição, são sacrificios, e de só tres trataremos. O primeiro na Lua nova de Outubro, em que celebram huma festa em memoria das vitorias, que seus idolos tiveram cá no Mundo. A

Couto. Tom. II. P. II.

C *es*
N IMPRENSA
NACIONAL

este sacrificio chamam elles Manuoa ; naquelle dia os Reys Gentios mandam matar de noite alguns vassallos em segredo , por eleição dos seus Bragmanes , (que pera isto muitas vezes não elegem senão os que lhes avorrecem ,) e mandam pôr o fogo a algumas casas , que se queimam com quantos estam dentro ; e a este chamam elles sacrificio de sangue , e fogo.

Outro tem chamado Choom , que he o da vaca , porque o dia que se celebra , a matam com grandes ceremonias , e tão grandes despezas , que só os Reys o podem fazer , e ainda huma só vez na vida. Este tem pelo remedio mais efficaz que todos , pera purgar gravissimas culpas.

Outros estremos de penitencia fazem , que põem medo , e espanto , porque alguns chegam a se deitarem de bruços no chão pera passarem por cima delles huns carros , em que van os idolos , tamanhos , que quinhentos homens os movem com trabalho , e ficam alli espedaçados , e suas reliquias são recolhidas de todos com grande veneração. Outros trazem cilicios de ferro cingidos , que quasi os cortam pelo meio. Outros se dependuram no ar pelos lombos em huns ganchos de aço mui agudos , e alli estam cantando versos em louvor dos idolos. A estes todos podemos chamar martyres do dia-

bo, que elle com grande cuidado, e diligencia procura ter; porque como sempre estudou por contrafazer as obras Divinas, trabalha por exprimir em seus mãos, o que Deos obra em seus bons; e o que os Martyres de Christo fazem pela verdade, fazem estes pela mentira, e huns, e outros pelo fruto se conhecem.

C A P I T U L O I V.

Das outras tres partes de seus originaes: e de todos os mais ritos, e costumes destes Gentios: e dos seus tres Regentes: e do engano que alguns tiveram em haverem, que tiveram conhecimento da Santissima Trindade: e das differenças das castas dos Gentios.

Porque fazemos Capitulos compridos e fastião, concluiremos com este, que abbreviaremos, posto que as materias são muitas; mas cortaremos a penna o mais que pudermos. E continuando com a materia de seus originaes, trataremos da segunda parte, e dos seus Regentes. Dizem estes cegos Gentios, que aquella primeira causa, que conhecem por Deos, he tal, tão poderosa, que por se não occupar nas cousas debaixo, entregou o governo de todos os corpos celestes a Regentes, pera que os movessem,

e governassem, dando a cada esfera seu Regente, e a cada hum delles seu apetito incitativo, que os obriga a governar aquillo que tem por officio, e este apetito fingem ser mulher. Donde tomáram motivo os seus Theologos pera dizerem, que todos os Ministros de Deos tinham mulheres. A este supremo, que dizem ser Deos, o nomeam por infinitos nomes, e tem disso hum livro particular, a que chamam Tivarum. Estes Regentes dizem que são cinco, por esta maneira.

Ao primeiro, que governa o primeiro Ceo, que contém todos os Planetas, chamam Xadaxivão, e sua mulher Humani.

O segundo, que governa a região do fogo, Rudra, e sua mulher Parvadi.

O terceiro, que rege o ar, Maesurá, e sua mulher Maenomadi.

O quarto, que rege o elemento da agua, Bisnú, e sua mulher Lacami.

O quinto, que governa a terra, Brahemá, e sua mulher Exarasuadi. Estes cinco dizem, que governam toda a cousa creada: mas aos tres delles adoram como deoses, que são Brahemá, Bisnú, e Rudra, que são os Regentes da terra, agua, e fogo, porque hum cria, outro augmenta, e outro consume, e porque são a causa da geração, criação, e corrupção de tudo. A estes tres

chamam por hum só nome Maha Murte , que quer dizer os tres Supremos , e affirmam serem gerados do mesmo Deos , e assim os pintão juntos , hum corpo com tres rostos , como vimos no pagode do Alifante , onde está aquella figura na sua Capella maior , que he de vulto , tamanha como hum grande tonel , da cinta pera cima sómente lavrada naquella pedra como marmore , de labores tão primos , e subtís , que he espanto , e tem na cabeça huma mitra redonda de tres altos , como são as dos Summos Pontifices , de obra tão rara , que excede a todas as que vimos lavradas em pedra ; e tal , que se póde contar entre as maravilhas do Mundo todo aquelle pagode , em que notámos muitas cousas admiraveis. Em huma Capella vimos o Anjo lançar do Paraíso Terreal a nossos primeiros pais , e alli logo a Rainha Pacificae , quando se deitou com o touro , tudo de vulto. E em hum esteio do corpo do templo , que será tamanho como S. Roque de Lisboa , vimos o Gigante Briareo com cem braços , como os Poetas o pintão. He esta casa de tres naves , e se mal nos não lembra , tem ou cinco , ou seis esteios cada nave , e cada hum delles he da altura da mesma casa , tão grossos , como mastos das náos do Reyno , e em cada hum ha figuras de vulto tamanhas , como os mesmos esteios , e tem

outras cousas muito pera notar, e ver. Chama-se esta Ilha a do Alifante, porque tem sobre hum tezo, que se enxerga do mar, hum alifante de pedra do tamanho que elles são.

E tornando á nossa ordem dos Regentes, que hiamos tratando. Trazem os Gentios, em memoria daquelles tres, outros tantos fios de linha de algodão, que lhes pende de hum hombro; e vai por baixo do outro braço a tiracolo; e quando se lhes dam seus juramentos, he naquella linha. Disto tomáram alguns Religiosos doutos motivo pera cuidarem, que tiveram estes Gentios conhecimento da Santissima Trindade; e assim se enganáram João de Barros, e Damião de Goes; porque não tiveram a prática dos Theologos Gentios como nós. E ainda hoje se enganam muitas pessoas praticando com os Bragmanes, ouvindo-lhes dizer, que assim como os Christãos adoram tres Pessoas em huma só; assim o fazem elles a outras tres debaixo de hum só, que he o Maha Murte, que assim dissemos. Esta idolatria parece que se estendeo por todo o Oriente dos antigos Egypcios, que adoravam os mesmos elementos; porque estes não tendo em seu principio conhecimento algum de Deos, considerando o movimento, e formosura das luminarias celestes, começaram

a honrallas por deoses , chamando ao Sol Osiris, e á Lua Isis. E vendo quão necessarios eram os elementos á vida humana , attribuindo-lhes divindade, os vieram a venerar debaixo dos nomes que lhes deram , chamando ao ar Jupiter , ao fogo Vulcano , á agua Neptuno , e á terra Ceres. Estes nomes mudáram estes Gentios de que tratamos, em outros , com a mesma significação da terceira parte destes originaes , que he de doutrina Moral , de que trataremos algumas cousas.

A primeira , que nas escolas ensinam aos moços , são os nomes dos idolos ; e depois que passam o A. B. C. lhes lem huns preceitos moraes de bem viver , e huns proverbios , e avisos pera a vida politica , com muitos adagios , e comparações , que todos usam como balizas do estado que hão de seguir , de lavradores , soldados , mercadores , ou letrados. Depois de se perfeçoarem no ler , e escrever , dam-lhes cousas pera estudar , como pontos de sua lei , ceremonias , historias , sentenças graves. E daqui nasce sahirem das escolas todos muito resolutos em seus ritos , e muito astutos em seu viver. Apôs isto lhes lem outros livros de conselhos , e preceitos moraes pera conservação da vida humana. Hum livro tem elles de hum homem havido antre elles por mui douto ,

to, chamado Valuver, natural da Cidade de Meliapor, que concorreo no mesmo tempo do Apostolo S. Thomé, que contém mil trezentos e trinta versos, em que trata do conhecimento de hum só Creador, da reverencia que se lhe deve, do louvor da penitencia, humildade, abstinencia, e do desprezo dos idolos; e por estas cousas, e por outras que alli escrevem, se presume que foi doutrinado pelo mesmo Apostolo S. Thomé.

A quarta parte de seus originaes, que he a derradeira, trata das ceremonias, e sacrificios, que já dissemos; e aqui só trataremos de seus encantamentos, e primeiro diremos huma cousa, que já nos hia ficando, pera que se saiba a malicia dos Bragmanes.

Em toda a India ha muitos templos levantados a todos os idolos, como já dissemos, sómente ao Brahemá não ha hum só, sendo ao que elles attribuem o governo da terra, e isto he porque lhe tem elles usurpado o seu lugar, e honra, porque dizem, que descendem d'elle, e mettem em cabeça aos simples, que os ajuntamentos, e lugares em que moram (que são sempre separados) são dedicados ao Brahemá, e fazem-se adorar em seu nome; e assim nas partes que escolhem pera suas vivendas, não lhes entra outra casta alguma per nenhum caso, e sempre estes lugares são sós em valles som-

brios ao longo de ribeiras, bosques ferrados de arreaes, betraes, jaqueiraes, mangueiraes, e disto muito; porque como não comem carne, nem peixe, a mór parte de seu mantimento são aquellas frutas. Aos Portuguezes só não vedão a entrada em seus cercados, ou por respeito que lhes terem, ou por outra alguma razão, que elles sabem; e não só nas terras de nossa jurdição, mas ainda por esse sertão dentro nas alheias: e a mim me aconteceu (sendo Viso-Rey da India D. Antão de Noronha) ir de Goa para Chaul por terra na força do inverno com dous, ou tres companheiros, e quando achavamos lugares de Bragmanes, não nos queriamos agazalhar em outros, sem embargo de nos não darem a comer senão o que elles comião; e do grande resguardo, e cerimonia com que nos communicavam, porque nos agazalhavam em varandas, que tem na face dos aposentos, e faziam o comer dentro em suas casas á sua vontade, e quando o traziam o punham no chão, affastado de nós dez, ou doze passos, e tornavam-se a recolher, e nós o hiamos buscar. Depois de comermos, tornavamos os pratos a seu lugar, que elles vinham arrecadar, e traziam vasos cheios de agua, que deitavam por si-ma primeiro que os toçassem; e depois que nos hiamos, faziam mui grandes purificações,

la-

lavando-se com muitas ceremonias , e em-
 hostando as varandas , como se fomos fe-
 ridos de algum mal contagioso. E porque
 tem feito crer aos simples , que quem ado-
 ra a hum Bragmane , o faz ao Brahema ,
 lhes vieram a ter tamanha veneração , como
 ao mesmo idolo ; e os Reys os trazem por
 este respeito sempre apar de si , pera com
 elles fazerem suas eleições , porque lá sente
 o demonio hum não sei que neste peccado
 da hypocrisia , que até antre estes barbaros
 reina , e governa. A causa , por que tambem
 chegaram a tanto respeito , he porque se de-
 ram á especulação das cousas naturaes dos
 Signos , e Planetas , cursos , qualidades , con-
 junções , opposições ; no que são tão esper-
 tos , que não erram hum ponto , pelo que
 muitas vezes predizem diluvios , seccas , fo-
 mes , guerras , e outros acontecimentos. E
 quando os ignorantes vem succeder o que
 elles dizem , o notam por milagre , e espi-
 rito de profecia , e os adoram por deuses.
 E pera cobrarem maior credito , e authori-
 dade com todos , (porque são os mores hy-
 pocritas do Mundo ,) ajudam-se pera tudo
 da arte Magica , feiticerias , familiares , ben-
 zedeiras , e de lançadores de espiritos máos ;
 e tudo isto fazem com exteriores medonhos ,
 e unturas de cinza , que he o final que o
 demonio lhes tem dado , pera quando se

quizerem valer delle. Fazem todos os annos reportorios novos pera os Eclipses do Sol, e da Lua, e tem hum perpétuo, a que chamam Panchagão, que lhes serve de declarar seus agouros. Usam de sortes, e feiticarias em hum quadrangulo, em que tem por sua ordem os doze Signos do Zodiaco, não só com os nomes que lhes deram, mas com as proprias figuras, e significações, que as dos antigos Egypcios. Dizem que ha sete Ceos, e que de hum ao outro ha de vacuo cem mil jornadas, e cada jornada de seis mil leguas, que vem a fazer seiscentas mil leguas. E dizem, que este primeiro Ceo tem em si as Estrellas fixas, e os Planetas. No segundo Ceo, que chamam Malougão, dizem que vivem os deoses com suas mulheres. No terceiro Ceo, chamado Manalougão, dizem que estam os penitentes. No quarto Ceo, chamado Genalougão, os Anjos. No quinto Ceo, chamado Tapalougão, dizem que estão os Religiosos, que professaram castidade, e pobreza. No sexto Ceo, chamado Jatalougão, repartem elles em tres partes, e em cada huma dellas hum daquelles Regentes, que já dissemos. Estes Ceos, dizem que os rodea outro, que tem de grossura hum cento de jornadas; e toda esta máquina esferica affirmam, que a sustenta sobre seus hombros huma mulher, chamada

Ada-

44 ASIA DE DIOGO DE COUTO

Adarafati, que quer dizer verdade; e assim o interpretam seus Theologos. Tem pera si, que o Mundo não he hum só, senão quatorze: os sete superiores, que assim disse-mos, e os outros inferiores: e sobre isto contam abusões sem ordem alguma. Dizem os seus Theologos, que todas as creaturas que Deos creou, assim racionais, como irracionais, e ainda vegetativas, que tudo havia no Ceo, primeiro que Deos fizesse o Mundo; e que isto debaixo foi hum retrato do de cima. Negão os Antipodas, e dizem, que o Sol não se mette por debaixo da terra, senão que anda ao redor della; erro, em que outros mais politicos cahiram, que ElRey D. Manoel de gloriosa memoria desfez por meio daquelle valoroso Capitão D. Vasco da Gama, que descobrio ao Mundo quantas cousas a elle estavam encubertas.

Afirmam mais estes Gentios não se sustentam a terra no ar por nenhuma causa natural, ou milagrosa, senão que está sobre certas cabeças de serpentes, e que aquellas tambem estão sobre certos alifantes; e que os tremores que ás vezes succedem na terra, são por causa das cobras bolirem, com outras parvoices sem fundamento. Todas estas brutalidades andam escritas em versos, e assim as crem como cousas muito certas,

e não acceitam razões algumas contra o que seus mestres lhes ensinaram, e afferram-se aos livros, e aos mestres de quem aprenderam. São todos tão captivos do demonio, que nem pera remediar suas necessidades podem dar hum só passo sem sua licença, cativando-lhes as liberdades com superstições sem conto, de bons, e máos dias, de boas, e más horas; de feição, que muitas vezes por deixarem passar huma hora, em que acharam ruim agouro, perdem grandes negocios de fazendas, e ainda o remedio pera as vidas, e enfermidades, porque nenhuma cousa fazem sem a registarem com seus Bragmanes; e esta he a mór oppressão que os póvos tem em seus Reys, esperarem por boas horas. Estes agouros quasi em todas as creaturas as notão: nos homens, quando no principio de seu negocio, se alguem lhes dá hum espirro só, deixou logo tudo. Se por hum caminho encontram com huma só pefsoa, tem-no por tão ruim sinal, que se tornam pera casa. O huivar do cão he havido por sinal funebre: e assim mesmo o cantar do mocho sobre suas casas. A gralha, se atravessã por diante do que caminha, he muito ruim sinal; e nas mais aves consideram o vóo. Dos bichos no cantar. Na hoga tem mais tento que em tudo; e querendo fazer algum negocio, se em principio

lhes

NACIONAL

lhes canta, affirmam que teram ruim successo; e destas cousas tem grandes livros de juizos.

Quanto ás castas, o maior impedimento que ha na conversão dos Gentios, he a superstição que guardam em suas castas, sem se poderem tocar, communicar, nem misturar com outros, como superiores com inferiores; os de hum rito com os de outro. E são nisto tão abominosos, que já se acon-teceo chegarem muitos ao estremo da vida, só por não tocarem no comer do outro, nem em suas cousas, com medo de não perderem a casta, e ficarem immundos. As pessoas com quem mais guardam esta cerimonia he com os Portuguezes, porque comem vaca; e assim em fallando com hum delles, ou tocando nelle, logo se vam purificar, como antigamente faziam os Judeos com os de Samaria. Nos casamentos per nenhum modo se podem misturar, nem mudar estado. O çapateiro com a filha do outro, o ourives o mesmo, e assim todos os mais officios, e estados; cousa, em que tambem Licurgo teve muito tento na reformação da sua Republica Espartana. Nisto nos não metteremos, porque no nosso Portugal anda isto mui corrupto. Fazem estes Gentios seus casamentos em certo tempo do anno com grandes ceremonias, e duram suas fes-

tas

tas por espaço de quinze , ou mais dias , em que se dam grandes banquetes , e no cabo se entregam as noivas com grandes ceremonias ; e ellas por nenhum caso podem fallar aos maridos , nem elles com as mulheres diante dos pais , nem podem nomear hum a outro diante de gente , nem comerem juntos , o que guardam tão infallivelmente , que ainda depois de alguns destes se fazem Christãos , guardam os mesmos costumes com suas mulheres ; mas este interdição não dura mais , que em quanto não tem filhos.

Em todo este Oriente ha quatro castas , que precedem a todas as mais , segundo hum livro que tem , chamado *Jadegaltutan* , que quer dizer pomar de castas , que he hum livro de nobrezas. A primeira casta he a dos *Rayas* , que he huma nação nobilissima , de que todos os *Reys* do *Canará* procedem , que se tem por tão antigos , e famosos nas armas nestas partes , como nas da Europa os *Godos*. Destes se tem tamanha confiança , pela grande fidelidade em que até agora se tem sustentado , assim na paz , como na guerra , que servem da guarda da pessoa dos *Reys*. Estes tem por opinião nas guerras , perderem antes as vidas , que as armas , e assim ganham soldo dobrado de todos ; são homens de boa conversação , cortezes , faciles , e bem acostumados.

A

A segunda casta he a dos Bragmanes , ainda que elles querem preceder aos outros , assim pelo Sacerdocio , como pelas letras , sobre o que antre elles ha tantas questões , como antre os nossos Doutores , sobre qual precede , se as armas , se as letras.

A terceira casta he a dos Chatins , que são mercadores grossos , de ouro , prata , pedraria , sedas , roupas , e outras fazendas de preço. Destes fazem em todos estes Reynos muita conta , pelos proveitos que dam a suas rendas.

A quarta casta he a dos Balalas , que são os lavradores. Estes são tão estimados , que podem os Reys casar com suas filhas ; porque dizem , que são homens que sustentam os Reynos. Destas quatro castas se derivam cento noventa e seis , e estas tambem reparam em duas partes , a que chamam Valanga , e Elange , que quer dizer os da mão direita , e os da esquerda ; e estes como inferiores aos outros , nem pelas ruas lhes podem passar com suas procissões , nem casamentos. E como estes privilegios de castas são antiquissimos , nem os mesmos Gentios se sabem determinar de que casta sejam.

CAPITULO V.

De hum navio de Castelhanos , que foi ter ás Ilhas de Maluco , que se perdeu: e das cousas que acontecêram a Antonio Galvão Capitão de Ternate.

Porque as cousas de Dio nos não deram lugar pera continuarmos com as de Maluco , o faremos agora aqui com as que succedêram , parte do anno de 1537 , e parte de trinta e oito ; e contaremos primeiro de hum navio Castelhanao , que se perdeu nos Papúas o anno de trinta e sete. Mandou Fernão Cortez ao Perú hum Fernão Grizalva em dous navios com hum presente ao Piçarro , e da torna viagem despedio com a resposta o outro navio , e elle foi só descubrir humas Ilhas , que estavam ao Ponente , por haver suspeitas de serem riquissimas de ouro ; e porque este regimento do Cortez sempre o levou em segredo , tomáram alguns occasião pera dizerem , que o Grizalva hia fugido por ser mexericado de certas culpas. Partio este homem do porto de Pageta , que está em seis grãos do Norte , no principio de Abril no anno de trinta e sete , e correo a Oeste , e a Sudueste , até se pôr em vinte e nove grãos do Sul ; e por lhe render o masto , arribou em poppa á linha , e morreo-

Conto. Tom. II. P. II. **D** **l**he

Ihe neste caminho o Piloto , e por aquella derrota foi até se pôr em dous grãos do Norte , aonde lhe acabou de quebrar o masto ; e remedeando-o com humas entenas , foi correndo até vinte e cinco grãos , e indo demandar a terra , cuidando que tomasse a California , não achou nenhum sinal della. E porque os ventos eram Lestes , e Nordesteiros rijos , determinou de tornar pera a Equinoctial , como fez.

Indo assim em sua derrota , lhe requerêram os da náó que arribasse a Maluco , por cursarem pera lá os tempos ; mas disto se escusou elle com lhes dizer , que não queria ser havido por traidor , nem entrar nas demarcações d'ElRey de Portugal , sobre o que teve paixões com os Officiaes , e vindos ás armas , foi o Grizalva morto com hum seu sobrinho , chamado Lopo Dávalos , e em seu lugar elegêram os da náó o Mestre , que logo tomou a derrota de Maluco , e acháram tantas calmarias , que puzeram quatro mezes até os Papúas , que foi a primeira terra que tomáram , e hiam já taes , que não havia mais de sete homens vivos , porque todos os mais lhes morrêram de fomes , e trabalhos. Chegando aqui , se lhes acabou de despedaçar o navio de podre , e milagrosamente se sustentou até então no mar , por haver dez mezes que nelle andavam. E met-

tendo-se effes que ficáram no batel, foram-se de longo de huma Ilha, chamada Crespei, donde lhes sahíram muitos negros, e tantos se mettêram no batel, que o alagáram, salvando-se os Castelhanos em terra, onde os cativáram, e foram levados a vender por essas Ilhas miseravelmente, e alguns foram ter a Maluco neste anno de trinta e oito, que Antonio Galvão recolheo, e fez muitos gazalhados, mandando-lhes dar tudo o de que tinham necessidade. Neste mesmo tempo andava huma Armada de cossairos daquellas Ilhas, que tinham feito grandes roubos, e damnos, avexando, e maltratando toda aquella Christandade, e sobre tudo ameaçando a todos, que haviam de ir sobre Ternate. Disto foi logo Antonio Galvão avisado; e como não tratava de mais, que do serviço de Deos, e de seu Rey, determinou de acudir áquellas cousas; e pedio aos Reys de Tidore, e Ternate algumas corcoras, que lhe deram armadas, e com gente, e nellas mandou embarcar desses poucos Portuguezes, que havia alguns, e fez Capitão mór hum Clerigo, chamado Fernão Vinagre, homem de muito animo, e de bom entendimento.

Este partio com esta Armada em busca da dos cossairos, e tendo della aviso, a foi demandar, e encontrando-se se envestíram,

sendo o Padre o primeiro que abalroou a Capitania, onde se baldeou logo armado em humas couraças com huma espada, e rodella, sendo acompanhado de alguns dos seus; e de maneira pelejaram, que com morte dos mais dos inimigos axorou a corocora, e a tomou por poppa da sua, e foi ajudar as da sua companhia, que estavam travadas. Como as dos inimigos víram o seu Capitão mór destroçado, fugiram as que puderam, e todavia ficáram nas mãos dos nossos a mór parte. Desbaratada a Armada, foi o Padre Capitão com ella á toa visitar todas aquellas Ilhas, porque vissem os inimigos o castigo que dera aos cossaios; e pera que se refreassem, foi-lhes dando em suas povoações, destruindo-lhas, e assolando-lhas, e aos Christãos que achava fazia muitos mimos, e gazalhados, promettendo-lhes sempre favor, e ajuda, e persuadindo-os a estarem firmes na Fé, dando-lhes do que podia. Isto fez com tanto amor, e brandura, que não só obrigou aos Christãos ao serem de verdade, mas ainda forçou a muitos Genticos a irem pedir o Baptismo com grandes exteriores de vontade livre, e não forçada, que elle consolou, e baptizou, exercitando, em quanto por alli andou, com muita caridade o officio de verdadeiro Prelado, e de muito bom Capitão; e não hayendo mais

que fazer, voltou pera Ternate, aonde foi mui bem recebido.

Poucos dias depois teve Antonio Galvão por novas, que era chegada a Amboino huma Armada de Juncos de Jaoa, que vinham a resgatar cravo; e temendo que sua vinda causasse alguma alteração, e novidade naquelles Reys, que tinha conservados em amizade, e com quem hia pairando por necessidade, e que sobre isso lhes damnassem o preço ás drogas, o que sería grande perda do serviço, e fazenda d'ElRey; ordenou com muita pressa vinte e cinco corocoras, assim das que tinha, como de outras que aquelles Reys lhe deram, e mandou embarcar nellas quarenta Portuguezes, e quatrocentos dos naturaes; e fez Capitão mór Diogo Lopes de Azevedo, a quem deo por regimento, que fosse por todas aquellas Ilhas em busca dos juncos, e pelejasse com elles.

Partida esta Armada, tomou a derrota de Amboino, e chegando áquella Ilha, houve vista dos juncos, que eram dez muito grandes; e preparando a sua Armada, os foi logo envestir, por lhe parecer que teriam a mór parte da gente em terra; e como de feito assim era. E dando-lhe primeiro a sua salva de artilheria, e pondo-lhe as prôas, baldeou-se dentro com os Portuguezes, a pèzar de muitos golpes dos Jaos, que acudíram a

lhes

lhes defender a entrada , e assim dentro nelles se travou huma muito cruel batalha , porque os Jaos são os mais esforçados homens de todas aquellas partes , (e assim se traz por adagio , Malayos namorados , Jaos valentes.) A briga nos juncos andou muito acceza , em que os nossos depois de muitos tranfes deixáram os Jaos espedaçados , e os juncos rendidos os cinco delles , que esses só se abor-dáram ; os mais vendo a cousa tão mal parada , largáram as vélas , e foram-se acolhen-do. Nos que ficáram prezados se acháram algumas peças de artilheria , muitas muni-ções , e huma somma de dinheiro , e fazen-das , que traziam pera o resgate do cravo , de que tambem já acháram algum. Com esta vitoria ficáram todos os daquellas Ilhas amedrontados , e foram muitos daquelles Se-nhores a dar a obediencia a Diogo Lopes de Azevedo , porque foi costeando todas a-quellas Ilhas , e castigando alguns revéis ; e aos que se hiam submeter debaixo desta vaf-sallagem , fazia grandes gazalhados , e pas-sava-lhes seguros , e cartas de vassallagem.

E como neste tempo eram os homens tão zelosos da Fé de Christo , que nunca cortáram com a espada temporal , que tam-bem o não fizessem com a espirital , não quiz Diogo Lopes de Azevedo ser nesta par-te havido por servo inutil , e assim não che-

gou a qualquer Ilha daquellas, que não convidasse aos naturaes pera as vodas do Senhor, por meio de hum Sacerdote que consigo levou; e assim trouxe á manada, e rebanho do Senhor os lugares de Ativa, Matelo, e Mecivel, cujos moradores recebêram a agua do Santo Baptismo com grande alegria, e contentamento de todos, sendo os primeiros os Governadores, e Regedores delles; mas como os Ministros Evangelicos eram então mui poucos; ficáram estes tenros filhos da Igreja destetados, por não haver quem os fosse sustentando com o leite da doutrina de Christo, e de seu sagrado Evangelho, ficando Christãos só nos nomes. Diogo Lopes de Azevedo depois que por alli fez tudo o ao que hia, e que lhe chegou a monção, se recolheu a Ternate, onde foi muito bem recebido do Capitão, e de todos. Neste estado deixamos por ora as cousas de Maluco até tornar a ellas.

CAPITULO VI.

Da Armada, que este anno de 1539. partito do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Lopes de Sousa: e de como o Camorim mandou pedir pazes ao Viso-Rey D. Garcia de Noronha: e dos Capitulos com que lhas concedeo.

COMO o ruim successo das galés dos Rumes, e mais Armada, que veio cercar a fortaleza de Dio, (a que podemos chamar desbarato, pois se recolhêram fugindo com quasi a metade da gente morta, e muitas vazilhas menos,) ficáram todos os Reys vizinhos tão affombrados, que como pasmados cuidando nesta jornada, e potencia da Armada do Turco, não podiam acabar de crer aquillo, (porque na imaginação de todos haviam por extinguido de todo o nome Portuguez. daquella feita, e que os Rumes ficariam senhores de tudo o que elles possuíam no Oriente; porque em todo elle não ha mór terror, e espanto, que este nome de Rumes, porque pera os senhorear a todos, segundo em suas imaginações estavam temidos, e receados, não era necessario tão potente Armada, mas em qualquer parte que quinhentos Rumes puzessem os pés, se lhes despejaria logo tudo sem golpe de espada.)

E vendo agora huma tamanha Armada , que
 atroava o Mundo , recolher-se tão desbara-
 tada das mãos de tão poucos homens , en-
 colhidos todos , tratáram de solicitar a ami-
 zade dos Portuguezes , mandando logo o
 Zamaluco , e o Idalxá visitar ao Viso-Rey ,
 e a confirmar as pazes. O Çamorim , e Im-
 perador do Malavar , tão poderoso , e respei-
 tado entre todos os Reys da India , e tão
 conhecido por todo o Mundo , (tanto , que
 por toda a Europa senão nomeava senão por
 Rey de Calecut ,) este desejava de não vi-
 ver com sobrefaltos , e de grangear a ami-
 zade dos Portuguezes , pera se conservar em
 seus Reynos , e ainda com seu favor dila-
 tallos ; tratou este inverno este negocio com
 Manoel de Brito , Capitão da fortaleza de
 Chalé , a quem pedio quizesse ser terceiro
 com o Viso-Rey nas pazes , e amizades que
 com elle desejava ter. E tanto puxou por
 isto , que se lhe offerceco pera ir a Goa em
 companhia de seus Embaixadores a fallar ao
 Viso-Rey , o que o Çamorim estimou mui-
 to. E mandando negociar China Cotiale , seu
 Regedor mór , com muito grande acompa-
 nhamento pera esta jornada , se foi a Cha-
 lé , aonde Manoel de Brito o recebeu mui
 honradamente , tendo já embarcações pres-
 tes pera passar com elle a Goa. Tanto que
 entrou Setembro , se começou a embarcar , e
 se

58 ASIA DE DIOGO DE COUTO

fe fez á véla , deixando a fortaleza entregue ao Alcaide mór ; e a dez de Setembro chegaram á barra de Goa , juntamente com a Armada , que aquelle anno tinha partido do Reyno , que eram sinco náos , de quem vinha por Capitão mór Diogo Lopes de Sousa , e os mais Capitães , D. Roque Tello provido com a fortaleza de Çofala , Alvaro Barradas , Simão Sodré , Henrique de Sousa Chichorro , que o Viso-Rey D. Garcia de Noronha mandou de Moçambique com recado a Portugal , como já dissemos no Cap. IX. do Liv. III. Sabendo o Viso-Rey da chegada dos Embaixadores á barra , mandou recado a Manoel de Brito , que se detivesse em Pangim , em quanto se preparava o recebimento que queria fazer ao Embaixador , mandando-o agazalhar alli mui bem , e fez ordenar as coulas necessarias pera elle , e que se lhe preparassem todas as galés , e fustas pera sua entrada , e aposentos guardados a seu modo. Dahi a alguns dias o recebeu com grande magestade. Estava o Viso-Rey D. Garcia de Noronha de tabardo , e beca de veludo , barrete redondo com golpes , e pontas de pedraria , espada , e adaga de ouro , borzeguins , e pantufos de veludo , que era o verdadeiro , e antigo trajo Portuguez. E como era de tão grande estatura de corpo , que lhe sobejava todo o

pescoço por cima de todos os Fidalgos, que na India havia, e que alli o estavam acompanhando, e era de oitenta annos, com humma barba branca, grande, e comprida, em sua veneranda pessoa parecia logo digno do cargo que representava. O Embaixador vinha em meio do Capitão da Cidade, e de Manoel de Brito, que o levava pela mão, e assim o apresentáram ao Viso-Rey, que o abraçou, estando encostado a humma cadeira de brocado debaixo de hum docel do mesmo.

Passadas as palavras ordinarias de cumprimentos, e de lhe perguntar por ElRey, e Principe, o despedio, e mandou agazalhar. Dahi a alguns dias o tornou a ouvir, presente Manoel de Brito, Secretario, Veador da Fazenda, e mais Officiaes, e vieram a fallar em pazes. O Viso-Rey lhe mandou que dêsse os apontamentos ao Secretario pera os verem em Conselho, que elle deo, e o Viso-Rey os mandou ler (presentes todos os Fidalgos) que pera isso foram chamados, e debatidos, e vistos mui bem, se vieram a concluir as pazes com os Capitulos seguintes.

» Que o Camorim se obrigava a dar toda a pimenta de seus Reynos pelos preços que a dava ElRey de Cochim; e que o Viso-Rey lhe largasse a Ilha de Cama-

» rão

60 ASIA DE DIOGO DE COUTO

» rão dorite , que estava no rio de Chalé ,
» que lhe tinham tomada , em que se faria
» o pezo , e entrega da pimenta que havia
» de dar.

» Que todo o gengivre de suas terras da-
» ria a razão o bár de noventa e dous fanões ,
» entrando nelles os direitos que elle Çamo-
» rim havia de haver.

» Que o Viso-Rey lhe daria licença pe-
» ra mandar cada anno nas náos do Reyno ,
» por cada cem bares de pimenta que ven-
» desse a ElRey , dous bares e meio forros
» pera si , que lhe pagariam em Portugal a
» quinze cruzados por cada quintal ; e que
» o dinheiro que nisso se montasse lhe man-
» dariam empregado em azougue , verme-
» lhão , em coral , (fazendas que então eram
» mais requestadas que todas , e respondiam
» muito ,) e a pimenta que embarcasse por
» sua conta correria o risco d'ElRey de Por-
» tugal ; e que perdendo-se alguma náo , el-
» le sería obrigado a lhe pagar o que nella
» perdesse. E que todas as fazendas que vies-
» sem do Reyno por sua conta , se lhe en-
» tregariam na nossa fortaleza de Chalé , ou
» em Cochim , forras de todos os gastos , e
» despezas , e isto pela muita perda que el-
» le Çamorim recebia nos direitos da pimen-
» ta , que os mercadores de Meca hiam com-
» prar a seus Reynos , por lha não poder

» agora vender pela obrigação do contra-
» to.

» Que lhes deixariam levar aos mercado-
» res Portuguezes todas as fazendas que qui-
» zesse pera irem vender a Calecut , aonde
» pagariam os direitos ao Çamorim , e nel-
» les , e nas vendas lhes fariam muitos fa-
» vores.

» Que lhes dariam seguros a suas náos
» pera navegarem pera onde quizessem , sem
» se lhes fazer aggravo algum , e o que lho
» fizesse , fosse por isso muito bem castigado.
» Que lhe não tirariam as jangadas , que ao
» presente tinha em suas terras.

» Que quanto á quebra , que o Çamorim
» tinha com Mangate Caimal , que o Viso-
» Rey os comporia de maneira , que o Man-
» gate ficasse satisfeito.

» Que elle Çamorim não faria guerra a
» amigo algum do Estado , e que recebendo
» algum aggravo de algum delles , o faria
» a saber ao Viso-Rey , ou Governador da
» India pera lho emendarem , e satisfazerem ;
» e que não tendo elle Çamorim o tal cum-
» primento , em tal caso o Viso-Rey ajuda-
» ria á pessoa a que elle fizesse guerra , sem
» por isso quebrar o juramento das pazes. E
» se o Rey , ou Senhor com que elle Çamo-
» rim tiver algumas differenças , não quizer
» estar pelo que o Viso-Rey , ou Governador
» dor

62 ASIA DE DIOGO DE COUTO

» dor ordenar, em tal caso elle Çamorim o
» poderia castigar.

» Que outrosi não consentiria nem a
» seus vassallos, nem a mercadores Estrangei-
» ros, navegarem de seus portos pera os de
» Meca, nem pera os da costa de Arabia,
» porque não levassem de seus Reynos a pi-
» menta, e gengivre, que era obrigado a dar
» a ElRey de Portugal por estes contratos.

» Que elle Çamorim seria obrigado a
» dar toda a ajuda, e favor ao que gover-
» nasse o Estado, quando lhe fosse requeri-
» da, e pedida, e que não receberia em seus
» portos Turcos, nem Rumes, nem outros
» inimigos do Estado.

» Que em todas as suas terras, nem de
» seus vassallos houvesse dalli por diante na-
» vio algum ligeiro de guerra, nem de paz,
» e que todos os que eram feitos se alevan-
» tassem, e fizessem de feição, que não pu-
» dessem servir mais que pera carga.

» Que duas bombardas nossas, que ti-
» nham tomadas nas guerras passadas de Co-
» chim, as mandaria logo entregar.

» Que todos os que em seus Reynos não
» quizessem consentir, nem estar por estes con-
» tratos de pazes, os lançaria fóra delles; e
» se senão quizessem ir, o Çamorim os man-
» daria matar, e o mesmo poderia fazer a
» pessoa, que governasse o Estado, sem o

» Çamorim se escandalizar , antes lhe dar
» pera isso toda ajuda , e favor.

» Que o Viso-Rey iria a Calecut ver-se
» com o Çamorim pera ambos jurarem as
» pazes. »

Destes contratos se fez assento no livro delles pelo Secretario João da Costa , em que se assináram o Embaixador do Çamorim , China Cotiale , que pelos poderes que tinha d'ElRey seu Senhor os acceitou , e com elle os Officiaes d'ElRey , e alguns Fidalgos ; e logo o Viso-Rey mandou apregoar as pazes por toda a Cidade de Goa , o que se fez com grande solemnidade , festas , e alegrias de todos ; mandando o Viso-Rey logo negociar a Armada pera se embarcar , despachando as náos da carreira pera irem a Cochim tomar a carga , mandando hum galeão com provimentos a Ceilão , e outros pera as fortalezas de Dio , e Ormuz , negociando-se o mais depressa que podia pera se embarcar.

CAPITULO VII.

De como o Viso-Rey D. Garcia de Noronha adoeceo, e mandou seu filho D. Alvaro a jurar as pazes com o Çamorim: e de como Antonio da Silveira se embarcou pera o Reyno: e de como lá foi recebido.

ANdando o Viso-Rey negociando-se pera se embarcar pera se ir ver com o Çamorim, como ficou assentado no contrato das pazes, veio adoecer de humas febres; e como era muito velho, ficou logo tão fraco, que quasi não estava pera governar; pelo que assentou em Conselho, que fosse em seu lugar seu filho D. Alvaro com Diogo Lopes de Sousa, Capitão mór das náos do Reyno, (que em Goa ficou pera acompanhar o Viso-Rey,) e por coadjutores Dom João de Castro, Fernão Rodrigues de Castello-branco, Veador da Fazenda, e Secretario, dando-lhes Procurações bastantes pera em seu nome jurarem as pazes com o Çamorim. E porque isto era já entrada de Dezembro, embarcáram-se com muita pressa, despedindo o Viso-Rey o Embaixador do Çamorim com muitas honras, e peças pera ElRey, e pera elle, e o mesmo pera El-Rey de Chalé, e Tanor, entregando-o a Manoel de Brito que o trouxe. D. Alva-

ro

ro se fez á véla com toda a Armada , que era de muitos galeões , e outros navios ; e os Capitães , que nesta jornada o acompanharam , foram os seguintes :

Diogo Lopes de Sousa , D. João de Castro , Fernão Rodrigues de Castello-branco , Veador da Fazenda , D. João de Lima , D. João Deça , D. Paio de Noronha , Dom Manoel de Menezes ; estes em galeões. Capitães de caravelas , Francisco de Bairros , Diogo de Sousa , e outros. De galés , João de Mendoga , Fernão de Lima , Pero de Lemos , D. João Manoel o Alabastro , João de Sousa Rates , e Manoel de Sousa de Sepulveda. Capitães de galeotas , e fustas , o Secretario , D. Manoel de Lima , Bernaldim de Sousa , D. João Mascarenhas , D. Tristão de Soto-Maior , D. Francisco de Menezes , Martim Correa da Silva , D. Diogo de Almeida Freire , Francisco de Sá dos Oculos , Fernão de Sousa de Tavora , Dom Francisco de Noronha , D. Diogo de Vasconcellos , Tristão de Taíde , e outros a que não achámos os nomes. E seguindo sua jornada , foram surgir na barra de Panane , onde o Camorim estava. D. Alvaro mandou logo desembarcar Manoel de Brito com o Embaixador , pera que o fosse entregar ao Camorim , que já o esperava com todos os Grandes , e o recebeu com muitas honras ,

Couto. Tom. II. P. II.

E

e

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

66 ASIA DE DIOGO DE COUTO

e Manoel de Brito lhe entregou o seu Embaixador, que levava pela mão, assim como o elle fez, quando se embarcou pera Goa. O Çamorim festejou muito Manoel de Brito, que foi ser hospede do Embaixador; e o Çamorim mandou logo visitar D. Alvaro com algum refresco. E tratando-se do modo, que se havia de ter no jurar das pazes, de que o Çamorim tinha mostrado muito gosto, não pudéram concluir nas vistas por razão das preeminencias; pelo que se assentou, que fosse a terra o Secretario pera com Manoel de Brito as ver jurar, o que se fez ao outro dia com muito grande solemnidade, de que se tiráram instrumentos. Feito isto, mandou o Çamorim China Cutiale a ver jurar as pazes por D. Alvaro, e com elle tres, ou quatro dos de seu Conselho. Dom Alvaro tinha no seu galeão todos os Fidalgos, e Capitães, e elle muito embandeirado, e formosamente aparamentado, e na tolda os recebeo, onde se fez aquelle auto, ao som de muitas charamelas, trombetas, e salvas da artilheria de toda a Armada. Disto se fizeram papeis assinados por todos.

Acabada esta solemnidade, deo D. Alvaro aos do Çamorim peças de brocado, e de escarlata, porque levava pera isso muitas, despedindo-os muito satisfeitos, e em sua companhia o Secretario, por quem D. Al-

varo mandou de novo visitar o Çamorim, e o Principe com peças mui ricas de presente. O Çamorim mandou logo apregoar as pazes em Panane, e Calecut com grandes solemnidades de instrumentos a seu modo, e o mesmo fez D. Alvaro em toda a Armada com grandes mostras de alegria. Dalli por diante ficáram correndo em amizade. Estas pazes duráram perto de trinta annos, que foram os mais felices, que a India teve, porque por toda a costa do Malavar passavam navios de mercadores Portuguezes grandes, e pequenos, carregados de muitas fazendas, com dous homens, surgindo por todos aquelles portos, e bahias sem receberem hum muito pequeno aggravo.

Concluidos os negocios de Penane, foi-se D. Alvaro pera Cochim, onde deo grande pressa á carga das náos, e até dez de Janeiro as fez á véla. D. Estevão da Gama, que invernou em Cochim, aonde fora ter o Março passado, vindo de Malaca, estando-se negociando pera se ir naquella Armada pera o Reyno, dizem que o deixou de fazer, por humas cartas que pelas mesmas náos teve do Conde do Vimioso, sogro do Conde Almirante seu irmão, em que lhe dizia, que se Martim Affonso de Sousa fosse ido pera o Reyno, que se deixasse elle ficar na India, e quando não, que se fosse: no que

lhe dava claramente a entender, estar na primeira successão apôs Martin Affonso de Sousa.

Nesta Armada se embarcou Antonio da Silveira, o do cerco de Dio, (a que com muita razão poderemos dar o sobrenome de Grande,) que chegando ao Reyno, o foram buscar á náó o Marquez de Villa-Real, o Conde de Vimioso, o da Vidigueira, o de Sortelha, o de Redondo, e todos os Fidalgos, e Senhores da Corte, que o leváram a ElRey D. João, que o esperou em Casa da Rainha com os Infantes, onde o recebeo com muita honra. Dalli se recolheo pera casa de sua mulher, filha de Lopo Vaz de Sampaio, Governador que foi da India, que já era morto, com quem estava desposado por palavras de futuro, (cujo casamento fez seu pai na India antes de ser Governador, como no Cap. III. do Liv. I. da IV. Decada temos dito.) Esta Senhora o esperava com todos os parentes, e parentas pera celebrarem os esposorios. E indo Antonio da Silveira pelo caminho, deteve-se antes de chegar a sua casa, dizendo ao Marquez, e áquelles Condes, que o acompanhavam, que lhe era necessario tornar a ElRey a lhe pedir licença pera receber sua mulher, porque lhe esquecêra de o fazer, quando lhe beijára a mão. O Conde do Redondo lhe

disse, que se detivesse que elle lha iria buscar; e voltando pera o Paço, entrou com ElRey, e lhe deo conta do negocio. ElRey lhe disse, que era muito contente de elle a receber. Com esta licença chegaram a sua casa, onde estavam todos os parentes della, e hum Prelado os recebeo perante todos.

Era tão grande a fama deste homem, e foi tão espantoso o cerco que sustentou, que todos os Reys Christãos o mandáram visitar pelos Embaixadores, que traziam na Corte, e dar-lhe os parabens das vitorias, que na India houve. E ElRey Francisco de França o mandou tirar pelo natural, e o seu retrato foi posto na casa da fama entre os Varrões famosos. Era homem de meã estatura, grosso, espadaudo, de hum juizo subtil, e agudo, de grande coração, e tão liberal, que se houve por prodigo. E assim lhe fez isso nojo com ElRey; porque o Janeiro de quarenta e hum, em que determinava de prover a India de Governador, o mandou chamar a Almeirim, e dizem que com tenção de o mandar á India, e alli esteve com grandes gastos, e despezas, dando banquetes aos Senhores da Corte, em que despenceo muito. Isto se lhe estranhou tanto, que não faltou quem dissesse a ElRey, que lhe não convinha mandar á India homem, que tanto sem ordem gastava sua propria fazenda;

pelo que ElRey dissimulou , e elegeo pera Governador da India Martim Affonso de Soufa , como em seu lugar diremos. E a Antonio da Silveira despachou com a Capitania de Machico , na Ilha da Madeira , de juro , e de herdade , que renderia então quasi oitocentos mil reis.

Viuvou este Fidalgo da filha de Lopo Vaz logo , porque durou pouco , e casou segunda vez com humna filha de Ruy Fernandes de Almada , Feitor , e Embaixador d'El-Rey em Flandes , tão honrado Fidalgo , que indo em seu lugar outro a servir aquella Feitoria , e Embaixada , dizendo a ElRey de França , que o que hia era tão bom homem como Ruy Fernandes , respondeo : *Se elle he tal , affás de forte bom homem he.* Deram-lhe com esta mulher quarenta mil cruzados , que lhe duraram pouco por sua condição , e chegou depois a estado , que vendeo a Capitania de Machico ao Conde do Vimioso por outros quarenta mil , e assim morreo depois pobre , mas sempre honrado , porque nunca se acanhou em cousa alguma. Depois de falecer Antonio da Silveira , casou esta Senhora , que se chamava Dona Clara , com Ruy Telles , Mordomo Mór do Infante Dom Luiz , e Alcaide mor de Moura.

CAPITULO VIII.

De como o Viso-Rey D. Garcia de Noronha faleceo : e das partes , e qualidades de sua pessoa.

DEpois que D. Alvaro de Noronha despachou as nãos pera o Reyno , deo á véla pera Goa , indo em sua companhia Dom Estevão da Gama. Foi devagar por causa dos Noroestes. De passagem visitou as fortalezas de Chalé, e Cananor, deixando alguns navios de remo por aquella costa, por causa de alguns ladrões formigueiros, se os houvesse; e em fim de Março chegou a Goa, achando o Viso-Rey seu pai já muito mal. E foi sua doença em tanto crescimento, que desconfiáram os Medicos d'elle, porque era muito velho, e decrepito. E mostrando claros sinais de seu fim, foi avisado por Religiosos, pelo que logo fez todos os autos de Christão, primeiro que tudo. Depois mandou chamar todos os Fidalgos, e lhes mandou dizer pelo Secretario, que bem viam o estado em que estava, esperando por horas o fim derradeiro, pera o que lhe era necessario desembaraçar-se de todos os negocios da vida, pois havia de entrar em outros mais importantes da outra, que eram os da alma. E porque o serviço d'ElRey

não

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

não perecesse, lhes pedia quizessem consentir, que seu filho D. Alvaro governasse por elle, em quanto elle assim estava; e que depois de falecido, se faria o que ElRey mandava nas successões. Os Fidalgos lhes respondêram, que Deos lhe daria ainda vida, e saudê pera os governar a todos; e que se consentissem no que lhes pedia, e vissem outrem em seu lugar, haveriam que já era morto; que em quanto o tinham vivo, estavam todos contentes, e satisfeitos; que aquillo era já perto do inverno, em que havia pouco que fazer, pera o que bastava o Veador da Fazenda. (Isto disseram elles, porque D. Alvaro era ainda mancebo, e não queriam que os mandasse em cousa alguma.) O Viso-Rey não replicou a isto, antes mandou ao Veador da Fazenda Fernão Rodrigues de Castello-branco, que corresse muito depressa com os provimentos das fortalezas, o que elle fez com muita brevidade, despachando hum galeão pera Maluco, e despachando D. Jorge de Castro pera ir entrar naquella Capitania de que estava provido, por ter acabado seu tempo Antonio Galvão, provendo tambem as mais fortalezas da India, despachando muitos Fidalgos pera irem invernar a ellas, principalmente pera Baçaim, onde foram dar meza Fernão de Sousa de Tavora, Fernão da Silva, Alcaide mór, e

Commendador de Alpalhão, Francisco de Sá dos Oculos, D. Luiz de Taíde, Antonio de Souto-Maior, D. Jorge, e D. Aleixo de Menezes, ambos primos. O Viso-Rey recolheo-se com seu Confessor, e outros Religiosos, tratando das cousas de sua alma, fazendo seu testamento muito á sua vontade, sem consentir que se lhe fallasse em negocio algum. E como o seu mal era de morte, e com mais razão se podia dizer, que era velhice, que enfermidade, entrou no artigo derradeiro, e tomando os Divinos Sacramentos, com grandes mostras de Christão, e de arrependimento de suas culpas, faleceo aos tres dias do mez de Abril deste anno, em que andamos de quarenta, tendo governado a India hum anno e sete mezes. Foi sua morte muito sentida de todos, pelas partes, e qualidades de sua pessoa, que por ellas, e por sua idade, e Fidalguia lhe tinham todos muito grande respeito. Seu corpo foi levado á Sé de Goa, e depositado na Capella mór, onde jaz no chão, e tem huma campa de pedra marmore com suas armas, e letreiro. Fizeram-se-lhe os Officios a seu enterramento com muita solemnidade, estando presentes todos os Fidalgos, e Officiaes da Cidade, e d'ElRey, todos vestidos de dó.

Foi este Viso-Rey D. Garcia de Noronha,

nha, filho de D. Fernando de Noronha, e neto de D. Pedro de Noronha, Arcebispo de Lisboa, filho do Conde Gijão. D. Fernando seu pai foi casado com Dona Costança de Castro, filha de Gonçalo de Albuquerque, Senhor de Villa Verde, pai do grande, e valoroso Capitão Affonso de Albuquerque, Governador que foi da India: desta Senhora houve D. Fernando estes filhos: D. Alvaro, que foi Capitão de Azamor, pai de D. Fernão d'Alvares de Noronha, Dom Antonio de Noronha, que morreo na tomada de Goa, D. Affonso de Noronha, que foi Capitão de Sacotarã, e este D. Garcia, que foi casado com huma filha de D. Alvaro de Castro, Governador de Lisboa, que já fora mulher de Ayres Telles, filho herdeiro de Ruy Telles. Della houve D. Garcia estes filhos: D. Alvaro de Noronha, que depois foi Capitão da fortaleza de Ormuz, D. Bernardo, que o não quiz ser, e D. Antonio de Noronha, que foi Capitão de Malaca. Foi este D. Garcia á India a primeira vez o anno de 1511. por Capitão mór de huma Armada de seis náos, e ficou na India com seu tio Affonso de Albuquerque. Achou-se na tomada de Benestarim; foi aquelle anno a Cochim com poderes de Governador fazer a carga das náos, e fez pazes com o Çamorim, e desta vez lhe con-

cedeo lugar em Calecut pera fazer a fortaleza ; achou-se na escala da Cidade de Adem. Foi o anno de treze outra vez a Cochim fazer a carga das náos , de que era Capitão mór João de Soufa de Lima. Foi outra vez a Ormuz , (quando feu tio Affonso de Albuquerque foi fazer aquella fortaleza ,) e trouxe de lá na sua náos os quinze Reys cegos , que não eram Reys , como em outro lugar diremos ; e foi-se aquelle anno pera o Reyno por Capitão mór das náos , e lá se servio ElRey delle muitas vezes nos lugares de Africa , e em outras partes. Permittirá o Senhor , que tambem se houvesse delle por servido , e que lhe tenha dado sua gloria , e que nella sua alma descance perpetuamente.





DECADA QUINTA.

LIVRO VII.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como por morte do Viso-Rey D. Garcia de Noronha succedeo na Governança da India D. Estevão da Gama: e das cousas, em que logo começou a entender.

FAlecido o Viso-Rey D. Garcia de Noronha, estando seu corpo depositado na Capella mór da Sé de Goa, depois de feito o Officio todo, antes de o enterrarem, abriu o Veador da Fazenda o cofre, em que estavam as successões da Governança da India, presentes todos aquelles Fidalgos, e Officiaes, e tirou de dentro a primeira successão, que entregou ao Secretario pera a abrir, e elle a amostrou ao povo, pera que vissem que estava inteira, e sem

se nella tocar, nem bolir; e dando-a ao Ouvidor Geral, a examinou bem. Feitas estas diligencias, conforme ao Regimento, o Secretario a abriu, lendo primeiro o sobrescrito, que dizia assim: *Primeira successão da Governança da India, que se abrirá falecendo o Viso-Rey D. Garcia, o que Deos não permitta*; e ao pé estava ElRey assinado. Aberta a successão, foi o Secretario lendo-a alto, e achou nella Martim Affonso de Sousa, que era ido pera o Reyno.

E guardando aquella successão, tirou a segunda, em que fizeram o mesmo exame, e diligencia; e abrindo-se, achou-se nella D. Estevão da Gama, que estava presente, que foi levado nos braços de todos, e alli logo lhe fez o Veador da Fazenda entrega da India, pela ordem, e regimento do Estado, dando della a menagem nas mãos do Capitão da Cidade; e depois tomou o juramento de cumprir com as obrigações de seu cargo, que lhe deo o Ouvidor Geral. Acabado este auto, depois do corpo do Viso-Rey enterrado, recolheo-se o Governador pera sua casa, acompanhado de todos os Fidalgos, e Vereadores da Cidade.

A primeira cousa que fez ao outro dia, foi, mandar pelo Ouvidor Geral, e Provedor mór dos defuntos, fazer inventario de toda sua fazenda, o que se fez com todas

as

as solemnidades, e exames necessarios, e ordinarios, tomando elle juramento, e dando-se ás pessoas, que corriam com sua fazenda. Isto fez este Governador, porque estava muito rico, e não queria que dissessem, que adquirira tanta fazenda no cargo, porque determinava de ser nelle muito puro, e desinteressado, como foi. E segundo ouvimos a algumas pessoas daquelle tempo dignas de credito, montou sua fazenda perto de duzentos mil pardãos, cousa que podia ser, porque herdou a de seu irmão D. Paulo, e servio de Capitão da fortaleza de Malaca cinco annos, porque lhe deo ElRey o tempo, que restou de seu irmão, como já dissemos no Cap. XI. do Liv. VIII. da quarta Decada. Feito isto, despedio o Governador logo recado a todas as fortalezas da India, fazendo-lhes saber de sua successão; e a voltas das cartas do Capitão de Baçaim, Ruy Lourenço de Tavora, escreveu a Fernão de Sousa de Tavora, de quem era especial amigo, que se fosse invernar a Goa; e assim o fez, porque em lhe dando a carta do Governador, logo se embarcou em huma galeota, que lhe deo o Capitão, que era do serviço do rio, porque todos os mais navios estavam já varados, e ainda esta lhe deo com lhe prometter de lha tornar a mandar, porque a não escufaya. Embarcáram-se

se com elle D. Jorge, e D. Aleixo de Menezes, ambos primos. Chegados a Dabul, porque acháram ameaços do inverno, desembarcou-se Fernão de Sousa de Tavora com os outros Fidalgos, pera dalli se irem por terra, e despedio com muita pressa a galeota pera Baçaim; porque quiz antes arriscar sua pessoa em ir por terra, que sua palavra; no que os Fidalgos daquelle tempo traziam tanto posto o primor, que antes morreriam mil mortes, que cahirem em huma tacha tão avorrecida, ainda em gente baixa, quanto mais em homens, que pelo sangue tem tantas obrigações, e tão differentes da outra gente.

E assim antre os Gentios, e Mouros da India se trazia por exemplo a grande verdade dos Portuguezes; e porque depois se mudou isto, com outros muitos, e bons costumes, disse hum Rey de Cochim muito avifadamente: *Que aquelles tempos eram os bons, em que os Portuguezes trouxeram d'India tres cousas, verdade, espadas largas, e Portuguezes de ouro fino*; porque esta era a moeda com que naquelles tempos se fazia a carga das náos. E por certo, que notou aquelle Gentio muito bem isto; porque depois que estas cousas vieram a faltar na India, declinou ella, porque muitos, e mais espantosos feitos se fizeram, quando pe-

lejavam com espadas largas, e ferrugentas; do que se fizeram depois com verdugos compridos, e dourados; porque aquellas armas traziam-se pera pelejar, e agora usam-se estoutras pera parecerem bem. E assim dizia ElRey D. João o II., que o bom Portuguez ha de ferir com os terços.

E tornando a Fernão de Sousa de Tavora, despedida a galeota pera Baçaim, elle com os mais tomaram o caminho por terra, e em poucos dias chegaram a Goa, sem por todo elle receberem hum pequeno agravo; assim pelo grande respeito, e medo que tinham aos Portuguezes, como pela muita verdade, e primor com que elles tratavam a todos.

O Governador D. Estevão da Gama nos primeiros dias despedio hum Antonio de Sousa, filho da India, que sabia a lingua Persia mui bem, e com elle hum Judeo, chamado Manaffes, pera irem a Ormuz em hum catur muito ligeiro, pera dalli passarem ao Reyno por terra com cartas a ElRey do estado em que a India ficava, e de sua successão; e pera os Condes da Vidigueira seu irmão, e do Vimioso seu sogro, solicitarem com ElRey não lhe mandar successor.

Da jornada destes homens não achámos lembrança alguma, sómente sabemos chegaram ao Reyno, sendo já nomeado Martin

Af-

Affonso de Soufa pera Governador da India, porque teve a valia do Conde da Castanheira seu primo com-irmão, como adiante diremos; e ElRey respondeo, que folgára de saber que elle governava, antes de ter nomeado Martim Affonso, pera ir succeder ao Viso-Rey D. Garcia de Noronha; e que se pudera, sem faltar com sua palavra, deixar de o mandar, o fizera, pela muita confiança que tinha d'elle D. Estevão o haver de servir bem.

Antre as instrucções que o Governador D. Estevão da Gama achou d'ElRey nos papéis de D. Garcia de Noronha, foi huma, em que lhe encommendava muito, que mandasse a Suez queimar as galés, por algumas intelligencias, porque não passassem a dar trabalho á India. E querendo elle ser o author deste negocio, determinou de ir em pessoa áquella jornada, por ser muito importante, e de muita honra; porque esta desejava elle mais que fazenda. Pelo que se foi pôr na ribeira a mandar dar pressa á Armada, visitando a miude os armazens, e provendo-os de todas as cousas necessarias. E conta-se d'elle, que a primeira vez que foi visitar a ribeira, chamou o Veador da Fazenda, e todos os Officiaes, e apontador, e toda a mais gente que havia do serviço della, e achou perto de setecentos ho-

Couto. Tom. II. P. II.

F mens

mens Portuguezes , Mestres , Pilotos , Bombardeiros , Marinheiros , Grumetes , Calafates , Carpinteiros , Mestres de bombas , e outros de náos , e navios ; e sabendo pelos pontos passados do tempo de Nuno da Cunha , que sempre passáram de oitocentos homens os da obrigação da ribeira , começou a bradar com os Officiaes por haver tão pouca gente. Trouxemos illo , porque chegou esta ribeira depois a estado de não ter mais de seis , sete pessoas , e essas ainda descon- tentes , e mal pagas.

O Governador foi visitado dos Reys vizinhos , com quem confirmou de novo as pazes , e antre estes foi ElRey de Garzopá , Senhor da Cidade de Mangalor na costa do Canará , que havia muitos annos estava rebel , e alevantado , sem pagar as pareas ; mandou-se reconciliar com o Governador por hum Embaixador seu , chamado Timoja , e deo pelas pareas passadas oito mil fardos de arroz , e se obrigou de novo a pagar cada anno dous mil fardos ; e que de seus portos nunca mais sahiria ladrão algum. E posto que o Governador andava muito occupado na Armada , nem por isso se descuidou das cousas de nossa Religião Christã , tão encarregadas dos Reys de Portugal a seus Viso-Reys , e Governadores.

E porque em Goa crescia muito a Chri-
stan-

standade, e havia muitos moços de diferentes castas, que andavam desagazalhados, ordenou hum Seminario na rua, que chamam da Carreira dos cavallos, a que poz nome o *Collegio da Santa Fé*, e nelle mandou recolher todos estes moços, tomando a cargo pera mandar correr com sua doutrina o Padre Miguel Vaz, Vigario Geral da India, homem virtuoso, e Apostolico, que na vinha do Senhor trabalhou com muito zelo, e fervor, em quanto esteve na India.

CAPITULO II.

Do que este anno de 1540 aconteceu em Maluco: e de como se descubríram as Ilhas dos Cellebes, Macacá, Bogis, e outras: e dos Reys, e Senhores dellas, que se fizeram Christãos: e de como Francisco de Castro descubrio as Ilhas de Mindando.

POr nos não descuidarmos das cousas de Maluco, com que imos continuando por ordem dos annos, entraremos aqui com o que aconteceu todo este passado naquellas Ilhas, que deixámos em paz, e quietação, e o Capitão Antonio Galvão muito respeitado de todos, tratando mais do que compria ao serviço de Deos, e d'ElRey, que do seu proprio particular. Depois de recolhido Diogo Lopes de Azevedo com a vi-

toria dos Jaos, que atrás contámos no Cap. V. do Liv. VI., descejofo Antonio Galvão de ser hum dos ministros, que fizessem soar aquella voz do Evangelho, e em todas aquellas Ilhas, e nos fins daquellas terras fazer ser ouvida a palavra de Deos, despedio hum João Fogaça, homem honrado, em hum navio pera ir ás Ilhas dos Papúas solicitar a amizade daquelles Reys, e ver se achava nelles disposição pera o que pertendia. Este homem chegou áquellas Ilhas, e visitou aquelles Reys, em quem achou mais humanidade do que esperava, e assentou com elles pazes, e carregou de muitos mantimentos, que os ha alli muitos, com que se tornou pera Maluco. No mesmo tempo foram a Ternate huns Embaixadores das Ilhas dos Macaças, (que estam ao Ponente das de Maluco, perto de sessenta leguas a mais perto,) que foram muito bem recebidos de Antonio Galvão. Vinham antre elles dous mancebos nobres, ambos irmãos, com quem Antonio Galvão tomou grande amizade; e achando-lhes disposição pera o que queria, os convidou algumas vezes pera banquetes, e os foi apalpando por meios suaves pera ver se os podia metter na manada, e rebanho do Senhor; e tanto trabalhou nisto, que os rendeo, mandando-os catequizar, e depois lhes deo o santo Bautismo com grande so-

lemnidade, e a hum poz nome Antonio, e a outro Miguel Galvão; e quando se tornaram pera suas terras, lhes deo peças, e brincos, de que foram tão satisfeitos, como logo diremos.

Estas Ilhas são muitas, e juntas, e andam nas cartas de marear, lançadas em huma só muito grande pelo rumo a que os mareantes chamam Norte e Sul, perto de cem leguas de comprido. Quer esta Ilha imitar a fôrma de hum gafanhoto grosso, cuja cabeça (que lança pera o Sul sinco grãos e meio) são os Cellebes, que tem Rey sobre si. Pela coda, que he a parte mais chegada a Maluco, atravessa a Equinoccial, e ainda lança quasi hum grão pera a banda do Norte. São estas Ilhas senioreadas de muitos Reys, diferentes nas linguas, desviados nos ritos, e costumes. Começando da parte da coda, tem o Reyno de Bogis, por cima de quem côrta a Equinoccial. A principal Cidade se chama Savito, que he grande, de casas sobradadas, e formosas, mas todas de madeira. Aqui queimam os mortos, e suas cinzas se recolhem em vasos, que se enteram nos campos em lugares separados, onde fazem suas capellas abertas por todas as partes, e todo aquelle anno lhes vão todos os dias os parentes levar de comer, que põem em cima das covas, onde os cães, gatos,

tos, e aves os vam comer, e tomar; e mette-se-lhes em cabeça, que o defunto o comeo: não tem templos, fazem suas orações, olhando pera os Ceos com as mãos alevantadas, por onde se vê que tem conhecimento do verdadeiro Deos. Os naturaes não tem mais de huma mulher, e os Reys tres, e quatro.

Tem logo o Reyno de Macaçaá; sua Cidade principal se chama Goá; aqui enteram os defuntos.

Tem vizinho deste outro Reyno, chamado Dirapa, e a sua Cidade principal tem o mesmo nome. Estes guardam os costumes, e ritos dos Bogises; são os Reys parentes.

Tem outro Reyno, que chamam Chirraná, que tem os mesmos costumes.

Tem outros muitos Regulos sujeitos a estes. Ha nestas Ilhas algodão, cobre, ferro, chumbo, e muito ouro, de que as mulheres fazem manilhas pera os braços. Tem pedraria vermelha de que fazem joias, sandalo, sapão; fazem-se nellas muitos, e bons pannos de seda de muitas feições. São estas Ilhas muito abastadas de arroz, legumes, frutas, sal; tem cavallos, alifantes, muitas gallinhas, carneiros, bufaras, veados, porcos, perdizes, e toda a mais caça do mato, mas não tem vaccas. Tem navios de muitas feições, huns a que chamam Pelan, que
são

são muito ligeiros de remo, com que fazem guerra. Ha outros chamados Lopi, que são da carga, e outros maiores a que chamam Jojoga. São todas estas gentes de côr baça como os Malucos. São os homens mui bem dispostos, e gentis-homens, mas çujos no viver, e mui dados ao peccado nefando; as mulheres são formosas, grandes serviçaes, e todas as que vam ter ás mãos dos Portu- guezes são cativas na guerra, que sempre fazem huns aos outros, e destas levam to- dos os annos a vender a Malaca huma gran- de cópia dellas.

E tornando aos nossos Christãos Maca- çás, que Antonio Galvão despedio satisfei- tos, e contentes, chegando a suas terras, fi- zeram-se novos Prégadores da nossa Lei, e Religião Christã, de quem differam tantas cousas, que movidos muitos dos naturaes dellas, lhes pedíam buscassem modo pera serem bautizados. Os novos Christãos zelo- sos daquelle bem, tornáram-se logo pera Ter- nate, indo com elles outros mancebos no- bres, que todos foram bem recebidos de An- tonio Galvão, e elles lhe pedíam algum Re- ligioso pera ir com elles, porque ficavam muitos de seus naturaes mui abalados, e de- sejosos de receberem a Lei de Christo, e esperavam com grande alvoroço por quem os bautizasse. Antonio Galvão deo muitos
lou-

louvôres, e graças a Deos por aquella mercê, e mandou logo com muita pressa hum navio, em que mandou embarcar hum Francisco de Castro, Cavalleiro muito honrado, e com elle dous Sacerdotes pera irem em companhia dos Macaças exercitar aquelle santo officio, fazendo (primeiro que se partissem) Christãos todos os que foram em companhia daquelles dous mancebos, dando regimento a Francisco de Castro pera assentar pazes, e amizades com aquelles Reys, a quem mandou peças, e brincos.

Partido Francisco de Castro de Ternate, deo-lhe hum tempo contrario tão rijo, que lhe foi forçado correr por onde melhor pode, e no cabo de alguns dias foi dar com humas Ilhas, que ainda não são sabidas, que estavam ao Norte das de Maluco mais de cem leguas, e por ir falto de agua as foi afferrar, mandando a terra algumas pessoas a fallar com os naturaes, com quem se não entendêram, mas souberam chamar-se aquella Ilha, que tomarám, Setigano; e resgatando alli algumas cousas, tornáram-se pera o navio, mandando aquelle Rey pedir a Francisco de Castro que se visse com elle, como logo fez. El Rey o agazalhou bem, e o teve consigo alguns dias, em que os Religiosos, que hiam com Francisco de Castro, o apalpáram; e achando-o facil, e domes-

mestico, o fizeram Christão, com tres irmãos seus, e suas casias, mulheres, e filhos, pon-do nome a ElRey D. Francisco. Alli acu-dio muito povo a pedir o Bautifimo, e af-fim se converteo a mór parte dos morado-res daquellas Ilhas.

Depois de gattarem alli mais de hum mez, partíram-se com grandes saudades do Rey, e de todos os novos Christãos, e foram to-mar outra Ilha, chamada Seligano, aonde tambem convertêram aquelle Rey, que se chamou Antonio Galvão, e o mesmo fez a sua mulher, e a duas filhas, e a sessenta pes-soas de sua casa, bautizando-os a todos. E assim convertêram outros tres Reys de ou-tras Ilhas vizinhas, chamados Betuano, Pi-milarano, e Camifino; a todos estes poz no-me Joannes em memoria d'ElRey D. João de Portugal, em cujo tempo se convertê-ram estas Ilhas.

Foram depois achadas o anno de qua-renta e tres por Bernardo de la Torre; mas aqui se dá a honra de seu descobrimento a este Francisco de Castro, porque por razão, e verdade lie sua propria. Depois que por alli gastou alguns mezes naquella tão santa obra, tornou-se pera Ternate, e foi rece-bido de Antonio Galvão mui bem, dando muitas graças a Deos pela conversão da-quelles Reys. Tão zeloso foi sempre este ho-

mem

N IMPRENSA
NACIONAL

mem da Lei de Christo se estender , e dilatar , que em nenhuma outra cousa trazia os pensamentos ; e assim em seu tempo esteve aquella Ilha tão cheia de Christãos , que cada dia acudiam ao Bautismo , que era pera louvar a Deos.

E porque havia muitos moços nobres Christãos , que andavam desagazalhados , ordenou á sua custa hum Seminario , onde os recolheo , pera alli serem doutrinados nas cousas da nossa santa Lei , e Fé Catholica , pera depois virem a ser Prégadores della , pela falta que havia então de Sacerdotes , e Religiosos. Este Seminario foi depois approvedo pelo Santo Concilio Tridentino , e Antonio Galvão foi o primeiro fundador delle nas partes da India ; porque o que depois fez o Governador D. Estevão da Gama , (como atrás dissemos no Cap. I. do VII. Liv.) foi á imitação deste.

Vendo os Mouros a grande multiplicação que havia por todas aquellas Ilhas de Christãos , temendo que sua falsa feita se viesse de todo extinguir nellas , convocando aquelles Reys de Ternate , Tidore , Geilolo , e outros a huma liga geral pera acudirem áquellas cousas , e praticando sobre ellas , não acháram outro melhor meio , que mandarem lançar muitos pregões por todas suas Ilhas , que todo o que tomasse a Lei

dos

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

dos Christãos , perdesse seus bens , e fosse cativo pera sempre. Isto metteo tão grande medo em alguns, que andavam pera entrarem na manada, e rebanho de Christo, que se sobrestiveram com temor das penas; mas em outros accendeo mais o desejo, porque sem recearem cousa alguma, acudíram á fortaleza a pedir o Bautifimo; e entre estes foi hum Governador de Ternate, chamado Cachil Colão, a que puzeram nome Manoel Galvão; e assim acudio a Ternate hum primo d'ElRey de Geilolo, que bautizáram com grandes festas, e alvoroço de todos.

E pera Deos mostrar mais suas maravilhas, tambem veio ferido de sua setta hum Mouro Arabio, da geração de Mafamede, de tanta authoridade entre todos aquelles Reys, e Senhores, que o adoravam como a seu proprio Califa. Este com grande instancia pedio Bautifimo, vituperando a lei de Mafamede, contra quem prérgou publicamente. Antonio Galvão fez a este homem muitas honras, bautizando-o com grandes festas, sendo seu Padrinho, e dando-lhe tudo o necessario da sua fazenda; com o que ficou tão satisfeito, e contente, que pasmavam todos.

Isto foi causa de muitos Mouros, e Gentios virem a se converter, de maneira, que procedeo Antonio Galvão neste negocio todos

dos os seus tres annos tão catholicamente, que nelles não fez outros empregos, nem veniagas, nem quiz nunca comprar hum bar de cravo, dizendo, que droga, que tinha sinco pontos na cabeça, que representavam as sinco Chagas de Christo, pertencia só a ElRey de Portugal, que as trazia por armas: e assim diziam as regateiras de Lisboa, (quando ElRey D. Manoel andava em differenças com o Catholico Rey D. Fernando sobre estas Ilhas,) que pertenciam só a ElRey de Portugal, assim por serem sinco, como pelo cravo dellas representar a figura das quinas, que aquelle Reyno tinha por armas.

E chegou a tanto estremo nisto Antonio Galvão, que mandando-lhe ElRey de Tadore huma quantidade de cravo de presente, o não quiz tomar pera si, e o mandou receitar pera ElRey, e metter na sua Feitoria. Esta he a razão, por que nos seus tres annos despendeo doze mil cruzados, que tinha da herança de seu pay Duarte Galvão, que todos levou pera aquella fortaleza empregados em fazendas. E quando se embarcou pera o Reyno, foi tão pobre, que por não ter com que viver, nem lhe quererem dar de comer, se metteo no Hospital de Lisboa, onde lhe deram huma ração em quanto viveo, requerendo elle sempre em

fatisfação de seus serviços hum conto de renda; mas por fim elle veio a morrer tão pobre, que o enterrou a Confraria da Corte.

Puderamos sobre este negocio dizer muito; mas por não culparmos hum tão bom Rey, conio foi ElRey D. João o III. nos calamos. Ainda que nesta materia toda a culpa foi, e pomos a seus Officiaes, que para isso os tem o Rey, e se fia delles pera fazerem justiça, e saberem repartir o seu, e não darem os dões de Ajax ao lisonjeiro Ulysses. E desta injustiça que elles usáram, tomáram os Capitães da India occasião, e exemplo pera não sahirem de suas fortalezas em estado, que fiquem á cortezia dos despachadores, porque receam de irem ter aos Hospitaes, como Antonio Galvão, e querem antes perder por carta de mais. E assim trazem mui versado aquelle adagio, (dos nescios leaes se enchem os Hospitaes.) Em fim, neste estado estavam as cousas de Maluco, quando chegou D. Jorge de Castro, a quem Antonio Galvão entregou a fortaleza, e como foi tempo, se embarcou pera a India.

CAPITULO III.

De como o Senhor de Damão foi correr as terras de Baçaim: e de como Ruy Lourenço de Tavora o foi buscar: e do encontro que com elle teve, em que o desbaratou, e lhe tomou o galeão Zambuco.

QUando Soltão Badur deo as terras de Baçaim ao Governador Nuno da Cunha, tomou-as hum Capitão seu, chamado Bramaluco, a quem as tinha dado juntamente com a Cidade de Damão, aonde elle se recolheo. Aqui viveo até agora muito magoado de lhe toniarem aquellas terras, que lhe rendiam muito. Agora sabendo da morte do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, determinou de ver se por todas as vias podia tornar a senhorear-se dellas, ao menos comer suas aldêas com a espada na mão, o que parece não havia de ser sem licença d'El-Rey de Cambaya, cujo vassallo era; teria seus tratos em segredo. Basta, como quer que fosse, elle entrou pelas terras da jurdição de Baçaim com sinco mil homens de pé, e trezentos de cavallo, sendo a mór força do inverno; e como as achou sós de guarda, logo se apoderou dellas, mandando apregoar seguros aos lavradores, pera que pudessem lavar suas terras sem receberem

aggravo, acudindo-lhe a elle com os foros ordinarios. Com isto lhe começaram logo acudir muitos; e outros, que não quizeram obedecer, se recolhêram a Baçaim.

Sabendo Ruy Lourenço de Tavora, Capitão daquella fortaleza, como o Bramalucó era entrado nas terras, tomou parecer com os Capitães, e Fidalgos, que alli internáram, sobre o que faria; e assentou-se, que fossem buscar os inimigos, e lhes dessem batalha, primeiro que tivessem novo socorro; porque se se dissimulasse com elles, comeriam todas as terras, e ElRey de Cam-baya como os visse senhor dellas, tentaria novidades; e quando menos, os favoreceria em segredo com gente, o que seria muito grande trabalho lançallos depois fóra.

Assentado isto se começou a preparar, e fazer alardo da gente, que poderia levar, e achou perto de seiscentos Portuguezes, em que entravam sincoenta de ginetes, gente toda lustrosa, e bem armada. De toda esta gente fez quatro bandeiras, de que deo as Capitanias a Fernão da Silva, Comendador, e Alcaide mór de Alpalhão, que havia de levar a vangarda; a D. Luiz de Taíde, que depois foi Conde de Atougua, que o Viso-Rey tinha alli mandado a internar com alguns navios ligeiros, pera em Agosto sahir a esperar as náos de Meca. Os

outros dous Capitães eram Francisco de Sá dos Oculos, e Antonio de Soto-maior, ficando Ruy Lourenço com a gente de cavallo, que os mais delles eram Fidalgos, e Cavalleiros mui honrados. Levou mais alguns Nayques com trezentos, ou quatrocentos piães da terra; e sahindo-se da fortaleza, que deixou entregue ao Alcaide mór, começou a caminhar em busca dos inimigos, lançando-lhes espias diante, de quem foi avisado que estavam na aldêa de Bulão, ou Baylão, duas leguas da fortaleza pera o sertão.

E determinando de os tomar na força da sêsta, em que os Mouros costumam a se lavarem, e repoufarem, foi marchando devagar, porque tinha sahido da Cidade no quarto d'alva. E sendo meia legua do lugar em que estavam, parou, e mandou aos seus que descansassem, e almoçassem, pera mais folgadamente darem nelles; e assim se puzeram debaixo de hum grande, e sombrio arvoredado, onde havia agua, e deram de comer, e de beber aos cavallo, e todos almoçaram á sua vontade. Os inimigos como traziam suas espias, foram logo avisados da ida dos Portuguezes, e de como estavam naquelle lugar comendo, e descansando, pelo que determinaram de os ir commetter, e assim o fizeram, chegando aos nos-

fos

fos tão de sobressalto, que quando os víram
foi já travados com elles, porque os com-
mettêram com grande determinação, e de
todo estiveram os nossos perdidos, se Fer-
nãõ da Silva, Alcaide mór de Alpalhão, que
estava na dianteira, não tivera o pezo dos
inimigos, que lhes não deram lugar a se
armar; e assim com muito animo, e valor
com alguns poucos, que o acompanháram,
teve todo aquelle encontro até chegar An-
tonio de Soto-maior, que o ajudou, achán-
do já Fernãõ da Silva ferido n'uma perna;
e elle fazendo tudo o que se esperava de seu
grande valor, e esforço.

Ruy Lourenço teve com isto tempo pe-
ra se armar, e acudindo com todo o resto,
deu nos inimigos com grande furia, travan-
do-se todos em huma aspera batalha. An-
tonio de Soto-maior andava já naquelle tem-
po com algumas feridas, e tinham-lhe os
Mouros mortos alguns companheiros; mas
elles se tinham satisfeito com bem de da-
mno dos inimigos, tanto, que quando che-
gou Ruy Lourenço de Tavora, andavam já
tão soffregos, que cuidavam ter a vitoria nas
mãos. Este dia foi hum em que os nossos
mais mostráram o valor Portuguez, porque
os inimigos eram muitos, e muito bem ar-
mados, e muito determinados. As nossas
quatro bandeiras, tanto que o Capitão che-

Couto. Tom. II. P. II.

G **g**ou,

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

gou, deo *Sant-Iago* nos inimigos: fizeram elles hum termo com que tiveram tempo de se ordenarem, pondo-se pera quatro partes com as costas huns nos outros, porque os inimigos os tinham rodeados. Ruy Lourenço ficou de fóra com os sincoenta de cavallo, rodeando os seus, e dando alguns toques nos inimigos, de que sempre lhes derribou muitos. A espingardaria dos nossos, que jogava pera todas as partes, fez grande estrago nos Mouros, porque os tomava em descuberto, com o que se começaram alguns de retrahir. O que entendido por Ruy Lourenço, arrancou com todo o poder, apellidando *Sant-Iago*, e deo nelles com tamanho impeto, que com morte de muitos os arrancou do campo. E vendo a mercê que Deos lhe fizera, teve os seus, por não haver no alcance algum desmanço, e recolhio-se ao lugar em que estava, onde mandou curar os feridos, que eram muitos, e alli gastáram aquelle dia.

Ruy Lourenço tomando parecer sobre o que faria neste negocio, assentáram, que repousassem alli aquella noite, e que ao outro dia pela manhã fossem buscar os inimigos até os ensecarem, e desbaratarem de todo; e assim passáram toda a noite com grandes vigias. No quarto d'alva se levantaram, e foram marchando pera o lugar de

Bailão, cuidando que achassem nelle os inimigos; o que não foi assim, porque de tal maneira ficaram escaldados das mãos dos nossos, que largaram as terras, e se recolhêram pera o rio d'Antora. Ruy Lourenço mandou suas espias apôs elles, de quem soube serem passados da outra banda, pelo que se tornou a recolher correndo as terras todas, e reduzindo os lavradores ao serviço d'ElRey de Portugal; e pera sua segurança ordenou algumas tranqueiras em alguns passos, em que poz guarda de piães da terra, porque os inimigos lhes não entrassem outra vez pelas aldéas.

E porque foi avisado que no rio de Agaçaim tinham os Mouros huma muito formosa não acabada, e posta ainda no estaleiro, que o Bramaluco tinha pera mandar a Meca, determinou de a ir tomar; pera o que mandou fazer prestes muitos viradores, cabrestantes, e outros aparelhos necessarios pera se lançar ao mar. E tanto que o inverno deo jazigo, deitou dez navios ao mar, de que foi por Capitão mór D. Luiz de Taíde, levando nelles duzentos homens; e em sua companhia mandou outras embarcações com todos os aparelhos necessarios, mestres, marinheiros, e officiaes pera aquella obra, mandando-os que o fossem esperar a Agaçaim; e elle o mesmo dia começou a

G ü

mar-

NACIONAL

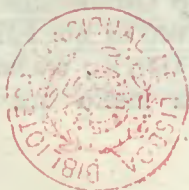
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

marchar com toda a mais gente que havia na fortaleza, e todos os piães das tranqueiras, e hum grande número de servidores das aldêas, pera virarem a náo. Era isto em hum conjugão de aguas vivas, e assim elle por terra, como a Armada por mar chegaram a Agaçaim quasi a hum mesmo tempo.

D. Luiz de Taíde entrou o rio de maré cheia, e foi desembarcar junto da povoação, que era muito pelo rio dentro, achando alguma resistencia, em que lhe matáram sinco, ou seis homens; mas elle com muito valor desbaratou os inimigos, e os foi mettendo pela povoação dentro, que já Ruy Lourenço de Tavora vinha entrando, e assolando; e todavia o poder dos inimigos era tão grande, que esteve muito arriscado, porque se determináram com elle alguns Abexins, que lhe matáram dez homens, e feriram muitos. Mas todavia como na dianteira dos nossos pelevão Fernão da Silva, Alcaide mór de Alpalhão, Francisco de Sádós Oculos, Antonio de Soto-maior, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, de tal maneira apertáram com os Mouros, que com grande estrago seu os puzeram em desbarato, e ajuntando-se todos os nossos, assim os da Armada, como os que foram por terra, em hum esquadrão, deram fogo á Cidade por todas as partes por se lhe não metterem nel-

la

la os inimigos , que já eram recolhidos , e logo os officiaes começaram a armar os apparelhos , no que gastáram todo aquelle dia , e noite , que os nossos passáram com grandes vigias. Ao outro dia lançáram a não ao mar muito folgadamente , e ás toas foi tirada pera fóra , e D. Luiz de Taíde com sua Armada a levou pera Baçaim , pera onde Ruy Lourenço de Tavora se foi recolhendo ; e depois que D. Luiz de Taíde metteo a não no rio , o tornou a mandar pera a ençada a esperar as náos de Meca com cartazes. Esta não era muito grande , e estroçada toda , pelo que lhe puzeram nome o Zambuco , que depois fez muitas viagens pera o Reyno , como em seu lugar diremos.



CAPITULO IV.

Da Armada que este anno de 1540. partio do Reyno pera a India, de que era Capitão mór Francisco de Sousa Tavares: e das pazes que o Governador D. Estevão da Gama fez com ElRey de Cambaya: e dos apercebimentos que fez pera ir buscar as galés: e de hum honrado desafio que tiveram Ruy Lourenço de Tavora, e D. Francisco de Menezes: e dos Embaixadores que ElRey da Cota mandou ao Reyno.

A Ndava o Governador D. Estevão da Gama mui occupado na Armada, que pertendia levar ao Estreito, ajuntando as cousas necessarias pera aquella jornada, porque forçado havia de invernar fóra da India, esperando com grande alvoroço pelas náos do Reyno pera saber novas delle. A dez dias de Setembro surgiram na barra de Goa quatro, de que era Capitão mór Francisco de Sousa Tavares, e os mais Capitães, Vicente Gil, Simão da Veiga, e Vicente Lourenço Batevias. Trouxeram estas náos boa viagem, e boas novas da saude d'ElRey, e de todo o Reyno, que o Governador festejou muito; e entre as instrucções que ElRey mandava ao Viso-Rey D. Garcia, era huma, em que lhe encommendava muito que mandasse quei-

mar as galés dentro em Suez, e lhe dava os agradecimentos do modo que tivera nos socorros de Dio, e no que fizera em se deixar ficar sobre a barra de Goa. Com esta instrucção se acabou o Governador de resolver naquella jornada, e despedio logo seu irmão D. Christovão da Gama com hum Armada de navios ligeiros pera ir a Cochim com cartas áquella Cidade, em que lhe pedia o quizessem ajudar com algum emprestimo de dinheiro, e escravos pera chufina das galés, pois era pera hum serviço d'ElRey tão grande, e bem tão commum de toda a India, como ir queimar as galés dos Rumes pera segurança de todos; porque em quanto estivessem em pé, haviam todos de viver com sobressaltos, e o Reyno de Portugal com inquietações. E juntamente despedio D. Antonio da Gama com oito navios pera andar na costa do Malavar até Dezembro, em que havia de partir pera o Estreito.

Despedidos estes navios, chegou a Goa hum Embaixador do Bramaluco, Senhor de Damão, e requereo ao Governador pazes com muita instancia; mas assentou-se em conselho, que se não concluísse com elle em cousa alguma, por quanto era vassallo d'ElRey de Cambaya, e estava como alevantado; que se mandasse Embaixador áquelle Rey sobre aquellas cousas, e que lá se concluíssem. Com

if-

isto despedio o Governador hum homem, a que não achámos o nome, nem as particularidades do Regimento, nem da jornada, sómente em somma soubemos que foi bem recebido de Soltão Mahamude, que confirmou as pazes, que estavam feitas com Dom Garcia, e concedeo mais ao Governador Dom Estevão da Gama ametade do rendimento da Alfandega de Dio pera ElRey de Portugal, não tendo dado ao Viso-Rey mais que o terço, e ficáram feitas as pazes com o Senhor de Damão. Com isto se recolheo Dom Luiz de Taíde com a Armada pera Goa, e os Fidalgos que invernáram em Baçaim pera acompanharem o Governador naquella jornada, porque lhes mandou elle recado. O Governador mandou Manoel de Vasconcellos á costa do Canará a recolher todos os mantimentos que já lá estavam feitos, e a receber os oito mil fardos de arroz, que ElRey de Garzopá era obrigado a pagar, e a fazer outras cousas necessarias pera a jornada. Posto que estava resolutto em ir ao Estreito, quiz todavia pôr aquillo em parecer dos Fidalgos, e Capitães; e fazendo ajuntamento de todos, lhes fez esta falla:

» Senhores Fidalgos, e Capitães, ElRey
 » nosso Senhor por entender que em quanto
 » to as galés, que foram a Dio, estivessem
 » em Suez, sempre a India havia de estar

» com sobressaltos, porque o Turco não he
 » homem, que tão depressa desista das cousas
 » que começa, e mais destas em que tem met-
 » tido tanto cabedal, e que elle havia por
 » honra de sua religião, pois o principal in-
 » tento da jornada, que mandou fazer por
 » Soleimão Baxá, foi desimpedir a navega-
 » ção do Estreito do mar Roxo, que com
 » as nossas Armadas lhe tinhamos tão defen-
 » dida, que quasi se hia perdendo a romagem
 » da casa do seu Mafamede: Pelo que, nas
 » cartas que ElRey escreveo por terra em
 » resposta das em que lhe o Viso-Rey Dom
 » Garcia de Noronha, que Deos tem em glo-
 » ria, deo conta da jornada das galés; e por
 » outra instrucção que nestas náos mandava
 » ao Viso-Rey, lhe encommendava muito
 » trabalhasse por mandar queimar as galés,
 » pera assim ficar a India segura, e o Rey-
 » no de Portugal desapressado dos grandes
 » soccorros, que he forçado mandar todas as
 » vezes que lhe forem novas que se tornam
 » a armar. E segundo o descuido com que
 » estão varadas em Suez, conforme as in-
 » formações que pelas espias tenho, muito
 » facilmente se podem queimar, porque se
 » não póde esperar, nem cuidar que os Por-
 » tuguezes tenham tamanho atrevimento, que
 » vam commetter com suas Armadas o fun-
 » do do Estreito, tão cheio de restingas, bai-

» xos, e outros perigos que nella ha. E ain-
 » da que ellas estejam com grandes guardas,
 » e vigias, eu levo Armada, e gente pera
 » assolar todo esse Estreito; e quanto mais
 » disto for, então será maior gloria pera to-
 » dos os que aqui estamos, porque bem sei
 » que os espiritos de todos se não satisfazem,
 » senão de cousas muito arriscadas. Por isso,
 » Senhores, livremente podeis dizer o que
 » mais vos parecer serviço de Deos, de S.
 » A. e bem deste Estado.»

Calado o Governador, foram votando os Fidalgos, e quasi todos concordaram, que aquella jornada, além de ElRey a mandar fazer, era muito necessaria pelas razões que apontára, e que elles estavam prestes pera o acompanharem nella. Sómente Garcia de Sá, Ruy Vaz Pereira, e Diogo Alvares Telles foram de differente parecer, dizendo: » Que se as galés estavam descuidadas, » e com tão pouca vigia, como elle dizia, que » pera se queimarem bastavam seis catures li- » geiros, que podiam entrar o Estreito sem » serem sentidos, o que não podia fazer hu- » ma Armada tamanha, como a que pertenc- » dia levar de náos, galeões, e galés; que » forçadamente haviam de ir atroando o Mun- » do, e espertando os inimigos, e mais ef- » tando já tão experimentados, que todas as » vezes que nossas Armadas grossas entráram

» o Estreito, sahíram delle perdidas, e des-
 » baratadas, como foram as do Governador
 » Affonso de Albuquerque, Lopo Soares, e
 » Diogo Lopes de Siqueira: e que além do
 » perigo, não serviria sua ida de mais, que
 » de esperar o Turco a mandar reformar os
 » presidios de todos os portos daquelle Es-
 » treito. E sobre tudo isto, que o Estado não
 » estava pera despender trezentos mil cruza-
 » dos, que aquella Armada havia mister; e
 » que elles por entenderem que era assim
 » mais serviço d'ElRey, o não haviam de a-
 » acompanhar na jornada; e que daquelle pa-
 » recer, e de assim lho requererem, haviam
 » de tirar instrumentos pera mandarem a El-
 » Rey. » O Governador lhes disse: » Que fi-
 » zessem o que quizessem, que elles dariam
 » conta a ElRey de não acompanharem o seu
 » Governador; e que elle esperava em Deos
 » de deixar as galés feitas em cinza, e que
 » elles se haviam ainda de arrepender de se
 » não acharem em cousa tão honrosa. » Não
 » arrependeremos, disse hum delles, antes o
 » festejaremos tanto, que no cais onde des-
 » embarcardes, estenderei esta capa de grã (por-
 » que tinha elle huma vestida) nelle pera
 » passardes por cima della. »

Concluido o conselho, e assentada a ida
 pelos votos dos mais, começou o Gover-
 nador a repartir os navios, e embarcações

pelos Capitães, que haviam de ir com elle. E pelo pouco segredo que nestas cousas teve, (porque logo tanto que succedeo na Governança, publicou esta jornada,) deixou de ser de muito grande effeito, porque chegando logo as novas a Cambaya, Coge Çofar, por querer ganhar terra com o Turco, despedio logo huma náó sua com cartas pera todos os portos daquelle Estreito, do aviso da nossa Armada.

Andando o Governador repartindo os navios, chegou a Goa Ruy Lourenço de Tavora, Capitão de Baçaim, pera se ir pera o Reyno, e dizia-se, que porque aquelle anno vieram novas, que o Conde da Castanheira (que era casado com sua irmã) privava muito com ElRey D. João, queria elle ir ver se por sua valia se podia melhorar, e tornar á India por Governador a tirar D. Estevão. E porque aquella fortaleza de Baçaim ficava vaga, e entregue ao Alcaide mór, e em Goa andavam dous providos della, D. Francisco de Menezes, e Dom Manoel de Lima, mandou-o D. Manoel requerer a D. Francisco (que era o primeiro provido) que fosse servir seu tempo, porque não queria que depois o embarçasse outro despachado de trás delle, arguindo-lhe que não fizera diligencias, e que deixára passar o tempo que cabia a D. Francisco. E como

elles ambos estavam prestes pera acompanharem o Governador nesta jornada, e mui desviados de a deixarem por nenhuma fortaleza, (porque os Fidalgos deste tempo traziam mais os pensamentos em honras, que em fazendas,) vieram-se ambos a concertar, mettendo-se o Governador por terceiro, nesta fórma: » Que Antonio de Lemos da Trofa, » Capitão do galeão Reys Magos, (que era » hum Fidalgo de setenta annos,) trocasse com » D. Francisco, e lhe dêsse o galeão, e elle ficasse em Baçaim por Capitão em lugar » de D. Francisco, por quem correria todo » o tempo que a jornada durasse, e que todos os proveitos fossem do dito Antonio de Lemos; e que tanto que o Governador tornasse do Estreito, fosse D. Francisco acabar seu tempo, » e assim se partio logo Antonio de Lemos pera Baçaim, e o Governador deo o galeão Reys Magos a Dom Francisco.

E porque o desafio d'antre elle, e Ruy Lourenço de Tavora foi de dependencias da mesma fortaleza, e nelle houve mui grandes primores antre estes dous Fidalgos, não deixaremos de o contar, porque foi muito honrado, e porque d'elle não recrescêram desgostos alguns, nem desavenças antre estas duas gerações, o que não fizemos se não renovamos escandalo, antes o fazemos

110 ASIA DE DIOGO DE COUTO

ao grande primor, e honra, que os Fidalgos daquelle tempo usavam: o caso foi este.

Quando Ruy Lourenço veio de Baçaim pera se embarcar pera o Reyno, dizem, que estando em praticas com o Governador, lhe dissera, que Baçaim era cousa pouca, e que não era pera os homens como elle; e como o Governador contou isto a algumas pessoas, chegou a D. Francisco de Menezes, que tomado daquelle negocio (por ser provido daquelle fortaleza, e ser hum Fidalgo tão honrado, e de tantos merecimentos, que nenhum outro lhe fazia em cousa alguma vantagem) enfadou-se disto tanto, que diziam, que andára esperando Ruy Lourenço ou pera o acutilar, ou pera lho perguntar. Isto chegou logo ao Governador, que por se achar culpado naquelle negocio, metteo a mão nelle de feição, que satisfez D. Francisco, (devia de ser com lhe affirmar, que Ruy Lourenço lhe não dissera tal, como na verdade não diria, porque bem podia ser nascesse aquillo de algum amigo de zizanias, que nunca faltão,) e assim tratou com ambos, que onde quer que se encontrassem, se fallassem, e se conversassem como de antes. Succedeo logo estar D. Francisco no terreiro do Paço, e entrar nelle Ruy Lourenço; e vendo D. Francisco que estava parado lá no cabo d'elle, o foi demandar, e estiveram

hum espaço em conversação, e apartando-se Ruy Lourenço, que hia em hum cavallo folião, e que se hia pondo sobre as pernas, e pelo quebrantar o arremessou duas, ou tres vezes muito curto. D. Francisco de Menezes desconfiou daquelle negocio, porque estava o terreiro cheio de Fidalgos, havendo que Ruy Lourenço fizera aquillo de fonfarão, e bizzarria, pera dar a entender a todos que ficára bem daquelle negocio. E recolhendo se pera casa muito malenconizado, mandou desafiar Ruy Lourenço, que o acceitou; e vendo-se ambos no campo, pelejáram mui bem, e delle se recolhêram amigos, Ruy Lourenço com huma cutilada por cima de huma fonte, de que lhe correo muito sangue, e D. Francisco de huma estocada pelo braço direito. Isto nunca se soube senão depois de estarem em suas casas, acudindo logo os parentes de ambos, e amigos a saber a cousa como passava, no que ambos tiveram tão grande primor, que D. Francisco respondia, que o que dissesse Ruy Lourenço, e elle, que o que D. Francisco contasse, isso era, sem nunca se saber o que passáram. As feridas foram pequenas, e saráram logo, e Ruy Lourenço se embarcou pera o Reyno. Conta-se delle aquella galanteria, que disse no Paço a huma Dama, sobrinha do mesmo D. Francisco, filha de D.

D. Jeronymo seu irmão, que entrando Ruy Lourenço em casa da Rainha, estando com as Damas, poz os olhos nelle fitos, e vendo elle o modo de como o olhava, por estar perto della, poz o dedo na ferida de sobre a fonte, dizendo: *Senhora, que me olha vossa mercê? Esta me deo o Senhor D. Francisco vosso tio, que he a mór honra que eu tenho.*

E tornando a nosso fio, o Governador deo pressa á escritura do Reyno, e despachou as náos pera Cochim a tomar carga, e nellas se embarcou D. Alvaro de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha. Embarcáram-se tambem dous Embaixadores d'ElRey da Cota de Ceilão, que hiam mui bem negociados, e por elles mandava aquelle Rey pedir a ElRey D. João Ihe fizesse mercê de jurar por Principe herdeiro da Cota a hum neto seu, filho de sua filha, e de Tribuli Pandár, por não ter outro herdeiro; mandando-lhe a figura do neto, que era de Maraa, em vulto de ouro, mettido em hum grande cofre, com huma coroa de ouro, e de muita pedraria na mão pera ElRey o coroar com ella. Estas náos chegáram a Portugal a salvamento, e ElRey recebeu mui bem estes Embaixadores; e para o auto do juramento do Principe, mandou ElRey chamar todos os Senhores do Reyno, e o fez

em sala pública com a mór solemnidade, e cerimonia que podia ser, coroando o Principe ao modo do Reyno, mandando que se fizessem grandes festas, e se corressem touros. E passando-lhe sua carta de confirmação, fazendo muitas mercês aos Embaixadores, os tornou a mandar nas náos seguintes muito satisfeitos.

CAPITULO V:

Da grande Armada, com que o Governador D. Estevão da Gama partio pera o Estreito do mar Roxo: e do que lhe aconteceu até chegar a Maçud.

DEspedidas as náos pera Cochim, começou o Governador a fazer paga aos soldados, e a prover os navios, que havia de levar, de mantimentos, e munições; e tendo tudo prestes, e negociado, tanto que chegaram as Armadas de D. Christovão da Gama, e de D. Antonio da Gama, e de Manoel de Vasconcellos com dinheiro, e escravos, que os moradores de Cochim lhe mandavam, e com muitos outros provimentos: passada a festa do Natal, entregou a India ao Veador da Fazenda Fernão Rodrigues de Castello-branco, tomando-lhe della a menagem, dando-lhe por Coadjuutores o Capitão da Cidade, e o Ouvidor Geral logo se em-

Couto. Tom. II. P. II.

H N I M B A R S A
N A C I O N A L

114 ASIA DE DIOGO DE COUTO

barcou. E ao primeiro de Janeiro de 1541. se fez á vèla , embarcando em hum galeão da Armada o Patriarca D. João Bermudes, que tinha vindo do Reyno pera ir ao Prefete João , como atrás dissemos. Levava o Governador setenta e dous navios, em que entravam doze de alto bordo , duas galés , e os sessenta mais , galeotas , e catures. Os Capitães que nesta jornada o acompanháram, são os seguintes.

D. Francisco de Menezes no galeão Reys Magos , Tristão de Taíde no S. Matheus, D. Francisco de Lima no galeão Bufara , D. Garcia de Castro em S. Boaventura , D. João de Castro no Coulaõ , Manoel da Gama em outro galeão , hum Foão de Pina , Capitão da Guarda do Governador, em huma caravela latina ; Francisco de Moura, que hia por Feitor da Armada, em outra náõ de mantimentos ; Antonio Correa em hum galeão , que levava artilheria , e munições de sobrecellente , com quem hia embarcado o Patrão mór Affonso Vaz. Capitães das galés eram , D. Christovão da Gama , e Diogo de Reynoso. Capitães de navios de reimo , Dom Martinho de Sousa , Alonso Henriques , Manoel de Sousa de Sepulveda , Bernaldim de Sousa , Fernão da Silva , Alcaide mór de Alpalhão , Fernão de Sousa de Tavora , Dom Diogo de Almeida , filho do Contador mór ,

D. Jorge Tello, João de Mendouça Casão,
 Henrique Mendes de Vasconcellos, Martim
 Correa da Silva, D. Luiz de Taide, Ma-
 noel de Vasconcellos, D. Antonio da Ga-
 ma, D. Diogo de Almeida Freire, Luiz
 Mendes de Vasconcellos, Antonio Moniz
 Barreto, Francisco de Sá de Menezes dos
 Oculos, Manoel da Cunha, Affonso Pe-
 reira de Lacerda, Antonio de Soto-maior,
 D. Bernardo de Noronha, filho do Viso-
 Rey D. Garcia de Noronha, Jorge de Mel-
 lo, Rafael Lobo, Lopo Vaz de Siqueira,
 Ruy Gomes de Azevedo, Vasco da Cunha,
 Miguel da Cunha, Diogo Pires de Sá, Mi-
 guel Carvalho, Fernão de Lima, Antonio
 de Sá o Rume, Luiz de Noronha, Gaspar
 de Sousa, João Zuzarte Tição, Francisco
 de Mello Pereira, Jorge Pimentel, Simão
 Botelho, Francisco Freire, Christovão de
 Castro, Francisco de Ilher, Mattheus de Bri-
 to, Antonio Pereira, Francisco de Mesqui-
 ta, Duarte Pereira, Ruy de Mello Pereira,
 D. João Lobo, D. Jorge de Menezes, Dom
 Paio de Noronha, Leonel de Lima, João
 Rodrigues de Araujo, D. João Manoel La-
 bastro, Gonçalo André, Francisco Alvares,
 Pero Froes, Mem Rodrigues de Freitas,
 João Casado, Alvaro Serrão o Pereirinha, e
 outros a que não achámos os nomes. Nesta fro-
 ta liam dous mil homens os melhores da India,

Seguindo sua viagem com Levantes rijos, foram haver vista da costa de Arabia, posto que derramados. O Governador a foi ver em Monte de Felix entrada de Fevereiro, e foi devagar, esperando pera ajuntar toda a sua Armada, por quem esperou na boca do Estreito da banda do Abexim; alli se foram todos ajuntar com elle, sómente o galeão de Antonio Correa, que desappareceo, sem se saber onde, nem como. O Governador como teve a Armada junta, foi demandar a entrada do Estreito, e no Cabo Rafael, que está em doze grãos bem na garganta do Estreito, achou hum navio, de que era Capitão Garcia de Noronha, que o Viso-Rey D. Garcia de Noronha fez Christão em Dio, que o Governador tinha mandado diante a vigiar as galés, e delle soube estarem varadas em Suez, e que segundo tinha alcançado, não havia no Estreito ainda novas de sua ida; com isto ficou o Governador alvorocado. E entrando as portas, foram os navios de remo fazer aguada em huma enceada, que fica logo da banda de dentro. Dalli foram de longo de huma enceada, a que puzeram nome do *Palmar*, por ter muitas palmeiras, que está em doze grãos. Dalli passaram pelas Ilhas priuceiras em doze grãos e meio, e pela enceada velha em treze escassos, e pela enceada da *Fortuna* na

mesma altura; e em outra adiante, que está em treze grãos e meio, surgio o Governador. Em todas estas enceadas, e angras, desde a boca do Estreito até Suez, foi Dom João de Castro tomando o Sol, e fazendo roteiro, sondando todas aquellas paragens, e notando as mais cousas daquelle Estreito, de que fez hum curioso tratado, que dirigio ao Infante D. Luiz, em que dá muitas, e boas razões sobre as manchas vermelhas, que se acham por todo aquelle Estreito, sobre que tantas variedades ha nos Escritores, que disso tratam.

Desta enceada partio a Armada, e foi passando as Ilhas da Pascoa, e as do Camello em quatorze e quatorze grãos e meio, e a Ilha de Laca em quinze, e hum quarto, e depois a enceada dos Medãos em quinze largos até chegar a Arquico, e a Maçuá, que estão em quinze grãos e meio. Arquico, que está em quinze grãos e meio. Arquico, affirmam muitos que foi o lugar de Aduli, de que Arriano falla, que diz foi edificado dos escravos fugitos do Egypto; e Maçuá parece ser a Ilha de Orene de Ptolomeu. O Governador surgio aqui aos dezoito de Fevereiro de 1541., e mandou cisar, e alimpar, e prover os navios de novo. E tomando conselho sobre o que faria, assentou-se, que deixasse alli os navios grossos, e que com toda a Armada de remo passasse a Suez;

e os Pilotos da terra lhe difficultáram a ida dos navios grandes, assim pelo inconveniente do tempo, que era tarde, como pelos muitos riscos, e baixos do caminho, com o que se resumio em se passar aos navios de remo. E sendo informado dos Regedores de Maçuá, como o Rey de Cuaquem (que era amigo do Estado da India, e vassallo do Imperador da Abasia) se tinha feito vassallo do Turco, e que recolhia os Turcos no seu Reyno, o que era necessario atalhar-se, porque não viessem por alli a se fazerem senhores de todos aquelles pórtos, e ficar com isso impedida a communição da Abasia aos Portuguezes, polo que os Reys de Portugal tinham trabalhado tanto, solicitando-a por terra, primeiro que se descobrisse a India, e depois por mar mandando-lhes seus Embaixadores (como nas historias atrás se conta.)

Consideradas todas estas cousas muito bem, determinou o Governador de destruir aquelle Rey de passagem, pera o que despedio logo seu irmão D. Christovão com doze navios, pera que se fosse lançar derredor daquella Ilha, até elle chegar com a mais Armada, pera que nem El Rey se pudesse sahir della, nem se vassalle a fazenda pera a terra firme, porque desejava de dar hum cevo aos soldados; porque aquelle Rey, e seus

naturaes eram ricos , e a terra estava cheia de mercadorias ricas , e entulhada de mercadores de todos os portos do Estreito , assim da banda da Arabia , como da Abasia. D. Christovão chegou áquella Ilha , e lançou-se antre ella , e a terra firme , porque não sahisse cousa alguma pera fóra ; mas El-Rey era já passado , porque por terra teve logo novas da Armada Portugueza , e com muita pressa as despedio pera Suez , que chegaram primeiro que o Governador.

CAPITULO VI.

De como o Governador D. Estevão da Gama destruiu a Ilha de Çuaquem : e de como partio pera Suez : e dos grandes contrastes que achou.

DEpois do Governador D. Estevão da Gama despedir D. Christovão da Gama pera Çuaquem , ficou dando ordem a algumas cousas necessarias , e entregou a Armada grossa a Manoel da Gama pera ficar alli com ella , deixando setecentos homens nella , e assim lhe entregou o Patriarca pera da torna-viagem lhe dar aviamento a sua jornada. Feito isto , embarcou-se o Governador na galeota Urganda , de que era Capitão Lopo Vaz de Siqueira , que era o melhor navio que havia na India , e os mais Capitães de

de galeões, e náos se passaram a outros navios de remo; e aos vinte e cinco do mez de Fevereiro se fez á véla com toda a Armada de remo, tirando as galés, que tambem ficaram em Maçuá, e com todos chegou a Çuaquem, havendo sete dias que Dom Christovão lá estava, e delle soube como El-Rey era passado a terra firme, e que todavia a Ilha estava com todo o seu recheio. El-Rey de Çuaquem receando-se que lhe destruissem a Ilha, mandou logo visitar o Governador, e pedir-lhe pazes, offerecendo todas as satisfações que quizesse. Não deixou o Governador de dar orelhas áquillo, respondendo-lhe mais humanamente. O Mouro como era astuto, e sabia que o Governador não se podia deter alli muito, foi-lhe dilatando o tempo de recado em recado, gastando-se oito dias em lhe mandar prometter a metade do rendimento da Alfandega daquella Ilha, que era o que dava ao Turco, e que lhe daria Pilotos pera o pôrem em Suez. Estes recados fingio El-Rey, que hiam em muito segredo, pelo não saberem os Turcos, que andavam em sua companhia, e por derradeiro não concluiu em cousa alguma. Vendo o Governador aquellas dilacões, e entendendo que eram manhas dos Turcos, que estavam em sua companhia, assentou de o castigar, e de o ir buscar onde esta-

va , que era huma legua pela terra dentro.

Estas detenções que o Governador fez , foram a causa principal de elle não queimar as galés , e de pôr depois tantos dias no caminho , que tiveram os Turcos tempo de acudir com guarnições do Cairo para guarda das galés , porque se embarçou com coufas ; que depois pudera fazer muito á sua vontade , e em que hia pouco ; porque os offerecimentos daquelle Rey , posto que por então foram verdadeiros , duraria o effeito delles em quanto a Armada alli andasse ; mas tanto que se recolheffe , estava certo tornar a levantar a bolada , porque bem entendia que se não haviam formar armadas para o irem castigar : em fim , resoluto o Governador em ir castigar aquelle Rey , desembarcou na terra firme hum dia de madrugada , com mil homens repartidos em duas batalhas , huma deo a D. Christovão , que havia de levar a vanguarda , e o Governador ficou com a outra em guarda da bandeira de Christo. E marchando apressados para chegarem ao arraial antes de amanhecer , como fizeram , D. Christovão o commetteo com grande determinação , e o entrou com morte , e damno de muitos Mouros.

ElRey em lhe dando o rebate , cavalgou em hum formoso cavallo , e foi-se recolhendo

do pera o sertão, sem esperar golpe de espada. O mesino fizeram os Turcos, que tambem foram escalavrados das mãos dos nossos. O Governador entrou no arraial, que achou com todo o seu recheio, que foi logo roubado, e escalado, e ao que não puderam levar deram o fogo, em que tudo se consumio. E não havendo alli mais que fazer, se recolhêram pera a Armada, mandando o Governador ao outro dia desembarcar seu irmão D. Christovão em Çuaquem com toda a soldadesca, dando-lhes toda aquella Cidade (que era muito grande) a escala franca, onde acháram muito ouro, prata, marfim, drogas, roupas, e a mór parte disto estava enterrado pelas casas. Houve homens de quatro, e sinco mil cruzados de preza, e muitos de quinhentos, e trezentos. Acháram-se muitas casas cheias de trigo, milho, manteigas, e outros muitos mantimentos, de que se encheo toda a Armada. Esta Cidade da terra firme de Çuaquem por muitas conjecturas parece o lugar de Theron de Arriano, de Plinio, e Ptolomeu, que elle mette em dezefete grãos, posto que hoje anda verificado em dezoito. O Governador depois de deixar aquella Cidade feita cinza se embarcou, sendo já dez de Março, e deo á véla pera Suez; no caminho achou os ventos tão contrarios, tantos baixos, e restin-

gas , que em dezoito dias não andou mais de vinte leguas , porque não caminhavam de noite.

Vendo o Governador que todavia os ventos não deixavam de curfar da banda de Oes Noroeste , que lhe eram muito ponteiros , e que o caminho até Suez era muito comprido , e perigoso , e que os mantimentos se lhe hiam acabando , estando recolhido em huma enxada , tomou parecer com os Pilotos sobre o que faria , e todos lhe affirmáram , que aquelles tempos alli duravam muito , e que não era possível poder chegar a Suez com tamanha Armada , porque hiam muitos navios mui pezados , e que se remavam mal , que se lhe relevava ir a Suez , tomasse doze , ou quinze navios os mais pequenos , e ligeiros , e que não levassem outra cousa mais que mantimentos , e que assim ainda com trabalho poderia chegar aonde desejava. Ao Governador pareceo muito bem aquelle conselho , e logo começou a fazer eleição dos navios , escolhendo antre todos dezeseis , que eram os seguintes.

Elle que hia na Urganda , D. Garcia de Castro , com quem se embarcáram por soldados D. João Mascarenhas , e Manoel de Sousa de Sepulveda , Tristão de Taíde em hum catur seu , chamado o Papagayo , e com elle Diogo de Reynoso , e Antonio de

So-

Soto-maior, D. João de Castro no catur do Percirinha, D. Christovão da Gama em hum calemute, que levou pera o serviço da galé, Francisco de Mello Percira em huma fusta sua, D. Francisco de Menezes, Duarte Pereira, Jorge de Mello o Punho, Diogo Pires de Sá, Vasco da Cunha, Alonso Henriques, Fernão de Sousa de Tavora, Dom Francisco de Lima, D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, e Miguel Carvalho: estes navios se despejaram de tudo, enchendo-os de mantimentos, e por elles iriam repartidos duzentos e sincoenta homens, ordenando o Governador, que os mais navios se tornassem pera Maçua, onde ficava a Armada grossa de galeões, e galés.

C A P I T U L O VII.

Das differenças que o Governador teve com alguns Fidalgos: e de muitos aggravados que houve, por não serem eleitos para aquella jornada: e do que a Armada passou até á Cidade de Alcocer.

E Sta eleição dos Fidalgos, que haviam de ir com o Governador a Suez, tanto que se declarou, todos os que ficaram de fóra se escandalizaram, praguejando publicamente do Governador, e de suas cousas, soltando-se alguns em palavras, como homens,

que se haviam por muito offendidos delle. Isto lhe foi ás orelhas; e desejan-do de temperar aquellas cousas com brandura, fez ajuntamento de todos, estando em terra na encceada, e lhes fez esta breve falla.

» Bem sei, Senhores, que a honrosa in-
 » veja, que vos toca desta eleição, nasce a
 » todos do grande desejo que tendes do ser-
 » viço de Deos, e d'ElRey nosso Senhor, e
 » de quererdes mostrar o grande animo, e
 » valor de vossas pessoas, de que todos já
 » tendes dado tantas provas, com tanta ex-
 » periencia, como he notorio ao Mundo to-
 » do. E bem entendido he de vosso primor,
 » e esforço, quanto sentireis verdes o vosso
 » Governador em perigos, e trabalhos, fi-
 » cando vós de fóra, não sendo dos primei-
 » ros nelles. Nem a mim me convinha com-
 » metter negocio tão arriscado, sem compa-
 » nhia de tão valorosos Capitães, e esforço
 » dos Cavalleiros, de cujo saber, e esforço
 » me he muito necessario ajudar-me, e va-
 » ler-me pera poder sahir delle com honra,
 » e gloria. Mas como eu não faço esta jor-
 » nada mais que pera dar fé das galés, e ver
 » o modo de como estam, por de todo não
 » ficar sem algum effeito, já que temos o
 » tempo tanto contra nós, com que esses na-
 » vios grandes não podem surdir avante, e
 » de todo se perderá algum bom effeito, se

» Deos o tiver ordenado ; pareceo melhor
 » aos Pilotos fazer esta eleição dos navios
 » mais ligeiros, pera ver se á força de bra-
 » ço posso vencer este caminho, e ver as ga-
 » lés, pera dar razão a ElRey do que vi. E
 » posto que não faça mais, ficarei desculpa-
 » do com elle, porque bem ha de entender,
 » que melhor me fora arriscar-me com ses-
 » senta navios, que com dezeseis. E na pou-
 » quidade delles, e da gente que levam, se
 » vê que não vou a outro fim; porque se fo-
 » ra pera pelejar, a mim mesmo me não con-
 » vinha deixar a companhia de tão valerosos
 » companheiros, como aqui estam, e ainda
 » toda a Armada com que de Goa parti, com
 » que pudera destruir todo este Estreito; mas
 » por causa do tempo, bem visles que foi ne-
 » cessario deixar os navios grossos em Ma-
 » çuá, e estoutros de remo, com que cuidei
 » pudesse chegar a Suez, ha trinta e seis dias
 » que com elles não tenho andado mais de
 » vinte leguas. Vejo a monção gastada, e o
 » tempo encarniçado contra nós, e não que-
 » ria que tamanha Armada, e despezas co-
 » mo fez, ficasse de todo sem algum fruto.
 » E porque já agora não posso ter esperan-
 » ças de outros mais, que de ver as galés com
 » o olho, como já vos disse, (pera o que o
 » tempo ainda não sei se me dará lugar,) ef-
 » colhi estes navios. E porque não he possi-

» vel poderdes ir todos nelles , vos peço , Se-
 » nhores , hajais por bem , aos que a sorte
 » vos coube , de ficardes , porque tamanho ser-
 » viço fazeis nisso a ElRey , como se comi-
 » go foreis , e eu assim lho certificarei , pera
 » que vos faça mercês conforme a vossos me-
 » recimentos. E de sua parte vos peço , que
 » deiteis de vós os escandalos , que não ser-
 » vem de mais , que de seu deserviço , e vos-
 » sa inquietação. »

Alguns mostráram não se satisfazerem das
 razões do Governador , dizendo , que o tem-
 po com que fossem dezeseis navios , pode-
 riam ir todos os mais ; mas todavia ficaram
 hum pouco mais moderados , não querendo
 porém que a jornada se fizesse sem elles ; e
 assim todos os Capitães , e Fidalgos se pas-
 sáram aos dezeseis navios por soldados ; e
 alguns houve , que tiráram os bombardeiros ,
 e se mettêram em seus lugares. Alguns apa-
 niguados do Governador quizeram valer-se
 delle pera lhes darem lugar nos navios , que
 elle quiz repartir por elles , e huns lhos ac-
 ceitáram , outros não , como foi Francisco
 de Mello Pereira , que mandando-lhe pedir
 lhe levasse hum homem , escusou-se , com
 lhe mandar dizer , que hia muito pezado , e
 que ainda deixava muitos parentes seus na
 Armada pelos não poder levar. Sobre isto
 se passáram recados de parte a parte , até che-
 ga-

garem a ter palavras de feição, que enfadado Francisco de Mello, lhe mandou dizer, *que nem havia de levar o homem, nem elle queria ir com elle a Suez, e que jurava de vender o navio que era seu.* A isto lhe sahio D. Manoel de Lima, que estava com elle embarcado por soldado, e lhe pedio, que se tal havia de fazer, fosse a elle, pois já estava embarcado nelle. Francisco de Mello, que estava com paixão, lho vendeo logo por quatrocentos cruzados; com condição, que levasse todos os homens que estavam embarcados com elle; e deixando-lhe tudo o que tinha na fusta, se passou a huma das que se haviam de tornar pera Maçuá.

O Governador logo foi avisado de tudo, e tomou-se muito de D. Manoel lhe comprar o navio, e mandou-lhe dizer, que lhe havia de levar aquelle homem; do que elle tambem se escusou. E como o Governador era hum pouco teimoso, (coisa de que muito ha de fugir quem estiver naquelle lugar,) lhe tornou a mandar dizer, que ou lha havia de levar, ou não havia de ir com elle. A isto respondeo D. Manoel, *que elle acompanhava o homem que estava em lugar d'ElRey, e que havia de ir a Suez, que por isso comprára aquelle navio.* O Governador apaixonou-se tanto, que determinou de o ir prender, e mandallo prezo pe-
ra

ra Maçuá; ao que lhe foi á mão D. Francisco de Menezes, que áquella hora achegou acafo, pedindo-lhe, » não fosse com a » paixão por diante, porque D. Manoel era » hum Fidalgo muito honrado, e Gallego » teimoso, que se não havia de descer da sua, » e que pera aquillo haviam os Governadores da India de ter muita brandura, pera » temperarem as paixões dos Fidalgos, que » serviam a ElRey, e não escandalizallos, » porque se não haveria ElRey por servido » disso.» Com isto ficou o Governador hum pouco refreado, e dissimulou com aquelle negocio; porque se quizera ir por diante com elle, era-lhe necessario enfadar-se com muitos, porque tambem Alonso Henriques, e outro Fidalgo lhe não quizeram accitar outros homens.

Aquelle officio, que D. Francisco de Menezes alli fez, era o dos Fidalgos daquelle tempo, que não andavam senão a temperar paixões, e não a accendellas, como póde ser que alguns hoje façam. E tambem os Governadores tinham tanto respeito aos Fidalgos, que se refreavam com elles, o que não fei se os de hoje tem.

Em fim assentada a ida, o Governador despedio todos os mais navios pera Maçuá, e entrada de Abril se fez á véla com os dezeseis; e daqui ficou esta ençada com o nome

Conto. Tom. II. P. II.

I

me

me dos *Aggravados*, que está em altura de vinte grãos e meio do Norte. E seguindo sua derrota, navegando de dia a remo, por causa do vento, que era contrario, e surgindo de noite pelas muitas restingas, e baixos que havia, foram tão devagar, que se lhes acabou a agua. E indo Miguel Carvalho em grande necessidade della, chegou-se a terra, e vendo humia bahia, entrou nella, e mandou alguns marinheiros a ver se havia agua; estes acháram alguns póços della, e humia muito formosa fonte, e dando recado a seu Capitão, fez sinal a toda a Armada, que logo acudio; aqui se refrescáram, e se apercebêram, não achando mais que alguns pastores com seus gados, a que se não fez agravo algum. Aqui tomou D. João de Castro o Sol, e achou vinte e hum grãos e meio.

Partidos dalli, foram seguindo seu caminho; ao outro dia houveram vista de humia gelva, a que deram caça, e vendo-se ella apertada varou sobre humia restinga, lançando-se logo a gente ao mar pera se passar a terra firme, que era perto; mas todavia não pode ser tão depressa, que ao mesmo tempo que varou, se não lançassem alguns dos nossos á restinga, onde tomáram ainda dous Mouros, com que se recolhêram pera o Governador, que não souberam dar novas de Suez, porque eram dalli perto, e hiam pe-
ra

ra Cuaquem. O Governador os mandou levar a bom recado, porque sabiam a terra pera se aproveitar delles. Este lugar, em que a gelva varou, está em vinte e dous grãos e meio. Daqui foram navegando por espaço de cinco dias, e no cabo delles acháram huma formosa angra, onde toda a Armada entrou a fazer agua, que achou de muitos póços.

Aqui se desafiáram dous soldados, chamados Antonio do Prado, e Fernão Nunes Vidal, que nós conhecemos mui bem, e foi da obrigação de D. Diogo de Castro, o magro de Evora, e em tempo do Conde do Redondo foi Feitor de Goa. Estes soldados eram ambos mui bons Cavalleiros, e andando brigando muito espaço, Fernão Nunes como era homem mui manhoso nas armas, e mui destro da mão esquerda, andando com o outro na força da briga, mudou a espada á mão esquerda, e tomando o Prado por huma ilharga em descuberto, deo-lhe huma estocada de que logo cahio, e cuidando ficava morto, recolheo-se pera a fusta de D. Garcia de Castro, com quem lia, que logo se affastou pera fóra, appellidando outros Capitães amigos, pera que o Governador lhe não fosse prender o soldado. O Prado era da fusta de Alonso Henriques, e tanto que lá se soube, foram os mais soldados por elle, e achando-o ainda vivo, o re-

colhêram, e o curáram, e viveo. E nesta era de noventa e sete, em que isto escrevemos, vive ainda hum Fernão Nunes nesta Cidade de Goa, que foi hum dos que o leváram ás costas. Deste successo se ficou esta aguada chamando a do *Desafio*, que está em vinte e quatro grãos e meio.

C A P I T U L O VIII.

De como o Governador D. Estevão da Gama destruiu a Cidade de Alcocer, e embarcou em Tór: e de como deixou de destruir aquella Cidade a rogo dos Frades de Santa Catharina de Monte Sinay: e dos Cavalleiros que alli armou: e da Regra que estes Frades seguem.

P Artidos da aguada do desafio, dahi a tres dias tomáram huma enceada pequena, duas leguas antes da Cidade de Alcocer, aonde se detiveram por darem folga aos marinheiros, mariscando, e fazendo agua; e começando a ventar o Levante, se recolhêram com muita pressa, e deram á véla, por se aproveitarem do vento. Succedeo ficarem dous marinheiros em terra, por andarem muito desviados; e acudindo á praia, vendo ir os navios á véla, assentáram de se ir de longo do mar, porque forçadamente os navios haviam de tomar alguma enceada de noite,

ou surgirem perto da terra pera se lançarem a nado a elles ; e assim foram caminhando até darem em huma grande estrada , pola qual foram dar na Cidade de Alcocer. E sendo vistos dos naturaes , e conhecendo que era gente estranha , (posto que tambem eram Mouros Arabios como elles ,) prendêram-nos , e nas perguntas souberam da Armada Portugueza , e de tudo o que era passado.

Os moradores da Cidade assombrados com aquellas novas , mandáram com muita pressa as mulheres pera a terra , e tomáram os que eram pera isso as armas pera se defenderem , se os Portuguezes quizessem entender com elles. Andando neste trabalho , appareceo a nossa Armada , que se hia chegando bem á terra pera a descobrirem , e notarem a Cidade , que estava estendida sobre o mar. Os della lhe atiráram algumas bombardas pequenas , que accendêram o desejo ao Governador de desembarcar , porque hia em dúvida se o faria , ou não : e declarando seu parecer a todos , os achou conformes ; pelo que pondo a prôa em terra , deitou a gente nella , repartida em tres bandeiras , de que eram Capitães D. Christovão da Gama , que levava a dianteira , Tristão de Taíde , e o Governador com todos os Fidalgos da Armada. D. Christovão commetteo a Cidade com grande valor , e determinação , desba-

ra-

ratando os que se lhe offerecêram em defensão, com quem foi entrando de envolta. Os naturaes cortados do ferro, e do medo dos nossos, largáram a Cidade, e se acolhiêram á ferra. D. Christovão mandou recado ao Governador, que a Cidade estava despejada; e indo-se chegando, mandou tocar a recolher, porque não houvesse algum desmancho; despedindo recado a D. Christovão, que se não embaraçasse com cousa alguma por não perderem tempo, e que se recolhesse, e fosse dando fogo á Cidade; o que elle logo fez, ardendo toda, sem ficar cousa alguma em pé, no que houve notaveis perdas, por estar manciça de mantimentos, e fazendas, como aquella, que era a principal escala de toda aquella banda.

Os nossos embarcáram-se a seu salvo, e no mar queimáram huma náó, e hum galeão da feição dos nossos, de quatrocentos toneis, e muitas gelvas carregadas de mantimentos, de que primeiro se proveo toda a Armada. Os marinheiros que estavam presos, nesta revolta tiveram tempo pera fugirem, e se embarcáram em seus navios. Aqui tomou D. João de Castro o Sol, e achou que estava esta Cidade em vinte e cinco grãos e meio. Della ao Cairo ha cinco dias de caminho. Nas muitas ruinas de edificios, que ainda hoje apparecem, se mostra que já es-

ta Cidade foi muito maior; e assim presumiram alguns, que fosse a antiga Filotera, ainda que quanto a nós, mais parece Amioformo de Plinio. Este dia, que foi hum Domingo quatorze de Abril, ficou alli a Armada dando folga aos marinheiros, e a outro dia se fizeram á véla, e atravessáram a outra banda de Arabia, e á quinta feira foram haver vista do lugar de Tór. O Governador por saber que havia alli Christãos, determinou de tomar terra, por ver se podia haver falla de algum, pera saber o estado em que estava Suez; e endireitando com a terra, vio andar na praia hum esquadrão de Turcos de espingardas, que se assomou em duzentos, que tanto que houveram vista das nossas vélas, acudiram á praia a ver o que era. D. Estevão mandou tomar as vélas, e a remo se foi chegando pera a terra, donde lhe atiráram algumas bombardadas; e detendo-se, tomou parecer sobre o que faria, e a todos pareceo bem que desembarcasssem, ainda que não fosse mais que pera tomarem alguma pessoa, que lhe désse razão de Suez. E armando-se com muita pressa, mandou o Governador que desembarcasssem na mesma ordem que em Alcocer, como logo fizeram, sendo o Governador o derradeiro, e a bandeira de Christo, que lhe levava Luiz Henriques seu Alferes.

Pos-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Postos em terra , acháram nos Turcos grande resistencia , porque como eram os mais delles de espingardas , feríram da primeira surriada alguns ; mas D. Christovão da Gama apertou tanto com elles , que a seu pezar , e com muito damno os arrancou do campo , e os fez recolher pera a Cidade , que era muito arrezoadada , e de grandes casarias. Os da dianteira , que hiam apertando com elles , foram entrando de envolta ; mas os Turcos de escaldados varáram pela outra banda fóra , e o mesmo fizeram todos os moradores. D. Christovão , e Tristão de Taide foram entrando a Cidade apôs os inimigos , cada hum por sua parte. Tristão de Taide pela que foi encontrou dous Frades dos de Monte Sinay , que hiam com muita pressa pedir misericordia aos Portuguezes , pera que não dessem fogo á Cidade , porque tinham nella hum Templo. Tristão de Taide em os vendo , logo conheceo que eram Religiosos pelos habitos , e tonsuras , porque tinham cercilhos , e coroas ; e remettendo a elles , os levou nos braços com muito amor , e com elles voltou pera o Governador , e chegando a elle se lhe lançaram aos pés , perdindo-lhe da parte de Santa Catharina , que perdoasse áqueila Cidade , e a não mandasse queimar , porque havia nella muitos Christãos , e hum Templo Divino.

O Governador com as lagrimas nos olhos de ver em meio daquelle Mouraismo Religiosos , e Christãos , abaixando-se todo , os levou nos braços , alevantando-os com muita caridade ; e logo mandou com muita pressa recado a D. Christovão , que sobrestivesse , e não fizesse damno algum na Cidade , o que elle fez tornando-se pera elle. O Governador ficou com os Frades em muitas práticas , e em perguntas , de que lhes deram boa razão , mas nenhuma do estado em que Suez , nem as galés estavam. Os Frades lhe pediram , que fossem com elles ao seu Mosteiro pera os honrar , e pera consolar os mais Religiosos , o que elle fez com muito gosto , indo na ordem em que desembarcaram , e atravessáram a Cidade até chegarem ao Mosteiro , que era do Orago de Santa Catharina. A' porta delle foram muito bem recebidos de todos os mais Religiosos com grandes mostras de amor , e caridade ; e tomando o Governador no meio , entráram pela Igreja em procissão , cantando Psalmos a seu modo. Na Capella fez o Governador oração , e pela Igreja todos os mais com hum a alegria , que lhes pulava pelos olhos , por serem os primeiros Christãos da Europa , que com mão armada , e com suas Armadas chegaram áquelle lugar.

E pera memoria de tão admiravel jornada ,

da, (muito mais digna de engrandecer, que a de Jason ao Velocino de ouro,) armou o Governador dentro na Capella Cavalleiros a todos os que quizeram, e pedíram aquella Ordem todos os Fidalgos: esta foi a cousa de que D. Luiz de Taide (que aqui foi armado então Cavalleiro) mais se jactava, que de todas em que se achou; e hoje em nosso poder está ainda o proprio Alvará de Cavalleiro, que o Governador alli passou a hum João Camello, que relata esta jornada muito por extenso.

Este Auto celebrou o Governador com muitos Instrumentos de alegria, e com grandes salvas de artilheria, e sobre tudo com muitas graças, e louvores, que todos deram a Deos nosso Senhor, e á Bemaventurada Santa, em cuja Casa estavam, por tamanha mercê como aquella. O Governador pediu aos Padres algumas reliquias santas pera levar pera memoria, e lembrança sua, que lhes elles deram, ainda que poucas, por dizerem, que as principaes, e mais estimadas estavam na propria Casa de Santa Catharina, que dalli apparecia em cima do Monte Sinaay, huma jornada de caminho, pedindo ao Governador que esperasse dous dias pera lhas irem buscar. Elle lhes agradeceo muito aquella vontade, dizendo-lhes, que se não podia deter. E mandando-lhes fazer algumas

caridades, se despedio delles, que o acompanháram até á praia, onde todos se abraçaram com muito amor, não se fartando os nossos de os ver, e cariciar; e assim se embarcaram com grandes saudades.

Está esta Cidade de Tór em altura de pouco mais de vinte e oito grãos; foi em outro tempo muito prospera, e por muitas ruínas antigas, e por seu sitio, affirmam alguns Geografos que foi a antiga Elana. Os Frades deste Mosteiro de Monte Sinay são da Ordem de S. Basilio; seguem a Igreja Grega, e obedecem áquelle Patriarca, o que ha de ser sempre eleito ou desta Ordem, ou da de S. Sabba, que são outros Religiosos, que vivem apartados do povo, assim como os nossos Biguinos da ferra d'Ossa, a que os Gregos chamam Calorios, que quer dizer, Homens bons, e virtuosos, que seguem os Estatutos de Santo Antão primeiro Abbade. Neste lugar de Tór ha cinco braças do fundo muito bom, e limpo.

CAPITULO IX.

De como o Governador D. Estevão da Gama chegou a Suez : e da descripção de todo aquelle Estreito : e do sitio deste lugar : e de como querendo desembarcar lhe sabio muita gente que estava de guarnição , e o Governador se recolheo sem fazer cousa alguma.

PArtido o Governador D. Estevão da Gama de Tór pera Suez , foi seguindo sua derrota ; e já dalli pera dentro quem não vai muito cozido com a terra , a vai vendo de ambas as partes , porque se vão mettendo no sacco do Estreito. Por aqui foram navegando de dia com muito tento , e surgindo de noite por causa das restingas ; e no cabo de oito dias , huma quarta feira á noite , surgiram duas leguas de Suez com grande alvoroço de todos. E primeiro que tratemos do que lhe aconteceu , diremos brevemente do sitio deste lugar.

Foi antigamente alli huma formosa Cidade , e ao presente era cousa tão pouca , que não tinha mais de trinta , ou quarenta casas de palha , por ser o lugar em si deserto , e esteril , sem huma arvore , nem herva verde , nem agua de que aquelles moradores bebessem ; e como são pobrissimos , pro-

vêm-se de alguns poços, que estão dalli a duas leguas, donde lha trazem em camellos a vender, e ainda esta he tão falobra, que quem a não costuma, a não póde beber. Neste lugar apparecem ainda grandes ruínas de huma muito formosa Cidade, que já alli esteve em tempo de Pagãos; e muitos affirmam, que foi a dos Heroas, tão nomeada dos Escritores antigos, posto que a mais commum opinião he que foi a Cidade de Arcinoe, que Plinio diz ser no fundo do mar Roxo, edificada alli de Ptolomeu Philadelpho, do nome de huma sua irmã.

Estrabo nos diz, que esta Cidade tambem fora já chamada Cleoparrida, e que junto della era a Cidade dos Heroas. Foi esta Cidade em tempo dos Reys do Egypto a mais célebre, que havia por aquellas partes, porque todas as fazendas do Oriente, que hiam por via do mar Roxo, descarregavam alli; e assim o mais importante rendimento, que aquelles Reys tinham, eram as entradas que se pagavam dellas. E era isto tanto assim, que affirmam Estrabo, e Plinio, que desejando ElRey Sefostre de fazer aquellas entradas mais faciles, por escusar o trabalho de levarem dalli as fazendas por terra em camellos, mandára abrir huma das bocas do Nilo, chamada Delta, pera levar o mar por huma fossa grande até á Cidade de Arcinoe,

que

que será distancia mui perto de doze leguas, pera por ella irem as embarcações descarregar no Nilo. E porque lhe affirmáram que o mar Roxo era mais alto que o Egypto, e que se lhe dêsse passagem alagaria toda a terra, levára mão da obra.

Outros dizem, que esta cava não mandára abrir senão ElRey Psanítico, sendo moço, e que por sua morte a fora continuando Dario, e que depois Ptolomeu a quizerá acabar, e que tambem a deixára imperfeita. Esta obra intentou tambem o Turco Amurathes, (que morreo agora na era de noventa e quatro, ou noventa e cinco,) porque parece desejava de passar por alli suas Armadas á India, e mandou a isso Mamede Baxá, e alguns grandes Officiaes pera aquelle negocio, pera que se juntassem com o Baxá do Egypto, e vissem se era possível fazer-se aquella cava, pera por ella entrar o mar Roxo no rio Nilo. Estes homens andáram fazendo suas traças, e deitando suas medidas, e acháram o inconveniente, que Sefostre, e que sem dúvida o mar Roxo era mais alto tres covados que o Nilo, e que se perderia toda a terra do Egypto; e levou por esta razão tambem mão da obra. Isto nos contou nesta Cidade de Goa hum Rabi muito douto na lei, chamado Joseph, natural de Soloniche, que dizia, que

se achára presenté acafo áquellas medidas.

E tornando a nosso fio , Plinio parece que chama tambem a esta Cidade de Suez , Daneo , porque diz estas palavras: *No ultimo seio do golfo Arabico está hum porto chamado Daneo , de que já determináram levar huma fossa navegavel até o Nilo ;* porque naquella Cidade de Daneo se descarregavam as fazendas , que hiam da India por mar , e dalli passavam em cafilas até Alexandria. Eram tão grossas as entradas , que os Reys do Egypto tinham destas fazendas , e ainda o Imperio Romano , (depois que foi ter a seu poder ,) que affirma Marco Tulio em huma Oração , que rendiam doze mil e quinhentos talentos , que pela conta de Burdeo fazem sete milhões e meio de ouro , como melhor se póde ver nos sete volumes das Leis , onde estam escritas todas as sortes de fazendas , e drogas , que da India hiam pera aquelle Estreito , que Arriano Author Grego tambem nomea muito particularmente. E por esta razão os Soldões do Egypto mandáram abrir muitas cisternas , que se enchiam de agua do Nilo , por aquella cava que Sefostre mandou abrir ; o que tudo os Mouros depois desfizeram , e derribáram , ficando ainda muita parte desta cava , e de outras cousas , conservando a memoria antiga do que alli foi.

E

E posto que o nosso João de Barros compare mui bem este Estreito a hum lagar tho, e assim o mostra nas cartas, e mappas, todavia não deixaremos de fazer tambem nos-
sa demonstração, que não vai a desproposito; e por ella se entenderá melhor este sitio de Suez, e do modo em que as galés estavam.

Quer todo este Estreito imitar a tromba de hum alifante, cujos dentes ficam alli como aquellas duas entradas da banda de Arabia, e da Abasia; e assim como a tromba vai fazendo aquelle vão pelo meio, deixando aquellas ilhargas de huma, e da outra parte, assim faz pelo incio deste Estreito hum bom canal, e pelas ilhargas quasi que he todo macisso de restingas, ilhas, baixos, e outros impedimentos, por onde se não pôde navegar, senão de dia, e em vasilhas pequenas, e com muito tento. Vai todo este Estreito fenecer naquelle focinho de alifante com duas ventas, onde está o lugar de Suez; e naquelle vão que divide huma venta da outra, faz neste lugar hum esteiro, e na venta da banda de Arabia tem hum arrecife de pedra, e da outra banda do Egypto faz huma ponta de huma serra, que alli se vai abaixando até vir beber no mar, com huma praia de arêa á roda, em cuja ponta está hum Castello roqueiro de taipa quadra-

drado de trinta braças em quadra, e em cada huma feu cubelo com algumas peças de artilheria. De longo desta praia estavam varadas as galés, que eram quarenta, que entram por este Estreito, que faz ambas as ventas; e na outra da banda de Arabia estavam as náos, e galeões, que tambem entram para se vararem por este canal de aguas vivas.

O Governador tanto que surgio, chamou os Capitães a si, e lhes disse, que sería bem mandar diante Tristão de Taíde com alguns homens de confiança pera irem a Suez, a ver se podiam tomar alguma espia, pera saberem o como as galés estavam; e parecendo bem a todos, mandou embarcar no Papagayo com Tristão de Taíde o Grego Janizaro Garcia de Noronha, (que o Viso-Rey D. Garcia de Noronha fez em Dio Christão, como temos dito no Cap. VII. do V. Liv.,) e com elle tres valorosos soldados, chamados Fernão Dias Cesar, João Fidalgo, e Antonio Pereira, (este homem teve em Goa huma irmã, chamada Jeronyma Pereira, casada com hum Cidadão honrado, por nome Simão da Cunha, de quem teve alguns filhos, e duas filhas casadas, huma com Ayres de Sousa, filho de Christovão de Sousa de Santarem, que foi Capitão de Chaul nas differenças de Pero Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sampayo, como na quarta Decada dissemos no

Conto. Tom. II. P. II.

K

Cap.

IMPRESSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Cap. VIII. do III. Liv.; e outra com Manoel de Saldanha, filho de Antonio de Saldanha, tambem de Santarem, que faleceo de parto.) Estes tres soldados por ordem do Governador D. Estevão da Gama se despiram, e encacharam, e se untaram de cevo todos, pera que não pudesse pessoa alguma pegar delles, e deo ordem a Tristão de Taíde, que fosse ao lugar que lhe mostrasse Garcia de Noronha, (que sabia mui bem a terra,) e em muito silencio lançasse aquelles tres soldados a nado, pera irem a terra a ver se podiam tomar alguma pessoa pera lhes dar razão de como as galés estavam, dando por regimento a Tristão de Taíde, que tornasse a voltar antes do quarto d'alva.

Partido Tristão de Taíde, foi remando tudo o que pode, e errando o canal (por ser muito escura a noite) andou ás apalpellas até se lhe gastar toda a noite; e vindo Tristão de Taíde aquillo, tornou a voltar pera a Armada, a que chegou de madrugada. Vendo o Governador o que lhe tinha acontecido, mandou levar ancora, e foi seu caminho com determinação de ir assim, sem mais espia, commetter o porto, onde chegou ao outro dia pela manhã, dividindo logo o Castello, e as galés, que estavam todas varadas, ao longo daquella praia, com as prôas pera o mar.

Esta vista foi pera todos do mór contentamento que podia ser. O Governador ajuntando a si as fultas, mandou a seu irmão D. Christovão da Gama, que se adiantasse com oito navios, que lhe nomeou, e que fosse queimar as galés, e que elle lhe iria com os mais nas costas. D. Christovão com os seus navios postos em armas foi demandar a terra, e sendo a tiro de falcão, disparáram das náos hum tiro grosso, que era o final que faziam aos seus; porque já estavam sobre aviso da Armada, assim de Coge Çofar, como de Çuaquem. Os navios hiam aviados, e adiantaram-se de todos Dom João de Castro, Tristão de Taíde, e Dom Francisco de Menezes, que eram mais ligeiros, e foram endireitando com a ponta do esteiro, onde as galés estavam. Vendo D. Christovão que já não podia chegar com elles, voltou pera a outra banda, onde estavam as náos, pera as queimar; e como daquella parte era tudo arrecife, varou por cima delle, e com trabalho se tornou a afastar, e tornou a indireitar pera onde hiam os outros; e como hia atravessado, lhe deram do Castello huma bombardada, cujo peouro deo junto delle, e o borrifou todo. D. João de Castro, Tristão de Taíde, e D. Francisco de Menezes chegáram a terra, indo os mesmos soldados encevados, com

lanças de fogo pera saltarem em terra, e irem pôr fogo ás galés; e ainda bem os navios não chegáram, quando arrebutáram de detrás do monte perto de dous mil Turcos de cavallo, com duas bandeiras grandes, e farpadas, gente toda muito lustrosa, e remettêram com a praia. Alguns dizem que já o soldado Antonio Pereira estava nella, e que se recolhêra com a agua pelos peitos. Os nossos vendo os Turcos, affastáram-se pera fóra, e lhes deram huma salva de falcoadas, de que lhes derribáram alguns; e assim se tornáram ao Governador muito descontentes, e magoados daquelle negocio, que cuidavam fizessem a seu salvo.

O Governador chegou a si todos os Capitães, e lhes perguntou o que faria; ao que todos respondêram, que não havia mais que recolher, primeiro que os Turcos lançassem algumas galés ao mar, porque se os seguissem lhes dariam trabalho. Com isto se foram affastando, e aquella noite surgíram na ponta de Faraó em quatro braças, huma legua e meia affastada de Suez. Ao outro dia deram á véla com vento fresco; e indo de longo da costa de Arabia, mandou o Governador perguntar aos Mouros, que tomáram na Gelva, se havia por aquella paragem agua; e elles lhe mostráram defronte hum lugar, que diziam chamar-se os doze

poços de Moysés; e que por aquelle proprio lugar por onde hiam então, passáram os filhos de Israel, quando fugíram de Faraó; e que aquella era a agua, que se lhes abríra. O Governador porque levava bom vento não se quiz deter. Os soldados que ouvíram como por alli passára Moysés, enchêram alguns frascos daquella agua, e depois de chegarem a Goa, foram á rua direita, onde viviam alguns Christãos novos mercadores, e vasandolhes a agua pelas portas, diziam: *Vedes aqui a agua que se abriu a vossos antepassados, quando foram fugindo do Egypto.*

Estes poços que alli mostráram aquelles Mouros, (e que andam nas nossas cartas de marear por poços de Moysés,) não achamos a causa, por que se chamam assim; porque, segundo temos da Escritura, depois dos filhos de Israel passarem o mar Roxo á outra banda, não acháram logo agua, e andáram pelo deserto de Sur tres dias até irem ao lago amargo, que Moysés fez doce com a vara; e dalli passáram a Elim, onde acháram doze fontes de agua doce.

O Governador foi seguindo sua viagem com vento prospero, e em poucos dias chegaram a Maçúá, e achou todos os soldados alevantados contra Mauoel da Gama, que era hum Fidalgo tão forte, e trabalhoso de condição, que não se podia soffrer,

pelo que se lhe foram oitenta homens pera o Preste, e no caminho foram roubados, e mortos, e elle tirando devassa do caso, enforcou cinco homens, que achou que sabiam de sua fugida, que o Governador achou ainda na forca, que estava na praia.

Estes homens, segundo todos dizem, foram enforcados sem culpa, e á hora de sua morte emprazáram a Manoel da Gama, que antes de hum mez endoudeceo, e morreo, indo já o Governador sahindo pelo Estreito fóra, e o mandou enterrar em huma daquellas Ilhas da boca. Tanto que o Governador chegou a Maçuá, que soube do caso, sentio-o muito, e dissimulou-o, porque Manoel da Gama era seu tio. Chegou o Governador aqui alguns dias já andados de Junho, e deixou-se ficar esperando a monção pera a India.

CAPITULO X.

De todos os Imperadores Christãos da Ethyopia, que reináram depois que se descobrio a India: e das guerras que lhe fez El-Rey de Adel, tomando-lhe a mór parte de seu Reyno: e de como a Rainha mãi d'El-Rey, sabendo estar o Governador em Maçua, o mandou visitar, e pedir-lhe soccorro.

JA' que havemos de tratar das cousas da Abasia daqui por diante, pareceo-nos bem fazermos huma breve relação de todos aquellos Imperadores, de que tivemos conhecimento, e noticia até agora, porque com o favor Divino pelo decurso da historia iremos continuando com os que succedêram.

Pelo que se ha de saber, que nos annos do Senhor de 1488 mandou El-Rey Dom João o II. de Portugal a descobrir o Preste João, pela fama que confusamente andava na Europa delle. Reinava naquelle tempo sobre toda aquella Ethyopia o Imperador Escander (por outro nome Alexandre) que falleceo naquelle tempo, em que D. Vasco da Gama foi a primeira vez descobrir a India. A este succedeo seu filho Naut, que reinou doze annos, e por sua morte ficou seu filho David menino debaixo da tutoria de sua mãi Helena, (que he aquella, que mandou a

Portugal o Embaixador Mattheus , que foi aquelle, que o anno 1515 levou consigo Dom Rodrigo de Lima , quando ElRey D. Manoel o mandou por Embaixador ao Preste ; e já quando lá foi , governava o David , que viveo pouco depois. A este succedeo Unag Sagad seu filho , que morreo perto dos annos do Senhor de 1531. Ficou-lhe succedendo no Reyno seu filho Atanad Sagad , (que he este com quem havemos de continuar ,) que por outro nome se chamava Claudio , e assim o nomeam o P. Francisco Alvares , Castanheda , e Pedro Mafco.

Este tambem ficou moço por morte de seu pai , que já em sua vida trazia grandes guerras com hum Rey Mouro vizinho , chamado Gradá Amed , que reinava naquella parte , a que os Geografos chamam Troglodita , e tinha sua Corte na Cidade de Zeilá , e chama-se aquelle Reyno de Adel. Este havia poucos annos que se tinha feito vassallo do Turco Soleimão , sendo-o antes dos Imperadores da Ethyopia , sobre o que eram todas as guerras com ElRey Claudio , ou com seu pai. Vendo agora o Rey menino , e em poder de tutores , como era sagaz , entendeu que aquillo era muita parte de destruição dos Reynos ; pelo que ajuntou grandes exercitos , com que entrou por toda a Ethyopia , conquistando , e senhoreando tu-

do por onde passava, destruindo, e assolando os Templos, cativando, e maltratando os Religiosos, fazendo-se em poucos annos senhor da mór parte daquelle Imperio.

O Imperador Claudio recolheo-se pera aquella parte do Reyno de Goiame, e a Rainha sua mãe com o Barnagais se metteo em huma serra, chamada Damá, que a natureza fez sobre todas as do Mundo inexpugnavel, por esta maneira. Vai subindo esta serra do meio de hum campo grande em igual distancia hum bom pedaço, em cima se vai estendendo huma planicie em fórma circular, lançando pera todas as partes hum capello, que quer imitar a fórma de hum sombreiro, com a cópa virada pera baixo, e a roda toda de cima he huma planura, que terá huma muito boa legua de largura. E assim como o sombreiro virado com as abas por cima, lança aquellas fraldas pera fóra, assim esta serra lança aquelle capello tão direito, e igual, que parece que o tallharam á mão, não deixando lugar pera se poder subir assima, senão por huma só parte, polo que se sóbe em caracol com trabalho, até chegarem assima á aba, onde a natureza parece que deo hum golpe com huma tisoura, deixando naquelle capello huma pequena abertura, como escotilhão de navio pera entrarem por elle; e pera isso he

ne-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

necessario lançarem de cima huma padiola com huma corda grossa, em que deitada a pessoa, he alada assima, e nesta parte tem humas portas de ferro pera defensão da subida, sem embargo de ninguem poder ir assima, senão for levado na padiola. Tem esta terra no cume huma boa povoação com hum Templo de Religiosos, em que haverá perto de sincoenta. Tem grandes cisternas, em que se recolhe agua da chuva, a fóra algumas alagôas, que o inverno faz, em que bebe todo o gado grosso, e miúdo, que em cima ha de continuo. No plano de cima semeão tanto mantimento de toda a sorte, que bastantemente póde sustentar cada anno quinhentos homens, o que a faz ser muito mais forte, porque nem por guerra, nem por fome póde ser tomada. E por ser tal, costumam os Imperadores da Etyopia recolher nella todos seus filhos, tirando o herdeiro, e alli vivem como fechados, e encarcerados, sem poderem perpetuamente sair dalli, (o que fazem pera evitar divisões entre os irmãos.) Aqui tem Paços grandes, com seus jardins pera sua recreação.

Esta terra escolheo a Rainha, que se chamava Sabani, e por outro nome Elifabel, com suas mulheres, e familia, com o Barnagais, assim por forte, e segura, como por de todo não desamparar aquella parte, onde

de já não havia outra cousa por conquistar dos Mouros senão ella. Assim estava este Imperio de Christãos no mais miseravel estado, em que nunca se vio, porque não havia Templo em pé, nem Religioso recolhido, por todos andarem pelos desertos desagazalhados, e desconsolados. E chegando as novas á Rainha de como huma Armada de Portuguezes estava em Maçuá, e que o Governador da India hia nella, despedio com muita pressa o Barnagais ao visitar, e a lhe apresentar as necessidades em que estava; e havendo poucos dias que o Governador era chegado de Suez, chegou elle a Maçuá, mandando-lhe diante recado de sua ida. O Governador tanto que foi avisado della, mandou armar tendas em terra pera o receber, tendo consigo o Patriarca, e todos os Fidalgos, e Capitães, mandando embandeirar toda a Armada, e toda a gente della posta em fileiras, e ordenanças diante de sua tenda, e assim o esperou com grande magestade.

Chegado o Barnagais, o Governador o sahio a receber fóra de sua tenda, fazendo-lhe grandes honras, e gazalhados, e a Armada toda lhe deo sua salva. Recolhidos pera dentro, depois de assentados ambos em cadeiras de espaldas, o Barnagais com huma Cruz de páo na mão, perante os Fidal-

gos,

gos, que estavam em pé derredor do Governador, lhe deo sua embaixada, cujo theor era :

» Que a Rainha Sabani mãe d'ElRey Athana Sagad lhe mandava os parabens de sua vinda áquellas partes, e que lhe fazia a saber, que ElRey de Zeilá com o favor dos Turcos tinha entrado por todo o Imperio da Ethyopia, e ganhados muitos Reynos, e Provincias, e destruido todos os Templos Divinos, e avexados os Religiosos, pelo que estava no derradeiro estremo de se perder toda aquella Christandade. E que pois elle era Christão, e todos de huma mesma Lei, e Deos o trouxera áquelle tempo, cousa que parecia mi lagrosa, lhe pedia por aquella Cruz, em que Christo padeceo, a quizesse soccorrer, porque de todo se não perdessem as reliquias daquella Christandade: que Deos nosso Senhor teria cuidado de lhe pagar aquelle tão grande serviço seu; e que elle trazia ordem pera dar todas as cousas que fossem necessarias pera a jornada, pera toda a gente que fosse.» Isto lhe disse com tão efficazes exteriores, e ainda interiores de tristeza, que o corpo lhe tremia, e os olhos eram vivas fontes.

O Governador D. Estevão da Gama com o barrete fóra tomou a Cruz, e a beijou,

e a poz sobre sua cabeça, e depois confo-
 lou o Barnagais, e lhe disse: » Que se ha-
 » via por muito ditoso em ter vindo a tal
 » tempo áquellas partes, em que pudesse fa-
 » zer tamanho serviço a Deos, e ao Impe-
 » rador da Ethyopia, e cumprir em parte
 » com os desejos que ElRey de Portugal seu
 » Senhor tinha áquelles Imperadores, que
 » por serem Christãos os amava, e tinha co-
 » mo irmãos; que se agazalhasse, que tra-
 » taria com seus Capitães aquelle negocio,
 » e que logo lhe responderia. » O Barnagais
 se lhe humilhou todo; e sabendo que aquel-
 le era o Patriarca, que o Summo Pontifi-
 ce de Roma mandava pera aquelle Imperio,
 ajoelhou-se a seus pés, e tomou sua benção;
 e despedindo-se do Governador, foi-se apo-
 sentar na Cidade que era perto.

CAPITULO XI.

*De como se assentou, que se désse soccorro á
 Rainha: e de como o Governador Dom
 Estevão da Gama elegeo pera aquella jor-
 nada seu irmão D. Christovão da Gama:
 e do que lhe aconteceu até se ver com a
 Rainha.*

DEspedido o Barnagais, chamou o Go-
 vernador todos os Capitães a conselho,
 e lhes propoz a embaixada da Rainha, e as

necessidades daquella Christandade , pedindo-lhes conselho sobre o que faria. Debatido por todos aquelle negocio , assentáram , que era muito juízo que se soccorresse aquelle Rey , pois era Christão ; e pera que vissem os naturaes a conta que tinham os Portuguezes com as cousas de sua Religião , que se mandasse em favor da Rainha hum Capitão com quatrocentos homens , e com todas as cousas , que lhe fossem necessarias pera aquella guerra. E como antre todos causou grande alvoroço aquelle negocio , os mais daquelles Fidalgos se foram offerecer ao Governador pera aquella jornada ; mas o Governador sem dar conta a pessoa alguma , elegeo D. Christovão da Gama seu irmão , o que todos tomáram mal , não porque não tivesse todas as partes necessarias a hum bom Capitão , mas porque era ainda muito manco.

O Governador lhe nomeou quatrocentos homens , repartidos por cinco bandeiras , de que fez Capitão Manoel da Cunha , irmão de Vasco da Cunha , João de Affonseca , Francisco , e Inofre de Abreu , ambos irmãos , e Francisco Velho da criação do mesmo D. Christovão. Cada hum destes levava cincoenta homens , e o Capitão mór ficou com os cento e cincoenta pera guarda da bandeira de Christo. Os soldados destas com-

panhias eram dos melhores da Armada, que se foram offerecer pera aquella jornada. O Governador mandou ordenar oito peças de artilheria de campo, e cem mosquetes acartados, e muitas munições; e além das armas, que os soldados levavam suas, mandou o Governador dar outras tantas de sobrecelente, espingardas, peitos, morriões, e todas as mais cousas, que lhe parecêram necessarias em abastança.

Prestes tudo, deo o Barnagais todos os servidores, camellos, mulas, bois, e mais cousas pera a fabrica do exercito. E aos seis dias do mez de Julho mandou o Governador que começassem a marchar, despedindo todos com muitas benções, e com seu irmão se apartou por aquella praia sós, onde se despediram com grandes saudades, e lagrimas, como que lhe adivinhava o coração que se não haviam de ver mais; porque com os derradeiros abraços, se viraram as costas com muitos soluços. Recolheo-se o Governador pera o seu galeão, e Dom Christovão foi hum pedaço pela praia só desabafando em suspiros, e dalli se foi a dar ordem ao exercito, que já começava a marchar. O Patriarca hia entregue ao Barnagais, que lhe deo mulas pera elle, e pera os seus servidores, e assim mesmo todas as cousas bastantemente. Indo o exercito seu caminho,

tanto que se affastáram da praia , entráram por humas ferranias mui asperas , e fragor-
fias , e aquella noite se recolhêram ao pé
dellas.

Ao outro dia começáram a marchar ; e
como o Sol sahio , (que naquelle tempo an-
dava no Tropico de Cancro , debaixo de
quem aquellas terras jazem , e ficava per-
pendicular sobre suas cabeças ,) era a quen-
tura tão excessiva , que os abrazava , e pera
mór ajuda a agua era pouca , de maneira ,
que passáram muito grande trabalho. Depois
de se recolherem com cedo , tomando pare-
cer sobre o que fariam , assentáram , que ca-
minhassem de noite , e se recolhessem de dia ,
porque o ardor do Sol não se podia espe-
rar , e assim o fizeram. E como hiam por
aquellas terras , foram dar em hum passo tão
estreito , e ingreme , que lhes foi necessario
descarregarem os camellos , e mulas , e pas-
sarem os soldados toda a artilheria , muni-
ções , e mais fabrica ás costas , sendo Dom
Christovão o primeiro que ferrava do traba-
lho , com tamanha alegria , que fazia a todos
sentirem aquillo menos. Seis dias tardáram
em passar estas agruras , e ferranias , sendo
jornada de dous de hum homem escoteiro.
Descidos os montes á outra banda , deram
nas grandes campinas de Baroá , cabeça do
Estado do Barnagais , que víram todas retas-

lhadas de muitas, e frescas ribeiras, e assim eram todas aquellas terras fertilissimas de mantimentos, e gados. Por alli foram caminhando dous dias, e no cabo delles chegaram á Cidade de Baroá, que era muito grande, e de formosos edificios. Por meio della atravessava hum muito grande rio, que de continuo trazia muitos, e bons pescados, que se espalhava por todos aquelles campos em muitos braços, e pelas margens havia muitas Villas, Castellos, quintas, e casas de prazer, que tudo estava destruido, e desbaratado com as guerras.

Ao entrar da Cidade, mandou D. Christovão pôr as bandeiras em ordenança, e elle com a de Christo, e com elle o Patriarca detrás. A' porta da Cidade acháram muitos Frades, e Religiosos em procissão, cantando as Ladainhas. Chegados a D. Christovão, e ao Patriarca, deitáram-se-lhes aos pés, abraçando-lhos, e pedindo-lhes misericordia; elles os levantáram com muitas lagrimas de prazer de se verem naquelle estado.

O seu maioral começou a engrandecer com palavras a D. Christovão, dizendo-lhe:

» Que aquella sua vinda era obra de Deos

» nosso Senhor, que como seu Apostolo o

» mandava remir tantas avexações, quantas

» havia quatorze annos que padecia aquella

» Christandade, por mãos de Mouros inimigos.

» gos de sua Fé ; que tinham postos todos
 » aquelles Christãos em huma miseravel ser-
 » vidão , e os Templos , e Conventos de
 » sua Christianissima Religião destruidos , af-
 » solados , e convertidos em casas de abor-
 » minações ; e que não havia em todo aquel-
 » le Imperio Templo alevantado , em que
 » pudessem offerecer seus Sacrificios ao Al-
 » tissimo Deos , de cuja parte lhe pedia tor-
 » nasse sua honra a seu lugar , e que resti-
 » tuisse aquella terra á sua antiga liberdade. »
 Isto disse com tanta dor , e mágoa , que mo-
 veo a todos a lagrimas. D. Christovão dis-
 se : » Que se consolassem , e tivessem espe-
 » ranças em Deos nosso Senhor , que elle era
 » o que lhes havia de dar forças , e poder
 » pera castigar seus inimigos.

Acabado isto , foram caminhando pera a
 Igreja , que estava toda arruinada , e pare-
 cia que já fora cousa grande , assim em edi-
 ficios , como em columnas , e portaes , de
 que ainda havia muitos sinaes. Aqui tinham
 os Religiosos huma Capella cuberta de pa-
 lha , em que diziam Missa ; nella fez Dom
 Christovão oração , e tornou a voltar pera
 fóra da Cidade , onde tinha mandado armar
 suas tendas.

Agazalhados todos , mandou D. Chri-
 stovão fortificar o seu arraial com fossas , e
 vallos fortes , assentando sua artilheria nos lu-

lugares necessários , e repartindo os Capitães por estancias , que cercavam todo o arraial. O Barnagais começou a correr com os mantimentos , dando cada dia oito vaccas , e dous bolos de milho , e nachinim grandes a cada pessoa , que lhes bastava bem , e as vaccas tambem se repartiam por todos. A D. Christovão deram-lhe novas , que os Mouros andavam por alli perto ; e chamando o Barnagais , e mais Capitães Abexins , praticou com elles sobre o modo que teria naquella jornada ; se esperaria pelo Imperador , ou se iria buscar os inimigos ? O Barnagais lhe disse : » Que o Imperador estava muito » longe , e que havia mister dous mezes pe- » ra lhe levarem o recado ; que aquillo era » inverno , que se não podia andar pelas ter- » ras por serem alagadiças ; que era de pa- » recer , que se deixassem estar naquelle lu- » gar até vir o verão , que era ordinario en- » trar por todo o mez de Outubro , e que » entretanto se podiam commetter os inimi- » gos com alguns assaltos , pera satisfazer a » vontade dos soldados Portuguezes , que se » enfadavam de estar ociosos ; e que se man- » dasse buscar a Rainha pera andar no exerci- » to , porque como por todo o Reyno se sou- » besse estar em companhia dos Portuguezes , » logo lhe acudiriam seus vassallos , e todos » os mantimentos , de que tivesse necessidade. »

Pareceo bem a D. Christovão, e a todos aquelle conselho, e logo despedio hum correio á Rainha, que estava dalli a hum dia de caminho, a fazer-lhe a saber de sua vinda; e a pedir-lhe que se quizesse vir pera elle; e pedio ao Barnagais, que fosse após o correio pera a fazer vir, e acompanhar; e mandou Miguel da Cunha, e Francisco Velho, que fossem com elle com os seus soldados, pera virem acompanhando a Rainha. Tambem despedio D. Christovão correios, que o Barnagais ordenou com cartas pera o Imperador, em que lhe dava conta de todas estas cousas, e lhe pedia se viesse ajuntar com elle, porque esperava em Deos de desbaratar seus inimigos, e de lhe dar seus Reynos livres, e quietos.

O Barnagais com os Capitães Portuguezes chegaram ao pé da serra onde estava a Rainha, que já tinha o primeiro recado de D. Christovão, e estava com grande alvoroço; e vendo-se o Barnagais com ella, deo-lhe conta de tudo o que passava, e com muito alvoroço mandou chamar os Portuguezes assim, a quem ella recebeu com muitas honras, e os mandou agazalhar bem, em quanto se fazia prestes, mandando logo dar pressa pera ao outro dia se partir, como fez, deixando alli sua mãe (que ainda era viva) em companhia de seus filhos. Le-

vava a Rainha grande casa de Donas, donzellas, e servidores de continuos della; e no meio dos Portuguezes foi caminhando pera Baroá. D. Christovão foi avisado de sua vinda, e preparou-se pera a receber, esperando-a fóra do exercito com toda a gente posta em ordenança, e elle vestido muito lousamente; e em apparecendo a Rainha, começaram os nossos a dar-lhe huma formosa salva de artilheria, e arcabuzaria, cousa que ella estimou muito, porque nunca tal ouvira.

A Rainha foi entrando por antre as fileiras, que a foram salvando de todas as partes. Vinha em huma formosa mula com huma maneira de andilhas, cubertas de seda até o chão, com hum esparavel, que se armava dos braços das andilhas, que se fechava todo á roda com cortinas de seda. A Rainha vinha vestida em humas roupas muito alvas, e por cima hum bedem de setim preto, com grandes cadilhos de ouro; trazia na cabeça huns toucados grandes, e alvos, e de cima da cabeça lhe cahia hum véo, que lhe cubria todo o rosto. Tanto que começou a entrar por meio das fileiras, deto-se o Barnagais, e a tomou pela redea, com o braço direito despido pera maior cortezia, e por cima das espadoas huma pelle de Tigre, e a cada estribeira hia hum Senhor dos principaes da mesma maneira. Ella cor-

reo as cortinas pera ir vendo os Portuguezes; e antes de chegar ao cabo das fileiras, onde D. Christovão estava com a bandeira Real, foi-se elle adiantando pera lhe fallar. O Barnagais a avisou de como elle era: pelo que ella, por lhe fazer honra, levantou o véo, e ficou com o rosto descuberto.

D. Christovão chegando a ella, humilhou-se-lhe, e ella o recebeu com grande gazarhado, e mandou-lhe perguntar pelo Governador da India seu irmão, e pela saude delle; elle lhe mandou dizer: » Que o Governador ficava bem; e que por entender o gosto que ElRey de Portugal seu Senhor tinha de em tudo ajudar, favorecer, e servir o Imperador seu filho, e a ella, e fazendo o trabalho em que estava, o mandára com aquella gente pera a acompañar, e que pera o anno esperava de lhe mandar maior poder; e que entretanto elle com aquelles soldados estava muito prestes pera tudo o que fosse serviço do Imperador seu filho, e seu della. » A Rainha com o rosto cheio de gazalhado lhe mandou dizer: » Que já agora tinha muita confiança em Deos N. Senhor, que as coufas da Ethyopia, que estavam tão derribadas, tornassem a levantar cabeça, e os inimigos de sua Fé pagassem as injurias, e affrontas, que tinham feitas a seus Templos, e a seus Fiéis.

Acabado isto , tornáram a dar outra salva; e D. Christovão foi a pé acompanhando a Rainha até suas tendas , que lhe tinham já armadas antre a Cidade , e o exercito. Dalli a dous dias a foi D. Christovão visitar , estando com ella o Barnagais , e outros Senhores Abexins , e alli tornáram a assentar , que passassem naquelle lugar o inverno , e que entre tanto viria recado do Imperador. Assim ficáram alli todo o tempo , que o inverno durou , correndo D. Christovão sempre muito pontualmente com o serviço da Rainha , e com o governo do seu exercito , de feição , que não houve pessoa que se escandalizasse , nem tivesse agravo de soldado algum seu em todo aquelle tempo .



DE-

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



DECADA QUINTA.

LIVRO VIII.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como Martim Affonso de Sousa foi eleito no anno de 1541 pera Governador da India: e de como ElRey mandou pedir a Roma Padres da Companhia: e quaes foram os primeiros que entraram em Portugal, e passaram á India: e do que aconteceu na jornada a Martim Affonso de Sousa até Moçambique, onde invernou.

PElas cartas que ElRey D. João o III. teve do Governador D. Estevão da Gama por terra, que chegaram este Outubro passado, soube da morte do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, e de sua successão, pelo que logo determinou de prover a India de Governador. E posto que

D. Estevão da Gama tinha na Corte dous parentes tão honrados, como o Conde da Vidigueira seu irmão, e o do Vimioso seu cunhado, (que trabalháram bem por lhe não mandarem successor,) todavia pode mais a valia do Conde da Castanheira, que então mandava tudo, e metteo naquelle lugar Martin Affonso de Souza, seu primo com irmão, que naquellas náos passadas tinha chegado da India tão honrado, e cheio de victorias. E posto que por então parecia que entrava valia naquella eleição, quanto á pessoa foi muito acertada, porque este Fidalgo tinha todas as partes necessarias pera o cargo, por cujo saber, e prudencia, depois, em quanto viveo, foi hum dos principaes do Conselho d'ElRey D. João, e de ElRey D. Sebastião seu neto.

E como ElRey nesta conquista da India tinha o intento principal na dilatação da Fé Catholica, vendo como nella hia crescendo aquelle grão de mostarda do Evangelho tanto, que começava a fazer sombra a todo aquelle Paganismo do Oriente, e que por falta de Ministro deixava de se estender ainda mais, vindo-lhe novas como os Padres da nova Companhia de JESUS começavam a florescer em letras, e doutrina, despedio correios apressados a Roma com cartas a D. Pedro Mascarenhas, que lá tinha por

Embaixador, pera que lhe houvesse do Summo Pontifice, e do Padre Ignacio de Loyola, Fundador desta nova Religião, seis Padres pera irem á India a prégar, affoprar, e accender o lume da Fé naquelles carvões apagados da Gentilidade do Oriente.

Era o Padre Ignacio, ou Ignigo, que era o seu verdadeiro nome, de nação Hespanhol, natural da Provincia de Guiposcoa, filho de Beltrão de Loyola, Senhor da Villa de Loyola, e cabeça daquella Familia, que era nobilissima, que arrebatado de hum amor, e caridade sobrenatural de Deos, e dos proximos, desejava de aproveitar, e não ser chamado servo inutil, sahio de sua patria, e nos annos do Senhor de 1538, no Pontificado de Paulo III, começou a dar principio áquella nova Companhia, pondo nella as primeiras plantas, não simples, nem tenras, que os ventos, e contrastes pudessem logo derribar, mas de Varões gravissimos, doutissimos, e de vida Apostolica; que logo começaram a espantar o Mundo com sua vida, e doutrina.

D. Pedro Mascarenhas; tanto que lhe deram as cartas d'ElRey, logo communicou aquelle negocio com o Padre Ignacio, que era seu Confessor, mostrando-lhe as cartas, e com muita instancia lhe pediu os seis Padres, que ElRey lhe encomendava. O

Padre Ignacio lhe disse: » Que communicaria
 » aquillo com o Summo Pontifice; mas que
 » não podia dar seis Padres por não terem
 » até então mais de dez. » Todavia D. Pedro Mascarenhas communicou aquelle negocio com o Papa, e elle lhe concedeo os Padres, que a Ignacio parecesse bem. Em fim elle elegeo pera aquella jornada os Padres Mestres Simão Rodrigues, e Mestre Francisco Xavier, e o Padre Micer Paulo, e o Irmão Francisco de Monsilhas; e fazendo-se todos prestes, partiram-se logo com Dom Pedro Mascarenhas, que já estava aviado.

E chegando a Lisboa, acharam as náos de verga d'alto. ElRey recebeo bem os Padres, e vendo sua doutrina, pedio ao Padre Mestre Simão Rodrigues, que ficasse naquelles Reyno, e os mais mandou embarcar com Martim Affonso de Sousa. O Padre Mestre Simão fundou logo o Collegio de Coimbra, que foi o primeiro que os Padres tiveram em toda a Christandade, tirando o de Roma. O Governador Martim Affonso de Sousa deo á véla a sete de Abril deste anno de 1541, e hia embarcado na náo Sant-Iago. As mais náos eram quatro, de que hiam por Capitães D. Alvaro de Taíde da Gama, filho do Conde Almirante, que hia provído da Capitanía de Malaca, Alvaro Barradas, Francisco de Sousa, e

Luiz Cayado, cunhado de Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Affonso de Sousa. Embarcáram-se nesta Armada muitos Fidalgos, que hiam servir, e merecer. Antre elles foram D. João Pereira, e D. Duarte de Menezes seu irmão, filhos do Conde da Feira.

Este D. Duarte era mancebo, grande cortezão, e de quem se contam muitas galanterias, e huma só que nos occorreo trataremos pera mostrar o seu brio. Sendo o Governador Martim Affonso de Sousa hum tarde do inverno no campo, foi este Fidalgo em busca d'elle, e achou-o lançado na relva com os Fidalgos em conversação, e descavalgando, foi-se pera elle. O Governador o recebeu com grande gazalhado, perguntando-lhe: *Donde vem V. m. Senhor Dom Duarte?* Ao que lhe respondeo com muita graça: *De lá venho de tres, ou quatro Condes.* E assim era, porque era filho, e neto do Conde da Feira, e do Conde Prior D. João de Menezes. Outra galanteria quasi semelhante aconteceu em outra tarde destas a Bernaldim de Sousa, filho do Alcaide mór de Arronches, que era muito grande cortezão, e muito gago. Tinha elle muitas vezes porfias com o Governador Martim Affonso de Sousa sobre qual era o chefe dos Souzas. Bernaldim de Sousa dizia, que

que o Morgado de Arronches , e Martim Affonso , que a Casa do Prado. E chegando humta tarde o Bernaldim de Sousa ao campo em busca do Governador , levantou-se elle ao receber , dizendo pera os outros Fidalgos: *Aqui vem o Senhor Bernaldim de Sousa , que he dos chefres dos Souzas ;* ao que elle respondeo gaguejando : *Esse offo haveis vós de roer.* Festejou-se muito a resposta , como tambem a de D. Duarte affirma.

E tornando a nosso fio , Martim Affonso de Sousa foi seguindo sua derrota , em que teve tantos contrastes , que quando foram todas as náos ferrar Moçambique foi já em Setembro , e por não ser tempo de passar á India , deixou-se ficar pera a monção de Março. Estava João de Sepulveda por Capitão de Moçambique , que o recebeu muito bem , e havia pouco que succedêra na Capitania a Aleixos de Sousa , que tambem alli estava pobre , por ter gastado tudo em serviço de Deos , e d'ElRey , como dissemos no Cap. IX. do III. Liv. O Governador estimou muito achallo alli , porque eram parentes , e amigos , e por sua honra , esforço , e saber ; ficando todos correndo com muitos , e grandes primores. E aqui os deixaremos até tornar a elles.

CAPITULO II.

De como o Governador D. Estevão da Gama partio pera a India: e do que lhe aconteceu na jornada até chegar a Goa: e de como partio pera Cochim: e das náos que negociou pera mandar ao Reyno por faltarem todas as de viagem.

Desejoso o Governador D. Estevão da Gama de chegar a Goa antes das náos do Reyno, tanto que despedio seu irmão D. Christovão, mandou fazer prestes a Armada, e por fim de Julho se fez á véla, e foi tomar Sacotorá, onde fez agua, e se proveo de mantimentos. E partindo dalli, lhe deo hum tempo tão grosso, e tormentoso, (por ser a despedida do inverno da India,) que espalhou toda a Armada, e foi cada hum correndo por onde melhor pode á vontade dos ventos, perdidos, e alagados muitas vezes.

A galeota de Gaspar de Sousa, logo no primeiro dia, não podendo soffrer os mares, abrio por ser velha, e foi comida delles, acabando elle alli com seu irmão, e outros Fidalgos, que hiam embarcados com elle. Desappareceo mais a fusta de Alvaro Serrão; todas as outras foram alagadas, e cubertas dos mares muitas vezes, e as que

puderam surdir, os galeões trabalháram por se pôrem por suas esteiras, porque ficavam os mares maçados, e quebrados, com o que tinham mais algum folego, não largando as bombas das mãos, nem de dia, nem de noite, comendo pouco em pé, e dormindo muito menos, tudo com tanto trabalho do corpo, e do espirito, que não havia homem que se pudesse menear, e que não fosse desconfiado da vida, fazendo muitos votos, huns de Religião, outros de castidade, outros de romarias, conforme a como Deos os movia.

Antre estes houve hum soldado, que por galanteria fez voto a Deos, se o livrasse daquella tormenta, de casar com D. Leonor, filha de Garcia de Sá, (que era a mais formosa Dama, que naquelle tempo havia na India, que depois casou com Manoel de Sousa de Sepulveda, que se perdeu com ella no Cabo de Boa Esperança, como em seu lugar diremos.) Depois da Armada chegar a Goa, contáram a Garcia de Sá o voto do soldado, o que elle festejou tanto, que o mandou buscar, e lhe perguntou por cousas da jornada, de que lhe elle deo boa razão, dizendo-lhe que aquelle inverno se encheriam os Mosteiros de soldados, pelos muitos votos que se fizeram na tormenta. E vós (disse Garcia de Sá) fizestes alguns? O

soldado lhe disse rindo: *Hum fiz, Senhor, que não posso cumprir, posto que da minha parte estou muito prestes.* E apertando Garcia de Sá com elle, lho contou, e elle lho festejou muito, e disse ao soldado, que pois em tal tempo lhe vieram pensamentos tão honrados, que era justo lhe montassem alguma cousa. E chamando hum homem, que tinha cuidado de sua casa, chamado Francisco Nunes, lhe mandou que agazalhasse comsigo aquelle soldado, e lhe dêsse de comer como a sua propria pessoa, e que lhe dêsse logo cem pardãos em dinheiro, e lhe fizesse hum caixão de fato pera sua pessoa, o melhor que pudesse ser. E disse ao soldado, que se agazalhasse, e que em quanto quizesse teria alli certo o necessario, e como se lhe acabasse o dinheiro, lhe dêsse de olho, que logo sería provido. E assim todo o tempo que viveo foi muito bem tratado delle, e muito conhecido de todos pelo soldado de Garcia de Sá; e depois que succedeo na Governança da India, lhe deo huma Escrivaninha do galeão de Maluco, e morreo por lá. Trouxemos isto pera que se veja o como os Fidalgos daquelle tempo tratavam os soldados, e os agazalhavam.

Tornando ao Governador D. Estevão da Gama, foi correndo a tormenta; e posto que o seu galeão era formoso, e grande,

de, elle, e todos os mais se víram muitas vezes perdidos, seguindo-os sempre alguns, que pudéram aturar o forol. E no fim de Agosto foi o Governador tomar Angediva com a mór parte dos galeões; a mais Armada, huns tomáram a barra de Goa a Vella, outros foram tomar Baçaim, Bombaim, e outros pórtos. O Governador embarcou-se logo em alguns navios de remo, que o seguiram, e entregou a Armada a Manoel de Vasconcellos, e com os mais Fidalgos de sua companhia se partio pera Goa; e os soldados dos galeões como hiam enfadados, ajuntando-se alguns magotes, partíram-se por terra pera Goa, pera onde passáram sem lhes fazerem damno, nem descortezia alguma.

O Governador poz dous dias até Goa, e foi muito bem recebido da Cidade, e ficou esperando pelas náos do Reyno todo o Setembro: e parecendo-lhe que iriam tomar Cochim, determinou de as ir lá esperar, por que se lhe viesse successor, se embarcasse pera o Reyno, e quando não, dar aviamento á carga das náos. E primeiro que partisse, mandou fazer prestes hum galeão pera mandar ao Reyno dalli de Goa por via de Moçambique pera mór brevidade, e deo a Capitanía delle a D. Francisco de Lima, escrevendo a ElRey o successo de sua jornada, e aos Condes da Vidigueira, e do Vi-

Couto. Tom. II. P. 11.

M mio-

N IMPRENSA
NACIONAL

mioso, a quem encomendou seus negócios. Este galeão deixou o Governador prestes para se partir entrada de Outubro, dando por regimento a D. Francisco de Lima, que trabalhasse por chegar ao Reyno antes que as náos fossem partidas. E elle se embarcou para Cochim, despachando primeiro D. Francisco de Menezes para ir entrar em Baçaim, e acabar seu tempo. Levou o Governador seis galeões, e perto de trinta navios de remo; e como levava vento fresco, em poucos dias foi a Cochim, onde não achou náos, o que o metteo em confusão, por não saber o que seria feito dellas, porque não haviam de deixar de partir de Portugal; pelo que determinou de mandar duas náos com pimenta, que já estava comprada, para ajuda das despesas do Reyno, porque havia de estar em necessidade; pelos excessivos gastos que tinha feitos os annos atrás passados nas grandes Armadas que á India foram. E assim com muita pressa mandou negociar huma não pequena, que comprou a hum casado de Cochim, a que pôz nome *S. Thomé*; a Capitania della deo a D. João Deça, e o galeão Zambugo, que Ruy Lourenço de Tavorá tomou em Agaçaim, que sahio de manhas excellentes; cuja Capitania deo a João de Mendoça Casão.

E

E porque sobejava pimenta , negociou mais huma caravela das que comsigo levou , que deo a D. Pedro de Castello-branco , que tinha sahido da fortaleza de Ormuz , de quem elle era muito amigo. Estes tres navios se negociaram com tanta brevidade , que na entrada de Janeiro deste anno de 1542 , em que com o favor Divino entramos , se fizeram á véla. Embarcaram-se muitos Fidalgos nellas , e só na S. Thomé com Dom João Deça , foram D. João Manoel Labastro , D. Diogo de Almeida , filho do Contador mór , D. João de Castro , D. Bernardo de Noronha , D. Jorge de Sousa , Dom Jorge Tello , D. João Lobo , Manoel de Mendouça , e outros.

E porque não havia tantos marinheiros , e grumetes , tomaram estes Fidalgos todo o trabalho da náó á sua conta , repartindo entre si as cousas mais necessarias , por esta maneira. Dous delles os amantilhos , outros dous as escotas das gaveas , outros dous os estingues , hum o cabrestante da prôa , outro o de poppa ; e assim toda a viagem acudiram a estas cousas com seus criados com tanta diligencia , e presteza , que o não pudéram fazer melhor muito expertos marinheiros , e por esta razão se chamou esta náó a dos Fidalgos , e tiveram tão boa viagem , que chegaram a Portugal na entrada de Julhó. O

Governador D. Estevão da Gama, depois de dar aviamento ás náos, vendo que forçado as de viagem que faltavam haviam de estar em Moçambique, despedio logo hum galeão, de que fez Capitão Luiz Mendes de Vasconcellos pera ir lá, dando-lhe por regimento, que se achasse as náos lhe tornasse os cofres do cabedal, e se tornasse a invernar á India, pera com o dinheiro ser negociada a pimenta pera a carga de ambas as Armadas, que haviam de chegar em Setembro, assim a que estava invernada, como a que havia de vir, e partir em Março; e de sua viagem adiante daremos razão.

Depois do Governador D. Estevão da Gama partir de Goa, chegaram navios de Ormuz, que deram por novas, que Martim Affonso de Soufa era partido do Reyno por Governador da India; estas novas se souberam por cartas de Veneza. Estava em Goa hum Fidalgo, chamado Diogo Soares de Mello, Gallego, grande Cavalleiro, que não era amigo do Governador D. Estevão da Gama, e era-o muito grande de Martim Affonso de Soufa. Este sabendo as novas, e entendendo que havia de estar em Moçambique de invernada, negociou huma galeota em segredo, e partio-se em Dezembro pera o ir buscar.

E primeiro que entremos em outra parte-

teria , será bem que demos conta da viagem de todas estas náos brevemente ; e primeiro continuaremos com D. Francisco de Lima , que partio de Goa. Este Fidalgo foi seguindo sua derrota , e na entrada de Dezembro foi tomar Moçambique , onde achou Martim Affonso de Sousa tal , que lhe não fallou por estar com humas grandes febres , e frenesis , rapado da cabeça , e barba , e quasi na derradeira. D. Francisco de Lima fez aguada , e foi seguindo sua jornada até chegar ao Reyno , e entrou por Lisboa em Abril , depois da Armada partida pera a India.

Foi este Fidalgo muito bem recebido d'ElRey , e por elle soube muito particularmente as novas da India , e lhe affirmou que Martim Affonso de Sousa sería morto , pelo estado em que o deixára em Moçambique. As outras náos que partíam de Cochim chegaram a salvamento , só a caravela de D. Pedro de Castello-branco encontrou na volta das Ilhas dos Aflares huns navios Francezes , que o abordáram , e entráram , roubando-o , e tomando-lhe tudo o que levava , e assim chegou ao Reyno , e logo se passou a França com cartas d'ElRey a requerer sua fazenda , porque fora roubado , havendo pazés antre aquelles dous Reys. Este Fidalgo andou na Corte de París mui-

to tempo, requerendo áquelle Rey lhe mandasse fazer restituição de sua fazenda, sobre o que elle (segundo dizem) mandou fazer diligencias dissimuladas, sabendo elle muito bem o que lhe fizeram, e tendo quinhão nas peças, que lhe tomáram; e D. Pedro lhe conheceo humas estribeiras de ouro, e hums anneis ricos. Estando hum dia em praticas com elle, desculpando-se elle, que se não achava rasto de cousa alguma, nem elle sabia donde aquillo podia vir, lhe respondeo D. Pedro: » Como, Senhor, dizeis isso? se » as estribeiras que o outro dia levastes eram » minhas, e esses anneis que tendes nos dedos eu os mandei fazer? » No que isto parou não soubemos cá na India, onde escrevemos isto; sómente nos parece ouvir em Portugal dizer, que algumas peças, e fazendas lhe tornáram, porque depois viveo este Fidalgo rico, e por sua morte ficou seu filho D. Antonio de Castello-branco com muita renda, e casa, e casou com hum filha do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, cujo casamento os pais delles fizeram na India, de quem se não logrou tres mezes. E conta-se delle esta grandeza, que depois da mulher falecer, deixando-o a elle por herdeiro de tudo, tomou o casamento que lhe deram em dinheiro, (que eram quinze mil cruzados,) e os mandou a D. Alvaro seu cunha-

nhado, mandando-lhe dizer, que tinha escrupulo de comer aquelle dinheiro, que seu pai D. Garcia ganhára, e que sua filha tão mal lográra. Foi D. Pedro de Castello-branco casado com huma filha de João Brandão, neta do grande Duarte Brandão.

E tornando á nossa historia, partido Diogo Soares de Mello na galeota, chegou a Moçambique em Janeiro, e já achou Martim Affonso de Sousa são, que o recebeu muito bem, e estimou muito sua vinda. Logo depois d'elle chegou Luiz Mendes de Vasconcellos, a que o Governador Martim Affonso de Sousa não fez muita festa, e mandou metter o galeão dentro, negociando-se pera se partir em Março por lhe Diogo Soares de Mello facilitar a jornada.

C A P I T U L O III.

De como o Nizamoxá tomou as fortalezas de Sangacá, e Carnalá, que eram do Estado de Cambaya: e de como D. Francisco de Menezes Capitão de Baçaim foi socorrer os Senhores dellas, e as tornou a ganhar: e da Doação que dellas fizeram a ElRey de Portugal.

Vendo o Nizamoxá as grandes revoltas que estes annos passados houve no Reyno de Cambaya com a morte de Soltão

Ba-

NACIONAL

Badur, desejou de haver ás mãos duas fortalezas daquelle Reyno, que estavam nos extremos de seus Reynos sobre duas altísimas ferras, que subiam como pyramides, em cujo cume estavam anibas, muito fortes, assim por sitio, como por artificio, que se chamavam Sangaçá, e Carnalá, pouca distancia huma da outra, que apparecem a quem vai pelo rio de Bombaim dentro. Estas duas fortalezas tinha Soltão Badur dadas a dous Mouros seus vassallos, chamados Nacodá Amorgim, e Atridican, que nellas residiam com gente de guarnição, e comiam muitas aldêas, que havia por derredor de sua jurdição. Estes dous Castellos tinham os Reys de Cambaya naquella parte, como dous marcos dos extremos do seu Reyno, e do Nizamoxá. E trazendo este Rey o olho sobre ellas havia muito, desejando alguma occasião pera as haver ás mãos, veio-lha offerer o tempo na entrada deste verão em que entramos, com serem ausentes estes Capitães, que se apoderáram dellas. Quando os dous Mouros Amergim, e Atridican tornáram de Cambaya, e as acháram tomadas, não tiveram outro remedio mais que valerem-se de D. Francisco de Menezes, Capitão de Baçaim, que havia pouco era chegado áquella fortaleza, pedindo-lhe ajuda pera as tornarem a ganhar, obrigando-se

se a se fazerem vassallos d'ElRey de Portugal.

Esta obrigação, nem os pontos della não apparecem, nem nós o sabemos, só sabemos que ajuntou D. Francisco de Menezes trezentos Portuguezes, e alguns peães da terra, e embarcando-se em muitos navios foi pelo rio dentro desembarcar ao pé daquellas fortalezas, e pondo sua gente em ordem, fez della tres bandeiras, de que deo as Capitanías a D. Jorge, e a D. Aleixo de Menezes seus sobrinhos, e a outra tomou pera si, e toda a gente da terra hia debaixo da bandeira de Pero de Lemos, Tanadar mór das terras de Baçaim, e os dous Capitães Mouros com sua gente, que seriam perto de quatrocentos homens. D. Francisco de Menezes deo a dianteira a D. Aleixo de Menezes, que começou logo a marchar pela serra affima, indo todos devagar por chegarem folgados, e pôstos em sima, commettêram a fortaleza de Carnalá cercanda á roda, e encostando-lhe logo muitas escadas, que pera isso levavam, a commettêram com grande impeto, pondo-se logo em sima dos muros. Os de dentro vendo a determinação dos Portuguezes, cortados de medo se lançáram por huma parte, que hia a pique serra abaixo, e perigando alguns, os mais se acolhêram, fi-

cando a fortaleza vasia, que logo foi entrada.

E deixando-lhe dentro guarnição, foram logo em fresco commetter a de Sangaçá, que já tinha rebate do que succedêra á outra; e não querendo os de dentro experimentar o ferro Portuguez, primeiro que elles chegassem se acolhêram, ficando desta feita aquellas fortalezas em poder de D. Francisco de Menezes, sem golpe de espada; e logo fez dellas entrega aos Mouros, que lançando suas contas, e vendo que já lhes ficava contenda com o Nizamoxá, não se atrevêram a defender aquellas fortalezas sem o favor de D. Francisco de Menezes; e antes que se partisse lhe pedíram, que até se segurarem lhes deixasse aquelles dous sobrinhos com alguns soldados, e que elles lhes fariam todas as despezas. D. Francisco de Menezes lho concedeo, deixando D. Alvaro em Sangaçá, e D. Jorge em Carnalá com sessenta arcabuzeiros cada hum, e muitas munições; o que tudo provido se tornou pera Baçaim, e despedio recado ao Governador de tudo o que era passado. O Nizamoxá teve logo aviso do negocio, e despedio tres Capitães com quatro, ou sinco mil homens, que entráram pelas aldêas da jurdição daquellas fortalezas, e as destruíram, e assoláram de toço. Vendo Amergim, e Atridican

can que ficavam sem rendas pera supprirem as despezas , e que o Nizamoxá havia de metter todo o cabedal por tornar a haver aquellas fortalezas , assentáram , que lhes não vinha bem contenderem com inimigo tão poderoso , que o bom sería largallas de todo aos Portuguezes com alguns partidos ; e assim se carteáram com D. Francisco de Menezes , sobre o que foram , e tornáram recados até se concertarem , que lhes dariam algumas aldêas nas terras de Baçaim , e que largassem aquellas fortalezas ; de que logo fizeram Doação a ElRey de Portugal , e se recolhêram a Baçaim.

D. Francisco de Menezes mandou prover as fortalezas , como proprias do Estado ; e porque D. Jorge de Menezes adoecco , e se foi curar a Baçaim , mandou em seu lugar Pero de Lemos , Tanadar mór. O Nizamoxá não sabendo ainda deste contrato , havendo que toda a contenda era com os Capitães Mouros , despedio mais Capitães com outros seis mil homens , em que entravam muitos Magores , mil arcabuzeiros , e oitocentos cavallo acubertados , e mandou que lhes tomassem aquellas fortalezas.

Estes Capitães ajuntando os mais que andavam pelas terras , foram pôr cerco á fortaleza de Sangaçá ; em que estava D. Aleixo de Menezes , e cercádo-a á roda , a com-

mettêram por todas as partes com grande determinação. D. Aleixo com grande valor, e esforço lha defendeo com muito damno dos inimigos, que todo aquelle dia lhe não deram espaço pera comerem senão em pé, e com as espingardas nos rostos, e de noite tambem a passáram toda com as armas ás costas; e no quarto da modorra deitou D. Aleixo hum peão, homem muito determinado, que se offereceo pera ir dar aviso ao Capitão de Baçaim. Este peão como foi ao pé do Castello, em gatinhas, e arrastos, foi passando por bem perto dos inimigos, e tomou hum caminho pela ferra abaixo, não muito úfado, e andando toda a noite, ao outro dia chegou a Baçaim, e deo recado ao Capitão.

D. Francisco de Menezes logo se foi pôr na praia, e mandou repicar o sino pera lhe acudir a gente, e entretanto fez negociar todas as embarcações grandes, e pequenas que achou, que foram muitas. Os casados, e soldados acudindo á praia com suas armas, escolheo D. Francisco de Menezes cento e sessenta homens de pé, e vinte de cavallo, e mandou appellidar as aldêas, de que lhe logo acudíram mil e duzentos peães com seus Naiques; e em quanto estes se ajuntavam, pera quem deixou embarcações, elle se embarcou com toda a gente. Os Fidalgos

gos que o acompanháram nesta jornada, foram D. Jorge de Menezes, que já estava são, D. Roque Tello, D. Pedro de Menezes o ruivo, irmão do Conde de Cantanhede, Rodrigo Homem, Estevão Peixoto, e outros Cavalleiros honrados; e foi esperando pelos peães, que o foram tomar ao caminho. Ao outro dia foram amanhecer ao pé daquellas fortalezas. D. Aleixo foi este dia combatido de todos os Capitães muito asperamente, fazendo elle, e todos os companheiros tudo o que foi necessario pera sua defensão, rebatendo os inimigos por muitas vezes, de que algumas os tiveram entrados. E esta noite passáram tambem grande trabalho, porque os não deixáram repousar hum momento com assaltos; mas bem lhes custou, porque a nossa espingardaria fez nelles bem grande estrago.

CAPITULO IV.

De como Jorge de Lima, Capitão de Chaul, avisou D. Francisco de Menezes da gente do Nizamoxá: e da grande batalha que deo aos inimigos, em que os desbaratou.

E Stava neste tempo por Capitão em Chaul Jorge de Lima, que tanto que o Nizamoxá despedio aquelles Capitães, logo teve

car-

cartas da sua Corte da gente que era, e pera onde hia. E como conhecia do animo, e valor de D. Francisco de Menezes, que não havia de deixar de soccorrer aquellas fortalezas, por muito que fosse o poder, todavia pareceo-lhe obrigação avizallo, como fez por huma carta mui apressada, em que lhe dava muito particular conta dos Capitães que eram, e da gente que levavam, aconselhando-lhe, que devia de sobreestlar até vir recado do Governador, a quem já tinha escrito, que o soccorresse.

D. Francisco de Menezes tanto que chegou ao pé das fortalezas, desembarcou toda a gente, e despedio hum peão a Pero de Lemos, que estava em Carnalá com hum escrito, em que lhe mandava dizer, que lhe mandasse ao caminho vinte soldados espingardeiros; e elle ficou junto de huma ribeira pondo sua gente em ordem. Estando aqui, lhe deram a carta de Jorge de Lima, que abriu, e leo em segredo com hum rosto muito alegre, e risonho. E porque chegavam a elle muitos homens pera saberem o que era, sem fazer termo algum, foi lendo a carta alto pera que a ouvissem todos, mudando-lhe as palavras com tanta pressa, e artificio, que foi espanto, na maneira seguinte:

» Senhor, são partidos alguns Capitães
» do

» do Nizamoxá pera as fortalezas de Sanga-
 » çá, e Carnalá: a gente que levam he pou-
 » ca, e esta ainda forçada, e atemorizada,
 » por isso apresse-se V. m. porque não tem
 » nelles hum almoço.» E dobrando a car-
 » ta, disse:

» Vedes aqui, Senhores, do que nos avi-
 » sa Jorge de Lima, por certo que tomára
 » eu que foram os inimigos mais pera a vi-
 » toria, que por virtude de vossos braços
 » espero de haver ser mais de gloriar; mas
 » já que assim he, vamos buscar estes pou-
 » cos, e defenganemo-los, porque nos não
 » tornem outra vez a inquietar; e cada hum
 » siga-me, e faça o que eu fizer.» E logo
 » cavalgou com a gente posta em ordem, e
 » começou a marchar.

Alguns grandes Capitães tiveram pera si
 que não era licito mentir nunca, senão of-
 ferecendo-se perigo, ou pela faude da pa-
 tria; e assim o ulou algumas vezes o gran-
 de Sertorio, que em tempo de grandes ne-
 cessidades mentia a seus soldados, e lhes lia
 cartas fingidas pera os tirar do temor em que
 os via, porque todo o outro mentir em hum
 Capitão he baixeza. Da mesma maneira es-
 te valoroso Capitão D. Francisco de Mene-
 zes, vendo que se fallava verdade, ficavam
 os das fortalezas a risco de se perderem;
 porque se descubrisse aos seus o poder dos

ini-

inimigos, não haviam de querer passar dali, e tudo se perderia. Em fim, elle foi caminhando em muito boa ordem, e logo encontrou os espingardeiros, que Pero de Lemos lhe mandava. Os inimigos logo tiveram aviso do Capitão de Baçaim ser chegado de soccorro, e descêram abaixo, e lançáram-se em duas emboscadas de mil homens cada huma, deitando-lhe alguns poucos descubertamente, que traváram com D. Jorge de Menezes, que hia na dianteira, que lhes lançou alguns peães, que foram pelejando com elles até os metterem no meio das emboscadas. Os inimigos de soffregos salíram dellas, e deram nos peães, que fizeram voltar pera D. Jorge. Os Portuguezes de sua companhia vendo os inimigos, também voltáram alguns pera irer buscar as embarcações. D. Jorge com grande animo teve o encontro aos inimigos, chamando pelos que o deixavam, e affrontando-os de palavras.

D. Francisco de Menezes com os vinte de cavallo tomou hum passo estreito do rio por onde os inimigos haviam de passar, (e já o vinham demandar,) e alli sobre a passagem se travou huma aspera baralha, pondo-se D. Francisco de Menezes diante. E ao primeiro em que pôz a lança deo com elle do cavallo abaixo, que assim nelle, como nãs armas se differençaava dos mais, por on-

onde se julgou ser o Capitão daquella companhia. D. Roque Tello, D. Pedro de Menezes, Estevão Peixoto, e Rodrigo Homem nunca largáram D. Francisco de Menezes, e todos derribáram de encontros alguns Mouros, defendendo-lhes com muito esforço, e valor aquelle passo. D. Jorge de Menezes, que pelejava na dianteira, poz as costas pela D. Francisco de Menezes pelo não commetterem os inimigos por detrás; e todavia apertáram tanto com elle, que se baralháram todos, pelejando-se de sua parte com grande esforço.

Aqui succedeo huma cousa mui digna de memoria a hum Foão Trancofo, irmão do Doutor Antonio Trancofo, Desembargador da Casa do Cível, (homens mui nobres, que eu conheci mui bem.) Era este Trancofo hum homem agigantado, e muito forçoso: andando accezo na batalha, (em que tinha mui bem pelejado, e mostrado o valor de sua pessoa,) alcançou com a mão esquerda hum Mouro, e mettendo-lhe o braço pelo cingidouro, que era hum camarabando de muitas voltas, o alevantou no ar, fazendo delle adarga, e remettendo com os Mouros, lançou-se no meio delles como hum leão, matando, e derribando muitos, não oufando os Mouros a descarregar nelle seus golpes, por não matarem o compa-

Couto. Tom. II. P. II.

N

RENSEA
NACIONAL

nheiro, com quem o Trancofo se amparava dos que lhe tiravam, e se alguns lhe deram, todos recebo nelle; e assim desta maneira fez grandes destruições nos Mouros muito a seu salvo. Feito era este por certo digno de se engrandecer com mais palavras; mas se o houvermos de fazer a todos os grandes, faltar-nos-ha tinta, faltar-nos-ha papel, faltar-nos-ha tempo, e faltar-nos-ha estylo pera isso. Este homem viveo depois muitos annos, e foi casado em Taná, onde teve netas, casadas com D. Francisco de Sousa, e D. Diniz de Almeida, ambos providos da fortaleza de Dio, que nenhum logrou.

E tornando a D. Francisco de Menezes, aquella gente de cavallo, com que pelejava no passo do rio, era chegada daquella hora do Balagate, e não sabiam della os ouros Capitães Mouros, e vinham demandar áquella hora aquella ribeira pera refrescarem, e descansar, sem saberem das ciladas, que estavam armadas aos nossos; e andando em batalha com D. Francisco de Menezes, (que os tinha assás bem escandalizados,) indo os da parte de D. Jorge em desbarato pera as embarcações, como atrás dissemos, foram dar em outra cilada, que lhes sahio de traves: elles embaraçados com aquelle supito temor, tornáram a voltar fugindo pera o

perigo, de que primeiro fugiram, e foram com aquelle impeto pera aquella parte onde D. Francisco de Menezes pelejava pera se ampararem com elle. Os Mouros que pelejavam com D. Francisco de Menezes, não sabendo o que aquillo era, parecendo-lhes sería gente que chegava de soccorro, como já estavam escandalizados, e bem cortados dos nossos, supitamente voltáram fugindo daquelles, que hiam fugindo dos seus, deixando-se vencer dos que hiam vencidos.

Vendo D. Francisco de Menezes aquelle medo, foi carregando sobre elles, matando, e derribando nelles á sua vontade. Os nossos, que vieram fugindo pera D. Francisco de Menezes, vendo tão supita mudança, cobrando hum novo animo, ajuntando-se com a sua bandeira, foram seguindo a victoria. D. Jorge que até então esteve em grande aperto pelo pezo dos inimigos, ajuntando-se todos os seus, foi seguindo o alcance aos Mouros, que se puzeram em desbarato, vendo fugir os que pelejavam com D. Francisco de Menezes; e levavam tamanho medo, que chegando ao arraial, que tinham sobre Sangaçá, não parando nelle, foram fugindo pela outra banda, indo sempre D. Jorge nas suas costas picando-os, e fazendo nelles muito grande estrago. D. Francisco de Menezes chegou assima á fortaleza,

N ii

e achou o arraial dos inimigos vazio de gente, mas não de mantimento, de munições, e de armas, e de tudo o mais que os inimigos com a pressa não pudéram levar. E não se detendo, passou adiante a favorecer D. Jorge, que lia no alcance dos inimigos; e não se precatando, deram nelle por detrás trezentos espingardeiros, que estavam sobre Carnalá, que se hiam recolhendo pera o arraial, não cuidando que o damno dos seus era tão grande; e vendo ir Dom Francisco de Menezes, arrebutáram daquelle maneira, e deram-lhe huma surriada de que lhe feríram alguns, e desviando-se, foram dando em alguns dos nossos desmandados, e matáram doze.

D. Francisco de Menezes mandou recado a D. Jorge, que se recolhesse, como fez, e tornáram-se pera o arraial, sahindo Dom Aleixo da fortaleza a lhe fallar. Os mantimentos, e munições todas se recolhêram na fortaleza, e tudo o mais se entregou aos soldados, que saqueáram bem á sua vontade, e acháram boas prezas. Morrêram nesta batalha quinhentos dos inimigos, a fóra muitos feridos. Dos nossos morreriam quasi vinte; e provendo D. Francisco de Menezes aquellas fortalezas de mais gente, recolheuse a Baçaim vitorioso.

CA-

CAPITULO V.

Do que fez o Governador D. Estevão da Gama depois que deo aviamento ás náos do Reyno: e de como partio pera o Norte: e do soccorro que mandou a Sangacá, e Carnalá: e dos tratos, que Nizamoxá teve com elle sobre lhe largar aquellas fortalezas: e das pareas a que se obrigou por ellas.

Porque ha muito que deixámos o Governador D. Estevão da Gama, he necessario tornar a continuar com elle por guardarmos a ordem da historia. Depois que despedio as náos pera o Reyno, logo voltou pera Goa, aonde chegou ainda em Janeiro, e despachou Manoel de Sousa de Sepulveda pera ir entrar na fortaleza de Dio, de que nestas náos foi provido por huma carta missiva. E porque aqui succedeo huma primor bem grande a D. João Mascarenhas com elle, bem differente do que hoje se usa na India entre os Fidalgos, não deixaremos de o contar.

Estava D. João Mascarenhas provido da Capitania de Dio por huma Patente, que lhe tinha vindo o anno atrás passado, pera ir entrar apôs Diogo Lopes de Sousa, que á estava servindo, e nestas náos passadas

mandou ElRey a Manoel de Sousa de Sepulveda huma carta missiva, por que lhe fazia mercê da fortaleza de Dio na vagante de Diogo Lopes de Sousa, antepondo-o a D. João Mascarenhas; e diziam, que aquillo fora cousa da Rainha D. Catharina, que favorecia muito suas cousas, porque era Castelhana, e seu pai viera com ella de Castella. Tanto que Manoel de Sousa teve a carta, mandou-a mostrar a D. João Mascarenhas, pera que visse que por ella entrava primeiro na fortaleza; e elle D. João Mascarenhas vendo a carta d'ElRey, a poz sobre sua cabeça, dizendo, que se cumprisse sua vontade, pois estava tão clara, que elle entraria quando lhe coubesse; e assim foi Manoel de Sousa entrar, podendo D. João allegar de seu direito, como depois fizeram muitos Fidalgos, que tinham mais o ollho em seu interesse particular, que no serviço, e vontade d'ElRey, sentenceando-se em outros casos semelhantes, que Patente sempre precedia a carta missiva, e que a tenção d'ElRey nunca era prejudicar a terceiros, nem metter hum provído diante do outro; mas aquella Fidalguia, e primor dos homens daquelle tempo está tão corrompida neste, que já não ha nenhum que vá entrar em sua fortaleza, ou em qualquer outro cargo, com que esteja provído, e despachado sem passar

far primeiro pelo escabel da demanda, arguindo huns aos outros defeitos em suas Patentes; e o que ainda he peor, que o fazem em suas pessoas pera lhes precederem.

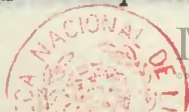
Esta corrupção, e malicia entrou na India depois que nella entráram tantos Letrados Juristas, porque com elles entrou hum marulho, que veio a dar em mares cruzados de trapaças, em que ferve todo este Estado. E deixando esta materia, tornemos a nosso fio. Tanto que o Governador deo expediente em Goa a muitos negocios, tornou-se a embarcar em navios ligeiros por causa dos Noroestes, pera ir visitar as fortalezas do Norte; e no caminho encontrou o recado de Jorge de Lima, Capitão de Chaul, do aperto em que estavam as fortalezas de Sangacá, e Carnalá, e despedio com muita pressa Tristão de Taíde com oito navios, em que levava duzentos homens, pera se ir ajuntar com D. Francisco de Menezes, que se foi adiantando. O Governador D. Estevão da Gama chegou a Chaul ao outro dia, depois que Jorge de Lima escreveu aquella carta a D. Francisco de Menezes, e não havia ainda novas do que era passado. E como tinha já mandado Tristão de Taíde com o soccorro, ficou esperando recado. Tristão de Taíde deo-se tanta pressa, que chegou ao pé daquellas fortalezas ao outro dia, depois

pois de D. Francisco de Menezes se ter ido pera Baçaim ; e sabendo da vitoria que tinha alcançado , voltou pera o Governador , que festejou em estremo as novas , e ficou dando despacho a muitas cousas.

O Nizamoxá teve logo rebate do barato dos seus Capitães , e juntamente sobre serem já aquellas fortalezas dos Portuguezes ; e vendo que já lhe ficava contenda com homens mais poderosos , e com quem não havia de ter bom partido , ficou muito malenconizado ; e logo tambem lhe chegaram novas de como o Governador era chegado a Chaul , porque lhas despediram pela posta. E porque tinha pazes com o Estado , e corria com elle em amizade , determinou de o mandar visitar , e a voltas disso ver se podia haver delle aquellas fortalezas com todos os partidos que quizesse , porque lhe não vinha bem estarem em poder alheio duas forças tão importantes nos estremos de seus Reynos , porque sempre lhe teria o vizinho que as tivesse , com ellas o pé no pescoço. Pelo que logo despedio hum Embaixador mui bem acompanhado , que o Governador D. Estevão da Gama recebeu com muitas honras. E depois de fazer sua visitaçõ , tratou o negocio a que hia sobre aquellas fortalezas , pedindo-lhe que lhas largasse , que daria as páreas que fossem justas , e honestas.

O Governador poz aquelle negocio em conselho, e assentou-se, que aquellas fortalezas não serviam ao Estado de mais, que de fazer despezas com ellas, e que de nenhuma importancia eram. Com esta resolução tratou aquelle negocio com o Embaixador, que trazia poderes pera tudo, e vieram a concluir: » Que lhe largaria aquellas duas fortalezas, porque o Zamaluco lhe obrigaria a dar cada anno de pareas cinco mil pardãos de ouro, além dos dous mil que já pagava, pela obrigação que lhe poz o Viso-Rey D. Francisco de Almeida. E que destes sete mil pardãos de ouro (de que fez obrigação por encheio, que se não acha, por tudo ser perdido) se pagariam os Officiaes d'ElRey de Portugal nas fazendas das suas náos, que fossem de Ormuz, ou de Meca ter áquelle porto de Chaul. E que os Governadores da India as poderiam mandar tomar pera com effeito serem pagos da dita quantia. » Estes sete mil pardãos de ouro se pagam, e arrecadam por andarem por regimento naquella fortaleza, e pela posse em que ElRey de Portugal está, e não ha delles mais obrigação, porque neste Estado communmente se tratou quasi sempre mais do que relevava a cada hum em particular, que do que importava a ElRey. E ainda que nos sobejá-

ra



IMPRENSA
NACIONAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ra o tempo, e a idade pera passar avante, o pouco gosto, e favores que hoje ha nos homens, nos tem bem encolhido, e arrependido desta empreza, porque já não ha no Mundo quem pertenda perpetuidade na escriptura, senão accrescentamento na fazenda.

Queixava-se João de Barros já no tempo que escrevia, que os homens que hiam da India, de quem tomava as informações, que o marinheiro não lhe queria dar razão senão da arte de marear, o mercador das fazendas que corriam, o soldado das cousas em que elle se achára; e nós queixamo-nos, que nem o marinheiro, nem o mercador, nem o soldado, nem ainda o Fidalgo querem que lhe pergunte senão pelos preços das fazendas que correm na terra, pelo que valerá em Ormuz, e em Malaca, pelo que tiráram de suas fortalezas; e todo o que os demanda pera lhes perguntar pelas cousas da guerra, e do conselho, e por outras desta qualidade, que em outro tempo tinham por obrigação, tem hum homem por jogral, e não lhe falta mais que apedrejarem-no por doudo; não negando porém, que antre tantos não haja alguns por quem a honra ainda puxa, e que folgam de favorecer nosso trabalho (com palavras) e sem algum seu.

Deixando estas miserias do Mundo, tor-
ne-

nemos á nossa historia , com segurarmos , que nem o pouco gosto , nem os poucos favores foram bastantes pera desistirmos de nosso proposito ; porque ainda que alguns dos presentes não pertendam fama , não deixáram de alcançar os passados toda a sua , que tanto merecêram , porque se não perca tudo.

C A P I T U L O VI.

De como o Governador D. Estevão da Gama escreveu a D. Francisco de Menezes largasse aquellas duas fortalezas ao Nizamoxá : e dos inconvenientes que teve : e de como em fim lhas largou : e de outras cousas em que o Governador proveo : e de todos os Reys Mouros , que houve naquella Reyno de Mandanager , ou de Chaul.

FEITOS, e assinados os contratos , passou o Governador D. Estevão da Gama hum Provisão ao Embaixador pera ir a Baçaim tomar entrega daquellas fortalezas , escrevendo a D. Francisco de Menezes , como se assentára em conselho , que se largassem , porque mais importava ao Estado cinco mil pardãos de ouro de renda cada anno , sem despeza alguma , que tellas , e sustentallas com tamanha , e com tão grande risco. Este Embaixador chegou a Baçaim , e deo a carta , e a Provisão a D. Francisco de Mene-

ne-

nezes; o que elle tomou muito mal, pelo que lhe aquellas fortalezas tinham custado. E sobrestando na entrega dellas, escreveu ao Governador huma carta em que se queixava » de concluir aquelle negocio sem seu » parecer, estando tão perto; sendo elle o » que ganhou aquellas fortalezas com a lança na mão, e que havia tão pouco que as » tinha descercado com tanto risco seu; e » que se ellas custáram tanto aos Fidalgos » que votáram naquelle negocio, não hou- » veram em algum tempo de ser daquelle pa- » recer. E que quanto a elle, havia por muito descredito do Estado largar aquellas fortalezas por aquelle modo a Rey, que nenhum direito tinha nellas, que se algum o tinha, era ElRey de Cambaya, de cujo Estado eram: » dando sobre isto muitas razões, como Fidalgo muito prudente que era, defenganando ao Governador, que em quanto elle fosse Capitão de Baçaim, não as havia de largar. Com isto despedio o Embaixador, que logo mandou pela pósta recado ao seu Rey, que como soube o que passava, despedio doze mil homens pera irem cercar de novo aquellas fortalezas, e mandou ter com o Governador muitas satisfações.

D. Francisco de Menezes, como Capitão muito precatado, logo receou que o Ni-
za-

zamoxá mandasse gente sobre aquellas fortalezas, pelo que com muita pressa se embarcou, levando gente, mantimentos, e munições, e as foi prover muito bem; e o mesmo dia que a ellas chegou, teve rebateda dianteira dos inimigos, e deixando-as seguras, e providas, tornou-se pera Baçaim. Ao outro dia chegaram os Capirães Mouros, e assentáram seus exercitos sobre aquellas duas fortalezas, mandando fazer grandes protestos, e requerimentos aos Capitães dellas, que lhas entregassem, como o Governador mandava, e senão que dos males que succedessem elles seriam a causa, e os quebrantadores das pazes. Os Capitães lhas mandáram dizer: » Que mandassem fazer » aquelles requerimentos ao Capitão de Baçaim, a quem elles tinham dado dellas as » menagens, e que o que elle mandasse, ifo fariam. » Os Mouros vendo aquelle desengano, começaram a guerra, commettendo as fortalezas com grande determinação, mas os de dentro lhas defendêram com outra maior.

E deixallos-hemos aqui por continuar com o Embaixador, que depois de D. Francisco de Menezes o desenganar, e de despedir recado ao seu Rey, foi-se pera Chaul, e deo a carta de D. Francisco de Menezes ao Governador, que posto que tomou aquil-

lo

lo mal, bem entendeu que D. Francisco de Menezes tinha alguma razão de se queixar, ao menos de lhe não dar conta daquelle negocio. Poucos dias depois chegaram as cartas do Nizamoxá pera o Governador, em que se queixava de D. Francisco de Menezes, fazendo seus protestos, e requerimentos; assim lhe chegaram as novas do aperto, e cerco em que os Capitães Mouros tinham aquellas fortalezas; e vendo que não podia fazer outra cousa senão cumprir os contratos que estavam feitos, despedio outra vez o Embaixador com outra Provisão pera D. Francisco de Menezes, em que lhe mandava: » Que sem embargo dos inconvenientes que lhe apontára, tanto que aquella visse, entregasse logo a aquelle Embaixador ambas aquellas fortalezas, por cumprir assim ao serviço d'ElRey de Portugal. » Com esta Provisão chegou o Embaixador a Baçaim, e dando-a a D. Francisco de Menezes, vendo a resolução do Governador, mandou dous homens Portuguezes com cartas pera os Capitães que estavam nas fortalezas, em que lhes mandava, que logo as entregassem ao Embaixador, e se recolhessem a Baçaim, porque o mandava assim o Governador, e que elle daria conta a ElRey daquillo. O Embaixador chegou áquellas fortalezas com os homens,

e cada hum delles foi á sua, e deram suas cartas áquelles Capitães. Vendo D. Aleixo de Menezes a carta de D. Francisco, mandou pelo proprio Portuguez outra a Pero de Lemos, que estava em Carnalá, pera saber delle o que determinava. Pero de Lemos lhe respondeo: » Que naquelle negocio não ha » via mais, senão fazerem o que lhes o Go- » vernador, e o seu Capitão mandavam. »

Com isto mandou D. Aleixo de Menezes dizer pelo mesmo Portuguez ao Embaixador: » Que mandasse recolher seus Capitães, e se affastassem, em quanto se elles » recolhião; » e mandou recado a Pero de Lemos, pera ao outro dia se ir ajuntar com elle. Os Mouros alevantáram seus exercitos da vista das fortalezas, e aquelle dia gastáram os Portuguezes em se negociarem. Ao outro chegou Pero de Lemos com toda a sua gente a Sangaçá. D. Aleixo de Menezes, que estava prestes, sahio da fortaleza, e se ajuntou com elle; e com suas bandeiras desenroladas, e a gente posta em ordenança, tocando suas caixas, e pifaros, foram marchando muito devagar, disparando sua arcabuzaria per ordem, como homens que hiam vencedores; e assim chegarão ao mar, onde já acháram embarcações, que Dom Francisco de Menezes lhes tinha mandado, em que se recolhêram a Baçaim, ficando os
dous

dous Portuguezes , que foram com o Embaixador nas fortalezas , pera as entregarem aos Capitães Mouros , como logo fizeram. E porque temos promettido de continuar com todos os Reys deste Decan , e já o temos feito com os de Visapôr , o faremos agora com estes Reys de Chaul.

Já temos dado conta no Cap. IV. do decimo Liv. da IV. Decada , de como os Mouros conquistáram o Decan , e daquelles cinco Capitães , que se levantáram com os Effados que governavam , sendo Rey Daudarcan , e antre estes foi hum delles o Nizaman Moluc , que quer dizer *Page da lancha* , (porque o era d'ElRey , como já dissemos.) Este no alevantamento geral o fez com aquella parte que governava , desde Cifardan até Nagatona , appellidando-se Soltão Hocen , (porque este era o seu nome ,) e poz sua cadeira na Cidade de Amadanager. Este reinou até os annos de 1494 , e por sua morte succedeo seu filho Beran Soltan , que se jactava proceder do sangue Real dos antigos Reys de Xarbedar , porque se affirmava , que dando Daudar Soltan , Rey de todo o Decan , huma mulher a este seu Capitão Nizaman Moluc , que hia já prenhe d'elle , e que paríra este Boran Soltão ; e assim se jactava tanto disto , que depois da morte d'ElRey (que cuidava que era seu pai)

pai) tomou por titulo, Soltan Boran Bauri, que quer dizer *ElRey Boran Falcão*; porque assim como esta ave se tem por mais real de todas, assim se tinha elle por mais do sangue Real, que todos os outros Reys do Decan.

Foi este Rey grandioso, grande Cavalleiro, muito liberal, e tão amigo dos bons Cavalleiros, que mandava por todos os Reynos estranhos buscar todos os que havia de nome, e lhes dava muito, e fazia grandes mercês. E assim ajuntou em seu Reyno todos os Estrangeiros famosos, que á India passaram naquelle tempo, assim nas armas, como nas letras, com o que o engrandeceo sobre todos os do Decan. Em principio de seu reinado descubrio o valoroso Capitão Vasco da Gama a India, e este foi o que deo a D. Lourenço de Almeida, filho do Viso-Rey D. Francisco de Almeida, dous mil pardãos cada anno de pareas pera El-Rey de Portugal, pela guarda que dava ás náos, e navios que hiam a seus pórtos, que depois o Viso-Rey D. Francisco de Almeida lhe poz por obrigação de vassallagem, pela culpa que o seu Tanadar de Chaul teve na morte de seu filho D. Lourenço de Almeida, porque os que lhe tinha dado a elle eram voluntarios. E tambem foi o que deo a Diogo Lopes de Siqueira, sendo Go-

Quinto. Tom. II. P. II.

O

ver-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

vernador da India, lugar naquelle porto de Chaul pera fazer a fortaleza, que ainda hoje está em pé; e o que se concertou com o Governador D. Estevão da Gama sobre as fortalezas de Sangaçá, e Carnalá, como agora acabámos de dizer.

Foi este Rey tocado do mal de S. Lazaro, e buscou todos os remedios pera sarar delle, até se banhar em fangue de meninos, de que mandou encher grandes tanques, por lhe fazer crer hum Medico, que assim sararia, mas nada aproveitou; e assim viveo muitos annos, como adiante diremos, porque havemos de ir continuando com todos os que forem succedendo, por assim ser necessario.

E tornando ao Governador D. Estevão da Gama. Tanto que concluiu os negocios de Chaul, passou a Baçaim, e a Dio, e provêo naquellas fortalezas em muitas cousas. De Dio despedio Manoel de Vasconcellos com cinco navios de remo pera ir ao Estreito de Meca a espiar as galés, e a levar provimentos de munições, e armas a seu irmão D. Christovão da Gama. Os Capitães, que com elle foram nos outros navios, eram Manoel da Fonseca, Rafael Lobo, Christovão de Castro, e Affonso Pereira. Despedidos estes navios, e providas algumas cousas mais naquella fortaleza, deo o Governador á vé-

la pera Goa, aonde chegou, e provêo nas cousas de Malaca, e Maluco; e mandou Manoel Coutinho a invernar á fortaleza de Chalé com soldados; e Bernaldim de Sousa a Cochim; e Vasco da Cunha foi a Bengalá com huma náó carregada de fazenda por conta d'ElRey, que era então viagem, que importava muito. E porque na costa do Canará andavam alguns ladrões formigueiros, despachou pera andar nella o resto do verão D. Luiz de Taide com oito navios, e recolheo-se como foi tempo com alguns que tomou.

CAPITULO VII.

Das cousas, que acontecêram a D. Christovão da Gama na Abasia: e de alguns recontros que teve com os Mouros, em que os desbaratou.

DEixámos D. Christovão da Gama na Cidade de Baroá em companhia da Rainha, esperando que passasse o inverno, e que lhe viesse recado do Imperador, a quem tinha escrito, como já dissemos no derradeiro Cap. do VII. Liv., que não tardou muito que lhe não viesse, ainda que não foi a resposta de suas cartas; mas com o primeiro recado da Rainha, que o Imperador teve da chegada dos Portuguezes, despedio

logo hum correio apressado com cartas a D. Christovão. Este correio chegou a Baroá, havendo vinte dias que alli estava, em que lhe dizia, como soubera de sua chegada alli, e que aquelle serviço feito a Deos, elle o pagaria assim a ElRey seu irmão, como a elle; que lhe pedia muito, que se fosse chegando pera elle como entrasse o verão, pera se ajuntarem ambos, e irem buscar os inimigõs; e que com sua ajuda esperava de os desbaratar, e destruir de todo. Com esta carta se começou D. Christovão a negociar, mandando a Rainha trazer muitas mulas, e servidores pera o meneo do exercito. E em Outubro passado de 541. tanto que as chuvas cessáram, começaram a marchar em muito boa ordem.

Hiam diante dous Capitães com algumas peças de artilheria de campo, e no meio toda a bagagem, e atrás della a Rainha, e o Patriarca, entregues a sincoenta espingardeiros Portuguezes, de que era Capitão Miguel de Castanhoso, (que de toda esta jornada fez hum copioso Tratado, que está em nosso poder.) Na retaguarda hia Dom Christovão, o Barnagais, e os mais Capitães Abexins hiam pelas ilhargas do esquadrão, e diante de todo elle hiam alguns cavallos ligeiros pera descobrirem o campo. Nesta ordem caminháram oito dias até che-

garem a huma serra, que chamam o Gane, que era de hum Senhor Abexim, que andava lançado com os Mouros. Aqui veio hum irmão seu lançar-se aos pés da Rainha, e de D. Christovão, a cujo rogo ella lhe fez mercê das terras do irmão.

Estando aqui, chegou recado apressado de como ElRey era já abalado, e vinha caminhando pera se ajuntar com elles. Por este caminho acudíram muitos vassallos, que andavam ausentes com medo dos Mouros. Em cima desta serra do Gane havia huma Cidade, e no mais alto della huma Ermida muito alva, a que nenhuma pessoa podia ir sem muita difficuldade, e trabalho, por causa do caminho ser demaziado ingreme, estreito, e de muitas voltas, que era o que o fazia mais difficultoso. Junto desta Ermida, em huma pequena casa, estavam trezentos homens mirrados, todos cozidos em couros seccos, e alguns delles estavam já rotos, e gastados, mas os homens são, e inteiros. Corria entre a gente da terra, como por tradição, que havia muitos annos que aquelles homens vieram ter áquella terra, e que a conquistáram em tempo dos Romanos. Outros diziam, que eram Santos; e o Patriarca D. João Bermudes era deste parecer, e que foram alli martyrizados pelos Romanos com aquelle genero de martyrio, e que:

isto era o que ouvira dizer no tempo que esteve no Preste, antes que fosse Patriarca; e algumas pessoas lhes tinham tão grande veneração, que tomavam reliquias suas, tendo-os por Santos martyres; mas não havia nenhum dos naturaes, que soubesse dizer o como aquillo era, nem escriptura que disse d'esse noticia.

Seja o que for, o caso he affás notavel, e digno de memoria, nem póde carecer de algum grande mysterio, estarem tantos annos trezentos homens brancos, cozidos em couros, sem lesão, ou corrupção alguma; parece que traz caminho o que dizia o Patriarca, que foram martyrizados em tempo dos Romanos. E ou sejam, ou não sejam Martyres, não he nosso intento affirmallo, mas escrevemo-lo pera que haja memoria de huma cousa tão notavel.

Daqui foram os nossos caminhando até outra serra fortissima, chamada Canete, que estava por ElRey de Zeilá, e tinha dentro mil homens de guarnição. Tinha esta serra tres passos mui difficultosos, e fortificados com muros, e portas, e os caminhos que hiam ter a elles eram tão ingremes, e estreitos, que era medo vellos, quanto mais commettellos, porque só com galgas se podiam defender a todo o poder do Mundo. A serra em si ma era muito chá, e fresca, de mui-

tas fontes, e ribeiras de aguas serenissimas, e singulares, e por derredor muitas aldêas, e grandes creações de gados. Aqui se costumavam a coroar os antigos Imperadores da Abasia. A gente que aqui tinha ElRey de Zeilá sahia de continuo a saltar os caminhos, e a destruir as aldêas circumvizinhas.

Informado D. Christovão dos damnos que dalli faziam, determinou de tomar aquella serra, e tirar dalli aquelle impedimento. Isto communicou com a Rainha, e Barnagais, que trabalháram muito pelo tirarem daquelle pensamento, pelo muito grande risco a que se queria pôr, sem proveito algum, porque haviam por cousa muito impossivel poder-se entrar aquella serra; mas D. Christovão confiado em Deos, por cujo serviço se offerecia a todos aquelles riscos, e trabalhos, não desistio de seu proposito, e depois de bem informado, e certificado do sitio, e passos da serra, poz a sua gente em ordem, e mandou Manoel da Cunha, e Francisco Velho com suas companhias, e com tres peças de artilheria, que commettessem o primeiro passo; e João da Fonseca, e Francisco de Abreu com outras tantas peças, que commettessem o segundo, ficando elle com a sua gente pera o terceiro passo. E assim dada ordem a tudo, os com-

mettêram ao primeiro de Fevereiro , ficando a Rainha , e o Patriarca com o Barnagais no exercito , e Miguel de Castanhoso com os espingardeiros de sua guarda. E remettendo com os passos , deram-lhe huma grande surriada de artilheria , e de arcabuzaria. Os inimigos , que estavam alerta , des carregaram pela serra abaixo com huma multidão de galgas , que vieram por alli abaixo com tamanho terremoto , que parecia que se desfazia o Mundo. Os nossos que já estavam ensinados de D. Christovão do que haviam de fazer , tanto que deram sua salva , tornáram-se a recolher pera seus alojamentos , porque não quiz este dia mais , que reconhecer os passos , como fez. Os Mouros cuidando que os Portuguezes fugiam , deram grandes apupadas , e toda a noite fizeram grandes festas , havendo que tinham alcançado huma grande vitoria. A Rainha ficou triste , porque cuidou que aquella retirada dos nossos fora por não ousarem a commetter a serra , e quasi que desconfiou.

D. Christovão logo foi avisado de tudo aquillo , e mandou-lhe dizer , que se não agastasse , porque ao outro dia veria como os Portuguezes pelejavam , e que elles não costumavam a fugir a ninguem , que antes perderiam as vidas , que fugirem polas conservar. Ao outro dia pela manhã , que foi

da Purificação da Virgem Maria Senhora nossa, mandou D. Christovão dizer Missa, a que todos estiveram com muita devoção; e acabada ella, remettêram na ordem passada com a ferra, deixando a artilheria ao pé della, em parte que pudesse jogar, só pera terror. E commettendo os Capitães as partes que lhes estavam encommendadas, deitáram pelas ilhargas a arcabuzaria, que foi disparando sempre pera affastarem os inimigos, que lançavam as galgas, que vieram cahindo com grande terremoto por antre os nossos, matando alguns; os mais como hiam com aquella furia, foram rompendo por tudo até chegarem ás paredes dos passos, sendo os primeiros que se adiantáram até ás portas Manoel da Cunha, e Francisco Velho, e abalroando-as, subíram por ellas, levando os inimigos diante ás lançadas até á outra porta, que estava antes de chegar ao cume. Aqui foi a referta grande, onde matáram tres Portuguezes. Os Mouros, que estavam em cima, huns a cavallo, outros a pé, vendo a pouquidade dos Portuguezes, mandáram abrir a porta para que entrassem.

Manoel da Cunha, e Francisco Velho vendo a determinação, e confiança dos inimigos, entráram pelas portas adiante até subirem ao taboleiro, onde se travou huma formosa batalha. O Capitão da ferra andava

em hum formoso cavallo, e dos primeiros encontros matou dous soldados; e como homem soberbo, e confiado andava a huma, e a outra mão escaramuçando, atirando-lhe os nossos muitas espingardadas sem algumas lhe acertar. Nos outros passos tambem havia trabalho. João da Fonseca, e Francisco de Abreu, depois de perderem alguns companheiros, passaram todas as difficuldades até subirem ao plano da serra; e o mesmo fez D. Christovão, soffrendo grandes riscos, e trabalhos até se pôr em cima, aonde se travou antre todos huma asperissima batalha, fazendo a nossa espingardaria grande estrago nos inimigos.

Em fim, tanto apertou D. Christovão pela sua parte, que levou os Mouros de arrancada, e o mesmo fizeram João da Fonseca, e Francisco de Abreu, que depois de se ajuntarem foram matando, e ferindo nos Mouros até os levarem diante de si, ao passo em que o seu Capitão pelejava com Manoel da Cunha, e Francisco Velho, que tinham pelejado muito bem, porque o faziam com a mór força dos inimigos, que todos acudiam aonde estava o seu Capitão. D. Christovão, e os mais Capitães chegaram áquella parte, ficando-lhe já os inimigos no meio, e apertando com elles os puzeram em desbarato, matando muitos, e os outros com a

pressa, e desattento por fugirem da morte, deram em outra muito mais cruel, que foi lançarem-se da serra abaixo, e fazerem-se em pedaços. O Capitão Mouro nunca se quiz recolher, e pelejou até o matarem. Havia esta tamanha vitoria, foi-se D. Christovão ao lugar principal, que estava com todo o recheio, e muitas mulheres, e meninos, que foram cativos, e tudo mais mettido a sacco.

D. Christovão mandou pela Rainha, e pelo Patriarca, e subidos affirma ficáram pasmados do que víram, parecendo-lhes aquillo sonho, porque na imaginação dos naturaes era cousa que se não podia crer, nem acabar por forças humanas. D. Christovão da Gama pedio ao Patriarca que benzesse huma Mesquita que alli estava, o que elle logo fez com grandes ceremonias, invocando-a *Nossa Senhora da Vitoria*, onde ao outro dia se disse Missa, a que todos assistiram com grande devoção. A Rainha se deteve em sima alguns dias, provendo aquella serra de Capitão, e gente. E pera esta vitoria ser mais celebrada, chegaram áquella serra dous Portuguezes, que Manoel de Vasconcellos despedio de hum porto junto de Maçua, porque depois que partio de Goa entrou aquelle estreito, e não foi demandar Maçua por estar pelos Turcos, mas foi

tomar outro porto dez, ou doze leguas mais pera dentro, donde despedio aquelles homens com cartas a D. Christovão.

Estes homens foram recebidos com grande alvorço de todos, festejando-se por todo o exercito as boas novas da India. E porque Manoel de Vasconcellos esperava por seu recado pera lhe mandar as cousas que lhe levava, despedio logo Francisco Velho com a gente da sua bandeira, em companhia daquelles dous homens, pera arrecadar as cousas que Manoel de Vasconcellos lhe trazia, apressando o mais que pudéram, porque Manoel de Vasconcellos havia de tornar a invernar á India. D. Christovão escreveu ao Governador seu irmão muito largamente todas as cousas, que até então lhe eram acontecidas.

C A P I T U L O VIII.

Do que mais aconteceo a D. Christovão da Gama: e de como o Rey de Zeilã o foi commetter em os vallos: e da aspera batalha que tiveram, em que ElRey foi ferido, e desbaratado, e escapou fugindo.

DEspedido Francisco Velho, dali a poucos dias chegou outro recado do Imperador pera D. Christovão da Gama, em que lhe rogava, que se fosse chegando pe-

ra elle, porque elle tambem o vinha fazendo pera se ajuntarem ambos. Com isto começou D. Christovão a marchar na mesma ordem, em que até alli viera, e foi entrando pelas terras do Jarte, (que era outro Senhor Abexim,) que tambem andava com os Mouros. Este sabendo da ida de Dom Christovão da Gama, mandou hum Embaixador á Rainha a lhe pedir perdão das culpas passadas, e que se obedecêra ao Rey de Zeilá, fora por não poder mais; que elle a queria acompanhar, e servir naquella jornada, como seu vassallo que era. A Rainha lhe mandou perdão, e seguro, com o que elle logo veio com toda a sua gente a beijar a mão á Rainha, e dar-lhe a obediencia. Depois foi fallar a D. Christovão, a quem deo seis cavalloos muito formosos pera sua pessoa, affirmando-lhe, que pelo caminho que levavam não deixariam de encontrar ElRey de Zeilá, porque elle tinha sabido por espias certas, que era partido muito determinadamente em busca delle.

Com estas novas foi D. Christovão da Gama caminhando com mais resguardo, e vagar, por ir esperando por Francisco Velho, que era em Maçuá. ElRey de Zeilá, que vinha caminhando em busca dos nossos, não tardou dous dias depois, que não tivesse D. Christovão recado dos corredores,

que já os Mouros appareciam. D. Christovão não se mudou, nem turvou em cousa alguma, antes com grande animo, e conselho ordenou sua gente em hum formoso campo, e assentou seu exercito com as costas em huma serra, fazendo-o na mais pequena fórma que pode, ordenando-lhe seus vallos, fossas, e trincheiras, plantando sua artilheria á roda, e repartindo as estancias pelos Capitães, ficando a Rainha com o Patriarca em meio com toda a bagagem, e o Barnagais em sua guarda. Aquella noite passaram com grande vigia, e ao outro dia, que foi Domingo de Ramos, apparecêram os arredores d'ElRey de Zeilá, que vinham descubriendo o campo, e vendo o exercito, tornáram a voltar.

D. Christovão mandou dous Portuguezes em cavalloos ligeiros, que fossem descubrir os inimigos, que de cima de hum tezo os víram, e muito devagar estiveram notando o exercito, e o número da gente; e tornando a voltar, disseram, que os Mouros eram tantos, que cubriam os campos. Não tardou apôs isto muito espaço, que não cessassem de apparecer por cima de hum tezo, em que ElRey se poz a ver o arraial, mandando dalli alguns Capitães, que fossem dar huma vista aos nossos, e travassem com elles algumas escaramuças para os provocarem

rem a sahirem ao campo fóra dos vallos , havendo que se os colhessem fóra , haveria pouco que fazer em os desbaratar. Os Capitães foram-se estendendo pelo campo , e cingindo o arraial com grandes estrondos de atabales , trombetas , e outros instrumentos de guerra , dando mostras de quererem commetter o exercito. D. Christovão sem perder hum ponto de sua obrigação , visitou todas as estancias , e provêo em tudo o que lhe pareceo necessario , animando , e esforçando aos Abexins ; que os Portuguezes não tinham necessidade disso , porque o estavam tanto , que desejavam de saltar fóra dos vallos pera pegarem com os Mouros.

E porque se chegavam muito , mandou D. Christovão que desparassem nelles algumas peças de artilheria , com que os fizeram affastar com bem de damno , e mortes dos inimigos ; e todo aquelle dia ficáram no campo á vista dos nossos. A D. Christovão pareceo-lhe que de noite o quizessem commetter , toda ella passou com as armas na mão. Ao outro dia , tanto que amanheceo , tornáram os Mouros a se chegar , adiantando-se alguns Turcos por ganharem terra com ElRey de Zeilá , que sempre esteve no tezo com tres bandeiras arvoradas , e commettêram as estancias com grande determinação , despejando primeiro suas cargas ; mas

a artilheria os escandalizou de maneira, que se affastáram com muitos menos, e a tiro de espingarda fizeram humas paredes de pedra em fosso, e detrás dellas se puzeram ás espingardadas com os nossos, de que feriram alguns. D. Christovão acudio áquella parte; e porque os inimigos se não fossiem avizinhar mais com elle, deitou fóra Manoel da Cunha, e Inofre de Abreu com suas bandeiras pera irem desfazer as paredes.

Sahidos elles do arraial, remettêram com as paredes ás espingardadas; e pondo-lhes os peitos, deitáram dellas os Turcos bem escandalizados, e derribáram as paredes á sua vontade. Os Capitães d'ElRey de Zeilá vendo fugir os Turcos, remettêram com os nossos, que os esperáram com as costas no arraial, travando com elles huma formosa batalha, em que houve algum damno de ambas as partes, ajudando-os das outras estancias com a artilheria. D. Christovão da Gama tocou a recolher, porque não houve-se algum desarranjo, o que elles fizeram com muito tento, ficando todo o campo descoberto á artilheria, que fez nos inimigos tal estrago, que se recolhêram pera onde estava ElRey. Esta noite passáram os nossos com grande vigia.

E porque naquelle lugar não havia agua, nem palha pera os cavallos, e poucos man-

timentos pera a gente , tomou D. Christovão conselho sobre o que faria , e assentou-se , que se alevantassem dalli , e fossem marchando em hum esquadrão muito fechado ; e que se os Mouros os commettessem , que lhes dessem batalha. Com esta resolução se leváram , e formáram seu esquadrão muito bem , levando a artilheria de feição , que pudesse jogar pera todas as partes. No meio hia a Rainha , e o Patriarca , e toda a bagagem.

D. Christovão da Gama ficou de fóra com oito de cavallo pera governar o exercito , e ver com o olho tudo ; e o Barnagais com os mais Capitães Abexins repartio em duas alas de ambas as bandas do esquadrão ; e nesta fórma foram caminhando muito seguros , e concertados. ElRey de Zeilá esteve vendo os Portuguezes como se ordenavam ; e tanto que foram marchando pelo campo largo , arreventou com todo o poder , e os foi commetter , rodeando-os por todas as partes , sem os nossos deixarem o compasso que levavam , jogando sua arcabuzaria pera huma , e outra parte em muito boa ordem. Os Turcos , que hiam affrontados dos Portuguezes lhes ganharem as paredes , apertáram muito com elles , adiantando-se de todos com sua arcabuzaria , com que fizeram algum damno. D. Christovão da

Conto. Tom. II. P. II.

P

GA-RENSA
NACIONAL

Gama vio-se tão apertado , que mandou a Manoel da Cunha , que lhes salisse com a sua gente , o que elle logo fez , travando com os Turcos muito determinadamente , matando-lhes do primeiro commettimento alguns , e fazendo-os retrahir a seu pezar. Os Mouros vendo os nossos baralhados , acudiram aos seus , e misturando-se todos , rodearam Manoel da Cunha , que fez maravilhas , e todavia esteve arriscado a se perder , se D. Christovão o não soccorrêra em pessoa , mettendo-se no meio dos inimigos como hum leão bravo , matando , e derribando muitos ; e todavia nos primeiros encontros lhe deram hum a arcabuzada por hum a perna , com que pelejou sem se sentir que estava ferido. El-Rey acudio áquella parte com todo o seu poder , travando-se entre todos hum a asperissima batalha , pelejada por todas as partes com grande crueza. A artilheria ficou sempre jogando o melhor que pode , fazendo nos Mouros damno grandissimo. A Rainha vendo a batalha naquelle estado , e a multidão dos Mouros , de que toda á roda estava cercada , houve tudo por perdido ; mas todavia vendo o que os Portuguezes faziam , e o grande esforço com que pelejavam , não deixava de ter alguma confiança , encommendando o Patriarca aquelle negocio a Deos , que permittio que estando a

coufa no maior perigo, dessem huma espingardada em ElRey por huma coxa, que lha atravessou toda, cahindo logo no chão. Os seus acudindo alli, e cuidando que era morto, alevantando-o, abatêram as tres bandeiras, que andavam sempre pegadas com elle, e foram-se recolhendo. D. Christovão vendo ir os inimigos em desbarato, contentou-se com a vitoria, que Deos lhe tinha dado, e fazendo final a recolher, plantou alli seu exercito pera se curar, e o fazerem a muitos que estavam feridos. Morrêram da nossa parte onze Portuguezes, em que entravam Luiz Rodrigues de Carvalho (aquele, de que muitas vezes fallámos no primeiro cerco de Dio no Cap. III. do Liv. III.) e Lopo da Cunha, homens Fidalgos, e muito bons Cavalleiros, que primeiro que perdessem as vidas, tomáram dellas bem larga satisfação nos inimigos, mandando-os Dom Christovão da Gama enterrar a todos juntos.

Vendo a Rainha a mercê que lhe Deos fizera, mandou armar suas tendas, e em huma dellas recolheo todos os feridos, que mandou curar com muito cuidado, fazendo-o primeiro a D. Christovão, e a Manoel da Cunha, que tambem tinha outra espingardada, estando ella presente á cura de ambos, fazendo com suas proprias mãos os fios, e as ataduras, com muitas lagrimas de pra-

zer ; e por huma parte festejava a vitoria , por outra mostrava o sentimento que tinha de ver D. Christovão ferido , administrando ella , e suas mulheres todas as cousas necessarias pera os feridos , com muito amor , e caridade. D. Christovão não se descuidou com a ferida de sua obrigação , antes , depois de curado , mandou fortificar o arraial , indo elle em huma cadeira correr as estancias , e ver tudo com o olho , e despedio espias pera irem saber dos inimigos. E logo aquelle mesmo dia escreveu huma breve carta pera o Governador , em que lhe dava conta da vitoria , e a despedio por hum correio pera a levar a Manoel de Vasconcellos ; escrevendo tambem a Francisco Velho , que se apressasse o mais que pudesse pera se vir pera elle , porque o hia esperando.

Naquelle lugar se deixáram ficar até o Domingo da Pascoela , mandando a Rainha buscar portodas as aldéas vizinhas todas as cousas necessarias pera a gente. Passada aquella semana , achando-se D. Christovão já bem , e os mais dos feridos sãos , levantou o arraial pera ir buscar os inimigos , que estavam dalli perto , pera lhes dar batalha , porque estavam atemorizados , e facilmente os poderiam desbaratar ; e assim foi marchando , muito fechado , e com grandes atalaidas. ElRey de Zeilá logo foi avisado da ida

dos Portuguezes; e porque já se achava bem da espingardada, ao menos fóra de perigo; levantou seu campo, e os foi esperar ao caminho, fazendo-se levar em hum andor. Chegados huns á vista dos outros, tornáram os Mouros a estender-se pelo campo pera cercarem os nossos á roda; mas os nossos como estavam com a mão folgada da victoria passada, os esperáram com mais determinação, travando-se antre todos huma aspera batalha, fazendo a nossa artilheria, e espingardaria nos Mouros mui grande estrago. Os inimigos desejando de se satisfazerem da quebra passada, mettiam-se pela batalha como desesperados, não arreceando perigo algum. Hum Capitão de sincoenta cavallos, que parece foi magoado, foi-se metter em meio dos nossos como doudo furioso, mas foi logo morto com a mór parte dos seus.

D. Christovão subio-se em hum formoso cavallo, e vendo que os nossos levavam já a melhor, appellidando *Sant-Iago*, *Sant-Iago*, rompeo nos Mouros mui denodadamente, seguindo-o todo o mais cabedal do exercito; e dando nelles com tão grande impeto, que com morte de muitos os arrancou do campo, fazendo-lhes virar as costas. D. Christovão, tanto que os vio ir em desbarato; despedio alguns Capitães em com-

panhia do Barnagais, pera que lhes fossem seguindo o alcance, como fizeram, indo derribando, e matando nelles bem á sua vontade. Aqui fizeram os Abexins maravilhas, que em quanto a batalha esteve arriscada, deixaram todo o pezo della sobre os nossos. Os Mouros hiam tão desordenados, que se Dom Christovão da Gama tivera duzentos Portuguezes de cavallo, sem dúvida ElRey de Zeilá fora tomado ás mãos, porque hia no andor fugindo; e todavia perdeu a mór parte de sua gente no alcance, que durou hum bom espaço. D. Christovão da Gama tomou conselho com o Barnagais, aonde passariam aquella noite, e assentaram, que fosse em huma ribeira, que estava dalli meia legua; e assim foram marchando, enterrando primeiro alli nove Portuguezes, que nesta batalha morreram.

ElRey de Zeilá estava agazalhado nesta mesma ribeira, bem descuidado de os Portuguezes poderem passar lá aquelle dia, e os nossos de cuidarem achallo alli: chegando os Portuguezes á vista della, tanto que teve rebate, metteo-se no andor, e foi fugindo com muita pressa, e os seus após elle, e todo o resto do dia, e toda a noite foram caminhando com tamanha pressa, que o medo lhes fazia parecer que os nossos lhes hiam nas costas, e não pararam até se

recolherem em huma ferra muito forte. Dom Christovão chegou á ribeira, e junto della se alojou por ser muito abundante de aguas, e mui abastada de hervas pera as cavalgadas, e alli descansaram aquella noite com grandes festas. Ao outro dia chegou Francisco Velho com muitas munições, armas, e provimentos, e com cartas do Governador pera D. Christovão, e pera todos os Capitães, com o que a vitoria ficou sendo de mais gosto, ainda que metteo grandes invejas em Francisco Velho, e seus companheiros, por se não terem achado nella. Alli souberam todas as novas, que lhe Manoel de Vasconcellos deo. E porque começavam ameaços do inverno, recolhêram-se a invernar, onde á Rainha melhor lhe pareceo, e onde pudessem ser melhor providos de tudo: alli se deixáram ficar esperando pelo Imperador.

CAPITULO IX.

Do que aconteceu ao Governador Martim Affonso de Sousa em Moçambique até partir pera a India: e de como a sua não se foi perder em Bacaim, e elle chegou a Goa: e de como D. Estevão da Gama lhe entregou a India.

HA muito que deixámos o Governador Martim Affonso de Sousa em Moçambique, fazendo-se prestes pera ir invernar á India; e andando-se negociando com muita pressa, foi avisado que D. Alvaro de Talde, irmão do Governador D. Estevão da Gama, que viera na sua companhia, determinava de mandar diante seu irmão, e que pera isso se negociava hum pangaio em muito segredo; e achando ser verdade, mandou-o prender dentro na fortaleza, e a Luiz Mendes de Vasconcellos, que era o que determinava de ir a Goa, e mandou pôr grandes guardas no rio, porque nada sahisse pera fóra; e por todos os rios de huma, e da outra parte mandou tomar todos os pangaios que havia, fazendo sobre isso grandes exames, pera que não fosse cousa alguma diante d'elle. E dando ordem a algumas cousas daquella fortaleza, e despedindo hum ca-
tur, que alli achou, com cartas a Martim Af-

fonso de Mello Juzarte, Capitão de Ormuz, pera que em Agosto lhe mandasse todo o rendimento da Alfandega que houvesse, escrevendo a ElRey, e ao Guazil cartas de offercimentos.

Feito isto, embarcou-se no galeão, em que foi Luiz Mendes de Vasconcellos, por ser navio mais maneavel, e ligeiro, levando consigo Aleixos de Sousa; e a sua não Sant-Iago fez della Capitão D. Francisco de Noronha, filho de hum irmão do Marquez de Villa-Real, Clerigo, pera a levar consigo, deixando as outras náos pera se irem na monção de Agosto, e a quinze de Março se fez á véla, indo em sua companhia Diogo Soares de Mello na sua galeota, sem largar huma hora o galeão. O Governador foi correndo a costa de Melinde, e surgio na bahia daquella Cidade, onde ElRey o foi logo visitar ao galeão com muitas festas, e tangeres, e lhe mandou diante hum grande presente de cousas da terra. E detendo-se aquelle dia, tornou á sua viagem, e por achar muitas calmarias, foi tomar Sacotorá, onde se refez de agua, e refresco. Dalli atravessou com tempos frescos, e no golfo se apartou delle a não Sant-Iago, que foi correndo sua derrota: dando-lhe na entrada de Maio algumas trovoadas, que eram ameaços do inverno, foi haver vista da cos-

ta da India de Dabul pera cima. Alli lhe deo hum tempo da parte do Sul tão grosso, que lhe foi forçado correr em poppa com hum bolso de véla. E como o vento, e a tormenta era grande, e o Ceo estava toldado, e o tempo escuro, não vendo o Piloto por onde hia, foi varar no rio das cabras na Ilha de Salfete de Baçaim, onde se fez em pedaços. A gente parte della se affogou, por se querer lançar a nado á terra, e a outra, que se deixou ficar na náó, toda se salvou, porque da terra lhe acudiram logo muitas almadías. D. Francisco de Menezes, Capitão de Baçaim, foi logo avisado, e embarcando-se no mesmo dia em alguns navios, acudio á náó, de que com grande diligencia, e trabalho tirou o dinheiro do cabedal, e toda a artilheria, e muita fazenda outra, e ainda a mór parte do cobre, que levava no lastro, e muitas outras cousas da náó, amarras, ancoras, cordoalhas, mastos, vergas, entenas, cabrestantes, poleame, e todas as mais cousas, que ainda servíram depois; e levou D. Francisco de Noronha, e toda a gente da náó pera Baçaim, onde invernou, mandando-lhes pagar quarteis, e dar mezas, despendendo muita parte de sua fazenda, e da d'ElRey, porque não atavam os Governadores naquelle tempo tanto as mãos aos Fidalgos como agora, porque também en-

tendiam delles quão puros, e desinteressados viviam.

O Governador com a galeota de Diogo Soares de Mello, que sempre o seguio, foi tambem correndo o tempo que lhe alcançou, mas já perto dos Ilheos queimados, e tão pegado com a terra, que lhes não fez nojo, e ainda que com trabalho, foram ferrar a barra de Goa a seis dias de Maio já Sol posto, sem haver delle aviso, nem ser visto, por logo escurecer. O Governador desembarcou logo na galeota de Diogo Soares de Mello, e ás onze horas da noite se foi metter nas casas de Antonio Pessoa Correa, a que chamavam Santos, que estam fóra da Cidade no caminho de S. Pedro. Dalli despedio na mesina galeota o Secretario Antonio Cardoso, homem Letrado, que com elle vinha, por quem mandou visitar D. Estevão da Gama, e a fazer-lhe a saber de sua chegada. E com elle mandou Jeronymo Gonçalves Sarmiento, seu Camareiro, e outro homem de sua obrigação, pera que lhe fossem levar o Secretario, e o Thesoureiro, porque hum não pudesse fazer Provisão alguma, em quanto D. Estevão lhe não entregava a India; nem o Thesoureiro pudesse fazer pagamento algum, porque sua tenção foi tomar todos de sobresalto. E assim deo por regimento ás pessoas que mandava,

que

que não lhes dessem lugar pera irem ao Governador, nem pera bolirem em cousa alguma. Diogo Soares de Mello foi surgir com a sua galeota no caes da Cidade, onde hoje estam os aposentos dos Viso-Reys, sendo já meia noite, ou mais, e disparou hum falcão com pelouro, que foi zonindo por cima das casas do Sabayo, onde pousava D. Estevão da Gama. O Secretario des embarcou logo, e foi bater ás portas do Governador, a quem mandou recado, que estava alli. D. Estevão da Gama sahio fóra cuberto com hum roupão, e Antonio Cardoso lhe disse: » Que o Governador Martim Affonso de Sousa lhe mandava beijar as mãos, que lhe mandasse novas de sua saude, e que lhe fazia a saber que era chegado. » D. Estevão com muita segurança lhe perguntou onde estava, e dizendo-lhe que nas casas de Antonio Pessoa, dando á cabeça, disse ao Secretario: » Assim me tomas o Senhor Martim Affonso como ladrão? » Ora dizei-lhe, que sua vinda seja boa; » e com isto o despedio. Os outros dous, que eram enviados aos Officiaes, entráram por suas casas, e lhes deram o recado do Governador; e não lhes dando lugar pera se vestirem bem, assim mal vestidos os leváram consigo, e com elles se deteve o Governador toda a noite em saber das cousas da fazenda.

D. Estevão da Gama ficou enfadado do pouco respeito , que em Portugal se lhe teve , e de o mandarem tirar por hum homem , que não era seu amigo , e toda a noite passou sem dormir , cuidando no aggravo que se lhe fez. As novas da chegada do novo Governador corrêram logo pela Cidade , que começou a arder em alvoroço , acudindo os parentes , e amigos de hum , e de outro a saberem novas , e aos acompanhar até amanhãecer. D. Estevão da Gama foi logo avisado de como o Secretario , e Thesoureiro foram levados com aquella pressa , do que se tomou tanto , que disse palavras como homem magoado. Tanto que foi de dia , mandou D. Estevão recado aos Vereadores , e Officiaes , e com os Fidaigos que o acompanháram , foi a casa do Governador pera lhe fazer entrega da India. Martim Affonso foubede sua ida , e o sahio a recerber fóra , mostrando-se-lhe D. Estevão carregado , e de poucos cumprimentos ; e alli lhe fez entrega da India , perante Fernão Rodrigues de Castello-branco , Veador da Fazenda , e de João da Costa , Secretario , que disso fez seu termo ordinario. Feito este auto , despedio-se D. Estevão do Governador , e dalli se embarcou pera Pangim , onde invernou , sem mais querer correr em amizade com Martim Affonso , que tanto que tomou posse

se da Governança, logo provêo o cargo de Veador da Fazenda em Aleixos de Sousa, que lho acceitou por pobre, e por parente.

Os Vereadores preparáram hum grande recebimento ao Governador, e dahi a alguns dias entrou em Goa com grandes festas, e alegrias. O P. Mestre Francisco com os companheiros, que vieram no galeão com o Governador, se recolhêram ao Hospital, começando logo a dar grandes mostras de suas vidas, e doutrina, curando os enfermos com muita caridade, visitando os Hospitales dos gafos, consolando-os, e esforçando-os. Aos Domingos, e dias Santos sabiam pelas ruas a ensinar publicamente a doutrina Christã aos moços, prégando, e confessando a toda a hora que os chamavam, com grande consolação de todo o povo. D. Estevão da Gama tanto que se foi pera Pangim, mandou chamar o Ouvidor Geral, e o Provedor mór dos defuntos com seus Escrivães, e mandou por elles fazer inventario de toda sua fazenda, tomando elle juramento, e mandando-o dar a todos os criados, que lhe corriam com sua fazenda; e segundo ouvimos afirmar a pessoas daquelle tempo, dignas de fé, acháram-se-lhe menos sincoenta mil pardãos do que tinha antes de entrar na Governança, e a mór parte delles gastou na jornada do Estreito, e disto tirou certidões pera mostrar a El Rey.

CAPITULO X.

Da Armada que este anno de 1542 partio da nova Hespanha pera as Ilhas de Maluco, de que era Capitão Ruy Lopes de Villa-Lobos: e do que lhe aconteeceo na jornada até á Ilha de Saragão: e do aviso que D. Jorge de Castro, Capitão de Maluco, teve desta Armada: e de hum protesto, que mandou fazer ao Capitão Ruy Lopes de Villa-Lobos.

Com a cubiça do cravo de Maluco, e com as grandezas que daquellas Ilhas contáram os da Armada passada, determinou D. Antonio de Mendoga, Viso-Rey da Nova Hespanha, mandar a ellas huma Armada por sua conta, de que elegeo por Capitão D. João de Alvarado, Adiantado da Provincia de Gatimala, trezentas leguas do Mexico, que tinha tambem quinhão na jornada; mas depois das despezas feitas faleceo o D. João de Alvarado de huma queda que deo de hum cavallo, andando na conquista da Nova Galiza, pelo que ficou toda a Armada ao Viso-Rey, que elegeo pera ir nella Ruy Lopes de Villa-Lobos. Esta Armada partio do porto de Natividad dia de Todos os Santos deste anno de quarenta e dous; a Armada era de seis navios;

em que iriam trezentos e sincoenta soldados, e quatro Frades da Ordem de Santo Agostinho, de que era maior Fr. Jeronymo de Santo Estevão.

E navegando ao Ponente, no cabo de oito dias viram huma Ilha chamada Santo Thomaz, que está em dezoito grãos e tres quartos, e passáram por algumas despovoadas em dezoito grãos do Norte. Dia de Natal descobriram muitas outras pequenas cheias de arvoredos, e tão alcantilladas, que não ousáram a surgir antre ellas. E dia de Santo Estevão o fizeram em huma, a que puzeram o mesmo nome: alli fizeram agua, e lenha, e Villa-Lobos tomou posse della, e de todas as daquelle Arquipelago, pelo Imperador Carlos V. A este Arquipelago puzeram nome *dos Coraes*, pelos arrecifes todos serem delles, como os de Maluco: daqui partíram dia dos Reys, e passáram por muitas Ilhas, a que puzeram nome (por frescas) *as dos Jardins*, que estam em dez grãos. E navegando por antre ellas, dalli a dezoito dias chegaram a huma Ilha verde, de que lhe sahíram alguns paráos com gente da terra baça, como a de Maluco; e chegando junto de huma das náos da conserva, lhe fallou hum dos paráos em Portuguez, e lhes disse: *Bons dias, matalotes*, e voltáram logo, porque viram despedir-se da náos Ca-

pitanea o esquife pera os ir chamar, e da-
qui se ficáram estas Ilhas chamando as dos
Matalotes, que estam em dez grãos. E lo-
go adiante acháram outra Ilha, a que pu-
zeram nome *dos Arrecifes*, por ter muitos,
que tambem está em dez grãos. Passada es-
ta Ilha, acháram outra na mesma altura, a
que puzeram nome a *Cesarea*, por amor do
Imperador.

Aqui surgio a Armada, e se deteve trin-
ta e dous dias; e deixáram de a povoar por
não ser a terra boa, e porque levava o Villa-
Lobos determinado de o não fazer mais de
doze grãos. E passando adiante, foram de-
mandar a Ilha de Mindanáo, que não pu-
deram dobrar, porque traziam os Pilotos da
Armada a ponta da Ilha em onze grãos e
meio, estando ella em onze. E achando alli
o vento contrario, corrêram ao Sul, e fo-
ram surgir em Saragão, e querendo desem-
barcar, foram mal recebidos da gente da ter-
ra, e lhes matáram quatro companheiros,
pelo que se tornáram a embarcar. Aqui foi
ter com elles huma galeota da sua compa-
nhia, que havia dias que se tinha desgarrá-
do com tempo, que foi dar em humas Ilhas
muito abastadas de mantimentos, onde se
provêram, e lhes puzeram nome as *Filip-
pinas*, pelo Principe D. Philippe, herdeiro
do Imperador Carlos V. Aqui em Saragão

estiveram alguns dias embarcados; e porque lhes faltavam mantimentos, embarcou-se o Villa-Lobos na galeota, e tomou outro navio, e foi demandar outras Ilhas, que estavam á vista, pera ver se achava nellas coufa, de que se proveesse. E chegando a ellas, desembarcou na praia com todos os da sua companhia, e em os vendo os naturaes, despejaram a povoação, e se acolhêram a hum outeiro. Os Castelhanos os foram commetter, e tiveram com elles huma batalha, em que lhes matáram muitos, e perdêram hum só companheiro; e dando busca á povoação, acháram alguns poucos mantimentos, com que se tornáram pera a Armada. E vendo que por alli não tinham onde se proveessem, e sabendo como nas Filippinas acháram os da galeota muitos mantimentos, mandou o General hum Bernardo de la Torre por Capitão de hum galeãozinho, chamado S. Joanilho, e a Pero Ortiz de la Rueda na galeota, e lhes deo por regimento, que fossem áquellas Ilhas a buscar mantimentos, com que tornaria a galeota, e o galeão se faria na volta da Nova Hespanha com recado ao Viso-Rey do que lhe tinha succedido naquella jornada, escrevendo-lhe sobre isso largamente. Estes navios foram ter áquellas Ilhas, e a galeota carregou de mantimentos, e tornou a voltar pera a Ar-

mada, e o Fernão de la Torre se ficou negociando, e provendo pera sua jornada, e partio pera a Nova Hespanha entrada de Agosto, e de sua jornada adiante daremos razão.

Alli ficáram os Hespanhoes comendo alguns mantimentos que tinham, que se lhes acabáram logo, e começáram a passar fomes, e necessidades de feição, que entráram por cousas immundas, e nojentas, como cães, gatos, ratos, cobras, lagartos, e outras cousas semelhantes.

A nova desta Armada chegou a Maluco a D. Jorge de Castro; e porque sentio na gente da terra algum alvoroço, despedio logo hum Antonio de Almeida, que diziam que era filho bastardo do Contador mór do Reyno, com duas corocoras, e lhe deo por regimento, que fosse á Ilha de Saragão, e que foubesse a certeza daquella Armada, e que achando-a, dêsse hum carta, que levava ao Capirão mór della.

Partidas estas corocoras, foram com muito trabalho á Ilha de Saragão, e achando a Armada, mandou Antonio de Almeida pela corocora da companhia, hum soldado a pedir ao General licença pera se ver com elle, pedindo-lhe refens pera sua segurança. Chegada a corocora á Armada, poz a novidade daquella embarcação alvoroço em to-

Q ii

dos os della, e entrando na Capitanea, lhe deo o recado de Antonio de Almeida. Ruy Lopes de Villa-Lobos o recebeu com muita honra, e lhe entregou hum daquelles Capitães pera ficar na outra corocora em refens, em quanto vinha fallar com elle. Com esta segurança foi Antonio de Almeida ao galeão, e o Capitão mór o recebeu a bordo; e recolhidos pera a varanda, lhe deo a carta de D. Jorge, que continha o seguinte:

» Senhor, por algumas pessoas da terra
 » soube da chegada de V. m. a essas Ilhas;
 » se foi com tempo fortuito, não tenho que
 » fazer mais, que pedir-lhe se venha pera es-
 » ta fortaleza, onde o servirei, e proverei
 » de tudo o necessario; mas se sua vinda he
 » a outra cousa, e por outro respeito, fa-
 » ço-lhe a saber, que estas Ilhas são d'ElRey
 » de Portugal, e que pelo contrato que ali-
 » tá feito antre elle, e o Imperador seu cu-
 » nhado, nenhuma Armada sua pôde passar
 » das Ilhas das Vêlas, que estam em dezese-
 » te grãos escasos, e que elle estava dos li-
 » mites pera dentro naquellas Ilhas em que
 » estava. Que lhe requeria da parte d'ElRey
 » de Portugal, e do Imperador, que logo
 » se tornasse, e não quizesse quebrantar as
 » pazes, que antre elles estavam feitas.»

Ruy Lopes leo a carta, e logo lhe re-
 spondeo, dizendo assim de palavra a Anto-
 nio

nio de Almeida, como por carta a Dom Jorge: » Que elle não vinha alli a deservir » El Rey de Portugal em cousa alguma, nem » quebrava as pazes, porque aquellas Ilhas, » em que estava, eram do Imperador; » e com isto lhe escreveo muitos cumprimentos, de que os Hespanhoes nada são avaros, e teve com Antonio de Almeida outros. Elle se despedio do Villa-Lobos, sem poder notar a gente que os navios tinham, nem o modo de como estavam, nem elle quiz perguntar cousa alguma, porque lho não haviam de dizer. E voltando pera Maluco, deo conta a D. Jorge do que passava, e pela carta vio a resposta. E não faltou quem murmurasse de Antonio de Almeida, havendo que vinha peitado dos Castelhanos, porque trazia peças, e brincos, que lhe elles deram.

Vendo D. Jorge a resposta do Villa-Lobos, despedio logo Belchior Fernandes Correa em tres corocoras, e com elle hum Tabellião, por quem lhe mandou fazer grandes protestos, e requerimentos, pera que se fahisse daquellas Ilhas; e deo por regimento a Belchior Fernandes, que lhe mandasse huma corocora com a resposta, e que com as outras se fosse pôr a Taguima, pera dar á não da carreira, ou á Armada, se o Governador a mandasse, de tudo o que era passado.

Belchior Fernandes foi sua derrota, e achou já os Castelhanos em Mindanáo com muitos menos, porque lhe morrêram muitos de doença, e fomes em Saragão, e foi demandar o porto de Camarião, onde a Armada estava; e entrando no galeão do Capitão mór, que o recebeu bem, lhe mandou notificar o protesto, e requerimento que levava, que continha o mesmo que por Antonio de Almeida lhe escreveu. O Villa-Lobos lhe respondeu também por outro protesto, feito pelo mesmo Tabellião: » Que elle não estava nos limites do Serenissimo » Rey de Portugal, nem entraria nelles por » lhe ser muito defezo, mas que estava nos » do Imperador seu Senhor. E que lhe re- » queia, que não perturbasse a paz, porque » elle estava muito prestes pera a cumprir em » tudo.» Com isto se despedio Belchior Fernandes, e os Castelhanos ficáram naquelle lugar esperando pela galeota, que era nas Philippinas, e luns poucos delles sahíram hum dia em terra pera tomarem mantimentos, e deram os negros nelles, e matáram alguns, ao que acudio Francisco Marinlio, Mestre do campo, com alguma gente, e também o matáram com muitos de sua companhia, e o Ruy Lopes de Villa-Lobos imaginou sempre que fora ardil do Belchior Fernandes Correa, e que deixára peitados

os da terra pera darem nos Hespanhoes, se fossem a ella. Neste mesmo tempo chegou a galeota das Philippinas com muitos mantimentos, e deo por novas, que o galeão São Joanilho era partido pera a Nova Hespanha; e que aquella terra era muito boa, e fertil, e que os naturaes os desejavam lá muito. Com estas novas tornou o Villa-Lobos a mandar a galeota, e hum bargantim, em que foi o mesmo Pero Ortiz, pera que se confederasse com os da terra, e lhe trouxessem mantimentos.

Partidos estes navios, dahi a oito dias o fez tambem o Villa-Lobos na sua não, e dous bergantins que fez, (porque outro navio dos da sua companhia era perdido,) e tomou a derrota das Philippinas, e tendo navegado sincoenta leguas, lhe deram os brizas, com que não pode passar, e despedio os bergantins pera as Philippinas, e nelles Fr. Jeronymo de Santo Estevão, Prior dos Agostinhos, e elle se foi metter em huma bahia da Ilha de Cesarea, chamada Blancaj, onde se deixou ficar mais de hum mez esperando pelos bergantins, e alli lhe vendiam os da terra algum pouco mantimento. A galeota, que hia pera as Philippinas, achou ventos contrarios, por onde não pode passar, e tomou huma Ilha, chamada Hunaco, onde lhe matáram doze soldados. E

voltando pera Mindanáó , foi tomar a en-
ceada , onde estava o seu General tão fal-
to de tudo , e em tanto aperto de fome ,
que dava a cada pessoa quatro onças de ar-
roz por dia , sem mais outra cousa.

E deixando-os agora pera seu tempo ,
tornaremos a Belchior Fernandes Correa ,
(que foi com o protesto ao Villa-Lobos.)
Chegado a D. Jorge com o recado , e pro-
testo , que lhe o outro mandava fazer , te-
mendo-se de alguma novidade , fortificou-se
muito bem , e fez hum baluarte de pedra ,
e cal no canto do muro , que ficava sobre
o mar , e forrou o muro com vigas muito
grossas , e com seus entulhos. E temendo-
se que os Castellhanos fossem ao Moro , de-
terminou de mandar lá huma Armada ; e
porque não tinha mais que duas fustas , pe-
dio a ElRey algumas corocoras , que lhe
elle não quiz dar , com bem ruins escusas ,
porque não quiz anojár o Rei de Geilolo ,
e o de Tidore , que favoreciam os Caste-
lhanos , por pertender seu favor , se o qui-
zessem tirar do Reyno , porque esperava to-
dos os annos que tornasse de Goa o irmão
Tabarija.

Vendo D. Jorge que todos eram contra
elle , tratou de prender ElRey ; mas deixou
de o fazer por não quebrar com todos , e
pelos não ter declaradamente contra si. Qua-
si

si no mesmo tempo a dezoito de Outubro, chegou ao porto de Talangame o galeão da carreira, em que hia Gil de Castro, que succedia naquella Capitanía a Fernão de Castro, que falecêra em Malaca; e por huma Provisão que levava do Viso-Rey, nomeou em seu lugar a Gil de Castro, que devia de ser ou irmão, ou primo. D. Jorge foi logo avisado de sua chegada, e o mandou visitar, e pedir-lhe suas Provisões. Gil de Castro lhas levou, e D. Jorge o recebeu bem, e o levou por seu hospede. Ao outro dia presentes os Officiaes, lhe pediu D. Jorge a carta de guia pera lhe entregar a fortaleza, e elle a apresentou, e abrindo-se, se achou fallar só em Fernão de Castro, pelo que lhe não podia entregar a fortaleza, porque não havia cousa, por onde ficasse desobrigado da menagem della. Gil de Castro fez seus protestos; mas em fim o negocio se calou, porque D. Jorge o satisfez, e lhe comprou muito bem sua fazenda, e ficaram amigos.

CAPITULO XI.

Do que aconteceo a Hamau Paxá Rey dos Magores na Corte de Xá Ismael : e da ajuda que lhe deo pera tornar a conquistar seus Reynos : e de como foi contra o Reyno dos Patanes : e de sua descripção : e de como foi desbaratado o Hamau, e lhe nasceu seu filho herdeiro.

EM quanto nos dura o tempo do inverno, em que não ha que fazer em nossas cousas, daremos razão das alheias, e esta ordem guardaremos sempre pelas não misturarmos todas. E assim agora daremos conta do que aconteceo ao Rey dos Magores, que deixámos desbaratado de Xircan, e recolhido pera Persia, porque são cousas, que convem a nossa historia, pera melhor entendimento della.

Pelo que se ha de saber, que partido Hamau Paxá do Reyno do Cinde, (como atrás dissemos no Cap. III. do X. Liv. da quarta Decada,) foi ter á Corte de Casbim, onde Xá Ismael residia, que o recebeu honradamente, compadecendo-se de suas misérias, e consolando-o, promettendo-lhe toda ajuda, e favor que pudesse pera cobrar seus Reynos, mandando-lhe dar aposentos, e todas as cousas necessarias á sua pessoa,

e Estado. Na Corte andou este Rey dous annos , dilatando-lhe o Ismael de dia em dia o soccorro , sem acabar de concluir em alguma cousa. O Hamau Paxá sempre trouxe suas intelligencias antre os inimigos pera ser avisado do que passava , andando muito enfadado das dilações daquelle Rey. A mulher , que se recolheo a Cabul (como dissemos) tanto que soube ser elie na Persia , o mandou logo avisar , de como o esperavam os naturaes daquelle Reyno pera lho darem , por ser seu primo falecido sem herdeiros. Isto deo grande alento ao Hamau , e mais vontade ao Xá Ismael pera lhe dar o soccorro que lhe tinha promettido. Apôs estas novas lhe chegáram outras , de como o Xircan era ido pera as partes de Bengalá a acudir a alguns Reynos , que se lhe rebelláram , e que ficava o de Deli , e todos os mais com pouco cabedal , e que com qualquer soccorro os podia tornar a ganhar ; por isso que se aproveitasse da occasião do tempo , e que se apressasse , porque o não era de a perder tão boa , e tão opportuna.

Destas cousas deo conta ao Xá Ismael , dizendo-lhe como estavam dispostas pera com mais facilidade tornar a ganhar o seu. O Xá Ismael movido de compaixão , determinou de o negociar , e lhe pedio a fortaleza de Cahandar com toda sua jurdição , que era

do

do Reyno de Cabúl, que elle herdava, por-
 que ficava no estremo daquelle Reyno, e do
 de Coraçone, que era do Xá Ismael, por
 ser huma cousa muito importante pera se-
 gurança daquelle Estado. O Hamau lha deo,
 e concedeo, concertando-se, que de cami-
 nho a entregasse a seus Capitães, e que dal-
 li fosse conquistar seus Reynos. Prometteo-
 lhe mais de tomar seu carapução, e de se-
 guir sua seita, como fez. Com isto lhe or-
 denou quinze mil Quizilbaxis, com que
 mandou hum filho seu mais moço, menino
 de dez annos, entregue a Beran Can seu Ca-
 pitão geral, a quem hia commettida aquel-
 la empreza. A tenção do Xá Ismael mandar
 este filho nesta jornada, foi de elle ficar na
 Cidade de Cahandar, e fazello Rey daquel-
 la parte, porque tinha muitos filhos, e que-
 ria accomodar este.

Prestes o soccorro, despedio-se o Ha-
 mau do Xá Ismael, e começou a marchar
 pera o Reyno de Cabul, aonde a mulher o
 havia de estar esperando com toda a gente
 daquelle Reyno; e antes de chegarem a Ca-
 handar, (que era a Cidade, que elle tinha
 promettida a Xá Ismael,) faleceo o menino
 seu filho, e o Beran Can despedio recado
 ao pai pera saber o que faria, indo-se de-
 tendo até lhe chegar a resposta do Xá Is-
 mael, que não tardou, mandando-lhe di-

zer, que proseguisse elle na jornada por geral do exercito, até restituir o Hamau em seus Reynos. Chegado a Cabul, tomou o Hamau a Rainha comsigo, com toda a gente que tinha feita, e foi entrando por seus Estados, senhoreando-se outra vez delles, desbaratando os Capitães que Xaholão tinha deixado com muita gente, e tornou a assentar sua Corte na Cidade do Deli, onde fez muitas mercês a todos os Persas. E vendo a grande prudencia, e esforço de Beran Can, lhe pedio quizesse ficar com elle, offerecendo-lhe taes partidos, que o rendeo, dando-lhe muitas terras, e rendas, e o titulo de Cancana, (que he a maior dignidade do Reyno, que responde á de Condestabre.)

Vendo-se o Magor quieto em seu Reyno, ficando com o de Cabul (que herdou) muito mór Senhor, e mais poderoso que de antes, e não se contentando de possuir o seu em paz, determinou de ir conquistar o Reyno dos Patanes, e destruir de todo o Xaholão, com quem a fortuna já tinha desandado a roda; porque assim como subio apressado, assim tornou a descer com grande ligeireza. E ajuntando hum muito grosso exercito na entrada deste Verão passado, entrou pelo Reyno dos inimigos. (E posto que adiante com o favor Divino havemos de fazer huma particular descripção de todos

254 ASIA DE DIOGO DE COUTO

os Estados , que este Barbaro possuiue , aqui iremos fazendo huma muito breve do caminho que nesta jornada levou.)

Partido da Cidade do Deli , sempre ao Nascente , foi entrando por huma Provincia , chamada Matorás , aos tres dias de sua jornada , por onde ha muitos , e grandes Pagodes daquelles Gentios , continuados dosromeiros de todo o Induстан. Tres dias foi caminhando por ella , e no cabo delles foi ter á Cidade de Tatepur , que está posta sobre huma formosa serra. Dalli a hum dia de caminho foi á Cidade de Agará , (que depois foi Corte , e cabeça do Reyno dos Magores.) Daqui foi caminhando doze jornadas , sempre ao longo de hum formoso rio até chegar a duas fortalezas , que estavam de huma , e da outra banda , chamadas Manequipur , e Cará. Dellas a outras tres jornadas acháram a Cidade de Janapur , grande , e de formosos edificios. Dalli a quatro dias de jornada foram á Cidade de Galipur , ou Galipi , que parecia que já em outro tempo fora cousa muito grande , pelas muitas ruinas que nella apparecem , assim de edificios , como de sepulturas , e Pagodes. Nesta terra se faz muito açucar candee , que vai a Cambaya , e dalli pera todas as partes da India. Dalli a dez jornadas foram á Cidade de Paial , aonde está hum so-

berbo Pagode dos antigos Reys, de muito grande romagem. Por esta terra passa o rio Gange, e por ser baixa lie muitas vezes alagada, e recebo delle grandes damnos, e destruições; pelo que indo depois o filho deste Hamau Paxá, sendo Rey, em romaria áquelle Pagode, vendo o grande damno que suas inundações faziam, mandou que se tapasse o Gange em cima, e que o repartissem por outras partes, como se logo fez. Nesta obra se gastáram oito mezes, andando de continuo nella quarenta mil trabalhadores; e certo que foi obra igual á d'ElRey Xerxes, quando passou pera Grecia, agastado de se lhe affogar hum dos cavallos do seu carro, jurando de o fazer passar a váo, até as mulheres, como fez, dividindo-o em muitos regatos. Neste lugar mandou este Rey tambem fazer huns Paços de tanta grandeza, e magestade, que se podem contar ante as maravilhas do Mundo, porque nos affirmáram os Magores, que puzeram em os fabricar trinta annos, andando de continuo dez mil trabalhadores nelles.

Partido o Magor do Paial, em cinco jornadas chegou á Cidade de Canár, posta sobre hum braço do Gange, grande, forte, e formosa. Dalli a tres jornadas chegaram a huma Provincia de Gentios, chamada Manarás, onde ha muitos, e grandes Pagodes,

e he tão continuada sua romagem de todos os Gentios do Oriente, que se affirma renderem os direitos das pessoas (que pagam huma cousa muito pouca) mais de hum milhão de ouro. A este Pagode se foi tambem offerecer ElRey Gelaldim Mamede, filho deste Hamau; e vendo aquelle trafego deromeiros, franqueou aquella romagem a todos liberalmente. Daqui por diante foram entrando pela Provincia dos Patanes, gentes que já senhoreáram todo o Induстан; e a duas jornadas por ella chegáram á Cidade de Gasapúr, que tomou muito facilmente. E caminhando adiante outras tres jornadas, chegáram a outra Cidade, chamada Jamanca, sobre quem assentou seus exercitos, por ter novas que o inimigo Xaholão vinha em busca d'elle com hum grosso poder. Alli se fortificou, e começou a combater a Cidade fortissimamente, por ver se a podia tomar primeiro, que o inimigo chegasse. Xaholan deo-se tanta pressa, que chegou poucos dias depois, e assentou seu arraial da outra banda do rio, humia legua do Magor, donde o foi commetter com muitas escaramuças, de que ambos recebêram bem de damno. O Patane, que era grande Capitão, e de grandes ardís, usou de todos os que pode. O Magor como estava bem provido, foi combatendo a Cidade de vagar, que

que por ser muito forte, e estar muito bem negociada, se defendeo muito bem, gastando o Magor sobre ella até o mez de Julho, em que o rio Ganges, que lhe passa perto, costuma a ter suas inundações com tanta braveza, que alaga todos aquelles campos mais de oito leguas á roda.

O Patane, que esperava já por ellas, mandou cortar bem em cima dous braços daquelle rio, fazendo-lhe primeiro grandes prezas. E chegando as primeiras aguas, as mandou largar de noite, que começaram a vir rompendo por aquelles campos, com tão grande terremoto, que parecia o Mundo se desfazia; e dando no exercito do Magor, que estava em parte baixa, o alagou todo, affogando-lhe mais de sincoenta mil homens, a fóra cavallos, bois, e outras alimarias, que foi hum grande número. O Magor salvou-se com muito trabalho, e quasi affogado em huma azemala por ordem de hum seu azemeleiro, e sua mulher, que estava prenhe, e em dias de parir, escapou em hum alifante, com parte de suas mulheres em outros. O Parseo Cancaná tambem esteve affogado. Toda aquella noite andáram com grande risco, sem huns saberem dos outros até amanhecer, que se começaram a ajuntar ao Magor alguns Capitães, que escapáram com suas gentes, e ajuntou hum

Conto. Tom. II. P. II.

R N I M ex- E N S A
N A C I O N A L

exercito de perto de sincoenta mil homens. E porque receou que os inimigos fossem apòs elle, mandou diante sua mulher, e elle foi passando por todas as Cidades, que tinha tomadas, levando as guarnições que nellas tinha posto, e foi-se caminhando apressadamente pera o seu Reyno.

A Rainha, que hia algumas jornadas diante, deram-lhe as dores do parto de noite, e dizem algumas pessoas, que parira huma filha; e porque sabia o grande desgosto, que o Magor disse havia de ter, receando que lhe viesse tomar avorrecimento, fiando-se de huma pessoa sua, sabendo que aquella mesma noite parira a mulher de hum Cornacá (que são os que governam os alfantes, de alguns que levava) hum filho macho, mandou com muita pressa, e em muito segredo, trocar a filha com elle; e affirmou-se, que nem a mulher do Cornacá soubera da troca, porque quasi foi no mesmo instante, que acabára de parir. Isto nos affirmou muito hum homem Polaco, chamado Gabriel, que veio lá por Moscovia aos Husbeques, e esteve na Corte de Abdulcan, Rey de Camarcant, alguns annos, e dalli passou ao Magor, em cuja casa, e serviço andou quinze annos, e depois veio ter a esta Cidade de Goa, onde o communicamos, e soubemos muitas cousas daquellas par-

partes , que elle notou bem , por ser hum
 homem muito experto , e de vivo engenho ;
 e pela conta que dava , vio tanto , ou mais
 que Marco Polo Veneto , porque correo a
 Mascovia , a Husbequia , a Persia , a Tartar-
 ria , e chegou a Cambalec , Corte do Grão
 Can , e entrou por parte da Provincia da
 China , e voltou pera o Induстан , e correo
 todos os Reynos dos Magores , e todo o de
 Cambaya , e Cinde , e depois de estar al-
 guns annos em Goa , foi-se pera Cambaya ,
 onde morreo.

A Rainha foi creando o menino , e lo-
 go se publicou que parira ; pelo que voltou
 hum criado seu a dar novas ao Magor , que
 em as ouvindo , e vendo que lhe nascia hum
 filho em tempo de tantas desaventuras , e
 trabalhos , olhando pera o Ceo , disse : *Alá*
hachbar , que quer dizer , Deos grande , e
 poderoso , e ao filho puzerão-lhe nome Ge-
 laldim ; e depois que herdou os Estados do
 pai , e outros Reynos que conquistou , fi-
 cando mór Senhor que elle , intitulou-se Hac-
 bar , que quer dizer , Grande , e poderoso.

E quanto á dúvida que d'elle se tem , se-
 gundo praticámos com algumas pessoas que
 o víram , e ainda naturaes seus , não pare-
 ce em sua feição Magor , porque he homem
 pequeno de corpo , preto , bexigoso , e tão
 mal barbado , que parece Jáo , sendo todos

os Magores por natureza muito alvos, grandes de corpo, rostos largos, e muito barbados. Algumas pessoas dizem, que era filho da Rainha, e do Cornacá, e que indo ella no alifante, emprenhára d'elle.

E tornando ao Magor, foi caminhando apressado; e tanto que sahio das terras dos inimigos, cobrou mais algum alento. E chegando á Cidade do Deli, querendo gratificar ao azemeleiro, que o livrou da morte, fez aquillo que Assuero a Mordoqueu; vestindo-o em suas insignias Reaes, mandou-o por toda a Cidade acompanhado de toda a Corte como Rey, e depois o assentou em seu Throno, e tres dias continuos o tiraram pela Cidade com pregões, que declaravam o porque lhe fazia aquella honra. Concedeo-lhe mais, que tudo o que naquelles tres dias fizesse, fosse feito, e que nelles pudesse mandar como Rey, e que as rendas de todo o Reyno daquelles tres dias fossem suas, e se arrecadassem pera elle; ficando este homem de pobre, rico, de baixo, grande diante d'ElRey, que sempre lhe fez honras, e mercês. Mandou mais ElRey, que em todas as moedas, que dalli em diante se batessem, fossem cunhadas com huma figura de huma azemala, pela em que se sahía.

Nesta jornada se achou hum Portuguez,

chamado Cosmo Correa, casado em Chaul, com mulher, e filhos, que ainda vivem, que por espancar hum Feitor, fugio pera Cambaya, e dalli se passou á Corte do Magor: este homem dava desta jornada muito boa razão, por ser homem avisado, e de quem o Magor foi grande amigo. Contava delle muitas cousas, antre ellas dizia: » Que » estando hum dia praticando com elle, lhe » pedio, que lhe mostrasse o livro por onde rezava, que lhe elle mandou vir, que eram humas Horas de Nossa Senhora, das quellas antigas de quarto, illuminadas todas; abrindo-as ElRey, deo logo no começo dos sete Psalmos, onde estava a historia de David com Bersabeth, illuminada, e grande, que tomava todo o quarto. E estando ElRey vendo, disse a Cosmo Correa: Que me darás, se te adivinhar esta historia? Cosmo Correa lhe respondeo, que tinha elle que dar a hum tamanho Monarca. Dá-me a tua lança, disse o Magor, (que era hum de Portugal,) senão eu te darei a cabeça de hum porco montez, que diante de ti matarei; e com isso lhe contou a historia, assim como a temos na Escriitura. » E dando-lhe o livro, lhe disse: » Que lhe mostrasse os quatro homens, que escrevêram a Lei dos Christãos. » Cosmo Correa lhe mostrou os Evan-

gelistas, que estavam illuminados nos começos das Paixões, que ElRey esteve vendo devagar; e depois lhe disse: » Ora sabe hũa ma cousa, que muitas vezes ouvi dizer a » meu pai Babur Paxá, que se a lei de Ma- » fameda padecesse detrimento, que não re- » cebesse nenhuma outra, senão aquella, que » fora escrita por quatro homens. » E assim era este barbaro tão afeiçoado aos Christãos, que onde os via (principalmente Portuguezes) lhes fazia muitas honras, e mercês. Desta vez ficou o Magor em seus Reynos; e o Xaholan, assim como se levantou de nada, assim desceu apressado, porque quando morreo, já tinha perdido a mór parte de seus Reynos, não lhe ficando herdeiros, e com elle se acabou todo.

C A P I T U L O XII.

De como se descobríram as Ilhas de Japão: e de huma breve relação do principio, e origem de seus povoadores: e de alguns ritos, e costumes daquellas gentes: e das Provincias que tem.

E Stando este anno de 1542, em que andamos, tres Portuguezes companheiros, chamados Antonio da Mota, Francisco Zaimoto, e Antonio Peixoto no porto de Sião, com hum junco seu, fazendo suas fazendas, af-

assentáram de ir á China, por ser então viagem de muito proveito. E carregando o junco de pelles, e de outras fazendas, deram á véla, e com bom tempo atravessáram o grande Golfo de Ainão, e passáram pela Cidade de Cantão, pera irem buscar o porto do Chincheo, porque não podiam entrar naquella Cidade; porque depois que o anno de 1515 Fernão Peres de Andrade, estando na China por Embaixador, açoutou hum Mandarim, (que são os que governam a justiça, que antre aquelles Gentios he mui venerada,) de tal maneira ficáram os Portuguezes odiados, e avorrecidos, que mandou ElRey por hum Edicto geral: » Que se não consentissem mais em seus Reynos os homens das barbas, e olhos grandes; » que se escreveo com letras grandes de ouro, e se fixou sobre as portas da Cidade de Cantão. E assim nenhum Portuguez mais foi ousado a chegar a seu porto; e alguns navios depois por tempos foram a algumas Ilhas daquella costa a commutar suas fazendas, donde tambem os lançáram. Depois passáram ao Chincheo, pera onde estes hiam, e onde os consentíram pelo proveito que tinham do commercio; mas do mar faziam seu negocio, porque se não fiavam delles. Este junco indo demandar o porto do Chincheo, deo-lhe hum tempo muito grosso, a que os

naturaes chamam Tufão, que he tão soberbo, e feroz, e faz tantas bravezas, e terremotos, que parece que todos os espiritos infernaes andam revolvendo as ondas, e os mares, cuja furia parece que alevanta labaredas de fogo nos ares, e em espaço de hum relogio de arêa, corre o vento todos os ramos da agulha, e em cada hum delles parece que se vai refinando mais.

He tal este tempo, que as aves do Ceo, por hum distincto natural, o conhecem oito dias antes, porque logo lhes vem descer os ninhos de cima das arvores, e os vam esconder em algumas lapas. As nuvens oito dias antes andam tão rasteiras, que parece que as trazem os homens sobre as cabeças, e os mares nestes dias andam mui maçados, e azulados. Primeiro que este tempo dê no mar, mostra o Ceo hum sinal mui conhecido de todos, que he huma cousa grossa, a que os mareantes chamam Olho de Boi, todo de diversas cores, tão malenconizadas, e tristes, que mettem temor a todos os que as vem. E assim como o Arco celeste, quando apparece, he sinal de bonança, e logo, assim este o he da ira de Deos, que assim podemos chamar a este tempo.

Os mareantes em vendo o sinal, logo se preparáram, assim pera com Deos, (porque poucos navios dos que tomavam naquelle

tempo no mar escapavam,) como pera o passarem, dando com os mastareos em baixo, e alijando ao mar todas as coufas de cima, pera ficarem lestes como estes fizeram, que se víram muitas vezes debaixo do mar, e alagados, não fazendo conta de si, porque já o junco não dava pelo leme, antes á vontade dos ventos, e dos mares era levado de huina pera outra parte. O mar fervia, os ares representavam hum juizo final com trovões, e relampagos, e já nenhum dos companheiros o tinha pera cousa alguma, porque como mortos estavam, lançados por cima da tolda, e pelos chapiteos, entregues á sua ventura. Em hum extraordinario curso da natureza, que se neste tempo nota, se póde ver, que he o maior que póde haver no Mundo; porque em quanto dura, he tal sua força, que reprime o curso ordinario do mar, e enfrea as marés dos rios, que não encham, nem vafem. Durou esta tempestade a estes homens vinte e quatro horas, e no cabo dellas quietou o junco; mas ficou tal, e tão desgovernado, que não houve outro remedio mais, que deixarem-se ir á vontade dos ventos, que ao cabo de quinze dias o foram lançar antre humas Ilhas, onde surgiram, sem saberem onde estavam.

Da terra acudiram logo embarcações ;
em

em que vinham homens mais alvos, que os Chins, mas de olhos pequenos, e de poucas barbas. Delles souberam que se chamavam aquellas Ilhas Nipongí, a que communmente chamamos Japão. E achando naquella gente affabilidade, se foram com elles, que os agazalharam bem. Alli concertaram, e apparelharam o junco, e comutaram as fazendas por prata, que alli não ha outras; e como foi tempo, tornaram-se pera Malacca. A estes homens se deve a gloria deste descobrimento, posto que Marco Polo Veneto tinha dado a conhecer estas Ilhas muito primeiro, chamando-lhes Zipango, de quem escreveo por ruins informações, estando no Cathaio, algumas cousas, que nos fizeram algum tempo duvidar, se eram estas Ilhas Zipango; porque diz no Itinerario que fez, que Zipango era huma Ilha no Oriente, apartada da terra de Mangi em mar alto mil e quinhentas milhas, que são mais de quatrocentas leguas; e que tinham ouro em tanta quantidade, que os Paços do Rey eram cubertos com grandes pastas delle; e que os idolos eram de diversas feições, com testas de boi, outros de cão, e outros de outras alimarias, huns com huma cabeça, outros com duas, huns com dous braços, outros de vinte até cento; e que os que tinham mais braços, era maior Deos. Diz mais,

que comiam carne humana os naturaes de Zipango. Estas cousas nos fizeram já duvidar fallar de Japão, porque estas Ilhas não estam affastadas da terra firme de Mangi, mais que trinta até quarenta leguas; ouro não ha nenhum, senão o que lhe levam da China. Nos idólos tambem varia, e muito mais no comer da carne humana, cousa, que se não achou nunca em alguma das Ilhas do Japão, por onde não ha dúvida nascer este erro das ruins informações que lhe deram. Mas sem dúvida que estas Ilhas são o seu Zipango; porque posto que diga estarem apartadas da terra de Mangi tantas leguas, foi quando a distancia do porto do Chincheo, donde naquelle tempo navegavam pera ellas, e a differença que faz da terra de Mangi á da China, he a que causou confusão nos Geografos; porque a verdade he, que o Reyno da China, e o de Mangi todo he hum, e tudo foi sempre sujeito a hum só Senhor; e o proprio, e verdadeiro nome daquelle Reyno he Cin Mancin, e assim o nomeam suas escrituras; e não declarando Marco Polo isto, houveram todos, que eram duas Provincias, Cin, e Mancin.

E daqui nasceo a Abraham Ortelio lançar no seu *Theatrum Orbis* a Provincia da China desde Cochimchina até o Cabo de

Liampó, e dalli pera o Norte toda aquella costa, que corre fronteira a Japão, a faz da Provincia Mangi. E em tudo ha tamanha corrupção, que á Provincia de Cin, que he o verdadeiro nome, chama China, e a Mancí, Mangi; como tambem ao nome destas Ilhas, que (como dissemos) os naturaes chamam Nipongí, e elle Zipango, e deve de ser este nome corrupto daquelle, por que os Chins as nomeam, que he Gipon, que tem mais semelhança. E os Portuguezes, depois que trataram aquellas Ilhas, o corrompêram no de Japão. E posto que os Padres da Companhia de Jesus, que nellas tem tão dilatada a Fé de Christo (como diremos) escrevam dellas historia particular de sua descripção, ritos, costumes, origem, e principio, como homens, que as penetráram todas, e que sabem a verdade dellas, por lerem, e escreverem a letra dos naturaes, e verem suas escrituras; todavia diremos brevemente o que dellas podemos alcançar, por informações de alguns curiosos, que a ellas foram.

Estão estas Ilhas do Japão, além de toda a India, oppostas áquella Provincia, a que Ptolomeu chama *Cinarum Regio*, de trinta pera trinta e oito grãos do Pólo Arctico; são muitas, e a principal he a de Nipongí, em que está a Cidade de Meaco,

que he a Corte, e residencia do Imperador. Esta Ilha affirmam os naturaes, que tem de comprido quinhentas leguas suas, que fazem trezentas sessenta e seis noffas. Os Pilotos Portuguezes a fazem de duzentas e sessenta. Quer esta Ilha imitar a figura de hum leão, com ancas viradas pera a terra da China, e o rosto pera o Nascente: o mais alto da cabeça lhe fica em trinta e oito grãos do Norte, e a ponta do rabo, que he á feição de huma raposa, em trinta e quatro. Debaixo d'elle lhe ficam as duas Ilhas de Ximo, e Xicoco, de que logo daremos razão: e pòr baixo da barriga desta Ilha lhe ficam outras muitas, e o mesmo antre ella, e a terra da China. He repartida esta Ilha grande em sincoenta e seis governanças. E porque no nomear dellas não podemos guardar a ordem de sua situação, por estarem repartidas por todo aquelle corpo, começaremos da ponta do rabo, e iremos acabar na cabeça.

Nagotono, onde está o porto de Ximino Xequé; e Sino, onde está a Cidade de Jamaguche, Aquinoquinum, Bigo, Bicchum, Bijan, Juami, Izzumo, Misafeca, Farimá, Ceunoconi, Tamba, Meaco, Fogij, Inaba, Tagimá, Tango, Vocasa, Cavachi, Yzumi, Coya, Quinoconi, Ximá, Yxem, Amato, Iga, Vovari, Xivano, Mino, Vo-

faca, Vomi, Fida, Jechego, Chegou, Angua, Jecchum, Noto, Cozzuque, Camoconi, Mechava, Tutoni, Serugá, Izzum, Mufaxi, Aun, Cuzzaca, Ximoza, Fitachi, Sagamixuno, Ccuque, Chi Jafaá, Vosum, Figou, Chiqugeu, Chichaga, Bujar, Beigo, Deua, Xuracanano, Xequei, Aquitano, Xiro, Sotonofama, Eccugaruco.

A segunda Ilha, que está na ponta do rabo, chamada Ximo, he repartida em dez governanças, e estas por quatro Senhores, a que chamam Jacatas. O primeiro, e mais poderoso he o de Bungo, que tem estas governanças: Bunga, Fonga, Bugem, Chiqugem, e Chicungo. O segundo he o Xaxumá, e Vosume. O terceiro o de Fongó. O quarto de Arima, e fingem que he hum Reyno muito grande.

A terceira Ilha, que fica aos pés da grande, he a de Xicoco, dividida em quatro governanças, Tonca, Sanoqui, Ava, e Jionoconi.

Quanto á povoação destas Ilhas, são tão soberbos os Japões, que se tem pelos primeiros do Mundo, sobre o que fabulão coufas muito pera rir, de que brevemente diremos algumas.

Dizem suas escrituras, que hum gigante, que era senhor dos Ceos, e da terra, tamanho, que tinha hum pé em cima, e outro

tro em baixo; que este de hum ovo, que poz hum galo, formára o Mundo todo, da gema os Ceos, e das claras os elementos: e que arremeçára de sima dos Ceos huma lança, que cahíra sobre aquella Ilha de Japão, e se mettêra pela terra, e que da abertura della sahíra huma mulher muito formosa, que estando hum dia assentada á borda da agua, sahíra hum crocodilo, e ferrára della, e a communicára por força, ficando daquelle accesso prenhe; e que por tempo paríra hum filho d'elle, e della, de quem se povoára toda aquella Ilha. E ainda ha hoje muitos Japones, a que chamam Conguis, que são Fidalgos, e continuos da Casa do Rey, que se jactão virem directamente daquelle casta; e tanto se honrão disso, que trazem nos calções huns rabos dependurados á maneira dos dos crocodilos.

E deixando as fabulas, a verdade he, que procedem dos Chins, porque em suas escrituras se acha, que foi hum Principe daquelle Reyno degradado parar naquellas Ilhas, onde se deixou ficar, povoando-se todas da gente que comsigo levou. Isto em nenhum modo querem consentir os Japões, nem conceder, por haverem os Chins por muito inferiores a elles. Em tanto, que a mór affronta que se póde fazer a algum, he chamar-lhe Chim: e pela mesma maneira se

tem os Chins por tanto mais honrados que elles, que o mór desprezo que se lhes pôde fazer, he chamar-lhes Japões. Em fim, o governo destas Ilhas em seu principio, e ainda hoje, andou sempre, e anda nos descendentes daquelle Principe Chin, que tanto que vio a Ilha povoada, tomou titulo de Rey. E seus descendentes vendo a grande multiplicação, que já havia naquellas Ilhas, hum delles vendo-se tão grande Senhor, tomou hum titulo soberbissimo, que he V. O. que quer dizer *Imperador*. Este em certo modo tomou tambem pera si o poder do espiritual, que ficáram herdando todos, porque elles confirmam os seus Bonzos, que são os mestres de sua religião.

Este Imperador assentou sua cadeira na Cidade de Meaco, que está quasi no meio desta Ilha, ou na cintura do leão, em que a figuramos, que he o mais estreito da Ilha; porque por aquella parte não tem mais de trinta e quatro leguas de largura, dezoito até á Cidade de Vacaçá, que está da banda do Norte, sobre as costas deste leão; e dezeseis pera a banda do Sul, até á Cidade de Saqui. Hum destes Imperadores (porque o governo de tamanho Imperio lhe dava trabalho) provêo aquella Ilha de dous Governadores, com nome de Cubos, hum com a jurdição de Meaco pera o Levante,

e outro delle pera o Ponente , pera administrarem justiça a todos os Estados (que se governáram por Cubos , que os Imperadores proviam) em paz , e socego muitas centenas de annos. Mas perto dos do Senhor de mil , ateáram-se antre estes dous Cubos taes guerras , que mettêram toda aquella Ilha em revolta , dividindo-se em dous bandos , favorecendo o Imperador hum delles ; e por fim do negocio veio a vencer o da parte contraria , desbaratando em huma batalha o inimigo , e ficando-lhe o Imperador nas mãos ; e com elle se recolheo á Cidade de Meaco , e o metteo em seus Paços , onde ficou sem eleição alguma de querer , governando o Cubo absolutamente , dando tudo o necessario ao V. O. , que nunca perdeo a authoridade , assim no espiritual , como no temporal ; porque todos os Cubos , que hiam succedendo tyrannicamente , tomavam a investidura de sua mão , fazendo-lhe seus acatamentos , como a Senhor supremo.

E o que he muito pera admirar , que nesta dignidade de Cubo , depois do primeiro tyranno até hoje , não succedeo filho a pai , nem irmão a outro , porque todos foram mortos por outros tyrannos ou com ferro , ou com peçonha : succedendo porém sempre na dignidade do V. O. herdeiros naturaes , sem se perder nunca aquella progenia.

Conto. Tom. II. P. II.

S

N^Trensa
NACIONAL

Tem os Japões oito , ou nove feitas , alevantadas por homens Estrangeiros , que alli foram ter , e que acabáram em vida religiosa , a que elles chamam *Fotoques*. E tambem alguns naturaes , que elles veneram por Santos , a que chamam *Cammis* , fizeram outras ; e todas são recbidas dos daquellas Ilhas , tendo bem differentes opiniões , vivendo cada hum na sua , sem lhe ninguem ir á mão. As feitas são as seguintes. A dos Jexuns : estes affirmam , que não ha mais que viver , e morrer : esta recebêram todos os nobres.

A dos Fonccenxum : estes adoram o Sol , e dizem , que depois que hum morre , vai viver lá outra vida em outro Mundo.

A dos Jodoxum : estes adoram hum idolo , a que chamam *Amida* : e crem que todas as vezes que o nomeam , ficam absoltos de seus peccados ; e tem hum templo alevantado a este idolo , que se chama o *Paraíso de Amida* , em que estam todos os idolos de vulto que adoram ; e affirmam , que tem mais de dous mil de differentes feições , (assim como affinia dissemos no Cap. I. do Liv. VI. , que Marco Polo escreve.)

A feita Jecoxú : os que a seguem affirmam , que depois da morte ha pena pera quem viveo mal , e gloria pera o que obrou bem : esta feita seguem os lavradores.

A seita chamada Jamabuxé : os que a seguem adoram os diabos, e communicam com elles domesticamente, e de ordinario lhes apparece em fórma de raposa; e cada vez que querem delles alguma cousa, os chamam com huma bozina, e tem com elles feito pacto, que cada vez que lho mandarem, entrarão, e tornarão a sahir do corpo da pessoa que lhe differem. E assim como tem odio a alguma pessoa, logo se vingam pela mão do diabo, porque se mette nella, e a atormenta.

Ha outras seitas, de que os Padres da Companhia fazem mais particular menção. Cada rito destes tem seus Prégadores, e defensores, a que chamam Bonzos, e trazem sinaes de suas opiniões pera serem conhecidos, e sobre ellas antre huns, e outros ha grandes disputas. Mas sobre todos estes idolos, adoram a hum Seutó, que dizem, que he huma substancia, e principio de tudo, e que suas moradas são os Ceos. Os peccados principaes que antre os Japões ha, são, fornicar, furtar, matar, beber, mentir: pera estes vicios tem suas purificações, por esmolas, por officios, orações, e por romagens; mas os peccados, que não tem absolvição, são, traição, e morte do pai; suas contas são pelos annos, que os Reys reináram. E isto baste dos Japões.

CAPITULO XIII.

De como ElRey de Zeilá foi soccorrido dos Turcos: e da serra do Judeo, que Dom Christovão da Gama tomou: e de como os inimigos o foram buscar: e do conselho que tomou.

DEsbaratado ElRey de Zeilá por Dom Christovão da Gama, determinou de se valer do Baxá do Zebit, a quem despedio Embaixadores com muito dinheiro pera lhe mandar mil Turcos de espingardas, que elle logo mandou em navios. D. Christovão da Gama estava invernando na Cidade de Offar, esperando cada dia pelo Imperador da Abasia; era isto já neste Agosto em que andamos. Succedeo nesta conjunção em que com elle hum Judeo, e lhe disse: » Que se » tinha necessidade de cavallos, e mulas, que » elle o levaria a huma serra, onde se pro- » vesse de tudo muito abastadamente pera to- » do o seu exercito; e que a serra era de » Judeos, e poderia ter quatrocentos Mou- » ros de guarnição, que alli tinha ElRey de » Zeilá, » (parece que este Judeo por se vin- » gar de outros alguns seus inimigos, lhe foi » dar aquelle alvitre.) D. Christovão infor- » mando-se do Barnagais, e de outros Capi- » tães Abexins daquelle negocio, soube que »

lhe fallava verdade , e que não só era necessario dar naquella ferra pera se proverem de cavalgadas , e tomarem-na aos Mouros , mas ainda pera franquear aquella passagem , porque pelo pé della havia de passar o Imperador. Pelo que determinou de ir em pessoa áquelle negocio , levando consigo as companhias de Manoel da Cunha , e a de João de Affonseca , e alguns Capitães Abexins , ficando tudo o mais em guarda da Rainha , e do exercito. E todo aquelle dia foi caminhando guiado do Judeo , e passou huma ribeira grande em jangadas , e da outra banda alvergou , e no quarto da modorra tornáram a caminhar , e rompendo a manhã , chegaram ao pé da ferra , que era tamanha , que se affirmava ter doze leguas em roda. O Judeo , que hia por guia , o encaminhou logo por hum passo muito facil , por onde foram subindo , achando em certas paragens alguns Mouros de guarda , que logo foram mortos. E passando adiante , subíram á chá , onde acudíram logo os Mouros de guarnição , que seriam perto de quatrocentos , e o seu Capitão diante em hum formoso cavallo. D. Christovão , que hia em outro muito grande , em vendo o Mouro diante , abaixando a lança , bateo as pernas ao cavallo , e o commetteo , e foi sua ventura tal , que o levou na ponta da lança , dan-

do logo com elle morto no chão. Os nossos rompêram no mesino tempo com os Mouros, dando-lhes sua carga de arcabuzaria, de que derribáram muitos; e baralhando-se luns com os outros, assim apertáram os nossos com elles, que os puzeram em desbarato, fazendo-lhes virar as costas; e seguindo-lhes o alcance, foram matando nelles bem á sua vontade, escapando-lhes muito poucos, ficando-lhes hum grosso despojo de cavallos, e mulas.

D. Christovão foi demandar huma Villa das principaes, que estava perto, que era povoada de Judeos, como outras seis, ou sete, que havia na Serra, em que haveria perto de oito mil delles; e assegurando Dom Christovão a todos, acudíram das outras aldeas a lhe dar a obediencia.

Hum Judeo douto nos disse nesta Cidade de Goa, que aquelles Judeos, e outros que andavam espalhados pela Abasia, e pela Nubia, eram de algum daquelles Tribus que andam desapparecidos.

O Judeo, que guiou a D. Christovão da Gama, vendo as maravilhas que os Portuguezes fizeram, ficou pasmado, e pediu a D. Christovão que o fizesse Christão a elle, e a toda sua familia, mulher, filhos, e escravos; o que elle estimou muito, mandando-os bautizar por hum Sacerdote que le-

vava , sendo seu Padrinho , e dando-lhe o seu nome , e alcunha ; e de consentimento de todos os da ferra lhe deo o governo della. Nisto gastou dous dias , e ao terceiro tornou-se pera o exercito , levando hum grande preza de cavallo , mulas , gado , e de outras cousas. E porque por causa desta carriagem hiam caminhando devagar , deixou em guarda della Affonso Caldeira com trinta espingardas , e elle se foi apressando tanto , que aquelle dia já de noite chegou ao exercito. Ao outro dia teve rebate , que os Mouros vinham em busca delle ; pelo que se fortificou o melhor que pode , provendo suas estancias mui bem. ElRey de Zeilá com o soccorro dos Turcos ficou tão soberbo , e confiado , que foi logo buscar D. Christovão , e aquelle dia appareceo por aquelle campo com todo o seu poder , e se foi logo chegando ao exercito , e lhe deo hum formosa salva de arcabuzaria , que se julgou por de novecentas espingardas , e cercaram todo o arraial á roda , ficando os nossos dentro encurralados. D. Christovão ajuntou-se em casa da Rainha com os outros Capitães Portuguezes , e Abexins , e tomou parecer sobre o que faria , se seria bem recolher-se á ferra , que estava perto , que era muito forte , pera alli esperarem o Imperador. Este conselho houvera D. Christovão de tomar.

em principio , tanto que se ajuntou com a Rainha , e segurar-se em parte , que os inimigos o não pudessem cercar , até se ajuntar com o Imperador , e da ferra pudéra sahir a dar todos os assaltos que quizera.

Mas como era mancebo orgulhoso , e grande Cavalleiro , mas de pouca experiencia nas cousas da guerra , levou-se mais do que o seu coração , e animo lhe pediam , (que era não recear cousa alguma ,) que pelas regras , e medidas da milicia , que são prudencia , e circumspecção ; e como bom jogador de enxadrés , trazer mais o olho nos lanços do contrario , que nos seus ; e mais no que ha de jogar de futuro , que não nos que joga de presente : por isso dizia aquelle grande Menelao , que mais estimava hum Nestor , que dez Ayaces. E Anibal sempre receou mais a Fabio , quando não pelejava , que ao Consul Minucio seu companheiro , que cada dia o commettia ; porque o sobejo esforço as mais das vezes dá em perdição , como veio a fazer o deste Fidalgo , que quando entendeu o que lhe relevava , já o não pode executar.

Tornando a nosso fio. Depois que Dom Christovão propoz no conselho o que lhe pareceo , foram os mais de parecer : » Que já se não podiam recolher á ferra , por- » que os mesmos Abexins , que andavam

» com elles, que eram por natureza falsos,
 » e desleaes, em sentindo qualquer mudan-
 » ça, cuidando que o faziam de medo, to-
 » dos se levantariam contra elles, por se sa-
 » nearem com os inimigos; que o menos
 » mal era deixarem-se estar, porque os Mou-
 » ros não lhe podiam entrar o exercito, por-
 » que estava mui forte, e elles tinham den-
 » tro todas as cousas necessarias pera se sus-
 » tentarem até á vinda do Imperador, que
 » não podia tardar muito.» Com esta deter-
 » minação se deixáram ficar, despedindo Dom
 Christovão hum correio Abexim com hum
 escrito a Affonso Caldeira, que ficou atrás
 com a recovagem, pera que fosse deman-
 dar o pé da ferra, e que no quarto da mo-
 dorra commettesse o exercito, porque elle
 estaria prestes pera o recolher. Toda esta noi-
 te passáram os nossos com as armas ás cos-
 tas, cuidando que os inimigos os commet-
 tessẽm.

CAPITULO XIV.

De como os Mouros commettêram D. Christovão da Gama : e da grande batalha que tiveram : e de como os nossos foram desbaratados , e D. Christovão da Gama cativo : e do cruel martyrio que recebeu.

AO outro dia, que foram vinte e nove de Agosto, em que se celebra a festa da Degollação de S. João Bautista, determinou ElRey de Zeilá de commetter o exercito dos Portuguezes; e repartindo os seus em duas partes, dando a dianteira aos Turcos, sahio de seus alojamentos com grandes carrancas, gritas, vozes, e sons de instrumentos, e remettendo com as estancias, as commettêram por duas partes, dando grandes surriadas de espingardaria. D. Christovão, que estava já prestes, acudio áquellas partes com alguns que o seguiam; e vendo a grande determinação dos Turcos, recendo que o entrassem, determinou de lhes sahir a fazellos affastar. E escolhendo sincoenta soldados, sahio por huma porta, e deo nos Turcos com tamanha furia, que com morte de muitos os arrancou dalli. E por que vinha carregando sobre elle o pezo dos inimigos, se tornou a recolher com perda de

de quatro homens, e elle com huma espingardada por huma perna; e porque ao entrar do vallo vinham já os inimigos sobre elle, reccando Manoel da Cunha (que estava em huma estancia perto, e via tudo) que entrassem de envolta com D. Christovão, sahio-lhe por aquella parte com tamanha furia, e braveza, que sem temer a multidão delles se metteo em meio, fazendo nelles tamanho estrago, que de já o não poderem soffrer se affastáram, e Manoel da Cunha se tornou a recolher com perda de tres soldados. As outras estancias estavam em grande aperto, porque quasi que chegáram os inimigos a cavalgallas; e vendo-se todos tão arriscados, querendo antes morrer no campo, que nos vallos, arrebutáram por elles fóra como leões, e deram nos inimigos com muita braveza, travando-se antre todos huma muito aspera batalha. D. Christovão, assim ferido como estava, sahio de mistura com os seus, fazendo muito bem o officio de Capitão, e de soldado, governando, e provendo nas cousas que lhe parecêram necessarias, e pelejando por seu braço com muito valor, e esforço, andava em hum formoso cavallo todo armado; e correndo todas as partes, foi dar com Francisco de Abreu cercado de hum grande número de inimigos, e elle no meio pelejando como

desesperado, tendo feito nelles grande estrago; e mandando-o soccorrer por Inofre de Abreu seu irmão com a sua companhia, passou adiante por ver as outras partes em que se pelejava. Inofre de Abreu vendo o perigo em que seu irmão estava, sem receio algum rompeo pelos Mouros, e apresentou-se diante do irmão, que já estava muito ferido, e alli fez maravilhas. Mas como o número era tão desigual, e os Turcos, que vieram de soccorro, desejavam de parecer bem a ElRey de Zeilá, fizeram cousas espantosas, não receando o ferro dos nossos, que os cortava bem, e assim apertáram com elles, que os fizeram recolher aos vallos. Aqui deram huma espingardada a Francisco de Abreu, de que o derribáram; o irmão vendo-o cahir, voltou pera o recolher, dando com grande furia nos inimigos, fazendo-os deter çom morte de alguns; e querendo alevantar o irmão, lhe deram a elle outra espingardada, de que cahio morto sobre elle, fazendo ambos neste dia cousas dignas de grandes louvores. Os nossos estiveram aqui de todo perdidos, recolhendo-se aos vallos já desbaratados, e sem ordem, ficando muitos mortos no campo. Todo este tempo esteve a Rainha em grande afflicção, curando por suas mãos os feridos, ajudando-a o Patriarca. D. Christovão da Ga-

ma se recolheu aos vallos o melhor que pode, bem perseguido dos inimigos, e mandou a Manoel da Cunha, que com sua gente voltasse a elles, e trabalhasse pelos affastar; e que quando se viesse recolhendo, elle faria outro tanto, porque os inimigos não entrassem de mistura com elles. Manoel da Cunha voltou com grande furia, e determinação, arremeçando-se no meio dos inimigos, como hum raio abrazador, ferindo, e derribando nelles cruelmente; e fazendo-os affastar hum pouco, se tornou a recolher pera as estancias, como lhe era mandado. Os Turcos tornáram a carregar sobre elle com grande ímpeto; mas D. Christovão lhes tornou a fazer rosto, pera se poder recollir mais á sua vontade; mas como os Mouros vinham crescendo, nesta parte se tornou a travar huma muito cruel batalha, em que D. Christovão, e todos os seus, como leões famintos, se mettiã em meio dos inimigos sem recearem a morte, fazendo nelles tamanho estrago, que não parecia o damno feito por tão poucos, e tão cansados homens, senão por muitos, e muito folgados. D. Christovão da Gama, (que neste dia mereceo tanto, que bem se pudéra fazer delles só hum grande tratado,) andando accezo na batalha, pelejando por seu braço, e derribando muitos dos inimigos, invejosa a

for-

fortuna da gloria de seu valor, e esforço, ordenou que lhe dëlsem outra espingardada pelo braço direito, (que este dia tinha ganhado tanta honra, e obrado tão grandes maravilhas,) que lho quebrou de todo, ficando-lhe inhabilitado pera a espada. Aqui acudio Manoel da Cunha pelo recolher, voltando aos inimigos, que vinham já victoriosos, e por seu muito valor, e esforço se detiveram, pelejando os seus soldados como desesperados, vendo o seu Capitão mór tão maltratado. E tanto apertáram com os inimigos, que os detiveram, com o que hum soldado teve tempo de recolher Dom Christovão, tomando-o ás costas com muito risco seu, (e o nome deste soldado tambem o tempo tem gastado, como o tem a outras muitas cousas bem dignas de memoria pelo descuido Portuguez.) Aqui recrefco o poder dos inimigos; e arrebrandando como hum furioso torrente, deram em os nossos, e os fizeram voltar de todo pera as estancias, ficando no campo desta feita estirados João de Affonseca, e Francisco Vello, dous Cavalleiros principaes, que este dia fizeram bem grandes cousas. A este tempo estava D. Christovão curando-se em casa da Rainha; e dizendo-lhe que lhe entravam os vallos, mandou-se levar por alguns homens áquella parte, por onde diziam que

que entravam os inimigos, mandando acudir a gente pera os defender; mas como os Mouros vinham de arrancada, e com a victoria nas mãos, rompêram por elles, e os entráram, acolhendo-se os que nelles estavam pera as tendas da Rainha, cuidando que nella achassem remedio. O Patriarca vendo a cousa perdida, cavalgou em huma formosa egoa, mui grande corredora, e foi-se sahindo do arraial, pela banda que hia pera a ferra, porque estava por alli desafresada dos inimigos; e alguns Portuguezes, que o víram ir, o foram seguindo. A Rainha tambem se poz em outra egoa pera ver se se podia salvar. D. Christovão foi logo avisado disto, e mandou algumas pessoas de confiança, que fossem ter mão nella, porque com sua ida se acabaria tudo. O Barnagais, e mais Capitães Abexins nunca sahiram dos vallos pera fóra ajudar os nossos, e muitos delles se recolhiêram com o Patriarca. Os Turcos entráram os vallos por duas partes, e vinham já rompendo pelo arraial dentro, matando muitos. Disto se deo rebate a Dom Christovão, que vendo-se perdido, quiz antes morrer ás mãos dos inimigos, que ficar cativo, e assim voltou pera aquella parte, com hum furor tão grande, que lhe fez esquecer as feridas que tinha; e tomando a espada com a mão esquerda, disse aos seus:

» Que quem o quizesse seguir o fizesse, por-
 » que elle hia morrer em meio dos inimi-
 » gos. » Alguns, que nunca o deixáram, ven-
 do-o daquella maneira, o detiveram, dizen-
 do-lhe: » Que aquillo era mais desesperação,
 » que determinação, que pera morrerem com
 » elle, todos estavam muito prestes, mas que
 » aquillo era arriscar a alma, porque nin-
 » guem podia ir determinadamente buscar a
 » morte; que o bom sería tratar de se sal-
 » var, porque com poupar a vida se reme-
 » diava a honra, e ali lhe ficava tempo pe-
 » ra se satisfazer daquella perda. » E toman-
 do-o por força, o puzeram em hum formo-
 so cavallo, e quatorze companheiros em ou-
 tros, e tomando a Rainha comfigo, e o Bar-
 nagais, se sahíram pela outra parte da ban-
 da da serra. O que pudéram bem fazer, por-
 que como os Mouros andavam já senhores
 do arraial, descuidaram-se de tudo por rou-
 barem. Logo se deo recado a ElRey de Zci-
 lá, que D. Christovão era recolhido, pelo
 que mandou com muita pressa algumas Com-
 panhias apôs elle, encommendando-lhes mui-
 to o trouxessem vivo.

Os Turcos andavam espalhados pelas es-
 tancias, saqueando tudo; e entrando huma
 companhia delles nas tendas da Rainha, ou-
 de estavam todos os feridos, que não pu-
 déram fugir, e com huma crueldade brutal

denára assim, por acabar de triunfar da victoria.

E tendo D. Christovão em pé diante de si, lhe mandou dar em seu rosto muitas bofetadas com as alparcas dos seus escravos, (vileza nunca vista em outro barbaro,) e das barbas lhe mandou fazer tranças, com candeas pequenas de cera, a que mandou pôr o fogo, e disse aos seus: » Que assim » fosse levado por todo o exercito pera » mór vituperio. » D. Christovão soffreo tudo com grande animo, e paciencia, e com o coração posto em Deos, por cujo amor, e serviço padecia aquelle martyrio. Depois de passada aquella affronta, o tornáram a ElRey, que com sua propria mão lhe cortou a cabeça, porque lhe tinha cobrado tão grande medo, que lhe não quiz dar vida, por não ficar vivendo com sobressaltos. Aos outros Portuguezes mandou metter em maffimorras, e alguns morrêram logo das feridas, e os mais deviam de acabar no cativoiro., porque não achámos feito memoria de algum delles. Aos Turcos lhes pezou muito da morte de D. Christovão, porque desejavam de o levarem de presente ao Grão Turco, pelo valor, e esforço da sua pessoa; mas sua alma santissima foi-se apresentar na Gloria, diante do dador della, banhada no fresco sangue de seu glorioso marty-

tyrio, porque entrou formosa, e triunfante aonde recebeu a coroa aureola, que está guardada pera todos os que morrerem por sua Fé, honra, e serviço. De que he clara prova huma grande maravilha, que Diogo de Reinoso, e outra pessoa digna de fé viram, por se acharem presentes, e serem da companhia de D. Christovão da Gama, que o escreveram. E a maravilha foi, que alli onde o Rey de Zeilá degollou D. Christovão, e o seu sangue se derramou, nasceo logo huma fonte de agua, que dava saude aos enfermos, que se lavavam com ella.

Outra maravilha aconteceu tambem no mesmo tempo, e dia, em que este valeroso Capitão, e Martyr de Christo foi degollado, que em certo modo mostrava Deos nosso Senhor nella quão acceta sua morte foi diante d'elle; porque n'um Mosteiro de Frades se arrancou por si huma arvore muito grande, que tinham na crasta, virando-se-lhe as raizes pera o ar, e a rama pera a terra, estando o dia muito quieto, e sereno, e sem lhe preceder nenhuma tempestade, a que isto se pudesse attribuir. E porque isto causou espanto, e admiração nos Religiosos, que moravão no Mosteiro, onde isto aconteceu, notáram, e escreveram o dia que foi, por lhes parecer que não carecia de mysterio huma cousa tão nova, e

tão extraordinaria como aquella. E quando souberam da morte deste glorioso Martyr de Christo, (que assim lhe podemos chamar,) víram que foi no proprio dia, em que a arvore se arrancou, a cuja morte elles attribuiam aquella maravilha. E o que nisto he mais pera notar, he ver que estando esta arvore já havia tempos secca, e com as mais das raizes cortadas, aconteceu que vencendo o Imperador da Abassia ao Rey de Zeilá, que degollára D. Christovão da Gama, lhe cortou a cabeça, e no mesmo dia em que lha cortáram, tornou a arvore, que estava secca, a se virar com as raizes para baixo, e metter-se na terra, e juntamente reverdecer como antes, que se arrancasse della.

A Rainha metteo-se na serra, que era forte, onde se deixou estar com grande dor, e tristeza, por não ter novas de D. Christovão, que ella amava como seu filho. Afonso Caldeira, (que, como atrás dissemos, deixou D. Christovão com toda a preza que romou na serra do Judeo,) quiz sua boa fortuna, que indo demandar o exercito, aquelle mesmo dia deram com elle alguns, que hiam fugindo do desbarato; e sabendo ser a Rainha recolhida pera a serra, largando tudo, encaminhou pera ella com os trinta companheiros que levava, que a Rainha estimou muito. Poucos dias depois chegaram

ram as tristes novas da morte de D. Christovão da Gama, porque todos fizeram mui grande pranto, sendo já alli juntos cento e vinte Portuguezes. Só Manoel da Cunha, depois de tudo perdido, ajuntou quarenta Portuguezes; e não querendo encaminhar pera a serra, desviou-se por outro caninho, e foi ter ás terras do Barnagais, onde seus vassallos o agazalharam, e recolhêram, mandando dalli espias a saber de D. Christovão, e da Rainha, de que não tinham novas algumas. Assim os deixaremos todos em sua tristeza, até tornarmos a elles.





DECADA QUINTA.
LIVRO IX.
Da Historia da India.

CAPITULO I.

De algumas cousas, em que o Governador Martim Affonso de Sousa provêo: e da Armada que este anno de 1542 partio do Reyno sem levar Capitão mór: e de como o Governador se embarcou pera Cochim.

TANTO que o Governador Martim Affonso de Sousa tomou posse da governança da India, começou de entender nas cousas da justiça, e fazenda, achando huma grande quebra nas parcas, que os Reys de Ormuz pagavam, em que já o Governador D. Estevão da Gama o Verão atrás tinha bulido. E porque o rendimento do Estado não viesse tanto a menos, e El-Rey

Rey de Ormuz se não fosse penhorando mais em dividas, desejando de prover naquellas cousas, as poz em conselho. E pera melhor entendimento desta materia, será necessario tornar de novo a dar razão das pareas, que os Reys de Ormuz pagavam. Pelo que se ha de saber, que pelo primeiro contrato, que Affonso de Albuquerque fez com ElRey Ceifadim, lhe poz de pareas quinze mil xerafins de ouro cada anno. Depois quando Antonio de Saldanha foi por Capitão mór aos Estreitos, indo invernar áquella Ilha, onde já reinava Toruxá, filho de Ceifadim, lhe acrescentou mais nas pareas dez mil xerafins, que ficavam sendo vinte e cinco mil. E indo o anno de vinte e tres o Governador D. Duarte de Menezes acudir aos levantamentos, que houve naquella Ilha contra os nossos, falecendo naquelle tempo ElRey Toruxá, alevantando o Governador por Rey seu filho Mamedxá, fez com elle novos contratos, escritos por Sebastião de Vargas, Secretario de Estado, cujos Capitulos principaes eram.

» Que elle recebia aquelle Reyno de Ormuz da mão d'ElRey D. João de Portugal, que elle, e seus successores tornariam a entregar livremente á pessoa que os Reys de Portugal mandassem; e que pagaria mais de pareas trinta e cinco mil xerafins de ou-

» ro, que com os vinte e cinco mil d'antes,
 » prefaziam sessenta mil xerafins de ouro,
 » que elle, e seus successores seriam obriga-
 » dos a pagar em ouro, prata, aljofre, pe-
 » los preços da terra: com condição, que
 » havendo guerra em Cambaya, donde vi-
 » nha o principal rendimento daquella Alfam-
 » dega, então os annos que durasse não pa-
 » gariam mais que os vinte e cinco mil xe-
 » rafins de primeiro. » O que tudo se verá
 muito claro em hum livro dos Regimentos
 das fortalezas da India, que anda nos Con-
 tos de Goa, recopilado por Simão Botelho,
 Veador da Fazenda.

Depois disto os annos de vinte e nove,
 quando o Governador Nuno da Cunha foi
 a Ormuz invernar, vindo do Reyno, (co-
 mo na quarta Decada fica dito no Cap. III.
 do Liv. VI.) depois daquella perdição de
 Barém, fazendo pazes com aquelle Guazil,
 o condemnou em quarenta mil pardãos de
 pareas, pelo alevantamento que fez, que pa-
 garia do rendimento daquelle Reyno de Ba-
 rém cada anno perpetuamente. Depois ven-
 do Nuno da Cunha que aquelle Guazil era
 vassallo do Rey de Ormuz, os carregou so-
 bre elle, e os poz por Regimento naquella
 fortaleza, com o que ficáram as pareas em
 cem mil xerafins de ouro. Estes mandou que
 se arrecadassem pelo rendimento da Alfam-
 de-

dega de Ormuz, e que não abrangendo, lançassem mão de todas as mais rendas do Reyno, até prefazerem aquella quantia. E porque aquelle Rey ficava sem ter com que se sustentar, (depois que lhe lançaram mão de todas as rendas,) mandou o mesmo Nuno da Cunha, que se lhe não bulisse nellas, nem se arrecadassem da Alfandega mais que dous terços, e que a demazia se deixasse a ElRey pera suas despezas. E como naquelle tempo não rendia a Alfandega tanto, que pudesse abranger a tudo, ficou ElRey de Ormuz devendo huma grande quantidade de dinheiro, porque o que faltava se lhe carregava por divida.

Depois mandando o Viso-Rey D. Garcia de Noronha a Ormuz fazer conta destes restes, achou-se ficar ElRey devendo até todo o anno de trinta e nove, trezentos setenta e sete mil e sincoenta e dous xerafins, setenta e seis dinars. Desta quantia passou ElRey de Ormuz hum Conhecimento sellado com o seu sello, que o Governador Martim Affonso de Sousa achou nos Contos de Goa. E posto que alguns digam, que os quarenta mil pardãos, que o Governador Nuno da Cunha accrescentou nas parcas áquelle Rey, foi pela culpa que lhe achou na morte do Guazil Rax Hamed, (que succedeo naquelle Guazilado em au-

sen.

sencia de Rax Xarafo, que Manoel de Macedo levou pera o Reyno, como temos dito no Cap. IV. Liv. VI. da quarta Decada,) foi ruim informação; porque nós achámos nas arrecadações dos Feitores daquelle tempo, que serviam em Ormuz, carregados estes quarenta mil xerafins, com declaração, que eram os que pagava de pareas o Guazil de Barém pelo alevantamento que fez. E porque este Guazil de Barém era vassallo d'ElRey de Ormuz, e elle lhe pagava aquelles quarenta mil pardãos pelo rendimento daquelle Reyno de Barém, e que não podia ser pagar quarenta mil a ElRey de Portugal, e outros quarenta mil ao de Ormuz, mandou Nuno da Cunha, que se carregassem sobre ElRey aquelles quarenta mil pardãos mais, e que elle os arrecadasse do seu Guazil; e que o dinheiro de alguns annos, que o Guazil de Barém tinha pagos, se abatessem na divida, que devia ElRey de Ormuz. E porque os proprios papeis, que sobre isto se fizeram, ou são levados pera o Reyno, ou perdidos, ficou isto fazendo confusão, e o não podemos averiguar, senão pelo Regimento daquelle fortaleza, que mandava arrecadar estes cem mil pardãos daquelle Rey, sem fazer mais alguma declaração, que só dizer, que eram de pareas.

E achando o Governador Martim Af-

fonso de Sousa os Conhecimentos das dividas nos Contos, mandou de novo fazer conta, desde anno de trinta e nove até a entrada deste de quarenta e tres, e se achou ficar aquelle Rey devendo quinhentos e dezoito mil e quinhentos e trinta e sete xerafins de ouro. E porque a quantia era muito grande, e não havia esperanças de se arrecadar, não querendo que fosse a divida mais por diante, poz aquelle negocio em conselho, (como começámos a dizer no principio deste Capitulo,) pera ver o meio que naquillo se podia tomar. E debatido antre todos, assentou-se: » Que visto como El Rey de Ormuz não podia pagar tanto dinheiro, nem havia por onde se arrecadasse del- » le, (porque se lhe bulissem nas rendas fó- » ra da Alfandega, ficaria sem ter que co- » mer,) e que pois se não podia em tempo » algum arrecadar mais, que o rendimento » da Alfandega; que se lhe mandasse noti- » ficar, que a largasse toda a El Rey de Por- » tugal, e que lhe quitassem todas as divi- » das que devesse; e que na renda da mes- » ma Alfandega se lhe pagassem algumas » tenças aos continos de sua Casa; e que fos- » se o Secretario Antonio Cardoso a Ormuz » a pôr aquellas cousas em ordem.

E porque o Governador determinava de ir a Cochim, tanto que as náos do Reyno

chegassem, mandou dar aviamento á Armada que havia de levar; porque tambem se assentou em conselho: » Que se désse hum » grande castigo á Rainha de Batecallá, por- » que estava rebellada, e havia annos que não » queria pagar as pareas que devia. » E andando occupado nestas cousas, entrada de Setembro chegaram á barra de Goa as náos da sua companhia, que ficáram invernando em Moçambique, e tres mais de viagem, de quatro que partíram do Reyno, que não traziam Capitão mór. Os Capitães eram Henrique de Macedo, Balthazar Jorge, e Lopo Ferreira, e o Capitão que faltava era Vicente Gil, que se foi perder na costa de Melinde, em parte que se salvou toda a gente.

O Governador começou a pagar soldados pera a sua Armada, e lançar navios ao mar, porque determinava de se partir logo pera Cochim a dar ordem á carga das náos, e a escrever pera o Reyno. Tambem despachou as náos pera Malaca, em que se embarcou Fernão de Castro, que era provído da Capitania de Maluco, porque lhe cabia entrar. D. Estevão da Gama, que estava em Pangim, sem correr com o Governador, mandou recado ao Veador da Fazenda, que havia mister navios pera se ir pera Cochim, que lhos désse dos d'ElRey como era obri-

gação. O Veador da Fazenda o fez a saber ao Governador, que mandou que se lhe dessem com todo o necessario, como se fez, e elle se embarcou sem se despedir do Governador. Martim Affonso de Sousa, porque se queria logo embarcar, deo despacho a muitas cousas, e antre ellas foi agazalhar os Padres da Companhia, que até então estavam no Hospital, e assentou com os Vereadores, que se lhes desse o Seminario, que D. Estevão da Gama ordenou na carreira dos cavallo, onde estavam os Meninos orfãos, e os novamente convertidos á Fé Catholica, pera os ensinarem, e doutrinarem, e lhes deram hum arzeado chão pera suas officinas.

Os Padres se mudaram logo pera lá, e ordenaram hum moderado Templo, conforme ao lugar, e tempo, pera nelle celebrarem os Officios Divinos; e começaram a administrar com muita caridade os Sacramentos, sendo ajudados em tudo dos Cidadãos de Goa com muito amor; e assim foram crescendo, assim em virtude, como em número, e Templo, porque depois (como diremos) fundaram no mesmo lugar aquelle celebrado Collegio de S. Paulo, que he hum dos melhores da Europa.

O Governador deo despacho ao Secretario Antonio Cardoso pera Ormuz, que se



embarcou logo ; e segundo ouvimos dizer a Fidalgos daquelle tempo , antre os Capitulos que lhe deo de seu Regimento , foi hum , que devaçasse de Martim Affonso de Mello Juzarte , Capitão daquelle fortaleza , porque desejava de embicar com elle , porque não era seu amigo ; e assim nos affirmáram , que lhe passára hum Provisão em segredo , pera que achando-o culpado nos Capitulos que levava , o mandasse prezo , e elle ficasse por Capitão até ir o provido. Mas a verdade he , que lhe mandáram de Ormuz muitos capitulos contra elle , falsos , e mentirosos , porque nestas fortalezas sempre ha homens de ruim zelo , capituladores , e máos de contentar.

O Governador se embarcou de todo , e deo á véla em Outubro , levando consigo as náos do Reyno. Os Capitães que nesta jornada o acompanháram , foram D. Manoel de Lima , D. Martinho de Sousa , Pedro Vaz de Siqueira , Alonso Henriques , Manoel de Sousa de Sepulveda , Bernaldim de Sousa , Fernão da Silva , Alcaide mór de Alpalhão , Fernão de Sousa de Tavora , Dom Diogo de Almeida Freire , Diogo de Mendoça , Diogo de Reynoso , Francisco de Sá de Menezes , Francisco Lopes de Sousa , Antonio de Sá o Rume , D. Duarte de Menezes , Antonio de Soto maior , Affonso Pe-

reira de Lacerda, Jorge de Mello o Punho, Lopo Vaz de Siqueira, Diogo Pires Deça, Fernão de Lima, Gaspar de Sousa, Affonso Furtado, Alvaro de Mendocça, D. Francisco de Noronha, Fernão Gomes de Sousa, João de Mendocça, D. João Henriques, D. João Mascarenhas, Luiz Cayado, Vasco da Cunha, Luiz Falcão, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros, a que não achámos os nomes. E seguindo sua viagem, foi surgir com toda sua Armada sobre o porto de Batecalá.

CAPITULO II.

Do sitio da Cidade de Batecalá: e de como o Governador Martim Affonso de Sousa desembarcou nella, e a destruiu: e de como D. Estevão da Gama se embarcou para o Reyno: e das partes, e qualidades de sua pessoa.

Esta Cidade de Batecalá está na costa do Canará em altura de grãos do Norte; foi sempre sujeita aos Reys de Bisnagá; está situada quasi huma legua por hum muito fresco rio assima, e estendida em hum plano com muitos palmares, hortas, e fazendas ao derredor, com muitos, e grandes campos, e varzeas, em que fameam muito arroz, e huma laia delle, a que chamam

Giracal , o melhor de toda a costa da Índia , de que se provê a mór parte della. He povoada de Gentios , he grande , e de grandes edificios , e pagodes. Foi sempre muito prospera , rica , e mui continuada de mercadores Estrangeiros da Persia , e da Arabia , que alli hiam carregar suas náos de fazendas , porque ha alli muitas sortes de roupas muito finas , muito gengivre , ferro , e outras cousas. A sua barra he muito ruim , e não podem entrar por ella senão navios de remo , e inda com maré cheia. Na boca della da banda do Norte tem hum morro alto com pedras na ponta sobre o mar ; de longo della entra o rio , e torna a voltar caminho do Sul-Sueste , alargando pera dentro cada vez mais. Da outra parte da entrada da barra da banda do Sul tem huma praia muito grande , que faz huma bahia á maneira de concha , onde o mar em tempo dos Ponentes quebra , e anda muito banzeiro , por lhe ficar em opposito. Affastado da ponta da barra hum tiro de falcão tem hum ilheo redondo alto , e delle ao mar no mesmo paralelo perto de duas leguas outro , cheios ambos de mato , em que andam bichos peçonhentos ; e por antre hum , e outro passam todas as náos ; mas por antre o da terra só fustas. De longo de ambos ha algumas abrigadas , a que as fustas que alli

andam da Armada, se acolhem em tempos rijos.

Surto o Governador Martim Affonso de Sousa, mandou requerer á Rainha, » que » lhe mandasse pagar as pareas, que devia » dos annos atrás passados, e que lhe en- » tregasse logo todos os navios de remo, » que em seu porto estivessem, porque dal- » li sahiam a roubar todo aquelle mar, e » ella os recolhia dentro. » A Rainha quiz usar de manha com o Governador, porque sabia que lia pera Cochim, e que se não havia de deter muito, mandando-lhe dizer, » que pera tudo estava prestes, que ajuntaria as pareas, e que os navios logo se lhe entregariam. » E pera maior dissimulação, ao outro dia lhe mandou os cascos de tres navios velhos, e dahi a dous dias outros dous, sem virem as pareas, gastando nestas dilações sete, ou oito dias. O Governador enfadado, mandou fazer prestes a todos pera ao outro dia desembarcar, como fez, naquella praia da bahia, em que ordenou dous esquadrões de seiscentos homens cada hum, dando hum a Fernão de Sousa de Tavora, a quem encomendou a dianteira, ficando o Governador com o outro, em que hiam os mais dos Fidalgos; e pelo rio dentro mandou vinte navios ligeiros pera irem commetter a Cidade pela banda do mar. E

postos em ordem, foram marchando pera a Cidade por meio daquelles palmares, onde a Rainha mandou lançar muita gente de espingardas, que traváram com a dianteira, indo os nossos pelejando com elles sem se fahirem de seu compasso, levando-os diante de si até os metterem pela Cidade, em que de envolta com elles foram entrando, achando grande resistencia, porque acudio alli a Rainha com todo o poder. E como todos pelejavam em defensão de sua Cidade, mulher, filhos, e fazendas, faziam maravilhas.

Aqui, antes de entrarem na Cidade, se adiantou hum soldado (a quem não achámos o nome) sobre quem carregáram mais de duzentos dos inimigos, cercando-o por todas as partes; mas elle com muito animo, valor, e esforço, saltando a huma, e a outra mão, como hum leão bravo, se defendia de todos, ferindo a muitos, que trabalháram por lhe chegar.

Estando neste conflicto, chegou outro soldado, chamado Francisco de Almeida, natural de Santarem; e vendo-o em tamanho aperto, espantado das cousas que fazia em sua defensão, rompeo por todos os inimigos, ferindo nelles até se pôr junto d'elle, e com as costas hum no outro se defendêram de todos, fazendo nelles mui grande estrago,

go, de feição, que já os inimigos não oulavam de os commetter de perto, mas de longe lhes atiravam com muitos tiros de arremesso. Mas elles como touros magoados das garrochas dos inimigos, bramindo, e affoviando, arremettiam com elles, e os magoavam bem, trazendo elles já muitas feridas; e assim se detiveram até chegar o esquadrao, que remettendo com aquelle cardume, desbarataram-no logo, recolhendo aquelles dous valorosos soldados.

Os que entraram a Cidade apertaram tanto com os inimigos, que os arrancaram della, recolhendo-se pera o sertão. O Governador entrou na Cidade; e sabendo ser despejada, a deo a sacco aos soldados, que se cevaram bem á sua vontade, não perdoando a sexo, nem a idade, mettendo tudo a ferro; e depois que se carregaram, e fartaram, deram fogo á Cidade, que por todas as partes ardeo toda sem ficar couza em pé.

O Governador mandou cortar todos os palmares, e quantas fazendas havia á roda, e depois de tudo consumido, assolado, e feito em cinza, se recolheu pera a Arma-da, deixando por roda aquella costa tamanho terror, e espanto em todos, que se mudou hum antigo adajo, que por toda a India corria (de Oxar Batecalá) que quer dizer, guardar de Batecalá., por serem seus

naturaes tão soberbos, que nada soffriam. E dalli por diante se disse, Oxar Martim Affonso; e assim em qualquer parte da costa da Índia, em que depois os Portuguezes desembarcavam, diziam pelos quebrantar: *Oxar Martim Affonso*; e assim ficaram naquella costa tão respeitados, e temidos de todos, que só sua memoria, ou lembrança os atormentava. O Governador deo á véla, e foi sua derrota pera Cochim, e desembarcando naquella Cidade, foi della muito bem recebido, e logo começou a entender na carga das náos, com que D. Estevão lia correndo, conforme ao Regimento, em que manda ElRey: » Que todo o Governador » que acabasse seu tempo, em quanto estivesse em Cochim, usasse de poderes de Governador, assim na carga das náos, como » justiça, » ainda que muito depois lhes tirou o poder, como em seu lugar diremos, na justiça, porque perdoavam muitos casos feios, e muitos degredos.

D. Estevão da Gama como estava tomado, e não corria com o Governador, passou-se pera a Ilha de João Pereira, donde se embarcou na entrada de Janeiro na náos Burgaleza. Tiveram estas náos boa viagem até o Reyno. Sómente a náos Santo Espirito, de que era Capitão Alvaro Barradas, indo por dentro, por onde então hiam to-

das as náos, foi-se perder junto de Titangone, onde se salvou toda a gente, e a mór parte da fazenda. D. Estevão da Gama foi em Portugal desembarcado por todos os Senhores, que o leváram a ElRey, que o recebeu mui bem. E pelo ElRey D. João o III. querer casar, e elle não querer, lhe não deram satisfação de seus serviços, que foi causa de se elle ir viver a Veneza com sua licença; onde esteve annos, muito respeitado do Senado, até o Imperador Carlos V. o persuadir com largas promessas de mercês, que lhe ElRey faria, a se vir a Portugal, que lhe não cumpríram.

Foi este Fidalgo filho segundo de Dom Vasco da Gama, primeiro Conde Almirante, o que descobrio a India. Era homem de meã estatura, bem assombrado, e alegre: era grosso, espadaúdo, e muito barbudo, de cabello preto; e assim parece hoje na casa dos Governadores, onde está o seu retrato muito pelo natural. Foi Governador de Lisboa, foi Fidalgo liberal, de verdade, muito bom cavalleiro, homem, que executava os conselhos, e era porfioso; nunca foi casado: teve hum filho natural, chamado D. Vasco da Gama, que deixou por seu herdeiro, e casou com humna filha de André Telles, Mordomo mór do Infante D. Luiz, e D. Catharina, Freira em Santa Clara de

310 ASIA DE DIOGO DE COUTO

Lisboa. Dizem que depois de velho foi commettido pera ir á India, e que se escusára, porque quiz quietar; e pera melhor dizer, segurar a consciencia, porque ella, e a honra estam muito arriscadas naquelle cargo. Jaz enterrado na Vidigueira em hum Convento de Carmelitas, que se chama Nossa Senhora das Reliquias, tem Capella do-tada, e tem hum letreiro na sua sepultura, que diz assim: *O que armou Cavalleiros ao pé do monte Sinay, veio acabar aqui.*

CAPITULO III.

Do que fez o Governador Martim Affonso de Sousa depois que despedio as náos do Reyno: e de huma breve relação de todas as cousas d'ElRey de Maluco, que estava em Goa: e de como foi despachado pera ir entrar no seu Reyno: e das cousas a que o Governador mandou Simão Botelho a Malaca.

DEspedidas as náos pera Portugal, ficou o Governador Martim Affonso de Sousa dando despacho a alguns Embaixadores, que o foram visitar, como foi o do Camorim, que recebeu muito bem, e confirmou com elle as pazes de novo. E assim mesmo o da Rainha de Batecalá, que escramentada do castigo que lhe deram, não quiz

experimentar mais o ferro Portuguez, e mandou pedir com muita humildade perdão das culpas passadas, offerecendo-se a pagar tudo o devido, e a continuar com as pareas, que era obrigada a pagar cada anno.

O Governador lhe concedeo as pazes, com condição: » Que entregaria logo tudo o que devia, e que pagaria todos os annos de pareas dous mil fardos de arroz, assim como se obrigára ao Viso-Rey D. Francisco de Almeida.

» E que não recolheria em seus pórtos navios alguns de cossairos.

» E que daria lugar pera feitoria pera estarem os Officiaes d'ElRey feitorizando suas cousas.

» E que nenhum gengivre iria mais pera Meca, antes todo se venderia na feitoria pelo preço da terra.» Disto se fizeram papeis, e a Rainha cumprio á risca tudo.

Acabados estes negocios, se embarcou o Governador pera Goa, onde começou a entender com as cousas d'ElRey de Maluco, que estava nella. E porque depois que foi tirado do seu Reyno não tratámos d'elle, daremos agora hum a breve relação de todas, porque de proposito as guardámos pera este lugar, pelas não contarmos por pedaços.

Capitulo XIII. do VIII. Liv. da quarta Decada, temos dado conta de como che-

gando Tristão de Taíde a Maluco, prendê-
ra ElRey Tabarija de Ternate, e o man-
dára á India com hum auto de culpas, que
lhe formára, sendo aquelle Rey innocente
de todas. E como Deos nosso Senhor he ver-
dadeiro Juiz, e igual pera todos, sem ex-
cepção de pessoas, vendo a grande sem jus-
tiça que se lhe fazia, pondo os olhos nel-
le, tratou de o remediar, assim na restitui-
ção de seu Reyno, como na salvação de sua
alma, por esta maneira.

Estando este Rey na Cidade de Goa, sem
lhe fallar a feito, por causa da guerra de Dio,
dando-se-lhe porém tudo o necessario da fa-
zenda d'ElRey: correndo assim este tempo,
veio a tomar conversação com hum homem
Fidalgo, chamado Jordão de Freitas, (que
já era de mais longe, por algumas vezes que
tinha ido a Maluco,) e aqui em Goa, on-
de elle correo com mais continuação, se lhe
veio a entregar de feição, que não fazia se-
não o que lhe elle aconselhava, solicitando
elle seus negocios com o Governador Nuno
da Cunha, a que o tempo não deo lugar
pera o despachar. E como Jordão de Frei-
tas era homem amigo de Deos, e virtuoso,
vendo aquelle Rey tão entregue a seu pare-
cer, apalpou-o por vezes pera ver se o po-
dia fazer Christão; e achando sempre nelle
brandura, e affabilidade, e folgar de ouvir
pra-

praticar nas cousas de nossa Lei, e Fé Catholica, foi levando aquelle negocio por termos, que o veio a render, e a elle conhecer a verdade, e cahir no engano em que andava. Tendo-o Jordão de Freitas já disposto pera se declararem com elle, deo conta ao Governador Nuno da Cunha daquelle negocio, que elle estimou muito. E vendo-se com ElRey, lhe fez muitos differentes galhados: e sabendo delle que estava seguro, e firme em sua vontade, mandou a alguns Religiosos virtuosos, que fossem correr com elle, e o catequizassem, como fizeram, mostrando elle tamanho gosto daquillo, que em poucos dias aprendeo a Doutrina Christã.

E estando já sufficiente pera receber o santo Sacramento do Bautismo, ordenou o Governador pera aquelle dia as mores festas que podiam ser, mandando-lhe muitos ricos trajos á Portugueza; e elle pedio ao Governador de mercê: » Que fosse seu Padrinho, e que houvesse por bem, que Jordão de Freitas tambem o fosse, porque a elle devia aquella mercê, que lhe Deos fazia. » Do que o Governador foi muito contente, e assim o bautizaram na Sé, pondo-lhe nome D. Manoel, ficando entregue a Jordão de Freitas, que correo sempre com seus negocios muito pontualmente. E como

El-

ElRey lhe estava muito affeiçoado, lhe fez doação da Ilha de Amboino, que era sua. E entrando o Governador D. Estevão da Gama na governança, mandou a ElRey Dom João as culpas deste Rey, escrevendo-lhe sobre suas cousas; e assim o fez o mesmo Rey, pedindo-lhe mandasse que lhe fizessem justiça. Foram estes papeis todos a ElRey, porque estimou muito fazer-se aquelle Rey Christão, e por elles vio que as culpas que lhe puzeram eram falsas.

Pelo que este anno de quarenta e tres creveo ao Governador Martim Affonso de Sousa, que o mandasse metter de posse do seu Reyno, escrevendo-lhe cartas mui honrosas, e mandando-lhe muitas peſſas; e confirmou a Jordão de Freitas a Ilha de Amboino, com certa jurdição, e fazendo-lhe mercê da Capitanía de Maluco, pera levar aquelle Rey comſigo, e o metter de posse do seu Reyno. Pelo que o Governador mandou negociar hum galeão muito formoso, pera partir este Abril em que andamos, e despachou Jordão de Freitas pera ir entrar na Capitanía de Maluco, (por virem novas naos de Malaca, que Fernão de Castro, que hia pera entrar nella, era falecido naquella Cidade,) dando-lhe todas as cousas necessarias pera a viagem, pera o serviço daquelle Rey; e em vinte de Abril se fez

fez á véla, muito contente, e satisfeito do gazalhado que achou nos Governadores da India; e de sua viagem adiante daremos razão.

E porque nas cousas da Alfandega de Malaca havia muitas desordens, assim em prejuizo da fazenda d'ElRey, como das partes, pelas muitas injustiças, e tyrannias, que alguns Capitães usavam, quiz o Governador mandar prover em tudo por Simão Botelho, que despachou com poderes de Veador da Fazenda, dando-lhe largos Regimentos sobre este negocio a que o mandava. E por não deixarmos esta materia pera outro Capitulo, (porque não soffre a grandeza da historia tanto,) diremos brevemente as cousas, que movêram ao Governador acudir a isto, e dos antigos costumes do tempo dos Gêntios, e Mouros, por ser assim necessario pera melhor entendimento da historia.

Pelo que se ha de saber, que depois que o valoroso Capitão Affonso de Alboquerque tomou aquella Cidade de Malaca a ElRey Soltão Mahamed Xá, desejou ElRey Dom Manoel em estremo de o restituir á sua Cidade, e que ficasse regendó, e governando seus vassallos com as rendas da Alfandega, porque não queria mais, que ter alli huma fortaleza, pera acarretar dalli pera a India todas as drogas,

as

N IMPRENSA
NACIONAL

as partes do Oriente por modo de commercio; porque havia, que correndo todas por suas mãos, montaria muito ao Estado da India; e que também poderiam ir allí carregar algumas náos da pimenta de Jaoa, e Sunda pera o Reyno. Sobre a tornada daquelle Rey pera a Cidade de Malaca traballhou bem Affonso de Alboquerque, mandando-lhe offerecer livremente a sua Cidade, o que elle não quiz acceitar, antes fez muitas vezes guerra áquella fortaleza, como nas Decadas de João de Barros, e nas nossas se conta.

Vendo ElRey D. Manoel que aquelle Rey não queria fazer razão alguma de si nesta materia, mandou que se arrecadasssem os direitos daquelle Alfandega, assim, e da mesma maneira que se arrecadavam em tempo de todos os Reys Malayos, que eram pela maneira seguinte.

De todas as fazendas que hiam ter áquella Cidade, des da boca do rio o Ganges até o Indo, pagavam a seis por cento. E de todas as outras Provincias, desde Ganges até a China, davam de todas as fazendas, que naquella Cidade entrassem, a quarta parte a ElRey pela avaliação da Alfandega, e esta avaliada por seus Officiaes, que sempre punham o que valia doze em oito; e que lhes pagariam em outras fazendas, tam-

tambem por avaliação dos mesmos Officiaes, que sempre a faziam de feição, que nella ganhavam aquelles Reys a vinte por cento. Isto montava muito áquelles Reys pela grande cópia de navios, e fazendas, que todos os annos hiam áquelle porto; e a estes costumes chamavam na sua lingua, Bullibulião, que se foram tambem arrecadando por conta d'ElRey, pagando-lhes as fazendas em outras, que os Governadores da India mandavam todos os annos pera isso. E além dos costumes d'ElRey, tomavam os Capitães, e Officiaes o que queriam pera si, fazendo tantos roubos, e tyrannias nisto, que escandalizáram os mercadores de feição, que deixavam já de vir áquella Cidade, e hiam buscar os portos dos Reys de Malaca, onde achavam mais moderação.

E esquecendo-se alguns Governadores de mandarem fazendas pera este resgate, foram os Capitães lançando mão d'elle pera si, usurpando a posse daquelles costumes, tomando as fazendas que alli hiam por muito menos, e dando-lhes outras por muito mais; e ficou ElRey de Portugal pondo (como lá dizem) as linhas de sua casa. Tanto, que rendendo d'antes bastantemente pera os gastos, e ordinarias das fortalezas, veio tudo a tanto menos, que foi necessario mandar-se do rendimento da India o cabedal pera aquellas des-

pezas. Informado o Governador Martim Affonso de Sousa disto, querendo prover a tamanhas desordens, mandou Simão Botelho (como atrás dissemos neste mesmo Capitulo) com novos Regimentos para tirar aquelles costumes antigos, ordenando: » Que » dalli em diante todos os mercadores, de qual- » quer parte que fossem, não pagassem na- » quella Alfandega de Malaca mais que a » seis por cento de entrada, tirando as fa- » zendas de Bengala, que estas pagariam a » oito; e as da China, que viessem por mãos » dos Portuguezes, a dez; mas os naturaes » não pagariam mais que a seis. » Isto orde- nou o Governador, porque se hiam para a- quellas partes muitos Portuguezes, e deixa- vam o serviço d'ElRey por se fazerem mer- cadores, e quiz com esta alteração nos di- reitos, ver se podia evitar isto.

Ordenando mais: » Que todos os man- » timentos que entrassem naquella Cidade, » fossem livres, e izentos, » porque acudif- » sem muitos, como fizeram; porque depois de Simão Botelho chegar áquella fortaleza, e pôr os direitos que levava por regimento, correndo a fama por todas as partes daquel- la liberdade, começaram a acudir tantas fa- zendas, que aquelle primeiro anno rendê- ram os direitos vinte e seis mil e duzentos e sincoenta pardãos de ouro; e depois fo- ram

ram subindo tanto mais, que no tempo em que isto escrevemos, rende de vantagem de oitenta mil.

E todavia sempre os Capitães ficáram na antiga posse de tomarem todas as drogas pela avaliação, que he cousa que lhe importava muito. Despedido Simão Botelho, despachou o Governador a D. Manoel de Lima pera ir entrar na fortaleza de Baçaim, por ter acabado seu tempo D. Francisco de Menezes; e com isto se cerrou o inverno.

C A P I T U L O IV.

Das cousas, que acontecêram na Abastia: e como o Imperador com o favor dos Portuguezes deo batalha a ElRey de Zeylá, em que o desbaratou de todo.

E Stando a Rainha recolhida naquella ferra em que a deixámos, muito triste pela morte de D. Christovão da Gama, esperando cada dia por novas do Imperador seu filho, que lhe não tardáram muito, affirmando-lhe que já vinha perto: e tomando conselho com os Portuguezes, que com ella estavam, sobre o que faria, assentáram que se passasse pera a serra do Judeo, (que por outro nome se chamava de Caloa,) por onde elle forçado havia de passar. E partidos dalli, chegando a ella, já o acháram, por-

que era chegado do dia d'antes. O Imperador recebeu a mãe, o Patriarca, e os Portuguezes muito bem, sahindo aos esperar ao caminho, e então soube da morte de Dom Christovão, porque mostrou muito grande sentimento. Trazia elle muito pouca gente, porque vinha pela posta, e afforrado. E sabendo das cousas que eram passadas, e do poder do inimigo, foi-lhe necessario deixarse ficar na ferra até lhe acudirem seus vassallos. Dalli mandou espiar os inimigos, e provêo todos os Portuguezes de armas, cavallos, e de todas as mais cousas necessarias, mandando-lhes armar tendas junto das suas, pera os ter sempre a par de si.

A fama de sua chegada correo logo pela terra, que foi causa de começar logo de acudir gente a ver o seu Rey, e em muito poucos dias ajuntou seis mil de pé, e quatrocentos de cavallo, com que determinou de ir buscar o inimigo, como delle tivesse novas. E sabendo como Manoel da Cunha com a gente de sua companhia estava na terra do Barnagais, o mandou logo chamar pela posta, escrevendo-lhe os Portuguezes, que viessem pela ferra da Rainha, e trouxessem todas as armas de sobrecellente, que D. Christovão deixou nella. Poucos dias depois lhe chegaram novas de como o Rei de Zeilá, havendo-se por senhor da terra com a

a victoria que alcançára, despedira os Turcos pera Zebit, ficando-lhe só os duzentos, que trazia de ordinario pera sua guarda; e que com parte de sua gente se passára pera a Provincia de Agá, por onde o Nilo atravessa, pera se santificar, e recrear nelle com sua mulher, e familia.

Com estas novas folgou o Imperador muito, e deo conta dellas aos Portuguezes; e aconselhando-se com elles sobre o que faria, lhe disseram: » Que fosse logo buscar o inimigo, primeiro que se refizesse, porque estava certo, em tendo novas de sua chegada, ajuntar todo o seu poder pera o esperar.» Com esta determinação se sahio da serra do Judeo com sua gente, posta em muito boa ordem, dando a dianteira aos Portuguezes. E caminhando por onde as guias o levavam, antes de chegarem a huma serra, que se chamava Oé nad gas na Provincia de Ambéa, hum dia pela manhã encontraram hum Capitão d'ElRey de Zeilá com trezentos de cavallo, e dous mil de pé, que parece que se hia pera ElRey, por haver já novas da chegada do Imperador. Os Portuguezes, que hiam na dianteira, mandáram recado ao Imperador, que se apressasse, porque elles começavam a travar com os inimigos. Seriam os Portuguezes por todos cincoenta de cavallo, e determinando-se, re-

Couto. Tom. II. P. II.

X

met-

NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mettêram com os inimigos com muito animo , sendo o primeiro que nelles rompeo hum Antonio Cardoso , criado d'ElRey , homem nobre , que vendo o Capitão dos Mouros diante , enrestando a lança , o encontrou de meio a meio , e tomando-o pelos peitos , o derribou logo morto. Os outros Portuguezes tambem do primeiro encontro derribáram muitos , ficando todos baralhados em huma aspera batalha , em que os nossos fizeram muito por se satisfazerem do aggravo , que lhes era feito em lhes matarem Dom Christovão da Gama seu Capitão mór ; e assim quando o Imperador chegou , tinham elles feito mui grande estrago nos inimigos.

O Barnagais , que hia diante do Imperador , chegando aos nossos , que andavam como leões , baralhou-se com elles , e dando nos Mouros com grande ímpeto , tambem lhe derribou muitos. O Imperador apressou-se ; e chegando á batalha , que vio o furor com que os Portuguezes pelejavam , e o grande estrago que tinha feito nos inimigos , pondo as pernas ao cavallo , se foi metter no meio delles , animando-os , louvando-os , e pelejando com muito valor. Mas como os inimigos entendêram que alli estava o Imperador , logo se puzeram em fugida , indo os que escapáram dar novas a ElRey de Zeilá do que era passado , o que elle sentio

tio em estremo. Perdêram-se dos Mouros mais de oitocentos, e outros se espalháram, indo muitos feridos a buscar a cura.

O Imperador mandou armar tendas no lugar da batalha pera dar descanso aos Portuguezes, que tinham muito bem trabalhado, não se fartando de lhes fazer honras, e gazalhados, mandando curar alguns feridos, que elle, e sua mãe visitáram, mandando ter delles muito grande cuidado. Ao outro dia pela manhã levou o Imperador seu campo, e foi marchando pera onde estava o Rey de Zeilá, porque com aquella quebra havia de estar enfraquecido; e tendo andado pouco mais de huma legua, houveram vista d'elle, que estava com toda a sua gente em som de batalha, porque sabia que os Portuguezes haviam de fazer com o Imperador que o fosse buscar. Tinha feito duas batalhas de pé de tres mil homens cada huma, e na testa quinhentos de cavallo, em que elle estava com todos os Turcos.

O Imperador chamou a si os Portuguezes, e esteve notando a ordem, em que os inimigos estavam, e assentáram de os commetter na mesma fórma. E assim ordenou outros dous batalhões de outros tres mil homens cada hum, e na testa poz trezentos de cavallo, em que entravam os Portuguezes, querendo-se tambem o Imperador achar com

elles , pedindo-lhe elles muito por mercê , que os deixasse fós. Póstos nesta ordem , foram commetter os inimigos , com quem os Portuguezes arremettêram , appellidando *Sant-Iago* ; e ferrando com os de cavallo , se baralháram todos em huma cruel batalha , em que os nossos se assignaláram , derribando dos primeiros encontros muitos Mouros , perdendo-se fós dous companheiros. O Imperador na envolta dos nossos rompeo tambem nos inimigos ; sendo dos primeiros que lhes puzeram as lanças , e derribando com muita força alguns dos encontros ; e tanto apertáram com os de cavallo , que os fizeram recolher ao corpo do exercito quasi desbaratados , e com muitos perdidos. ElRey de Zeilá , que era muito bom cavalleiro , vendo o desbarato dos seus , sahio do esquadrão , e se passou á dianteira , tendo os seus , animando-os , esforçando-os , e fazendo-os voltar ; e elle com hum filho seu de idade de dez annos , que trazia a par de si , remetteo com os nossos , que lhe tiveram o encontro , ficando travados em huma aspera batalha. Os esquadrões tambem se baralháram huns com os outros , ficando travados cruelmente pela pouca ordem da milicia , que huns , e outros tinham ; mas sempre houve vantagem de nossa parte por causa da espingardaria dos Portuguezes , com que

que fizeram em os inimigos mui grande estrago : e todavia a cousa esteve arriscada ; mas permittio Deos , que hum Portuguez desse huma espingardada pela barriga a El-Rey de Zeilá , que o passou da outra banda , cahindo sobre o arção dianteiro sem ir ao chão , por andar precintado no cavallo , que desatinado com o estrondo da arcabuzaria , foi fugindo pelo campo desenfreadamente.

Tanto que os Mouros víram o seu Rey daquella maneira , começaram-se a pôr em desbarato ; o que os Turcos não quizeram fazer , havendo por affronta fugirem , antes quizeram morrer como Cavalleiros , que viverem com vituperio , e assim se deixaram ficar como desesperados , pelejando com o Barnagais , e com os seus , em quem fizeram mui grande estrago. Acertou de passar por aquella parte hum Portuguez de cavallo , chamado João Fernandes , da obrigação de D. Christovão , (porque todos os mais hiam no alcance dos Mouros ,) e vendo o valor com que os Turcos pelejavam , e que o seu Capitão andava diante pelejando como hum leão , tendo já hum monte de Abexins mortos diante d'elle , e enrestando a lança , quiz sua boa ventura que o tomou pelos peitos , dando com elle no chão muito mal ferido ; e passando com aquella furia do

do encontro , porque lhe não parou o cavallo bem , se foi metter no meio dos Turcos , onde lhe deram huma cutilada por huma perna , de que depois ficou aleijado. E voltando logo com muito animo , e esforço , vendo que o Capitão dos Turcos se tornava a alevantar , pondo-lhe outra vez a lança , deo com elle no chão morto. Com isto se puzeram então os Turcos em desbarato , e de duzentos que eram só quarenta escaparam. Os Mouros que hiam do primeiro desbarato , a que os nossos seguiam o alcance , perdêram-se quasi todos , sómente trezentos se recolhêram com a mulher d'El-Rey , ficando o filho cativo em mãos dos nossos , que este dia tomáram mui grande satisfação da morte de D. Christovão da Gama. O Imperador, depois da vitoria concluida, mandou armar suas tendas ao longo do rio , e os Portuguezes a par delle , dando-lhes muitos , e públicos louvores , e fazendo a todos muitas mercês. E havendo quatro dias que isto era passado , chegou Manoel da Cunha com a sua companhia , que se houveram por muito mofinos de se não terem achado naquelle successo. Alli naquella ribeira se deixou o Imperador ficar o inverno , que já era entrado , mandando dalli prover nas cousas de seus Reynos , que logo tornou a reduzir á obediencia.

CAPITULO V.

Do que aconteceu ao Secretario Antonio Cardoso em Ormuz: e de como aquelle Rey concedeo a Alfandega daquella Ilha: e de outras cousas.

PArtido o Licenciado Antonio Cardoso de Goa, foi ter á fortaleza de Ormuz em Fevereiro; e primeiro que desembarcasse, foi o Capitão Martim Affonso de Mello Jusarte avisado ao que hia: pelo que o mandou logo visitar ao mar, e a pedir-lhe que quizesse ser seu hospede. O Secretario pareceo-lhe logo aquillo lanço de homem confiado, e desembarcou em terra, onde o Capitão o esperou, e o recebeu bem, e dali se foi pera casas, que estavam já despejadas pera elle. E a primeira cousa, em que entendeu, foi em tirar devassã em muito segredo do Capitão pelos Capitulos, que lhe o Governador deo; e achou mui differente in-
 formação da que tinham dado ao Governador, porque não houvesse pessoa que se queixasse delle, antes todos diziam mil bens, porque era Fidalgo virtuoso, humano, e pouco cubiçoso. E tomando a devassa, a mandou ao Governador em huma náó, que partio dahi a poucos dias, escrevendo-lhe: » Que
 » Martim Affonso de Mello era Fidalgo, de

» que ElRey havia de fazer muita conta, e
 » que lhe merecia muitas honras, e mercês. »
 Vista a devassa pelo Governador, escreveu
 hum carta ao mesmo Martim Affonso de
 Mello, em que se desculpava: » E que fol-
 » gára em extremo de ser falso tudo o que
 » delle differam, e que senão esperava me-
 » nos procedimento de hum tão honrado Fi-
 » dalgo: que lhe pedia lhe mandasse o Se-
 » cretario invernar a Goa, e que ficasse
 » elle com poderes de Veador da Fazenda. »
 A esta carta dizem, que lhe respondeo Mar-
 tim Affonso de Mello hum pouco apaixo-
 nado, porque entendeo mui bem, que fol-
 gára o Governador muito de lhe achar cul-
 pas; e dizia hum particula della: » Que de
 » Martinho a Martinho hia; e que se elle
 » se tinha por bogio, que elle era tambem
 » mono. »

E tornando a continuar com o Secreta-
 rio. Começou a tratar os negocios que le-
 vava por Regimento com ElRey de Ormuz,
 presente o Capitão, e Guazil, persuadindo-o
 » a largar a ElRey de Portugal todo o ren-
 » dimento da Alfandega, pois aquelle era o
 » melhor meio pera ficar defendivado, e
 » desobrigado de tanta quantia de dinheiro,
 » e de se não irem encapellando mais as di-
 » vidas; e que ElRey teria respeito a suas
 » despezas, e gastos, porque tambem a ten-
 ção

» ção do Governador não era despillo de to-
 » do.» Tantas cousas lhe disse sobre isto,
 que lhe concedeo tudo o que lhe pedia, di-
 zendo : » Que elle era vassallo d'ElRey de
 » Portugal, e que tudo era seu, pois elle
 » possuia aquelle Reyno de sua mão, e lho
 » podia tirar cada vez que quizesse. Que lhe
 » lembrava, que elle não tinha outra couça
 » de que pagar as mocarrarias aos Reys seus
 » vizinhos, nem tenças, e moradias a Fidal-
 » gos, e criados de sua Casa, senão daquel-
 » le rendimento da Alfandega.» O Secreta-
 rio como levava largo Regimento sobre es-
 te negocio, veio a concluir com elle os Ca-
 pitulos seguintes.

» Que ElRey de Ormuz largava a Al-
 » fandega daquella Ilha de Gerum em soli-
 » do a ElRey de Portugal, com condição,
 » que lhe quitaria todas as dividas, que até
 » então lhe devesse, de que logo lhe fizeram
 » quita em pública fórma.

» Que ElRey de Portugal lhe mandaria
 » dar do mesmo rendimento as cousas se-
 » guintes. Quarenta leques, que são mil e
 » oitocentos xerafins de ouro, cada anno pe-
 » ra vestiaria de sua pessoa. Duzentos e sin-
 » coenta leques mais, que são nove mil trin-
 » ta e seis pardãos de ouro, pera pagar as
 » mocarrarias, que se entregariam ao Gua-
 » zil, que havia de ser Juiz daquella Alfandega.

» dega, pera os repartir. Que lhe dariam mais
 » todas as tenças, e moradias que pagava a
 » seus criados.

» Que os officiaes Mouros, que tinha na
 » Alfandega, haviam de ficar sempre corren-
 » do com os cargos, que os Reys de Or-
 » muz proveriam nas pessoas que quizessem.»

Destes Capitulos se fizeram autos assina-
 dos por todos, e se registráram nos livros
 da Feitoria daquella fortaleza com o Regi-
 mento da Alfandega. E além disto passou El-
 Rey de Ormuz hum formão, por onde con-
 cedia aquella Alfandega aos Reys de Portu-
 gal, que nos pareceo bem ir aqui inferto,
 por ser notavel, que continha o seguinte.

» Formão, em que ElRey de Ormuz con-
 » cedeo a ElRey D. João o III. as rendas
 » da Alfandega daquella fortaleza.

» Formão sem nenhum outro igual a el-
 » le, a quem mando que todos obedeção,
 » pera que se saiba, que minha propria von-
 » tade, e determinação he, pela muito gran-
 » de amizade, conformidade, e obrigação
 » que ha entre mim, e o meu Senhor, que
 » em grandeza chega aos Ceos, e tem po-
 » der sobre toda a redondeza da terra; e
 » em Estado he igual ao Rey da China, ven-
 » cedor de todas as guerras humanas, gran-
 » de Rey de justiça, maior que todos os
 » Reys do Mundo, chave do thesouro, que
 » ha

» ha sobre a terra , que he a virtude , e a
 » nobreza. Contas por onde se reza o saber
 » reinar. Limpeza de todo o mar do reina-
 » do , e edificador da povoação dos mora-
 » dores. Boceta , onde se encerra a muito fi-
 » na , e preciosa esmeralda. Alto baluarte ,
 » e defendedor de todos. Sol de justiça , e
 » verdade. Fonte limpa , que mantem a lini-
 » peza da terra , assim o povoado , como o
 » deserto. Esperança em hum só Deos , e
 » nelle muito confiado , alto Rey D. João ,
 » a quem Deos sustenia no seu Reyno def-
 » cançada , e socegradamente. Sempre os seus
 » bens remedeia a pobreza do Mundo , a cujo
 » amparo estou chegado , e a minha boa ven-
 » tura está em ser cercado de sua sombra , e
 » a colher de minha esmerada fruita , que
 » he regada com a agua de sua mercê : e sei
 » certo , que a graça do meu Rey de Por-
 » tugal está comigo , e me tem posto em
 » muito grandes esperanças. Assim que por
 » todas estas vias , vi que sou obrigado a ser
 » conforme a suas cousas , e a pôr o Rey-
 » no , e a fazenda por seu serviço ; e o no-
 » bre Paço d'ElRey de Portugal havello por
 » minha propria morada , e natureza , e não
 » me affastar hum só cabello de minha obri-
 » gação. E porque isto que faço he o que
 » devo , meu preceito he , que o rendimen-
 » to da Ilha Getum , depois de arrecadadas

» as inocarrarias , e tenças de Fidalgos de
 » minha Casa , proes , e percalços dos Of-
 » ficiaes da Alfandega , assim Mouros , co-
 » mo Portuguezes , pelo costume ordinario ;
 » tudo o que mais render aquella Alfande-
 » ga , mando que se entregue aos Officiaes
 » d'ElRey de Portugal , em pago das pareas ,
 » que sou obrigado a lhes pagar. E mando
 » a todos os Officiaes de meu Reyno , que
 » contra este meu formão não troção hum
 » cabello. Dado na Lua de Moarum da era
 » de Mafamede de novecentos quarenta e oi-
 » to , » que são a 27. de Fevereiro deste anno
 de quarenta e tres , em que andamos.

Passado este formão , foi o Veador da
 Fazenda , e Secretario á Alfandega com o
 Guazil , e Officiaes de ambos os Reys , e to-
 mou posse della em nome do de Portugal ,
 começando-se a arrecadar por elle daquel-
 le dia em diante , não innovando nos cos-
 tumes cousa alguma. Passado isto , lançou o
 Secretario tambem mão das rendas das Or-
 racas , que rendiam de vantagem de quatro
 mil cruzados , pelo levar assim por regimen-
 to ; porque já que concedia áquelle Rey to-
 das as despezas de sua Casa , mandou o Go-
 vernador , que se lhe tomassem todas as ou-
 tras rendas da Ilha. Disto se queixou ElRey ,
 fazendo protestos , dizendo : » Que ficava
 » pobre , e sem cousa , com que pudesse sus-
 » ten-

»tentar seu Estado.» Esta casa das Orracas, que são vinhos, que se fazem de jagra de palmeiras, ha hum só naquella Ilha. Foi isto em principio cousa tão pouca, que quando Affonso de Alboquerque fez aquella fortaleza, deixou hum homem mestiço, chamado Gaspar Pires, por lingua daquelle Rey, por fallar muito bem Parleo, a quem elle deo a renda das Orracas por tença, com o cargo, que então montaria duzentos pardãos. Esta casa possuio este homem muitos annos, e d'elle se ficou chamando Conaa Gaspar, que quer dizer *a Casa de Gaspar*. E indo por tempos crescendo aquella renda muito, lançaram os Reys de Ormuz mão della, dando na mesma casa os duzentos pardãos de tença aos linguas, que ainda hoje logram. E assim subindo cada dia mais, chegou a render sinco, ou seis mil cruzados cada anno, do que aquelles Reys faziam mercê a alguns Capitães. E succedendo outros, a quem elles as não queriam dar, lhas tomavam por força, allegando a posse; e outros usando de mais suavidade, lhas tomavam por manha, até que ElRey de Portugal proveo nisso, e mandou que se lhe não bulisse nas suas rendas, como em seu lugar diremos. Concluidas estas cousas, embarcou-se o Secretario pera Goa nos derradeiros navios que foram invernar.

CAPITULO VI.

Do que mais aconteceu a Ruy Lopes de Villa-Lobos, depois que partio do porto de Camarião até chegar ao Moro: e da Armada que D. Jorge de Castro mandou em busca da dos Castelhanos: e do que lhe aconteceu pela Ilha do Moro.

DEIXámos Ruy Lopes de Villa-Lobos na bahia de Blaçai, esperando pelas galeotas que tinha mandado ás Filippinas a buscar mantimentos, que tardáram tanto, que obrigado da necessidade se fez á véla pera ir ás Ilhas das Palmeiras, e ás outras suas vizinhas a buscar mantimentos, e para dahi voltar ás Filippinas; e por não achar bom vento pera poder tomar aquellas Ilhas, mandou governar pera Camafo, e chegou ao lugar de Sagalá, de Christãos arrenegados, que estava pelo Rey de Geilolo, já no fim deste anno de quarenta e tres, em que andamos, onde se deixou ficar correndo em amizade com aquelle Rey por recados. Aqui o deixaremos por tornarmos a continuar com os navios, que tinha mandado pera as Filippinas.

Atrás contámos no Cap. X. do Liv. VIII. como despedira hum Bargantim, e a galeota, que se tornou; o Bargantim foi tomar

Abuyo, e os da terra os agazalharam bem. Estando alli, foi ter com elles outro Bargantim, que partira com o Villa-Lobos, em que hiam trinta soldados, e no outro, que já alli estava, vinte. Juntos todos, mandaram oito delles a hum lugar daquella Ilha a buscar mantimentos, e lá ou por sua desordem, ou pela malicia dos da terra, deram nelles, e matáram hum, e prendêram os mais, escapando hum só escravo, que foi dar as novas aos do Bargantim, que armando-se foram dar no lugar, e o entráram, e tomáram os companheiros, vingando-se bem da morte do outro com a de muitos, e com lhes queimarem a povoação. O outro Bargantini, em quia hia Fr. Jeronymo de Santo Estevão, da Ordem de Santo Agostinho, acabáram-se-lhe os mantimentos, e indo-os buscar a huma daquellas Ilhas, deram os naturaes nelles de sobresalto, e matáram-lhe quinze homens com o Capitão, e os que escapáram foram ter a Abuyo com os outros, comendo todo aquelle caminho cravo cozido por não terem outro mantimento.

Juntos os Bargantis todos, vendo que tardava o seu General, quizeram ir saber d'elle; mas succedeo hum soldado ter paixões com hum dos naturaes, que o matou de noite. E receando-se os Castelhanos que désssem nelles, leváram-se dalli em busca do

seu Capitão, e deo-lhes huma tormenta, com que se apartáram os Bargantins; hum foi correndo pera a Ilha de Cesarea, e o outro pera a de Tendaja. Este chegando áquella barra de noite, soçobrou-se, e affogáram-se onze soldados, e os mais foram a terra, onde foram bem agazalhados; e como amanheceo, foi o outro Bargantim buscallos, e achando-os bem, e amigos com os da terra, os deixáram, e se foram na volta de Camafo, atravessando aquelle golfo, em que passáram tantos trabalhos, que quatro dias não bebêram agua, pelo que lhes foi forçado tornarem-se pera Tendaja, onde deixáram os companheiros do outro Bargantim, e alli se deixáram ficar, porque os da terra os tratavam bem. E assim deixaremos huns, e outros, por continuarmos com Dom Jorge de Castro, Capitão de Maluco.

Depois de chegar Belchior Fernandes Correa com a carta de Ruy Lopes de Villa Lobos, (como em outra parte dissemos Cap. X. Liv. VIII.,) determinou de armar contra os Castelhanos; mas não tinha mais que duas galcotas, e não ousava de pedir as corcoras ao Rey de Tidore por fiar pouco d'elle, e tambem porque lhe não entendesse a necessidade em que estava, porque lhe não quiz dar esse contentamento, e com isso mostrar-lhe que o não havia mister. To-

davia porque lhe pareceo que os Castelhanos haviam de andar perdidos, e desbaratados por antre aquellas Ilhas, armou as duas galeotas; porque se assim fosse, ellas bastavam, e fez Capitão dellas James Lobo, e Antonio de Almeida.

Estas galeotas levavam sincoenta homens, e partíram em Novembro. Deo-lhes D. Jorge por regimento: » Que fossem ajudar o Geliato da Gomo Conora, Christão, ainda que arrenegado, que estava sobre o lugar de Galilás, que pertendia ser seu; » e o inimigo estava recolhido em hum forte muito provido, e bem negociado. Chegadas as galeotas a Toloco, souberam como o Geliato, que hiam favorecer, estava sobre a fortaleza inimiga; e deixando alli James Lobo a sua fusta, embarcou-se na de Antonio de Almeida, e foram a Momoya, onde ajuntaram muitos Christãos da terra. E mudando-se todos a alguns parós, foram desembarcar em huma praia, em que varáram as embarcações, e ás costas as leváram perto de meia legua por terra, até darem em huma formosa alagôa de agua doce; e embarcados nos parós, foram pela alagôa dentro meia legua, e no cabo della mettia a terra huma ponta grossa, que lhe ficava pegada por hum forte, e estreito passo, onde estava o forte dos inimigos. Alli assentáram os nossos o seu

arraial com o Geliato, que já alli estava. Os de dentro tanto que souberam serem chegados os Portuguezes, bradaram de noite que queriam pazes, que James Lobo, que era cabeça, lhe não quiz acccitar por fazer a vontade aos soldados, que esperavam haverem dalli grandes prezas. Ao outro dia pela manhã ordenáram os nossos duas grandes jangadas sobre os parós, pera irem rodear nellas o forte, que ficava como Ilheo; e embarcados nellas, foram por derredor, e commettêram o forte, indo diante James Lobo, e poz a prôa na parte que estava ordenado. E como alli era muito alcantillado, saltáram os nossos em terra hum, e hum; por que assim como hum saltava, recuava a jangada, e com muito trabalho tornava a chegar pera saltar outro. Desta desordem creceo o animo aos inimigos, e sahíram de dentro com grande furia, e dando em alguns que estavam em terra, os fizeram fugir bem escalavrados, deixando-lhes as armas. Antonio de Almeida, que hia chegando, vendo o defarranjo de James Lobo, varrou com a sua jangada sobre humas pedras, e saltou em terra pera o ajudar a recolher. Os inimigos vendo-os chegar, acudíram áquella parte, com o que os de James Lobo tiveram lugar de se recolherem á jangada todos muito mal feridos, e os mais delles sem ar-

armas. Os inimigos chegando a Antonio de Almeida, que estava em terra, o commetteram com grande determinação; mas elle, que era esforçado Cavalleiro, se defendeo delles com grande animo, e esforço, porque era o número muito desigual; travando-se entre os nossos, e elles huma muito aspera batalha, em que os nossos mostraram bem o valor de seus braços. James Lobo tanto que se embarcou na sua jangada, acudio a recolher Antonio de Almeida, o que fez com muito trabalho, porque teve sempre o pezo dos inimigos, em quanto os seus se recolhiam, ficando elle por derradeiro, que se embarcou ferido de muitas, e mortaes feridas. Aqui aconteceram casos notaveis.

Andando hum Lopo de Reboredo pelejando com muito esforço, lhe tirou hum dos inimigos com huma fisga, e o fisgou pelo rosto, começando-o a alar pela alpoeira, que lhe ficava amarrada a hum braço pera o trazer a si (cousa que elles costumam muito na guerra.) Estava perto delle Henrique de Lima; e vendo-o ir assim apôs a fisga, arremetteo a elle com muita pressa, e com huma adaga lhe abriu a queixada, e lhe largou a fisga, e o salvou. James Lobo recolheo todos os da companhia de Antonio de Almeida muito mal feridos, e elle tão mal,

que logo morreo. Recolhido pera o arraial, se tornou pera as galeotas, e despedio huma dellas com os feridos, que eram vinte e sete, pera se irem curar a Ternate. A galeota poz dous dias no caminho, e chegou á nossa fortaleza com os feridos ainda por curar, e D. Jorge os foi buscar, e recebeu com grande tristeza, mandando-os logo curar com grande resguardo. As pessoas principaes, e que hiam peor feridos, e mais perigosos, eram Gabriel Rebello, Antonio de Figueredo, moço da Camara do Duque de Barchança, Henrique de Lima, Vasco Reymondes, e Lopo de Reboredo.

D. Jorge tornou a mandar a galeota com mais trinta soldados a James Lobo, pera que tornasse a favorecer o Geliato, que tanto que chegou, logo partio pera lá pela mesma alagôa, e nella acháram tres soldados dos nossos espetados, e já muito podres. James Lobo tornou-se a pôr no lugar de primeiro; e tanto que os cercados víram outra vez os Portuguezes, logo largáram o forte, que os nossos queimáram, assoláram, e destruíram de todo. Foi isto já no fim deste anno de quarenta e tres, quasi no mesmo tempo que Ruy Lopes de Villa-Lobos chegou a Cocalá, (como atrás dissemos no sexto Cap. do Liv. IX.) Era este lugar quatro leguas do Toloco, onde estava James Lobo, que tan-

to que teve novas delle , despedio dous soldados em hum paró com hum requerimento da parte de D. Jorge , Capitão da fortaleza de Ternate. Estes homens foram bem recebidos do Villa-Lobos , e elles lhe notificáram o Protesto , em que D. Jorge lhe requeria da parte dos Reys de Portugal , e Castella : » Que se era entrado naquellas Ilhas com tempo fortuito , que se fossem logo pera aquella fortaleza , onde lhes daria todas as cousas necessarias ; mas se era de outra maneira , que se tornasse a sahir dellas , porque eram d'ElRey de Portugal ; senão que o castigaria conforme ao contrato , que estava feito pelo Imperador com ElRey D. João ; e que de todos os damnos , mortes , perdas , e mais cousas que disso succedessem , elle daria conta a ElRey de Castella. » O Castelhana depois de lhe notificarem o Protesto , respondeo : » Que elle não entraria nas Ilhas Clavarias , nem em seus limites , e que a todo o tempo que lhe constasse estar nellas , se tornaria a sahir ; mas que aquellas em que estava , havia por de Sua Magestade o Imperador , e que ainda que o não fossem , que a necessidade até os preceitos Divinos quebrantava , quanto mais os humanos. » Com esta resposta se tornáram os soldados. E os escriptores que dizem , que James Lobo man-

dára ameaçar aos lugares vizinhos se désssem mantimentos aos Castelhanos , enganáram-se , porque todos eram do Rey de Tidore , que estavam de guerra com a nossa fortaleza , e todos eram nossos inimigos , e nem por requerimentos , nem por ameaços haviam de deixar de os prover.

Com esta resposta se foi James Lobo para Ternate , com que D. Jorge ficou enfadado , porque não só se havia de ficar receando dos Castelhanos , mas ainda da gente da terra , que como todos são amigos de novidades , receava que se carteaassem com os Castelhanos , e começou a ter dahi em diante mais o olho nelles , e diferente resguardo na fortaleza.

O Ruy Lopes de Villa-Lobos pouco depois disto succeder , com achaque de dizer , que o porto em que estava era doentio , e falto de mantimentos , deo á véla , e foi-se para Geilolo , onde foi muito bem recebido daquelle Rey , e logo fez estancias em terra. E depois de se fortificar , despedio hum Mathias de Alvarado com hum requerimento a D. Jorge , que elle recebeu muito bem , e elle lhe mostrou o requerimento que levava , em que o Villa-Lobos lhe dizia : » Que elle chegára áquellas Ilhas com fortuna , » que lhe pedia , e requeria que fizesse hum » tratamento aos moradores daquellas Ilhas , » por-

» porque eram vassallos do Imperador, e se
 » não que acudiria por isso. E que lhe man-
 » dasse os Castelhanos das Armadas passadas,
 » que estavam com elle na fortaleza, e as-
 » sim mesmo a artilheria, que fora tomada no
 » forte de Tidore. »

D. Jorge lhe mandou responder por ou-
 tro requerimento, em que lhe dizia: » Que
 » aquellas Ilhas todas eram d'ElRey de Por-
 » tugal, e que logo se sahisse dellas, senão
 » que o lançaria por força, e o castigaria
 » como a quebrantador da paz. E que quan-
 » to aos Castelhanos, se se quizessem ir pe-
 » ra elle, que o podiam fazer, porque não
 » tinha delles necessidade alguma. E que mui-
 » to mal diziam aquellas palavras com as pri-
 » meiras, e que lhe tornava a requerer, que
 » se sahisse das Ilhas d'ElRey de Portugal. »
 Despedido o Alvarado, e viuda a monção
 de se irem pera a India, embarcou D. Jor-
 ge na náó da carreira Belchior Fernandes Cor-
 rea com todos estes protestos por muitas vias,
 humas pera dar ao Governador, e outras
 pera elle levar pera o Reyno, (aonde o en-
 viava com cartas pera ElRey de tudo o que
 era passado,) ficando os Castelhanos em Gei-
 lolo, e D. Jorge fortificando-se o melhor
 que pode, e assim os deixaremos até seu
 tempo.

CAPITULO VII.

Da grande Armada, com que o Governador Martim Affonso de Sousa partio para o pagode de Tremel: e da tormenta que lhe deo, com que não pode passar: e de como desembarcou em Callecoulão, onde esteve desbaratado pela gente da terra.

POr muitas cartas de alguns homens da India foi ElRey informado, como no pagode de Tremel (que está no Reyno de Bijnagá) havia hum infinito thesouro de cascas cheias de ouro, e com muito pouca guarda, que hum Governador da India facilmente podia tomar, se lá fosse em pessoa com hum Armada, com o que ficaria o Estado tão rico, e prospero, que poderia proseguir nas Conquistas que quizesse, e enriquecer a India, e todo o Reyno de Portugal. Tantas vezes puxáram por ElRey nesta materia, que se moveo a mandar fazer aquella jornada, porque estava pobre pelas muitas despezas que se tinham feitas nas grandes Armadas, que á India tinha mandado de socorro. E neitas náos passadas mandou ao Governador Martim Affonso de Sousa, que em todo o caso fizesse aquella jornada em pessoa, mandando-lhe os traslados das cartas, que da India teve sobre aquella materia,

ria , que o Governador teve em muito segredo , sem dar conta disto a pessoa alguma. E todo este verão se occupou em tomar informação das cousas daquelle pagode , e do tempo em que poderia fazer aquella jornada , com pessoas , que sabiam muito bem daquelle costa de S. Thomé , onde elle estava.

Informado bem , vio que lhe era necessario partir de Goa na entrada de Agosto ; porque como havia de desembarcar na Cidade de S. Thomé , pera dahi caminhar pera o sertão doze leguas , (que tantas estava della aquelle pagode ,) e lhe era necessario passar os baixos de Chilão , primeiro que a vara de Choromandel descarregasse , que de ordinario costuma a dar na Lua de Setembro , ainda que outras vezes na de Outubro , e que se o tomasse atrás delles , além do risco que corria por ser o tempo muito grosso , não poderia depois passar avante , e seria forçado arribar a Goa.

Resoluto na viagem , gastou todo este inverno em aperceber a Armada , que havia de levar , e ajuntar mantimentos , e munições , apontando duzentos moradores de Goa com seus cavallo para irem com elle , sem dar conta a pessoa alguma do que determinava por se não espalharem as novas , e irem ter a Bisnagá. E dando muita pressa a tudo , tanto que entrou o mez de Julho , dei-

tou ao mar todas as galés, e navios de remo, e começou de se embarcar, dando primeiro ordem a muitas cousas, deixando o governo entregue ao Bispo, e ao Capitão da Cidade, que era D. Garcia de Castro, e Aleixo de Sousa, Veador da Fazenda. E porque o tempo era ainda muito verde, esperou o primeiro jazigo; e passada a Lua nova, que cahio na entrada de Agosto, deo á véla a doze daquelle mez.

A Armada que levava eram doze galés, oito galeotas, tres caravelas, e treze fustas. Os Capitães das galés, a fóra o Governador, que hia em humas, eram, Bernaldim de Sousa, Fernão de Sousa de Tavora, Fernão da Silva, Alcaide mór de Alpalhão, D. João Pereira, Martim Correa da Silva, Pero Lopes de Sousa, irmão do Governador, Luiz Caiado, Alonso Henriques, e Luiz Falcão. Das galeotas eram, Diogo de Mendouça, Diogo de Reinoso, Alvaro de Mendouça, D. Francisco de Noronha, Fernão Gomes de Sousa, João de Mendouça Chum, D. João Henriques, e D. Martinho de Sousa. Das caravelas eram, Affonso Furtado, D. João Mascarenhas, e Vasco da Cunha. Das fustas eram, Antonio de Sá o Rume, Belchior de Sousa, Diogo de Ayala, Rodrigo de Movilha, Francisco Fernandes Moricale, Simão Gallego, e outros.

Dada á véla com toda esta frota , como o tempo era ainda verde , tornou a descarregar com tamanha furia , que espalhou a Armada , e quasi perdida se recolheo aos Ilheos de Angediva , sem a galé de Luiz Falcão , que aberta foi dar á costa , onde se salvou a gente , que foi ter aonde a Armada estava. Aqui esteve o Governador alguns dias , até que o tempo lhe deo lugar pera tornar a súa viagem , que foi já entrada de Setembro.

E dando á véla , foi seguindo sua derrota com ventos rijos , e seccos , até dobrar o Cabo do Comori ; e como era conjunção de Lua , indo demandar os baixos , descarregou a vara de Choromandel com tanta braveza , que espalhou toda a Armada , que esteve perdida , correndo cada hum por onde melhor podia. O Governador com a mór parte das galés ferrou a Ilha das Vacas , quasi perdidos , e alagados. Alli esteve muitos dias até se lhe gastar a monção ; e vendo que já não era tempo pera passar adiante , ficou triste , e malenconizado pelo ruim successo que teve huma Armada , que fez com tanta despeza. E mandando chamar á sua galé os Capitães , lhes descubrio ao que hia , e lhès mostrou as cartas d'ElRey , e as que lhe escrevêram da India , em que lhe facilitavam aquella jornada , dizendo-lhes , que por alli

veriam a razão, por que fizera aquella Armada, que vissem agora o que devia de fazer, porque elle estava prestes pera cumprir o que lhe ElRey mandava; que se era tempo pera ainda passar os baixos, que o faria, porque a despeza estava já feita. E chamados os Pilotos todos, praticando se poderiam ainda passar, assentaram todos, que a monção era acabada, e que já não havia que fazer. Com isto se concluiu, que se tornassem, com o que o Governador voltou, e tornou a dobrar o Cabo, recolhendo alguns navios de sua companhia, que foi achando por aquelles portos.

E chegando a Callecoulão pera fazer a guada, soube que aquelle Rey era ido pelo sertão a fazer guerra a outro seu vizinho. E como nunca faltão homens amigos de alvitres, e de comprazerem aos Governadores, sentindo alguns Martin Affonso de Sousa muito magoado de não effectuar a jornada, fizeram-lhe crer, que o pagode de Tebilicaré, que estava dalli a hum legua pera o sertão, era tão rico, e tinha tanto ouro como o de Tremel, pera onde elle fizera tamanhos apercebimentos, e que não estava em mais encher a Armada de ouro, que em o commetter, porque não havia quem lho defendesse.

O Governador Martin Affonso de Sou-

fa cubigoso de tanto ouro , não attentando
 que hia contra a obrigação da paz , e ami-
 zade que tinha com aquelle Rey , sem dar
 conta mais que aos que o aconselháram , des-
 embarcou com toda a gente posta em ar-
 mas , e foi marchando pera a parte do pa-
 gode , fazendo crer que hia ver a terra. E
 assim chegou a elle sem os naturaes se teme-
 rem , nem se recearem de cousa alguma pe-
 la muita fé que tinham na verdade dos Por-
 tuguezes. E commettendo o pagode , que
 estava sem guarda, o entrou, mandando-o bus-
 car todo , e cavando-o por todas as partes ,
 sem achar nelle mais , que huma panella de
 ouro , que servia de levarem agua pera la-
 varem o idolo , que quando muito podia ter
 tres , ou quatro mil cruzados , e neste fac-
 co se deteve dous dias. Os naturaes vendo
 o seu templo estragado , e violado , appelli-
 dando a gente derredor , ajuntáram-se pou-
 cos mais de duzentos Nayres de espingar-
 das , e arcos , e foram esperar os nossos ao
 recolher em huns caminhos estreitos , que
 corriam por entre huns vallos altos , e for-
 tes , e postos em sinia delles , em os nossos
 entrando , os começaram a derribar á sua von-
 tade , porque como hiam a fio , e o cami-
 nho era muito estreito , e sem alguma ma-
 neira de reparo , não perdiam tiro. Garcia
 de Sá , que levava a dianteira , soffreo muito

trabalho ; porque lhe feriram , e matáram muita gente , sem se poder defender , nem offender aos inimigos. O Governador hia na retaguarda em hum formoso cavallo , e ficava mais em barreira ás espingardadas , que choviam de todas as partes sobre elle , de que Deos o livrou pela fortaleza das armas em que deram algumas. Os Fidalgos que hiam derredor d'elle , reccando que lhe acontecesse algum desastre , lhe pediram , que se descesse , e Vasco da Cunha lhe pegou de huma estribeira , dizendo-lhe , que não hia assim bem , que se devia descer pera segurar sua pessoa. O Governador dissimulou , porque o não tinha por seu amigo , pelo ser muito de D. Estevão da Gama , e houve que lhe não aconselhava cousa de sua honra. E todavia como as espingardadas hiam crescendo , e começavam a derribar alguns por derredor , tornou Vasco da Cunha a lhe puxar pela perna , dizendo-lhe , que não vinha ao serviço d'ElRey ir daquella maneira , que era forçado descer-se , porque se lhe acontecesse hum desastre se perderia tudo.

O Governador quasi desconfiado lhe disse : *Parece-vos , Senhor , bem isso?* e dizendo Vasco da Cunha que sim , se desceo logo , e deo o cavallo a hum foão de Anhaya , e lhe mandou , que fosse dizer a Garcia de Sá , que se fosse detendo o mais que pudes-

se ; o que o Anhaya fez com muito risco de sua pessoa , passando por meio de nuvens de pelouros , e fréchas. O Governador chegou á bandeira de Christo assim , e foi caminhando a pé muito affrontado , porque já passava por cima de corpos mortos. É tão arriscado foi este negocio , que esteve muito perto de ser outro semelhante ao de Afonso de Albuquerque , e do Marichal em Calecut. Com este perigo , e risco passáram aquella rua , até darem no campo largo , onde ficáram mais desaffogados , ficando na rua trinta mortos , e sahindo della mais de cento e sincoenta feridos , de que depois morrêram alguns.

Aqui foi passado Fulgencio Freire de huma espingardada de parte a parte pela barriga , e viveo. O Governador chegou á praia com bem trabalho , arrependido do ruim successo , e pouco proveito daquella jornada , que lhe ElRey depois estranhou tanto , que na primeira resposta lhe escreveu , que tornasse a panella de ouro ao pagode donde a tiráram : e áquelle Rey escreveu cartas de mimos , e desculpas. O Governador se embarcou , e foi pera Cochim. Algumas pessoas affirmáram (que foram deste tempo) que o Governador trouxera huma grande somma de ouro do pagode , dentro nos barrís em que faziam aguada pera as

Armadas, de que logo houve murmurações na gente de sua companhia.

C A P I T U L O VIII.

De como o Accedecan se levantou contra o Idalxá: e dos tratos que teve com Dom Garcia de Castro, Capitão de Goa, sobre fazer Mealecan Rey de Visapor.

Algumas vezes temos dado conta do Accedecan, Governador de todo o Concan, que he aquelle, que deo as terras firmes de Salfete ao Governador Nuno da Cunha, e depois lhe tornou a fazer guerra. Este depois que por morte de Malucan, filho de Ismael, tratou de levantar por Rey Mealecan, filho de Cufocan, que foi Senhor de Goa, o que não pode fazer por ter Abrahamo irmão do Rey morto mais posse, e mais Capitães da sua parte, e sobre tudo sua avó Babu Fatima, que era hum Senhora de grande prudencia, e conselho; e depois de Abrahamo ficar Rey, temendo-se o Accedecan, porque fora contra elle, foi-se pera baixo pera o Concan, donde era Governador.

O Abrahamo como era bom homem, e de boa natureza, tanto que tomou posse do Reyno, mandou soltar seu tio Mealecan, e deo-lhe casa muito honrada, e o casou com

huma Princeza, que se creára em casa da Rainha sua avó, da casta dos antigos Reys de Xarbodar. E mandou chamar o Accedecan, e se reconciliou com elle, perdoando-lhe as culpas passadas; porque entendeu, que pera bem governar lhe era mais necessario andar cercado de amor, que de armas: perdoando mais a todos os culpados, contra vontade de Ieuf Xandivan, e dos mais Capitães, que foram do seu bando, que desejavam de tirar do Mundo Mealecan, e o Accedecan, porque entendiam da boa natureza d'ElRey, que se havia logo de governar por elles, e sempre os havia de ter no primeiro lugar, o que a inveja de governarem tudo lhes não consentia; pelo que foram pouco, e pouco induzindo ElRey, e fazendo-lhe crer, que lhe não convinha ter seu tio Mealecan no seu Reyno, porque hia já tendo grande posse.

E porque quem já outra vez estando prezo solicitára fazer-se Rey, e que todas as vezes que o tempo lhe offerecesse occasião depois de solto, e poderoso, estava muito certo lançar mão della, e trabalhar por se assentar naquella cadeira, o que lhe sería muito facil, pois tinha o Accedecan por si, que o favorecia, e aconselhava. E como este negocio era muito grave, e muito facil de persuadir aos Reys, começou Abrahamo

de se pejar com o tio; mas elle como era homem avisado, e entendido, a poucos lanços alcançou que não andava ElRey gostoso d'elle, sem saber cousa alguma do que era passado; nem o porque; dissimulou o melhor que pode, e vendo o risco que corria sua pessoa naquelle Reyno, determinou de se desterrar d'elle pera viver sem sobressaltos; e estando hum dia com ElRey só, lhe disse:

» Que bem sería lembrado como Icus seu
 » pai encomendára a ElRey Ismael, que
 » tanto que succedesse no Reyno, e elle Mea-
 » le fosse de idade pera entrar em Religião,
 » o mandasse pera Meca a servir seu Profe-
 » ta; que elle estava já homem, e que por
 » duas obrigações estava penhorado pera a-
 » quella jornada, huma a vontade d'ElRey
 » seu pai, e a outra hum voto que tinha fei-
 » to de ir acabar na casa de Meca; que lhe
 » pedia por mercê lhe désse licença pera se
 » embarcar com sua casa, e familia, porque
 » hia tão contente, como se fora a herdar
 » hum grande Reyno.» ElRey folgou com
 aquella determinação do tio, assim por se
 tirar de suas inaginações, como por não che-
 gar a ser homicida, (porque já andava tra-
 çando o modo de como o mandaria matar.) E
 assim lhe louvou muito seu proposito, man-
 dando-lhe que se fosse embarcar a Dabul, ou-
 de lhe daria embarcação, e todo o necessario.

Negociado o Mealecan, despedio-se d'El-Rey, que lhe deo juramento, que não tomasse outro algum Reyno, mas que se fosse direito a Meca. E assim se foi embarcar com toda sua familia a Dabul o Abril passado de quarenta e hum; e não podendo tomar o Estreito por achar tempos contrarios, foi ao porto de Zeilá, onde invernou. Alli foi roubado, e maltratado da gente da terra, e daquelle Rey, de que escandalizado se tornou a embarcar na entrada de Agosto, e com os Ponentes tornou a voltar pera a India, e foi tomar Surrate, porto de Cambaya. Dalli se passou á Cidade de Amadabá, onde Estava ElRey Soltão Mahamud, que o recebeu mui honradamente, e lhe deo casa conforme a sua qualidade. E assim lhe deo huma Villa, chamada Nagará, com suas aldeás, que lhe rendia oito, ou dez mil pardãos pera despezas de sua casa.

Partido Meale da Corte do Idalcan, tratou ElRey logo de haver ás mãos o Accedecan, porque Icus Xan, e outros Capitães seus inimigos o aticaram tanto, que se determinou ao matar; e com este proposito o mandou chamar ao estremo do Reyno, onde estava pera negocios de importancia. Mas sendo avisado do animo d'ElRey por alguns seus amigos, dissimulou com a ida; e pera se segurar melhor, se recolheo á Cidade

de Bilgão, que era sua, e está no passo da entrada do Gate, e tem huma fortaleza muito forte, que fortificou, e proveo de tudo pera todo o anno, ajuntando a si a mais gente que pode, e carteando-se com alguns Capitães da Corte, que se foram pera elle. E porque sabia muito bem, que tanto que o Idalcan soubesse que estava elle naquella Cidade, havia logo de metter todo o poder contra elle, tratou dous remedios. Hum, ver se podia metter Mealecan no Reyno, (porque já sabia que estava em Cambaya,) o outro, quando não pudesse fazer isso, passar-se pera Meca.

Ambos estes começou logo a pôr em effeito, mandando todos seus thesouros (que se affirmava serem mais de dez milhões de ouro) pera o rio de Sanguicer, que tambem era de sua jurdição, por ser porto de mar, e dalli o embarcar cada vez que quizesse. Carteando-se juntamente com ElRey de Cananor, pera o recolher em seu Reyno, e lhe deixar fazer em hum de seus portos huma não pera se ir pera Meca, o que acabou á força de dinheiro, e de dadivas; mandando logo carpinteiros, e officiaes, com todas as cousas necessarias pera começar a não. Isto tentou, porque se não houve por seguro em algum dos portos do Nizamoxá, porque receou, que por lhe tomar seus the-

fouros, o mataffe, ou entregasse ao Idalcán. Este thesouro mandou pera aquelle rio de Sanguicer por dous capados de grande sua obrigação, chamados Doltião, e Melique Atai, com quinhentos escravos seus pera sua guarda.

O outro remedio foi de metter Mealecan no Reyno, que tambem tratou logo juntamente, carteando-se com alguns Capitães seus amigos, que se foram pera elle com dez, ou doze mil homens de cavallo. E como teve estes de sua parte, despedio Embaixadores a D. Garcia de Castro, Capitão de Goa, pera tratarem com elle, mandar buscar Mealecan a Cambaya, e entregar-lho pera o fazer Rey, favorecendo-o pera isso, e que depois de ser Rey lhe daria todo o Concan pera ElRey de Portugal, que rendia então perto de hum milhão de ouro. Vendo D. Garcia partidos tão grandes, os accitou, fazendo com os Embaixadores seus papeis, e despedio logo recado ao Governador, e despachou juntamente hum Bastião Lopes Lobato, Cidadão de Goa, com dous navios de remo pera ir a Cambaya buscar Mealecan, escrevendo-lhe Accedecan, que se fosse pera Goa; e o mesmo fez a ElRey Soltão Mahamud, mandando-lhe ricos presentes pera que o deixasse embarcar.

O Accedecan ficou fazendo seus aperce-

bimentos , do que logo o Idalcan foi aviado ; e fazendo chamamento de seus Capitães , se negociou pera acudir em pessoa áquellas cousas. E não sabendo dos tratos , que o Accedecan trazia com D. Garcia de Castro , lhe despedio hum correio com cartas , em que lhe rogava , mandasse alguns navios sobre a barra de Sanguicer a impedir que se não passasse pera Cananor a gente , e thesouros do Accedecan , porque era hum alevantado , e traidor , que pelas leis do Reyno tinha perdida toda sua fazenda , offerecendo a mór parte do thesouro pera ElRey de Portugal.

D. Garcia de Castro , posto que estava fiado com o Accedecan , (quiz cozer a dous cabos , como lá dizem ,) despedindo logo Nuno Pereira de Lacerda com cinco navios , pera se ir pôr sobre a barra de Sanguicer , e que não deixasse sahir della cousa alguma ; não fiando aquelle segredo mais que delle , por não ir ter ás orelhas do Accedecan , por não desarmar com elle : advertindo-o , que por baixo da capa fizesse grandes offerecimentos aos criados que lá tinha , affirmando-lhes , que hia em seu favor , e pera os recolher , se o Idalcan mandasse gente sobre elles ; e assim o escreveu ao Accedecan , encommendando em muito segredo a Nuno Pereira , que trabalhasse por algu-

ma manha pelos haver ás mãos com o thesouro, e que os levasse pera Goa. Nuno Pereira se foi pôr sobre aquella barra com grande dissimulação, tendo muito grande vigia, que nada sahisse pera fóra.

CAPITULO IX.

Do que fez o Governador Martim Affonso de Sousa tanto que teve recado de Dom Garcia de Castro: e da Armada que este anno de 1543 partio do Reyno, de que era Capitão mór Diogo da Silveira: e de como o Governador partio pera Goa.

PArtido o recado de D. Garcia de Castro pera Cochim, em poucos dias chegou áquella Cidade, sendo o Governador chegado de dous, ou tres atrás. E vendo as cartas, e sabendo o que passava, mandou logo ordenar os catures ligeiros pera se ir nelles por mais pressa, porque as galés estavam destroçadas. E querendo-se embarcar, já de vinte de Outubro por diante, surgiram na barra de Cochim quatro náos, de sinco que este Março passado de quarenta e tres tinham partido do Reyno, de que era Capitão mór Diogo da Silveira. Os mais Capitães eram, D. Roque Tello, Fernão de Alvarez da Cunha, e Simão Sodré. O que faltava era Jacome Tristão, que por des-

apparellhar arribou ao Reyno. Diziam, que trazia Diogo da Silveira huma carta, ou Alvará d'ElRey em segredo, pera que se achasse Martim Affonso de Sousa morto, e ou morresse estando elle na India, se abrisse, em que se affirmava, que succederia o mesmo Diogo da Silveira na governança, sendo porém D. Estevão embarcado pera o Reyno; porque por aquellas novas, que ElRey teve por D. Francisco de Lima, que Dom Estevão mandou ao Reyno, que chegou pouco antes que Diogo da Silveira partisse, soube ElRey como Martim Affonso de Sousa ficava em Moçambique muito mal, e Dom Francisco lhe affirmou que seria morto; no que querendo ElRey prover, se tal fosse, deo a via cerrada a Diogo da Silveira pera se abrir na India, em que se dizia, que mandava, que estando D. Estevão na India, ficasse governando; e sendo ido pera o Reyno, se entregasse a India a Diogo da Silveira, o que não havia de ler senão se elle morresse, estando já Diogo da Silveira na India; porque sendo aberta outra successão, não havia de querer dar materia a outras differenças, como as de Lopo Vaz de Sampaio com Pero Mascarenhas. O Governador recebeo Diogo da Silveira, e como estava de caininho, deteve-se mais hum par de dias pera dar ordem á carga das náos. E

diziam, que estando hum dia ouvindo Missa na Sé, alevantando-se o Divino Sacramento, dissera a Diogo da Silveira, que estava com elle, estas palavras:

» Dizei, Senhor, a ElRey, que me mande nestas náos successor, porque me não atrevo a governar a India, pela mudança que nella achei nos homens, na verdade, e no primor; senão que juro por aquella Hostia consagrada, e pelo verdadeiro Corpo de Christo, que nella está, que hei de abrir as successões, e entregar este Estado á pessoa de quem S. A. o confia nellas, e que não queira arriscar hum vassallo como eu a lhe cortar a cabeça.» Isto lhe disse de todo seu animo; e certo que se ElRey não mandará successor, que o houvera de fazer, porque era hum Fidalgo muito determinado. O Governador deo naquelles dous dias despacho a muitas cousas, e despedindo-se da Cidade; e do Capitão mór, deo á véla pera Goa nos catures ligeiros; e sem se deter em outra cousa alguma, em breves dias chegou áquella Cidade, passando pelo rio de Sanguicer, onde estava Nuno Pereira sem lhe fallar.

E chegando a ella, começou a entender nos negocios, que estavam praticados antre D. Garcia de Castro, e o Accedecan; e sabendo a cousa como passava, e no estado

em

em que estava, poz aquillo em conselho, e a muitos pareceo cousa gravissima, quebrarem-se as pazes que estavam feitas, e juradas com o Idalcan; sem da sua parte haver occasião alguma; que muito mais valia a verdade Portugueza, que todo o thesouro que se esperava; porque a fé não se havia de quebrantar, nem por reinár, (porque Cesar fallára neste negocio como Gentio,) quanto mais por dinheiro, que estava em dúvida de ser pouco, ou muito; de poder vir ás mãos, ou não. E sobre isto, como o Governador estava afeiçãoado ao grande interesse, que se lhe promettia, e offerecia, refugio-se em aceitar os partidos do Accedecan, e favorecer Mealecan, pois lhe elle certificava ter direito no Reyno, (que não era mais que aquelle, que os conjurados lhe queriam dar,) porque como todos os Mouros são amigos de novidades, tomáram cada oito dias mudar Rey; pera o que sempre desejam de haver hum da Casa Real, pera authorizarem com elle suas tyrannias, buscando-lhe direito, que nunca tiveram, (como o Accedecan queria fazer a este Meale, que nenhun tinha naquelle Reyno, mais que dizer, que era filho da mulher mais nobre, tendo já o Reyno vindo por morte de Cusfo Idalcan seu pai, a Ismael filho mais velho, que tambem o era de Gentia como de

Mea-

Meale, porque ambas as mulheres que delle paríam eram Canarás.) Posto que antre estes Mouros não ha poder-se chamar algum de seus filhos legitimos, por serem todos os Reys casados com duzentas, e mais mulheres; e assim nestes Reynos muitas vezes vem a succeder o filho, a que o pai os quer deixar, e outras, o que tem mais posse, e valia.

E posto que Castanheda, e Pedro Mafico, que o segue, digam, que este Meale era o verdadeiro, e não Ismael, enganáram-se, porque o mesmo Meale nos disse nesta Cidade de Goa, que seu irmão Ismael era o mais velho; e ainda hoje vivem netos seus, que assim o confessam. Mas o Accedecan pera authorizar sua pouca verdade, e tyrannia, fazia crer ao Governador o contrario, pelo que se moveo ao favorecer, posto que não averiguamos se houve da sua parte tão grande engano, porque não havia de faltar quem lhe dissesse a verdade.

Acceitados os partidos, ficáram esperando pelo Meale, e entre tanto despedio o Governador Diogo de Reinoso pera o Estreito de Meca em hum navio de remo muito ligeiro, pera ir saber novas das galés, e de D. Christovão da Gama; dando-lhe por regimento, que não tocassem em porto algum dos Turcos, nem alvorocasse aquelle Estrei-

to, sob pena do caso maior, pelo ter assim ElRey aquelle anno encomendado muito, porque tinha em Constantinopla Diogo de Melquita por Embaixador sobre negocios de muita importancia, que nós cá não podemos saber. E mandava expressamente, que em quanto lá estivesse, não mandasse navios ao Estreito, por se ter assim concertado com o Turco, que em quanto durasse aquelle negocio, nem navios nossos entrassem áquelles portos, nem os Turcos sahissen fóra delles com suas galés. E isto commetteo o Turco, porque ficou mui assombrado de Dom Estevão da Gama chegar com sua Armada até o porto de Suez, cousa que elle nunca receou. E por esta razão poz o Governador a Diogo de Reinoso tão grandes penas, que não fizesse mais que tocar Arquico, e saber novas de D. Christovão, e mandar-lhe cartas, que lhe escreveo, e tomar falla das galés, e tornar a voltar; e de sua viagem adiante daremos razão.

Depois disto poucos dias chegou á barra de Goa Bastião Lopes Lobato, que trazia Mealecan de Cambaya, e o Governador o recebeu muito bem, mandando-o aposentar honrosamente. Logo começaram a correr recados antre o Governador, e o Accedecan sobre aquelle negocio, e veio-se a concluir: » Que o Governador passasse

» Mea-

» Meale a Pondá, onde acharia alguns Ca-
 » pitães com gente pera o receberem, e o
 » levarem até Bilgão, onde Accedecan com
 » os mais Capitães de sua conjuração o es-
 » peravam com quarenta mil cavallos, pera
 » o metterem no Balagate; e que alli faria
 » entrega de todas as terras de Concan á pes-
 » soa que o Governador mandasse. » De tu-
 do isto se fizeram papeis antre elles, e o Mea-
 le. O Governador começou-se logo a fazer
 prestes pera em pessoa o passar a Pondá, fa-
 zendo alardo da gente Portugueza, que ha-
 via de levar, e achou tres mil homens, e
 perto de dous mil piães da terra. E em quan-
 to se passam estes apercebimentos, he neces-
 sario que os deixemos hum pouco, pera con-
 tinuarmos com as cousas, que neste tempo
 succedêram no Balagate.

Já atrás temos dado conta no Cap. VIII.
 do Liv. IX. de como o Idalcan fora avi-
 sado dos movimentos do Accedecan, sem
 saber dos tratos que havia antre elle, e o
 Governador; e sendo-lhe necessário acudir
 áquellas cousas em pessoa, ajuntou todo o
 seu poder, e poz-se no campo pera come-
 çar a marchar, mandando alguns Capitães
 diante, com perto de quinze mil cavallos,
 com que os da conjuração tiveram alguns
 recontros, em que houve damno de parte a
 parte. Estando as cousas neste estado, espe-

rando-se cada dia por ElRey, adoecco o
 Accedecan de humas febres, e como era de
 noventa annos, e fraco, faleceo em seis dias,
 deixando nomeado por herdeiro de toda sua
 fazenda ao Mealecan, que deixou muito en-
 commendado aos mais Capitães; e por seu
 testamenteiro, depositario de todo o seu the-
 souro, nomeou hum Mouro, que era todo
 o seu governo, chamado Coge Cemaçadim,
 natural da Provincia Gilan, mandando-lhe
 ainda em sua vida, que fosse ao rio de San-
 guicer, e tomasse posse de seus thesouros,
 e os entregasse a Mealecan. Coge Cemaça-
 dim partio logo pela posta, e tomou entre-
 ga de tudo; e como teve novas, que o Ac-
 cedecan era morto, determinou de se passar
 pera Cananor, e dahi pera Meca, e fazer-
 se herdeiro; pera o que se cartou com El-
 Rey de Cananor, mandando-lhe muitas pe-
 ças, e dinheiro, pera que o recolliesse no
 seu Reyno, pera delle se passar a Meca na
 não que lá se fazia. E tendo seus seguros pe-
 ra se poder ir, querendo-o fazer em segre-
 do, porque Nuno Pereira estava sobre a-
 quella barra, e não deixava sahir cousa al-
 guma pera fóra, sómente as almadías pesca-
 rezas, foi mettendo nellas pouco, e pou-
 co; e desta maneira metteo em Cananor a
 mór parte do seu thesouro, ficando elle com
 determinação de depois de ter mandado tu-
 do,

do, se partir por terra. E neste estado deixaremos estas cousas por tornarmos ao Governador, pera irmos assim melhor infandando nossa historia.

CAPITULO X.

Da razão, por que o Governador Martim Affonso de Sousa deixou de passar Mealecan á outra banda: e da batalha que teve o Idalcan com os conjurados, em que os desbaratou.

TEndo o Governador Martim Affonso de Sousa prestes todas as cousas pera a jornada, tomando Mealecan a par de si com honras, e preeminencias de Rey, foi-se pôr em Benastarim pera dalli passar á outra banda. E como elle fazia esta jornada contra o parecer de todos os Fidalgos velhos, (tendo assentado de se passar ao outro dia pela manhã,) Pero de Faria, que era hum Fidalgo de oitenta annos, a que todos os Governadores tinham grande respeito, se foi no môr silencio da noite á tenda do Governador, e lhe pedio que o ouvisse só, que tinha cousas de serviço d'ElRey que lhe dizer. O Governador mandou sahir pera fora seus criados, porque já estava recolhido, e ficando sós, lhe fez Pero de Faria esta breve falla:

» A obrigação de bom vassallo , a au-
 » thoridade destes annos , e destas cans , e a
 » grande experiencia que tenho das cousas da
 » guerra , que ha sessenta annos trato , me
 » obrigão , Senhor , a vos fazer esta derra-
 » deira lembrança ; porque se não diga , que
 » faltáram homens neste Estado pera vo-la
 » fazerem com a liberdade com que o eu fa-
 » ço ; porque quem a não tiver pera isto ,
 » vai contra o que deve ao serviço de seu
 » Deos , e do seu Rey.

» Quem vos disse , Senhor , que esta jor-
 » nada que fazeis , não he muito arriscada ?
 » e que estes Mouros (que todos por na-
 » tureza são nossos inimigos) vos não te-
 » nham armado alguma traição ? E ainda que
 » isto não seja , quem vos segurarã (pois
 » sabemos quão varias , e inconstantes são es-
 » tas gentes) que não possa haver antre os
 » conjurados outra nova determinação ? e
 » que de huma hora pera a outra se possam
 » arrepender do commettido , e sanearem-se
 » com o seu Rey ? Ou a elle favorecello
 » Deos , pois tem justiça , e desbaratar os
 » inimigos traidores , e alevantados , e def-
 » armarem em vão todos estes apercebimen-
 » tos , e pertençaes , e vós ficardes desacre-
 » ditado com vosso Rey , e odiado com hum
 » vizinho tão proveitoso , que he necessario
 » poupar , e conservar , como aquelle , que
 » de

» de suas terras nos vem todos os provimen-
 » tos necessarios , assim pera a sustentação des-
 » ta Cidade , como de todas as Armadas,
 » que della sahem? E que lei ha , por onde
 » se possa tomar o seu a seu dono , e favo-
 » recer vassallos alevantados contra o seu
 » Rey? Por certo , que isto tudo não he mais
 » que solicitar huma guerra importuna , co-
 » mo está certo fazer-nos este Rey , como ma-
 » goado , sem haver da sua parte causa al-
 » guma de escandalo , e por cousas que es-
 » tão incertas ; porque posto que este Mea-
 » lecan se metta hoje no Reyno livremente ,
 » e cumpra os contratos que tem feitos , e
 » nos entregue o Concan , á manhã póde
 » quebrar tudo , buscando pera isso achaques ,
 » que lhe não hão de faltar , segundo os Go-
 » vernadores da India vizinhão mal com el-
 » le , e lançar depois mão de tudo a nosso
 » despeito , que será huma affronta mui gran-
 » de , e que se não possa satisfazer , pois não
 » tem o Estado posse pera cousa alguma. E
 » quem nos póde tambem segurar , que Mea-
 » lecan , depois de Rey , nos não seja peor vi-
 » zinho , que este Abrahemo , que corre com
 » este Estado tão pontual ; e que estes Capi-
 » tães , que hoje se mostram tanto vossos ser-
 » vidores , depois de sancados com elle , não
 » sejam os que o aconselhem a vos fazer
 » guerra , e desaffrontar-se ? Por isso , Se-

Couto. Tom. II. P. II.

Aa

N INHOR, R E N S A
N A C I O N A L

» nhor, tornai sobre vós, e vede o que fa-
 » zeis, porque ainda tendes tempo pera no-
 » va determinação, porque os erros da guer-
 » ra depois de feitos, não soffrem emenda.»

O Governador Martim Affonso de Souza lhe agradeceo muito aquellas lembranças; e considerando de novo naquellas cousas, e medindo-as com a razão, veio a entender, que Péro de Faria lhe dizia verdade, e que lhe fallava como homem experimentado, e livre. E sem dar conta a pessoa alguma daquelle negocio, tanto que foi de madrugada, fingio que lhe vieram cartas de Ormuz, e que havia alteração contra a nossa fortaleza; e levantando o campo, tomando o Mealecan a par de si, voltou pera a Cidade. Os Capitães Fidalgos, e todos os mais ficaram embarçados com tão supita mudança, sem lhes o Governador dar conta do que passava. Chegádos á Cidade, mandou o Governador agazalhar Mealecan em casas grandes, com guardas, e vigiãs, porque se não fosse, não sabendo ainda cousa alguma da morte do Accedecan, porque tudo foi em huns mefimos dias.

O Idalcan, que estava em campo, tanto que ajuntou suas gentes, foi descendo o Gate, e appareceo sobre a Cidade de Bilgão, pouco depois da morte do Accedecan. Os Capitães alevantados sabendo de sua che-
ga-

gada, foram-se recolhendo, huns pera a terra do Nizamaluco, e outros por mais não poderem se recolhêram na Cidade pera se defenderem nella. ElRey poz seu campo derredor della, mandando-a combater muito fortemente, e os de dentro defendendo-se com muito valor; mas como estavam amedrontados, (que isto he proprio de tyrannos, perderem o animo em presença de seu Rey,) começaram a descoraçoar, pedindo alguns misericordia a ElRey, que lhes elle concedeo; e outros trabalháram por fugir de noite. Nesta confusão foi esta Cidade entrada, e tomados ás mãos alguns cabeças principaes, que logo foram feitos pedaços diante d'ElRey. Feito isto, poz alli Capitão novo, e o mesmo fez em todas as fortalezas, e tanadarias de Concan, reduzindo-o outra vez á Coroa do Reyno, porque o tinha dado ao Accedecan, determinando de mais o não dar a pessoa particular, por se não fazer poderoso, arrendando suas terras, e aldêas, e pondo outras cousas em ordem.

CAPITULO XI.

Dos tratos que houve antre o Idalcan, e o Governador Martim Affonso de Sousa sobre lhe entregar Mealecan: e de como Coge Cemaçadim foi a Goa ver-se com o Governador, e lhe deo oitocentos mil cruzados pera ElRey de Portugal: e de outras muitas cousas.

HAvendo tres dias que o Governador Martim Affonso de Sousa era recolhido pera Goa, chegáram as novas da morte do Accedecan, e de como ElRey desbaratára os conjurados, e ficava em Bilgão provendo nas cousas do Decan. Então acabou de entender, que Pero de Faria fora Anjo que o avifára; porque se tivera passado á outra banda, perdera-se de todo. E logo com muita brevidade despedio hum Embaixador a visitar o Idalcan, e a dar-lhe os parabens da vitoria, offerecendo-se-lhe pera tudo o que fosse de seu serviço. Este Embaixador foi muito bem recebido do Idalcan, e o tornou logo a despedir com grandes agradecimentos daquella visitaçáo, não sabendo dos tratos, que tinham passado antre elle, e o Accedecan; ou se o sabia, dissimulou-o pelo que lhe convinha. E sabendo o Idalcan como Mealecan estava em Goa, receando-se,

se, que em quanto fosse vivo sempre tives-
se alterações, (como quem conhecia bem a
natureza dos Mouros,) e querendo-se segurar,
tratou de o haver ás mãos por todos
os meios que pudesse, e despedio logo hum
Embaixador, pessoa muito principal de sua
casa, pera ir tratar negocios com o Gover-
nador, e recebendo-o bem, o ouviu só.

Elle lhe disse: » Que o Idalcan seu Se-
» nhor, como grande servidor d'ElRey de
» Portugal, e como quem desejava de con-
» servar sua amizade, lhe dava, e traspa-
» sava livremente todo o direito, que tinha
» no thesouro do Accedecan, e que o po-
» dia mandar tomar em toda a parte em que
» estivesse. E que pelo muito que merecia ao
» serviço d'ElRey de Portugal, lhe pedia
» lhe mandasse entregar seu tio Mealecan,
» sobre sua fé de o não matar, porque não
» queria mais que pollo em parte, onde se
» não pudesse reccar delle; e que daria por
» isso a ElRey de Portugal as terras firmes
» de Salsete, e Bardés, com suas tanadarias,
» rendas, e Alfandegas, perpetuamente pe-
» ra elle, e pera todos seus descendentes,
» que renderiam setenta mil pardãos cada
» anno. »

O Governador poz todas aquellas cou-
sas em conselho, e nelle se assentou, que
por nenhuma cousa da vida se podia entre-

gar Mealecan, que viera de Cambaya, onde estava seguro debaixo da fé dos Portuguezes. E porque ElRey não perdesse humtão grande coufa, como a que se lhe offercia, que se buscasse hum meio honesto, e licito, com que as terras ficassem ao Estado, e o Idalcan satisfeito, e quieto; que pois elle não tratava de mais, que de se segurar de Mealecan, por estar com elle pejado naquella Cidade de Goa, que se mandasse pera o Reyno, ou pera Malaca, ou Maluco. Isto se fez a saber ao Embaixador, que logo despedio correios ao Idalcan, que estava em Bilgão esperando pela resposta.

Chegadas as cartas, e sabendo o que se tratára, entendeu mui bem, que os Portuguezes por nenhum caso lhe haviam de entregar Mealecan, e que o que o Governador offercia era o melhor meio que naquelle negocio se podia tomar; e que em qualquer daquellas partes, que Meale estivesse, lhe não podia fazer nojo: acceitou os partidos, e os Embaixadores por virtude de seus poderes, assentáram com o Governador aquelle negocio, fazendo seus papeis. E logo deram posse daquellas terras ao Governador, que a mandou actualmente tomar por Dom Garcia de Castro, que foi em companhia dos Embaixadores, que lhas foram entregar; e logo se arrendáram a Crisna, Tanadar mór de

de Goa, em cento e quarenta e tres mil par-dãos em tres annos; e tantos achámos carregados em receita na arrecadação de Fabião da Mota, que naquelle tempo servia de The-soureiro em Goa.

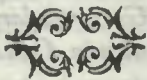
Despedidos os Embaixadores muito con-tentes, mandou o Governador ter grande resguardo em Mealecan, porque senão fa-hisse de Goa, dando-lhe huma grossa tença pera seu divertimento. E porque o Idalcan tambem tinha traspassado o direito, que ti-nha no thesouro do Accedecan em ElRey de Portugal, tratou de ver se por manha o po-dia haver ás mãos, e despedio logo Fernão de Sousa de Tavora em huma galé, e com elle Ruy Gonçaves de Caminha, (irmão de João Alvares de Caminha, The-soureiro do Reyno, que tinha huma filha casada com D. Diniz de Faro.) Este Ruy Gonçaves de Caminha era grande amigo do Coge Ce-maçadim, pera irem ao rio de Sanguicer ao persuadir, que se fosse a Goa ver com o Governador, levando-lhe pera isso seguros reaes, e escrevendo-lhe o Governador car-tas de muitos mimos. E a Fernão de Sou-sa deo por regimento, que tomasse as fus-tas da companhia de Nuno Pereira de La-cerda, a quem escreveo, que se fosse pera Goa. Chegado Fernão de Sousa áquelle rio, tanto que Nuno Pereira vio as cartas, e re-

gimento do Governador , logo se foi pera Goa no seu navio , muito aggravado do Governador o tirar daquella empreza , em que havia dous mezes que estava.

Ruy Gonçaves de Caminha se vio em terra com Coge Cemaçadim , e tantas coufas lhe disse , que o rendeo a ir com elle a Goa , e se embarcou na galé de Fernão de Soufa. O Governador o recebeu bem , e lhe fez muitos mimos , e carioias , e fechados ambos , o que antre si passáram ninguem o sabe : sómente o público foi , que daria a ElRey de Portugal oitocentos mil cruzados de concerto pela aução que o Idalcan lhe tinha dado no thesouro do Accedecan , de que daria logo em Cananor quatrocentos mil cruzados , onde o poriam a elle , e os outros quatrocentos mil daria no Março seguinte. Com isto o despedio o Governador com muitas honras , e peças , e se tornou a embarcar com Fernão de Soufa , e com elle o Secretario Antonio Cardoso , pera tomar entrega do dinheiro , e em hum catur ligeiro o levar a Cochim , e o repartir pelas náos do Reyno.

Chegados a Sanguicer , recolheo Coge Cemaçadim toda sua familia em navios , que pera isso levou , e passou-se a Cananor , indo com elle Fernão de Soufa. Aquelle Rey o recebeu bem , e elle se aposentou em casafas,

fas , que tinha mandado fazer , e onde já tinha os seus criados com o thesouro , e quinhentos Nayres em guarda , que elle pagava mui bem. Logo ao outro dia entregou os quatrocentos mil cruzados a Antonio Cardoso , todos em barras de ouro ; e tomando-os em hum catur , passou a Cochim , já em Janeiro , e achou já de verga d'alto a não Capitania , e a de Fernão de Alvares da Cunha. E entregou a Diogo da Silveira trezentos mil cruzados , pera no Reyno os dar a ElRey , e os cento a Jorge de Lima , que tinha acabado de servir a Capitania de Chaul , e hia embarcado na não de Fernão de Alvares. Estas náos tiveram boa viagem , e chegáram a salvamento , e ElRey estimou muito o dinheiro por estar o Reyno despezo.





DECADA QUINTA.
LIVRO X.
Da Historia da India.

CAPITULO I.

Do principio do Reyno de Ormuz, e Reys que até hoje teve: e de como ElRey Xargol Xá faleceo: e o Governador Martin Affonso de Sousa alevantou por Rey a Torunxá, que estava em Goa: e de como foi pera seu Reyno entregue a Luiz Fallão, que hia entrar naquella fortaleza: e de como o Governador se foi ver com Coge Cemaçadim a Cananor.

PRIMEIRO que tratemos da morte d'El-Rey Xargol Xá, de Ormuz, que falleceo este Verão, nos pareceo bem darmos conta da fundação do Reyno de Ormuz, e de todos os Reys que teve até hoje. Assim por guardarmos a ordem, que até agora

ra seguimos em todos os Reynos, como por tirarmos alguma dúvida, que se nos offereceo nas Decadas de João de Barros, quando falla nos Reys cegos, que Affonso de Albuquerque mandou pera Goa.

Pelo que se ha de saber, que perto dos annos de nossa Redempção de 1250, sendo Rey da Persia Abagahan, filho do Grão Tartaro Hallehan, (a que todos os Escritores chamam Alacu, e outros Halaonó, e Marco Polo Hulan,) que por mandado de seu irmão Maguhan (que o mesmo Marco Polo põe pelo quarto do número dos Imperadores do Cathayo, e Aiton Armenio pelo quarto: e assim o põe Sabellico, e lhe chama Magon, ou Meton) foi conquistar a Terra Santa, que os Turcos tinham tomado os annos atrás de 1172, persuadido do Papa Innocencio IV. que a isso lhe mandou Religiosos; e em toda esta conta vai Marco Polo Veneto errado: e diz elle, que este Tartaro Maguchan se fizera Christão a rogo de Aiton, Rey de Armenia, que se foi com elle ver á Cidade de Cambalec, onde elle tinha sua Corte, a cujo rogo este Tartaro se fez Christão, mandando com elle seu irmão Halchan, com grandes exercitos pera tornar a cobrar a Terra Santa de poder dos Mouros, como fez, matando em batalha o Califa de Babylonia, Mustassem

Mubila , em quem se acabáram os Califas dos Arabios. No tempo de sua morte ha varias opinões ; porque Marco Polo affirma ser nos annos de 1250. Aiton Armenio , no de 1258. E isso mesmo tem o nosso João de Barros na segunda Decada. Em fim , como quer que seja , ficou Halehan conquistando toda a Persia , Arabia , Suria , Palestina , e outras Provincias , e por sua morte herdou todos estes Estados seu filho Abaca , ou Abagahan , homem valoroso , muito amigo dos Christãos , e que em sua vida perseguio muito aos Mouros. E porque não recrefça aqui alguma dúvida aos leitores , quando lerem Halehá , Abagahan , Maguhan , achando-os nomeados nos Authores Abagacan , Magucan , e todos com este sobrenome de Can , saberam que este Han he titulo antre os Tartaros , que quer dizer Senhor , e delles correo por todos os Reynos do Oriente , e he a cousa de que se os Grandes mais honrão , que todas. E como a pronunciação com que elles o nomeam não cabe na nossa , porque o fazem na garganta , e com huma aspiração , que não se lhes entende mais , que aquella , an , vieram a lhe chamar Can ; e ainda se corrompeo mais , porque vulgarmente lhe chamam Cão.

E deixando isto. Por morte de Abagahan succedeo em todos aquelles Estados seu

seu filho Tangodar, que se fez Mouro, e foi grande perseguidor de Christãos. E tornando ao fio de nossa historia. Reinando em Persia este Abagahan, era Senhor de todo o Estreito Persico, ao menos de todas as Ilhas, hum Senhor, que se chamava Mallectaez, e tinha seu assento na Ilha de Caез, que está pelo Estreito dentro além de Ormuz, perto de quarenta leguas, pegada á costa da Persia, naquella parte que os naturaes chamam Dolestan. Era no mesmo tempo Senhor do Magostan; e tudo aquillo que jaz no certão de Ormuz, até o cabo de Jafques, hum Mouro chamado Groduxá, que tinha seu assento em huma Cidade chamada Armuz, que he a de que Ptolomeu faz menção em suas Taboas, de que ainda hoje se vem algumas ruinas, junto de huma fortaleza, que se chama Cruxtac, ainda que outros dizem, que mais o parecem outras, que se vem em hum lugar chamado Menao, que jaz sobre hum rio, que atravessa pelo Magostan. Este Groduxá invejoso do grande commercio, e trato do Senhor de Caез, pelo grande concurso de náos, que de continuo havia na sua Ilha, que a ella concorriam de todas as partes do Oriente, desde Provincia da China até o Estreito do mar Roxo, donde se levavam todas as drogas, roupas, sedas, pedraria, e todas as mais

riquezas , e louçainhas de todas as partes , e dalli se espalhavão pera Persia , Grecia , e pera toda a Europa , com cujas entradas aquelle Senhor de Caez estava muito rico. Desejóso Groduxá de fazer algum porto , onde avocasse aquelle trato , e náos ; vendo que tinha o Senhor de Caez huma Ilha deserta , pegada a seu senhorio , chamada Gerum , por cuja porta passavam todas as náos , que entravam pera dentro do Estreito ; e dissimulando o que tinha no peito , tratou com aquelle Senhor , que lhe vendesse aquella Ilha , pois lhe não servia de cousa alguma , e era tão esteril , que não dava huma só herva verde , nem tinha em si mais que ferras de sal , sem agua , e sem outra cousa alguma de que se pudessem aproveitar. O Malec Caez não cahindo na pertençaõ do Groduxá , lha vendeo , posto que contra vontade de sua mãe , (que dizem lhe profetizou o que depois veio a ser.) Em fim , feito Groduxá Senhor daquella Ilha , a mandou logo povoar , e formou Armadas com que começou a avocar a ella todas as náos , que hiam pera Caez , fazendo grandes favores aos mercadores nos direitos , e nas compras , e vendas de suas fazendas , com o que se começou aquelle porto a frequentar , e a faltarem na Ilha de Caez todas as cousas. Sobre isto se moyêram guerras antre aquelles dous Mouros.

Mas como Groduxá estava já rico, e poderoso, não só se defendeo delle, mas ainda lhe foi tomar a Ilha de Caez, fazendo-se Senhor de todo o seu Estado. Era este Malec Caez vassallo do Rey da Persia, e tinha-lhe mandado pedir soccorro contra o inimigo; e quando lhe chegou, já tinha perdido o Estado. Os Persas, que vinham de soccorro, entráram pelo senhorio do Groduxá, e o senhioreáram logo, e o Groduxá se acolheo pera a Ilha de Ormuz, donde mandou Embaixadores á Persia com muito dinheiro, e peças, offerecendo-lhe vassallagem. Isto o abrandou de feição, que lhe tornou a restituir seu Estado, fazendo-se seu vassallo, com obrigação de pareas cada anno, e que de sinco em sinco mandasse seus Embaixadores á Persia a dar obediencia a ElRey.

Vendo-se Groduxá quieto, começou a fazer cabeça de seu Reyno aquella Ilha Gorum, fundando nella huma formosa Cidade, a que poz nome *Ormuz*, como a que tinha no Magostão, engrandecendo-a tanto com o commercio, e trato das náos, que a ella avocou, que a fez huma das mais celebradas do Oriente. Reinou este Groduxá no Reyno de Ormuz trinta annos, ficaram-lhe dous filhos, o primeiro Torunxá, que reinou vinte e quatro annos, e o outro Mahamed Xá, que succedeo ao irmão por não

ter filhos, que reinou vinte e nove. A este succedeo Cobadixá seu filho, que reinou trinta annos; ficáram-lhe dous filhos, Ceifadixá, que reinou vinte annos, e Torunxá, que herdou o Reyno, por não ficarem filhos ao irmão, que reinou trinta annos. A este ficáram quatro filhos, Magcudxá, Xabadi, Xargol, e Xaués, que todos reináram violentamente, tirando Magcudxá mais velho, que reinou dez annos, Xabadi, onze, e Xaués, que era o derradeiro, anno e meio; porque o Xargol, que era o mais velho, estava fugido em Lafac, porque o irmão se levantou contra elle, e lhe tomou o Reyno, e de lá com ajuda daquelle Rey veio contra o irmão, e o lançou fóra do Reyno, ficando elle Rey, em que viveo trinta annos.

Este reinava, quando Affonso de Albuquerque, sendo Capitão mór daquelle Estreito, foi ter a Ormuz os annos de 1507. Falleceo este Rey sem deixar filhos, e os povos levantáram por Rey a Ceifadim, filho de Xaués, aquelle que o irmão lançou fóra do Reyno, que era então menino de dez annos. Este reinava, quando Affonso de Albuquerque, sendo Governador da India os annos de 1514, ganhou aquelle Reyno, e o fez vassallo d'El Rey de Portugal. Este Ceifadim reinou dez annos, e succedeo-lhe seu irmão Torunxá, que reinou nove annos. A

Reyno, depois de ser já Rey. E inquirindo nós isto bem, achámos que nenhum dos cegos foi Rey, mas foram irmãos, e primos com irmãos, filhos de Magcud, Xabadim, Xargol, e Xanés, daquelles quatro irmãos, filhos de Torunxá, que todos reinaram huns apôs outros; porque costumavam aquelles Reys, tanto que succediam, cegarem aos irmãos, primos, e parentes, que podiam ter pertença no Reyno, e cegavam-nos com huma pasta de metal tirada do fogo arden-do, e passada por diante dos olhos, cuja força lhe apagava a vista, ficando-lhes os bu-galhos claros, e inteiros, o que faziam por se não reccarem delles; e tantos Reys ce-gos não podiam succeder em tão pouco tem-po, e achando-os todos vivos. E nós achá-mos homens em Goa, que se lembravam ainda de dous destes cegos, de que se al-guns Governadores descuidáram tanto, que chegáram a pedir esmola: e affirmava-nos hum Cidadão antigo, nobre, e Fidalgo, que víra hum delles naquelle terreiro da Mi-fericordia de Goa, debaixo de huma arvo-re, que antigamente alli estava, que como outro Belisario, pedia esmola, dizendo: *Dai esmola a este a quem cegáram por lhe to-marem o Reyno.*

E tornando á nossa ordem, nestas náos que vieram de Ormuz em Março, teve o

Governador recado de como era falecido El-Rey Xargol , e cartas do Guazil , e povo em que lhe pediam Torunxá feu filho pera Rey , que sería de idade de doze annos : pelo que logo o alevantou por Rey com a mór solemnidade , e apparato que pode ser , dando elle depois de alevantado a menagem nas mãos do Governador , dizendo : » Que » recebia aquelle Reyno pera o ter , e go- » verner , em quanto ElRey de Portugal o » houvesse por bem. » Feita esta cerimonia , despachou o Governador logo Luiz Falcão Pereira , pera ir entrar na fortaleza de Ormuz , de que era provído , dando-lhe hum galeão , e entregando-lhe aquelle Rey o dia que se delle despedio , acompanhando-o até á rua. Dada á véla , foram seguindo sua jornada.

Vendo o Governador que ficava desembaraçado de negocios , se embarcou logo pera ir a Cananor a se ver com Coge Cemaçadim , assim pera arrecadar os quatrocentos mil cruzados , que ficou devendo , como pera ver se lhe podia arrancar mais das mãos. E pera ir mais afforrado , levou só seis galeões , a em que elle hia , e nas outras Francisco de Sá dos Oculos , D. João Pereira , Bernaldim de Sousa , João de Mendouça o Chum , e Affonso Furtado. E levou mais sete , ou oito navios ligeiros. Dada á véla ;

em quatro dias chegou a Cananor , e desembarcou na fortaleza , onde o Capitão Diogo Alvares Telles o recebeu , e agasalhou mui bem. Dalli tratou com ElRey de se verem , elle , e Coge Cemaçadim , e assentou-se , que fosse em casa do mesmo Coge Cemaçadim , onde ElRey o esperaria. E o dia que havia de ser , mandou ElRey hum seu sobrinho , que era herdeiro do Reyno , pera ficar na fortaleza em refens ; e mandou acompanhar o Governador por todos os seus Regedores. O Governador partio em hum formoso cavallo bem ajaezado , rodeado de todos aquelles Fidalgos , e gente da Armada , custosa , e louçamente vestidos , e com armas secretas. Seriam as casas de Coge Cemaçadim menos de meia legua da fortaleza ; e por todo aquelle caminho acháram os nossos peças de sedas , que Coge Cemaçadim mandou estender pera o Governador passar por cima , e muitos ramos , e cousas de alegria , o que tudo os soldados recolheram. As casas de Coge Cemaçadim estavam antre humas hortas , e harvaes frescos , e sombrios ; e chegando o Governador a ellas , achou já fóra ElRey , e Coge Cemaçadim , que o esperavam , e o recebêram mui honradamente. Dalli se recolheram pera dentro , onde havia grandes salas , e varandas , que tudo estava ricamente aparamen-

tado. Os poiacs das varandas, que eram mui grandes, estavam todos cheios de rosas, eervas cheirosas, e muitos frascos de aguas rosadas, e de outros cheiros, e muitas maneiras de conservas pera todos os que quizessem refrescar. O Governador com El-Rey, e Coge Cemaçadim se recolhêram pera huma camara, onde estiveram mais de huma hora sós; e o que antre elles se passou ninguem o soube, mais que sahir o Governador satisfeito, e contente. Coge Cemaçadim repartio por todos aquelles Fidalgos, Capitães, e criados do Governador muitas peças ricas de sedas, beirames, bofatás, carlãs, e outras. Despedido o Governador, se tornou pera a fortaleza. Ao outro dia mandou Coge Cemaçadim entregar os quatrocentos mil cruzados, que era obrigado a dar; e dizia-se, que não ficára o Governador com as mãos vazias. Feito isto, tornou o Governador a voltar pera Goa, e por ter o tempo contra si, poz mais de quinze dias.

CAPITULO II.

Dos recados , que houve antre o Idalcan , e o Governador Martim Affonso de Soufa sobre Mealecan : e de como o Governador o mandou pera Cananor : e de outras cousas.

ERa já em fim de Março , quando o Governador Martim Affonso de Soufa chegou a Goa , e começou a fazer prestes os provimentos , que havia de mandar pera Malaca , e Maluco , sem tratar de Mealecan , como estava concertado antre elle , e o Idalcan. Disto foi elle logo avisado , assim do que o Governador passou com Coge Cemaçadim , como de não querer por então bo-lir com Meleacan , com quem estava muito pejado ; porque quasi que tornava a haver alteração antre os Capitães. E querendo evitar isto , mandou com muita pressa hum Embaixador , chamado Coge Mamede Chau-li , pera ir ao Governador requerer-lhe , que cumprisse os contratos que estavam assenta-dos , e que mandasse Mealecan pera Malu-co , pois então era a monção ; e para o obri-gar mais a isso , lhe mandou huma boa pan-cada de dinheiro , de que achámos carrega-dos sobre Bastião da Fonseca , Feitor que então era de Goa , trinta e dous mil par-dãos

dãos de ouro ; e assim lhe mandou nova doação do thesouro do Accedecan.

Este Embaixador foi muito bem recebido do Governador , e tratou com elle aquellas cousas. E como estes Mouros tratam todas suas cousas por figuras , assim este pera lhe mostrar o como Coge Cemaçadim o enganára em muitas partes no concerto que com elle fez , (porque tudo soube o Idalcan ,) lhe apresentou da parte do Idalcan dous pratos , hum com poucas folhas de Betere , (que he a herva que elles de continuo mastigão ,) e outro muito cheio dellas , tanto , que pareciam quasi infinitas , dizendo-lhe o Embaixador , que dizia o Idalcan seu Senhor : » Que o dinheiro que Coge Cemaçadim lhe dera de concerto , era como aquellas poucas folhas de Betere , em comparação do outro prato cheio dellas , que era figura do muito que lhe ficava ; que lhe pedia trabalhasse por haver tudo ás mãos , pois pertencia a ElRey de Portugal pela doação que delle lhe tinha feito.» O Governador ficou sobressaltado , porque lhe tinha Coge Cemaçadim mettido em cabeça , que o thesouro não passava de milhão de ouro. E dando os agradecimentos ao Embaixador daquela amizade , que o Idalcan fazia a ElRey de Portugal , lhe disse que em tudo o satisfaria.

E pera o Embaixador ver que logo pu-
 nha aquelle negocio em effeito, mandou com
 muita pressa apparellhar huma caravela, de que
 era Capitão Pero Vaz de Siqueira, e lhe en-
 tregou Mealecan, pera que o fosse pôr em
 Cananor, e que o entregasse ao Capitão, pe-
 ra que o tivesse na fortaleza a bom recado,
 escrevendo-lhe, que o deixasse de quando
 em quando ir visitar ElRey, e Coge Cema-
 çadim, ficando-lhe sempre sua mulher, e fi-
 lhos dos muros pera dentro, em casas de-
 centes, em que o aposentaria. E mandou di-
 zer pelo Embaixador (que o vio embarcar)
 ao Idalcan: » Que mandava Mealecan pera
 » Cananor, porque tinha escrito a ElRey de
 » Portugal sobre os contratos que tinham
 » feitos, e que esperava por resposta pera
 » saber o que queria fizesse delle, e que até
 » não vir seu recado o não podia mandar
 » pera Maluco, porque poderia ser que lhe
 » escrevesse ElRey, que o mandasse pera Por-
 » tugal.» Com isto se foi o Embaixador sa-
 tisfeito, e o Idalcan o ficou tambem em
 parte.

A tenção do Governador mandar Mea-
 lecan pera Cananor, não achámos della a
 certeza; mas o que nos parece he, que foi
 por duas cousas; huma por ter sempre en-
 freado o Idalcan com o ter tão perto, e a
 outra por ver se podia colher o Coge Ce-

maçadim dentro na fortaleza pera fazer nelle preza, até lhe entregar o thesouro; mas o Coge Cemaçadim viveo depois com tantas cautelas, que nunca quiz ir visitar o Mealecan, servindo-o elle com tudo o que havia mister mui abastadamente. Antes o Mealecan hia algumas vezes a sua casa, e quando o queria fazer, lhe mandava o Capitão preparar hum formoso cavallo, mandando-o acompanhar pela sua guarda, e todavia com tamanho resguardo, que primeiro que fosse, mandava ver se ficava sua mulher, e filhos em casa. E o homem que tinha isto a cargo, chamava-se Pero Telles. E ainda nesta era de noventa e sete, que isto escrevemos, vive nesta Cidade de Goa, e nos deo destas cousas boa informação, como testemunha de vista.

Tanto que o Governador despedio o Mealecan, e o Embaixador do Idalcan, parecendo-lhe obrigação mandallo tambem visitar, pois corria tão pontualmente com elle, e a dar-lhe os agradecimentos de tantas amizades, despedio por Embaixador hum homem Fidalgo, chamado Jorge de Sousa, por quem lhe mandou hum curioso, e rico presente de sedas, e brocados da Europa, em que entrava hum peça, que custou a dez mil reis o covado. Mandou-lhe mais quatro formosos ginetes ajaezados de ouro,

e prata, com telizes dobrados de demascos. E com isto lhe mandou humna Provisão, pera que todos os annos pudesse mandar levar da Cidade de Goa doze cavallos, forros dos direitos. Este Embaixador foi muito bem recebido do Idalcan, que estimou muito aquella visitação, e o mandou agazalhar na Corte, onde havia de invernar.

C A P I T U L O III.

Das cousas que acontecêram em Ormuz, até chegar ElRey Torunxá: e da guerra que o Rey de Xirás fez áquelle Reyno: e de alguns recontros, que tiveram com os Portuguezes: e que cousas são Mocarrias.

POuco ha que démos razão das cousas do Reyno de Ormuz, e de sua fundação, e de conio Groduxá, Senhor do Magostão, se fez Rey daquella Ilha Gerum. Foi depois disto correndo o tempo, andando aquelle Reyno sempre em seus descendentes, como temos contado; succedendo no Reyno da Persia depois tantas mudanças, sendo huma vez conquistado de Tartaros, sendo seu Imperador Chiquis Can, e depois do Grão Tamorlão, depois do Grão Sofi, com o que aquelles Reys de Ormuz tiveram lugar pera se isentarem da obrigação dos

da Persia , e de lhe tomarem ainda muitas cousas , que accrescentáram em seu Estado , como foi o Reyno de Barém , e o de Cati-fa da outra banda da Arabia. Com isto , e com o commercio , e trato daquella Ilha cresceo muito em rendas. E como de todas as partes do Oriente hiam alli fazendas , acudiam desse sertão da Persia , Coraçone , Georgia , e de todos os mais Reynos até Mof-covia , grandes cafilas de mercadores , com outras a commutar , e vender suas fazendas. Estas cafilas eram muitas vezes impedidas por esses caminhos dos Reys do Xirás , Lara , e de outros Senhores desse sertão , o que era grande perda pera aquella Ilha Gerum , pela falta que hiam fazendo em suas entradas.

Pelo que lhe foi forçado concertar-se El-Rey de Ormuz com todos aquelles Reys , por cujas terras as suas cafilas passavam pera lhes não impedirem os caminhos , dando huns tantos leques cada anno a cada hum , não em modo de pareas , senão de presente , a que elles chamam Mocarrarias , de que no fundamento do Reyno de Ormuz fallámos , Cap. II. do X. Liv. , sem declararmos o que era. E isto era o que aquelle Embaixador da Persia vinha arrecadar a Ormuz , quando Affonso de Albuquerque tomou aquella Cidade , que lhe mandou mostrar huns cestos de pelouros , e ferros de lanças ;

dizendo, que aquellas eram as pareas, que aquelle Reyno, que era d'ElRey de Portugal, pagava a quem as pedia. Continuando aquelles Reys de Ormuz com estas benevolencias, (que assim podemos chamar a estas mocarrarias,) descuidou-se o Xargol Xá, que agora faleceo, de pagar isto alguns annos ao Rey de Xirás; e pela ventura que fosse por não poder mais, por estar pobre pelas grandes pareas que pagava a ElRey de Portugal. Do que enfadado este Rey de Xirás, sabendo da morte do Xargol Xá, entrou com perto de dez mil cavallos pelas terras do Magostão, com duas pertençaes, huma pera se pagar do que lhe deviam, a outra pera ver se se podia senhorcar de algumas fortalezas, que por aquella parte havia. A gente inutil tanto que o sentio, foi fugindo pera Ormuz, e a principal, e de guerra se recolheo pera as fortalezas de Xamel, Minão, e outras, onde se fortificáram. ElRey de Xirás sem bolir em cousa alguma, chegou até a outra banda de Ormuz, e dalli escreveu huma carta a Martim Affonso de Mello Jusarte, Capitão daquella fortaleza, toda de cumprimentos, sem se declarar, nem concluir em cousa alguma. O Capitão entendendo que aquillo era invenção, chamou a conselho os homens, que para isso eram, e mostrando-lhes a carta, pra-

ticou com elles aquelle negocio , e assentou-se , que mandasse vigiar ElRey de Xirás por algum homem de entendimento , pera ver se podia alcançar sua determinação.

Pera isto escolheo o Capitão hum Aleixos Carvalho , que sabia a lingua Parsea , e por elle mandou dar áquelle Rey os parabens de sua vinda , e agradecer-lhe a visitaçãõ , escrevendo-lhe tambem outra carta cheia de cumprimentos como a sua , e deo por regimento a Aleixos Carvalho , que trabalhasse por ver se podia alcançar ElRey em palavras , e saber delle , ou de algum Capitão seu , sua determinação.

Partido este homem , despedio tambem o Guazil (que governava o Reyno por morte d'ElRey) pera se ir pôr da outra banda do Magostão , com toda a gente que pudesse ajuntar , e que mandasse com muita brevidade prover as fortalezas ; porque se aquelle Rey vinha com alguma má inclinação , as não tomassem descuidadas : o que o Guazil fez com muita pressa. Aleixos Carvalho foi em companhia dos Mouros , e levaram a carta ao Capitão ao seu exercito , hum dia de caminho pelo sertão dentro. ElRey o recebeu bem , e elle lhe deo sua embaixada na fórma que dissemos. Alli se deteve dous dias ; e em muitas práticas que teve com ElRey , e com os seus Capitães ,

não pode alcançar a causa daquella vinda, nem o que aquelle Rey determinava. E passados elles, se despedio, mandando ElRey tambem fazer grandes offerecimentos ao Capitão.

Partido o Aleixos de Carvalho, mandou ElRey logo alguns Capitães sobre as fortalezas de Menejaó, e Mináo, do que foi logo avisado; e como já tinha dentro alguma gente, que por então bastava, não quiz bolir consigo; e mandou recado ao Capitão de Ormuz, pedindo-lhe soccorresse a fortaleza de Mináo, que era a mais importante. Com este recado despedio Martim Afonso de Mello Jusarte, logo Belchior de Sousa, homem Fidalgo, e bom Cavalleiro, com setenta Portuguezes pera se ir metter naquella fortaleza.

Que passado á outra banda, foi marchando no quarto d'alva com muito silencio, mandando diante espias, porque determinava de passar pelo exercito dos inimigos, e metter-se dentro, mandando hum Mouro de recado dar aviso aos da fortaleza, pera que estivessem prestes pera o recolherem. E indo já perto da fortaleza, teve aviso das espias, que huma companhia de trezentos torquimais hia tambem pera a fortaleza ajuntar-se com os mais que lá estavam. Belchior de Sousa como era homem determinado, disse

se aos companheiros, que chegassem a elles, e os commettessem, porque como era de noite, e escuro, não podiam enxergar os poucos que eram; e que esperava em Deos de os desbaratarem facilmente. E assim foi, que chegando aos Mouros, que caminhavam descuidados, arremettêram a elles com tamanhas gritas, que fazia parecer número maior; e dando-lhes a primeira surriada de arcabuzaria, derribáram-lhes logo mais de quarenta, e mettendo-se de envolta com elles, os começaram a cortar á sua vontade.

Os Mouros como não viam o número dos nossos, e o estrondo que faziam era de maior quantidade, parecendo-lhes que eram muitos mais, começaram a se pôr em desbarato, ficando os nossos senhores do campo com hum só homem perdido, fazendo todos obras bem dignas de maior Capitulo. E vendo-se com a mão folgada, foram passando adiante; e como era escuro, passaram de longo do arraial dos Mouros, e metêram-se na fortaleza. Os Mouros ao outro dia souberam o que era passado; e como os Portuguezes estavam já dentro, despediram recado a ElRey, que lhes mandou outros Capitães com tres mil homens de socorro; e juntos todos, cercáram a fortaleza toda á roda, dando-lhes muitos assaltos, em

que os Portuguezes se defendêram co valor com que antes que entrassem na fortaleza os tinham offendido. As particularidades deste cerco não achiámos, e por isso o contamos assim em soma.

O Capitão de Ormuz tanto que vio que ElRey de Xirás se declarava, armou cinco navios, de que eram Capitães, Diogo Mendes Dourado, João da Cruz, Antonio Machado, Thomé de Matos, e Francisco Fernandes, e lhes mandou que andassem por toda a costa do Magostão defendendo-a, e favorecendo os naturaes. Neste estado estavam as cousas de Ormuz, quando chegou Luiz Falcão com ElRey Torunxá, que foi muito bem recebido no Reyno. Com sua chegada corrêram recados antre elle, e ElRey de Xirás, com quem se logo concertou, e elle se recolheo pera suas terras, ficando aquelle Reyno desapressado, e Marrim Affonso de Mello Jusarte entregou a fortaleza a Luiz Falcão, e elle ficou invernando nella.

CAPITULO IV.

Do que aconteceu aos Portuguezes da Abasia: e das cousas, que fez Diogo de Reinoso por aquelle Estreito.

DEixámos no Cap. IV. do IX. Liv. as cousas da Abasia, com os nossos ficarem invernando em companhia do Imperador sobre o rio Nilo, naquelle mesmo lugar, onde houveram aquella grande vitoria d'ElRey de Zeilá, muito mimosos todos do Imperador, e da Rainha sua mãe, que sempre foi triste pela morte de D. Christovão da Gama: e correndo as novas por todos os Reynos da chegada do Imperador, e do desbarato dos Mouros, e morte do Rey de Zeilá, começaram a acudir todos os vassallos, que estavam recolhidos em serras, e passos fortes, com medo dos Mouros, ficando o Imperador já com hum muito poderoso exercito.

Tanto que o Verão entrou, levantou o Imperador seu campo, e foi visitando todos aquellos Reynos, quietando-os, no que os Portuguezes o serviram com muito amor, e elle tambem lho mostrou. E vindo-se já chegando o tempo de lhes vir recado da India, pedio Manoel da Cunha ao Imperador licença pera se ir pera Maçurá esperar a Ar-

mada, que forçado os havia de vir buscar. O Imperador trabalhou muito pelo deter; mas relevava a Manoel da Cunha muito passar á India, e por esta razão insistio na licença, que em fim lhe deo, fazendo-lhes mercês a todos os da sua companhia, que eram sincoenta, porque os mais quizeram ficar por suas vontades, e muitos delles se casáram na terra, e tiveram filhos, e filhas, que ainda hoje vivem lá, e daquelles vieram depois á India alguns com suas familias, em tempo do Viso-Rey D. Constantino; e dous delles, Simão Fernandes do Prestes, e Diogo Dias do Prestes, ambos homens honrados, e ricos, conversámos nós nesta Cidade de Goa, onde vivêram, e El-Rey depois se servio delles em algumas cousas.

Manoel da Cunha se despedio do Preste João, e dos Portuguezes com grandes saudades, e foi caminhando pera Maçuá, onde o deixaremos, porque he necessario continuarmos com Diogo de Reinoso, que o Governador Martim Affonso de Sousa mandou ao Estreito espiar as galés.

Este Fidalgo foi fazendo sua jornada até embocar o Estreito de banda do Abexim, e foi discorrendo por aquella costa até á Ilha de Quaquem, sem guardar o regimento que levava, (porque era mancebo, e orgulho-

so , e o coração não lhe soffreo deixar de fazer travessuras ,) e assim foi tomando algumas gelvas que achou , e fazendo prezas , até chegar a Cuaquem. Alli se deixou andar antre aquella Ilha , e a terra firme , defendendo a passagem de huma a outra parte , esbombardeando , e atroando a terra de feição , que inquietou todo aquelle Estreito ; por onde logo corrêram novas , que era entrada nelle huma Armada Portugueza. E assim soou isto , que se affirma chegarem a Constantinopla , e enfadar-se muito o Turco , e fazer queixas a Diogo de Mesquita , que lhe affirmou sería algum alevantado , e escreveu sobre isto a Portugal.

E tornando a Diogo de Reinoso , deixou-se andar por alli até se enfadar , que se passou a Maçuá , onde já havia dous dias que era chegado Manoel da Cunha , que com os mais Portuguezes estava agazalhado em huma aldêa de Christãos. E acudindo á praia ás bombardadas que atirou , acháram Diogo de Reinoso , que festejaram sumamente , levando-o pera a aldêa. Alli se deram huns aos outros as novas de tudo o que era passado. E vendo Manoel da Cunha que não havia navios , em que se pudessem ir , elegêram antre si hum homem pera levar as cartas do Preste João ao Governador , e as d'ElRey de Portugal , a quem elle escrevia

pera se lhe mandarem nas náos seguintes ; e escrevendo todos ao Governador , que lhes mandasse embarcações , em que se pudessem ir , porque não era razão que ficassem alli como degradados.

Este eleito , segundo algumas lembranças , foi Miguel de Castanhoso por ser homem nobre , e de muito boa razão , e estar manco de huma perna , que depois foi ao Reyno , e levou as cartas do Imperador a ElRey D. João , e lhe apresentou hum Tratado , que elle fez de toda a jornada de Dom Christovão da Gama , a modo de roteiro , dia por dia , onde conta todas as cousas muito particularmente , cujo traslado feito no Preste João está em nosso poder , e d'elle nos aproveitámos , pelo havermos por muito verdadeiro ; e assim o certificavão Simão Fernandes , e Diogo Dias do Prestes , que a tudo se acháram presentes.

Diogo de Reinoso se despedio dos Portuguezes , que ficáram muito tristes , e foi esparar os Ponentes a Sacotorá , onde fez aguada , e tomou mantimentos. Dalli se fez á véla , e chegou a Goa no fim de Abril , e desembarcando , se foi ao Governador com Miguel de Castanhoso , que elle recebeu bem , e lhe deo as cartas do Imperador da Abassia , e dos Portuguezes ; e sabendo da morte de D. Christovão , a sentio muito , assim el-

elle, como todos. Depois sabendo o Governador as cousas, que Diogo de Reinoso fizera no Estreito, e de como traspassára o seu regimento, o mandou prender em ferros, e disse ao Doutor Pero Fernandes, Ouvidor Geral, que procedesse contra elle, e o sentenceasse conforme aos merecimentos de suas culpas.

E porque sabia o estrondo, que aquellas cousas haviam de fazer em Constantinopla, despedio logo com muita brevidade hum Judeo, chamado Soleimão, irmão de Isac do Cairo, com cartas pera Diogo de Mesquita a Constantinopla, em que lhe dava conta do caso, e de como Diogo de Reinoso ficava prezo pera o castigareem, pedindo-lhe tivesse satisfações com o Grão Turco. Estas cartas lhe foram dadas, e elle deo conta aos Baxás do Conselho do que passava, e de como aquillo fora só hum cattur, que o Governador mandára a saber novas dos Portuguezes, que estavam na Abassia, e que fizera o Capitão delle algumas travessuras de moço, mas que sería castigado como homem. Com isto dizem, que se quietára o Turco. Diogo de Reinoso esteve tão arriscado, que lhe foi necessario chamar-se á menoridade; e sendo de mais de vinte e quatro annos, provou que era de menos de vinte, com o que se livrou; po-

rém foi condemnado em algum degredo , que depois se lhe perdoou , porque veio a resposta das cartas , que o Judeo levou a Diogo de Mesquita , em que dizia ficar o Turco quieto.

C A P I T U L O V.

Das cousas , que mais succedêram em Maluco : e de como Ruy Lopes de Villa-Lobos se foi a Tidore : e dos recados que se passâram antre elle , e D. Jorge : e de como chegou Jordão de Freitas áquella fortaleza : e das cousas , que acontecêram com sua chegada : e de como prendeo El-Rey de Ternate , e o mandou pera Goa.

DEixámos no Cap. VI. do IX. Liv. Ruy Lopes de Villa-Lobos em Geilolo fortificado , onde esteve alguns mezes ; e querendo fazer outro poulo pera mais perto , tomou por achaque ser a terra muito doentia , e que já os Hespanhoes avorreciam aos naturaes , e que tratavam de os matarem a todos , e tomarem-lhes a fazenda , e a artilheria. Com esta fama que espalhou (que era echadiça) despedio hum Prospero de Ramos com recado a ElRey de Tidore , mandando-o visitar , e a pedir-lhe licença pera se ir pera elle. ElRey recebeu este homem bem , e por elle lhe respondeo : » Que sem-

» pre fora maltratado dos Portuguezes por
 » recolher Castelhanos; mas que se fosse el-
 » le pera aquella Ilha, porque elle não o
 » havia de lançar fóra da terra; e que vis-
 » sem elles se eram poderosos pera se suf-
 » tentarem nella, e lançarem os Portuguezes
 » fóra daquellas Ilhas.» Com esta resposta
 tornou o Villa-Lobos a mandar Mathias de
 Alvarado com outro recado a D. Jorge, pe-
 dindo-lhe: » Que lhe dêsse navios pera se
 » passar ás Filippinas, onde estavam os na-
 » vios da sua companhia; e que se fossem
 » taes, que nelles se pudessem ir pera a nova
 » Hespanha, o fariam, e se sahiriam daquel-
 » las Ilhas, salvo se o Imperador, ou o Prin-
 » cipe Philippe seu filho, ou o Viso-Rey da
 » nova Hespanha mandassem outra cousa.»
 Parece que quiz o Castelhanao ver se podia
 haver ás mãos alguns navios nossos, pera
 assim ficar D. Jorge mais enfraquecido. A
 voltas deste recado mandou o Villa-Lobos
 a D. Alonso Henriques com setenta homens,
 pera que se fosse metter em Tidore. Dom
 Jorge recebeu o Mathias bem, e antes que
 lhe respondesse, foi avisado, que D. Alonso
 ficava já em Tidore; e tomado das inven-
 ções do Castelhanao, despedio o Mathias
 seccamente, e com palavras asperas; e man-
 dou dizer ao Villa-Lobos: » Que se fosse lo-
 » go pera aquella fortaleza, que lhe daria

» navios, e tudo o de que tivesse necessidade
 » de pera se ir pera a nova Hespanha, se-
 » não que logo sería com elle.»

Destes ameaços lhe deo ao Castelhana tão pouco, que logo se passou a Tidore, deixando a náó em Geilolo entregue a Jorge Ortiz de Arates com vinte soldados, ante estes entrava Jeronymo de Pedrosa, que não estava bem com o Villa-Lobos. Este por conversar muito com o Rey, e com os Mouros, foi mexericado com o Arates, que tratava com elles traição, e que lhe queria entregar a náó, pelo que foi prezo, e mandado a Tidore, onde foi esquartejado. Neste tempo arribou o galeão S. Joanillo, que foi seiscentas leguas de Maluco, e quatrocentas do cabo del Engaño na nova Hespanha, e por achar tempos contrarios se puzeram em trinta grãos do Norte; e achando que não tinham mais que cento e vinte arrobas de agua, arribáram á Filippina em onze dias, e alli se deixáram estar muito tempo por falta de monção, e depois se passáram a Tendaja, e dalli a Caragão, onde os da terra lhes matáram o Mestre.

E porque não acháram alli o seu Capitão, tornáram-se pera a Filippina, e rodeáram a Cefaria, e chegáram outra vez a Tendaja, onde acháram vinte e tres Hespanhoes, e tres negros da nova Hespanha com duas

negras ; e o como alli foram ter não o achámos em lembrança. E correndo de longo da Cesaria , acháram na bahia da Resurreição huma carta de Ruy Lopes de Villa-Lobos , em que lhe dizia , que se fossem pera Geilolo , como fizeram. E chegando áquelle porto , sabendo estar já em Tidore , se foram pera elle no cabo de nove mezes , que tinham partido pera a nova Hespanha. Depois de sua chegada , negociou o Villa-Lobos duas corocoras , em que mandou Garcia de Escalante a buscar os Castelhanos , que estavam nas Philippinas , que acháram em Tendaja , e com elles o Prior de Santo Agostinho , com quem voltáram pera Tidore. Neste tempo começou ElRey de Tidore a fazer huma fortaleza de pedra ençosso em hum padrasto , que ficava sobre as costas da Cidade , no mesmo lugar em que a tinham , quando Antonio Galvão lha derribou ; e porque os Castelhanos o ajudavam na obra , por cuja industria a faziam , lhes mandou ElRey dar a cada hum dez caxas por dia , que valiam tres reaes da nossa moeda , e algum pouco de sagum , e arroz.

E porque isto não bastava , bateo o Villa-Lobos com licença d'ElRey huns ceitis pequenos de menos pezo , que os que corriam antigamente em Portugal , quadrados , e furados pelo meio , obrigando-se a ElRey

aos tornar a tomar no preço em que se dependessem, ou pagar a quebra, quando se fosse. Correndo a obra da fortaleza por ordem do Villa-Lobos, tiveram razões hum Gaspar Melio, e outro soldado, e o Melio matou o outro, e acolheo-se pera a Ilha de Moutel, donde o Ruy Lopes o mandou trazer, e em vez de o castigar, lhe fez muitas honras, do que ElRey tomou ruins suspeitas; porque o Gaspar Melio foi depois disto á nossa fortaleza a negocios seus secretamente, e houve ElRey, que os Castelhanos tratavam com D. Jorge alguma cousa em seu prejuizo, e começou-se a carregar, e a dar de má vontade a razão aos soldados, o que foi causa de alguns com necessidade se passarem pera a nossa fortaleza. Neste tempo (que era em fim de Novembro) chegou áquella fortaleza o galeão da carreira, em que hia Jordão de Freitas pera Capitão; e porque não continuámos com sua jornada, por as cousas nos não darem lugar, o faremos agora aqui.

Chegado o Galeão a Malaca, sabendo Ruy Vaz Pereira, Capitão da Cidade, que alli vinha ElRey de Maluco já feito Christão, o foi buscar, e o levou consigo, fazendo-lhe a Cidade hum grande recebimento, e foi aposentado em casas, que pera elle estavam já prestes. Aqui acháram novas,

que ElRey Aeiro (o irmão que governava o Reyno) estava muito poderoso, e bem, e quieto. E como Jordão de Freitas era homem, que entendia mui bem a terra, receou que com a chegada d'ElRey D. Manoel, feito Christão, houvesse alguma alteração em os naturaes, e que lhe não quizessem entregar o Reyno, com achaque de mudar lei, porque havia o Aeiro de os ter persuadido, que se o recebessem, logo os havia de obrigar a se fazerem Christãos.

E querendo atalhar a isto, ajuntando-se com o Capitão em casa d'ElRey, apresentou-lhe estes inconvenientes, dizendo, que pelos escusar lhe parecia bem ficar ElRey D. Manoel naquella fortaleza, e que iria elle tomar posse da de Maluco; e que na monção prenderia o Governador Aeiro, e o embarcaria pera a India, e que então iria ElRey D. Manoel, e que tomaria livre, e desembargadamente posse do seu Reyno. Pareceu aquillo bem a ElRey, e ao Capitão de Malaca, e mais Fidalgos, e Capitães, que alli havia, que pera isso se chamáram. Vinde a monção, se embarcou Jordão de Freitas, e foi surgir em Talangame, como atrás dissemos. D. Jorge de Castro o foi buscar, e o levou pera sua casa, e logo lhe fez entrega da fortaleza, dando-lhe conta do estado em que as cousas estavam.

Ruy Lopes de Villa-Lobos sabendo ser chegado Capitão novo, o mandou visitar: Jordão de Freitas lhe mandou responder com hum requerimento, em que lhe dizia, que logo se fosse fóra daquellas Ilhas, que eram d'ElRey de Portugal, fazendo sobre isso seus protestos, como os passados de D. Jorge. Ruy Lopes tornou a replicar, e de recado em recado vieram a assentar em treguas por oito mezes, (que era o tempo em que huns, e outros podiam ter recado da nova Hespanha, e da India,) com estas Condições: » Que não se tratassem, nem communicassem, nem Portuguez algum fosse a » Tidore, nem Castelhanao algum a Ternate, sem licença dos Capitães, e que Ruy » Lopes mandaria huma pessoa fiel, que lhes » comprasse o cravo, e o puzessem na praia, » onde o tomariam; e que se passassem alguns Castelhanos a Ternate, ou Portuguezes a Tidore, sem terem commettido delicto algum, se tornassem; e que não tirassem mantimentos huns das terras dos outros; e que encontrando-se no mar em seus navios, se não fizessem damno; e que Jordão de Freitas avisaria dez dias antes do tempo de se acabarem as treguas. » Estes Capitulos juráram ambos. E logo despedio o Villa-Lobos o galeão S. Joanilho pera a nova Hespanha com cartas pera o Viso-Rey, e

e foi por Capitão Ignigo Ortiz, Alferes mór, e partio a dezeseis de Maio deste anno de quarenta e cinco em que entramos. Levava o Ortiz por regimento, que fosse pela banda do Sul, porque da outra vez foi pela do Norte; e assim se foi pôr em vinte grãos, e passando a Equinoccial, foi dar na costa dos Papuas, por onde navegáram quinhentas leguas de Leste Oeste, não se ousando a sahir della por causa das correntes, e algumas vezes desembarcáram em terra, e tiveram algumas brigas com os naturaes. E sahindo-te ao mar largo, acháram os ventos pela prôa, pelo que lhes foi forçado tomar huma Ilha pequena, cujos naturaes lhes diziam, que esperassem hum mez, que lhe entrariam ventos em poppa, o que o Piloto não quiz fazer, e arribou a Tidore, onde chegou a quatro de Outubro de quarenta e cinco. Com sua chegada houve tantas divisões antre elles, que se passáram muitos Hespanhoes pera Ternate.

Vendo ElRey isto, offereceo-se ao Villa-Lobos a fazer huma náó grande pera se ir pera a nova Hespanha, e que dobraria a ração aos Castelhanos; mas como todos andavam já antre si revoltos, nada disto houve effeito. Ruy Lopes de Villa-Lobos vendo que arribára o S. Joanilho, determinou de mandar recado a Hespanha por via da

India, e pera isto se fallou com hum Gaspar Melio, e lhe deo instrucções. Este homem se fez fugido pera a nossa fortaleza, aggravado do seu Capitão, e se embarcou depois com D. Jorge, e em Goa faleceo.

Vindo a monção pera D. Jorge se embarcar, teve algumas differenças com Jordão de Freitas, sobre lhe não querer deixar embarcar os homens de sua obrigação, pelo que lhe emprestou duzentos bares de cravo, e depois de os recolher, lhe pediu mais cento, de que se D. Jorge aggravou delle, e andava atufado. E querendo ultimamente embarcar-se, mandou Jordão de Freitas chamar ElRey Aeiro pera certos negocios, e como o teve na fortaleza, lhe deitou hum macho. Sobre esta prizão houve grande revolta em casa d'ElRey, e acudio o Vigario com o Ouvidor pera quietar as mulheres que se espallhavam, e ainda recolhêram huma filha d'ElRey de Tidore, e outra do de Geilolo, que o Capitão agazallhou com sua mulher.

O Rey de Geilolo mandou logo buscar sua filha, que lhe elle entregou, e o mesmo fez o de Tidore, e veio por ella Bernardo de la Torre, Mestre de Campo, em doze corocoras, que a levou a ElRey com grande vaidade. Jordão de Freitas estando já o galeão de largo, foi embarcar ElRey,

e o entregou a Francisco de Azevedo Coutinho, Capitão da viagem, que logo deo á véla pera Malaca. Os nossos, e os Castelhanos ficáram correndo em amizade, visitando-se os Capitães, dando-se banquetes. E indo hum dia á nossa fortaleza o Contador Guido de Lavazares a visitar o Capitão, antre as praticas que tiveram, lhe disse: » Que » pedisse de sua parte ao Villa-Lobos, que » o quizesse ajudar contra o Rey de Geilolo, porque lhe queria ir tomar huma fortaleza, que fazia em prejuizo daquella d'El-Rey de Portugal, e mais porque era contra Mouros inimigos de Christãos. » Disto se escusou o Villa-Lobos, o que logo soube o Rey de Geilolo, e foi visitar o Villa-Lobos a Tidore, induzindo-o a fazer guerra aos nossos, sobre o que elle o não ouviu.

Andavam as cousas tão baralhadas, que mettêram em cabeça ao Rey de Tidore, que o Villa-Lobos o queria entregar aos Portuguezes, sobre o que se foi ver com elle, e lhe deo satisfações com que o quietou. E estava o Villa-Lobos tão mal quisto com todos, que até o Prior dos Agostinhos seu Confessor o não pode soffrer, e se passou á nossa fortaleza, onde foi bem agasalhado, e dalli escreveu ao Villa-Lobos, que tomasse conclusão com os Portuguezes, pri-

meiro que viesse a Armada da India; e depois disto tornou-se a ver com elle em Tidore, affirmando-lhe que estava excommungado elle, e todos, se se não fossem pera os Portuguezes; e vendo que o não podia mover, tornou-se pera a nossa fortaleza com todos os seus Frades, deixando os Castellhanos muito divisos.

CAPITULO VI.

Da Armada que este anno de 1544. partio do Reyno, de que era Capitão mór Fernão Peres de Andrade: e de como o Governador Martim Affonso de Sousa tratou de haver ás mãos Coge Cemaçadim: e de como mandou levar Mealecan pera Goa.

Muito magoado andava o Governador Martim Affonso de Sousa de Coge Cemaçadim o ter enganado no negocio do thesouro do Accedecan, fazendo-lhe crer, que não passava de hum milhão, e que com lhe dar oitocentos mil cruzados lhe dava a mór parte delle, tendo-o mandado desenganar o Idalcan pela figura dos pratos de Betere, que dissemos no Cap. II. do Liv. X., por onde sabidamente lhe ficava mais de seis milhões de ouro, posto que outros diziam que dez. Do que magoado o Governador, como começámos a dizer, deter-

minou de ver se podia haver ás mãos Coge
Cemaçadim por mimos, como da outra vez,
e reprefallo até lhe dar todo o thesouro,
e pois o Idalcan tinha delle feito doação a El-
Rey de Portugal. E andando com esta má-
goa fazendo seus discursos, como o Verão
era já entrado, alguns dias andados de Se-
tembro, chegou á barra de Goa Fernão Pe-
res de Andrade, que tinha partido do Rey-
no por Capitão mór de cinco náos, que to-
das tiveram bem roim viagem, porque Si-
mão de Andrade da sua companhia arribou
ao Reyno. Simão de Mello, sobrinho de
Lopo Vaz de Sampaio, que trazia a fortale-
za de Malaca, perdeu-se em Moçambi-
que. Jacome Tristão foi tomar Zanzibar,
onde invernou. Luiz de Calataud foi por fó-
ra da Ilha de S. Lourenço tomar Cochim
em Outubro.

Surto Fernão Peres de Andrade na bar-
ra de Goa, tendo recado o Governador de
sua chegada, dizem que dissera, que elle,
e Diogo da Silveira eram bons pera mús de
carga, porque já sabiam o caminho. Isto dis-
se, porque tinha cada hum delles vindo á
India por Capitães móres tres vezes. Fernão
Peres de Andrade desembarcou, e foi mui-
to bem recebido do Governador, que feste-
jou as boas novas do Reyno, porque aquel-
le anno casou El Rey D. João sua filha Dona

Maria com Philippe, filho do Imperador Carlos V., herdeiro de seus Estados, dante quem nasceo o Principe Carlos, de cujo parto ella faleceo. O Governador Martim Afonso de Sousa como andava com a imaginação em Coge Cemaçadim, despedio por fim de Setembro Ruy Gonçalves de Caminha, que já démos a conhecer no Cap. XI. do Liv. IX., por ser grande amigo de Coge Cemaçadim, pera ir a Cananor a ver-lhe com elle pera o persuadir ir a Goa a se recrear, e a visitar o Governador, e que lhe affirmasse, que tinha delle grandes laudades; e não lhe descubrio sua tenção, nem a outra pessoa alguma.

Ruy Gonçalves se embarcou em hum ca-
tur muito ligeiro, e em breves dias foi ter
a Cananor, e foi ser hospede de Coge Ce-
maçadim, que o festejou muito. E vindo
com elles a praticas, o persuadio ir-se a
Goa a visitar o Governador, que era gran-
de seu amigo, e a desenfadar-se alguns dias
naquella Cidade, onde compraria brincos
do Reyno á sua vontade, e que se torna-
ria quando quizesse. Tantas cousas lhe dis-
se sobre este negocio, e assim o obrigou pe-
las amizades do Governador, que o aba-
lou a se ir com elle, e mandou embarcar
o serviço de sua pessoa mais maneiro pera
ir afforrado, e sete mil cruzados em dinhei-
ro

ro pera as despezas dos dias que em Goa estivesse. E querendo ultimamente embarcar sua pessoa, dizem que fora persuadido de alguns Portuguezes, que desejavam de o grangear, que não fizesse aquella jornada, e que se deixasse estar, que estava bem; e isto sem saberem cousa alguma, nem suspeitarem nada da tenção do Governador, mas só por suas naturezas, e porque todos se aproveitavam d'elle, e elle fazia emprestimos, e amizades a todos, e assim o serviam, como se foram seus escravos. O Coge Cemaçadim, com o que lhe estes disseram, arrependeo-se de ter commettido aquelle negocio, e fingio huma indisposição com que se deitou em cama, desculpando-se a Ruy Gonçalves de Caminha, pedindo-lhe que o mesmo fizesse ao Governador, mandando desembracar o seu serviço, e recamara: e disse a Ruy Gonçalves de Caminha, que os sete mil cruzados em dinheiro levasse, e entregasse ao Governador pera os mandar á Rainha D. Catharina, de que lhe fazia serviço pera huns chapins.

Ruy Gonçalves ficou triste de ver esta tão supita mudança, e não podendo al fazer, se embarcou, e chegou a Goa, dando conta ao Governador das cousas que passára com Coge Cemaçadim, que elle em estremo sentio, por lhe escapar daquella feita das mãos.

E querendo todavia ver se por aquella via o podia acarretar a Goa, mandou a Ruy Gonçalves de Caminha, que os sete mil cruzados, que trazia de Coge Cemaçadim, os empregasse em peças, e brincos do Reyno, que lhe inelhor parecessem, e que o Coge Cemaçadim mais estimaria, e lhas levasse, e trabalhasse outra vez pelo persuadir a se ir desenfadar a Goa. Ruy Gonçalves o fez assim, e empregou todo o dinheiro em es-carlatas finas, veludos de cores, peças de prata de bestiaes, aguas rosadas, e de outras muitas sortes de cousas que lhe parecço que Coge Cemaçadim estimaria; embarcando tudo no mesmo catur, foi ter a Cananor, onde foi bem recebido de Coge Cemaçadim, que folgou com as peças que lhe levava. Ruy Gonçalves deixou-se ficar seu hospede alguns dias, em que tornou apearar com elle sobre a ida de Goa, affirmando-lhe o muito que o Governador o desejava de ver, assim por ser muito seu amigo, como por desejar praticar com elle cousas de muita importancia, e que relevava muito. O Coge Cemaçadim como da primeira vez desarmou a ida, não houve podello tornar a alguma, porque se receasse de cousa alguma, porque se tivera algumas suspeitas, não entrára em hum galeão, que havia poucos dias chegára de Ceilão, e surgirá naquel-

quella bahia , de que era Capitão Pero de Mesquita , a que o Coge Cemaçadim foi ver alguns Alifantes que levava , e andou no galão muito devagar , e muito seguro , sem se temer de cousa alguma.

Mas a principal razão , por que deixava de ir a Goa , era não se querer alongar do seu thesouro , porque não sabia o que lhe aconteceria , porque o tinha dentro em suas casafas , e vigiado de continuo de quinhentos Naires , a que pagava soldo ; e tinha tomado por Jangada a Pocarale , Regedor mór do Reyno , que lhe custava bem. Era este Mouro Pocarale muito rico , e foi tio do Aderrajo , que fez muitas vezes guerra áquella fortaleza de Cananor , como em seu lugar diremos. Vendo Ruy Gonçalves de Caminha que não podia abalar o Coge Cemaçadim , despedic-se d'elle , que lhe deo peças muito ricas pera se mandarem á Rainha D. Catharina , e outras pera o Governador , e o mesmo Ruy Gonçalves de Caminha não tornou com as mãos vazias.

Chegado a Goa , deo conta ao Governador do que tinha passado , do que enfadado assentou comsigo de ir a Cananor , sem dar conta a pessoa alguma disso ; e para o que determinava de fazer , despedio alguns catures ligeiros pera irem buscar Mealecan a Cananor , que em breves dias lho trouxe-

ram a Goa. A tenção que o Governador nisto teve nos não souberam dizer; mas havia de ser, porque alli estavam as náos do Reyno, porque o Idalcan cuidasse que o queria embarcar pera Portugal, por ver se lhe podia arrancar mais alguma cousa das mãos, porque queria ter nelle hum ninho de guincho, como lá dizem, ainda que o mais certo parece sentir alguma alteração no Idalcan, e assentar-se em conselho, que o mandasse levar pera Goa pera o enfrear com elle, porque era a cousa que o mais inquietava que todas.

C A P I T U L O VII.

De como o Governador Martim Affonso de Sousa ordenou hum galcão pera mandar ao Reyno, por faltarem náos: e de como se embarcou pera Cananor, sem dar conta a pessoa alguma, e foi ter a Baçaim: e das differenças que teve com D. Manoel de Lima, Capitão da fortaleza.

DAva o Governador Martim Affonso de Sousa grande pressa ás cousas do Reyno pera fazer a jornada que pertendia, mandando lançar a Armada ao mar, e deitando fania, que havia novas de galés, e que as queria ir buscar. E porque não havia mais de huma náos, mandou negociar outra do

Estado pera mandar ao Reyno com carga de pimenta, e drogas, de que deo a Capitania a Martim Correa da Silva, e a carga desta náó (segundo nos parece) foi feita com o dinheiro que Coge Cemaçadim deo; porque dos quatrocentos mil cruzados, que o Governador arrecadou delle este Março passado, não achámos carregados sobre o Feitor Bastião da Fonseca, que naquelle tempo servia, mais que cento e quarenta e oito mil e vinte e cinco pardáos. E não achando nós na India carga, nem despeza alguma da outra demazia, nos parece que se despenceo na carga desta náó. Esta confusão tem nascido da perda dos livros, e papeis, que até agora houve neste Estado, nem ainda na Casa da India pôde ser se não ache isto, se relevar buscar-se, por quanto esta náó indo pera o Reyno, se foi perder na Ilha de Zambizar, onde havia de desaparecer o livro da carga:

Em fim como quer que seja, o Governador deo grande pressa ás duas náós pera irem a Cochim tomar a carga, e antes de as despedir chegáram novas, que estava em Cochim a náó de Luiz de Calataud, com que em estremo folgou; e logo despedio as outras com Alcixos de Soula, Veador da Fazenda, pera ir fazer a carga, ficando elle escrevendo pera o Reyno brevemente. E sa-

cudindo-se de todos os negocios, se embarcou no fim de Novembro, despedindo para o Malavar por Capitão mór Henrique de Soufa Chichorro, irmão de Aleixos de Soufa, com seis navios. Despedida esta Armada, o Governador se fez á véla, levando sette galeões, e elle em S. Diniz, Pero de Faria no Coulão, D. João Henriques em Santiago, que estava dado a Martim Affonso de Mello Juzarte, que tinha vindo de Ormuz, que por lhe darem cartas d'ElRey, que o mandava ir para o Reyno, lhe largou o galeão, e se foi para Cochim. Antonio da Silveira, o de Terena, hia no galeão S. João, que era de João de Sepulveda, que tambem lho largou, e se foi para Cochim para se embarcar para o Reyno, aggravado de lhe ElRey não escrever, e em Cochim achou cartas suas na náõ do Calataud, pelo que se deixou ficar. Levava o Governador mais sete caravelas, de que eram Capitães Dom João Mascarenhas, Alvaro de Mendoga, Affonso Furtado, Pero Vaz de Siqueira, Pero de Taide Inferno, Luiz Caiado, e Pantaleão de Sá. Levava mais nove galés, cujos Capitães eram, Francisco de Sá de Menezes, D. João Pereira, Bernaldim de Soufa, João de Mendoga, Fernão da Silva, Alcaide mór de Alpalhão, Fernão de Soufa de Tavora, Pero Lopes de Soufa; e hiam

tambem muitos navios de remo , a cujos Capitães não achámos os nomes.

Dada á véla , foi o Governador tomando a derrota do Norte , e como ventavão os ventos Lestes , em breves dias foi surgir com toda aquella frota na barra de Baçaim , e logo mandou tomar casas em terra pera sua pessoa , sem ter cumprimento algum com D. Manoel de Lima , Capitão da fortaleza , que já estava muito aggravado do Governador , por lhe mandar invernar áquella Cidade hum Veador da Fazenda , Letrado , com todos os poderes na fazenda , e na justiça , deixando a elle sem algum , pelo que aquelle inverno teve alguns desgostos com o Veador da Fazenda , por lhe ir á mão a tudo , ficando elle na sua fortaleza como huma estatua. E vendo agora que chegava o Governador áquelle porto , e que sem ter com elle cumprimento algum , mandára tomar casas em terra , sendo obrigação agazalhar-se na fortaleza d'ElRey , como todos os Governadores até então fizeram , entendeo que não vinha seu amigo. E assim quando desembarcou o foi esperar á praia , sem lhe fazer a cerimonia da entrega das chaves , como era costume em todas as fortalezas , a que os Governadores da India chegavam , nem ter com elle outro algum cumprimento , e o foi acompanhando até os aposentos.

que estavam pera elle , e á porta se despedio , e se tornou pera a fortaleza. E no caminho lhe differam alguns Fidalgos seus amigos , que aquelle anno vieram do Reyno , que era falecida huma sua tia que o creára , que elle amava como mãe , de que ficou em estremo anojado , e se encerrou , e mandou cortar dó.

O Governador vendo o modo de como D. Manoel de Lima corrêra com elle , e que lhe não fizera recebimento algum , nem gazalhado , quasi que se houve por affrontado ; e chamando o Doutor Pero Fernandes , Ouvidor Geral , lhe disse , que lhe fosse prender D. Manoel de Lima , e o levasse pera hum dos galeões da Armada , qual elle quizesse , donde se não sahiria até elle mandar o contrario. O Doutor Pero Fernandes se foi á fortaleza , e achou D. Manoel encerrado , e anojado , e sem embargo disso lhe notificou o mandado do Governador , que levava assinado por elle. D. Manoel lhe disse : » Que fizesse seu officio ; mas que se o Governador o mandava prender por lhe » não fazer recebimento , nem lhe entregar » as chaves da fortaleza , que elle o não fizera , senão pelo pouco caso que lhe vira » fazer da fortaleza d'ElRey , tendo obrigação de se ir aposentar nella , e ver o de que » tinha necessidade. E que quanto a se des-

» pedir delle da porta , e o não tornar a ver ;
 » fora pela novas que lhe deram da morte
 » de sua tia , que o creára como mãe , por
 » quem estava encerrado , e anojado como
 » via , e que tinha mandado cortar dó , por-
 » que esperava pera o ir visitar , sem embar-
 » go de lhe molstrar em tanta cousa , que não
 » era seu amigo , mas que era por correr
 » com elle como Governador da India. »

O Ouvidor Geral usando aqui mais de pontos de Letrado , que de cortezão , não deixou de fazer sua diligencia , vendo elle muito bem as razões , que D. Manoel de Lima tinha por si , e o levou pera hum dos galeões da Armada. D. Manoel de Lima mandou logo por seus criados tirar todo o seu fato , e fazenda da fortaleza , como homem que determinava não tornar mais pera ella. O Doutor Pero Fernandes se foi ao Governador , e lhe deo conta de tudo o que passára com D. Manoel de Lima ; e sabendo elle que era verdade a morte da tia , tornou-lhe a mandar dizer pelo Ouvidor Geral , que se tornasse pera a sua fortaleza , porque já estava informado da verdade. Dom Manoel de Lima lhe respondeo , que estava bem prezo , e que não queria cousa alguma da fortaleza , porque se hia pera o Reyno. O Governador Martim Affonso de Sousa ; arrependido do que tinha usado com elle ,

pedio a Pero de Faria, que era grande seu amigo, (e Fidalgo, que por velho lhe tinham todos respeito,) que se fosse ver com elle, e trabalhasse pelo moderar, e lho levasse lá. Pero de Faria se foi ao galeão, e teve com D. Manoel de Lima por parte do Governador grandes satisfações, e desculpas, pedindo-lhe quizesse ir com elle a vello, porque bastava pera sua satisfação mostrar-se arrependido do que lhe tinha feito. D. Manoel de Lima o não quiz ouvir naquelle negocio, dizendo-lhe, que era filho mais velho de seu pai, que se queria ir pera o Reyno, e que quando lhe ElRey não dêsse de comer, que viviria com o que seu pai viveo. Pero de Faria se tornou ao Governador, e lhe deo conta do que com elle passára; do que elle ficou muito pejado naquelle negocio, porque aquelle Fidalgo era de muitos merecimentos, e muito aparentado em Portugal; e tambem porque arreceou que ElRey lhe estranhasse muito o que com elle tinha usado, porque nunca os Reys querem que os seus Governadores, e Viso-Reys lhes enxovalhem, e tratem mal seus Fidaigos, e vassallos; porque muitas vezes se aconteeo já quererem alguns com o braço do Rey vingar-se de escandalos particulares, e satisfazerem seu appetite. O Governador tornou a mandar a elle Pero de Faria, cui-

dando que o achasse já mais brando, e mais fóra de paixão; mas D. Manoel de Lima o não quiz ouvir, dizendo-lhe, que não tornasse lá mais sobre aquelle negocio, porque sería necessario fechar-lhe a porta, e que o não quizesse pôr a risco de lhe fazer aquella descortezia, porque era seu servidor.

Vendo o Governador quão duro estava, o mandou levar assim prezo pelo Ouvidor Geral, o que D. Manoel de Lima não refusou. E fechados em huma camara ambos, o que passáram não se sabe, sómente dizer D. Manoel, que se havia de ir pera o Reyno; ao que lhe disse o Governador: » Ora já que assim he, cumpre ao serviço d'ElRey que vos não embarqueis. » A isto tirou D. Manoel da algibeira huma Provisão d'ElRey, e lha deo na sua mão, em que lhe dava licença pera se ir pera Portugal, e mandava ao Governador da India, que lho não impedisse, posto que houvesse cerco da fortaleza, ou novas de galés. Vendo o Governador aquillo, lhe tornou a Provisão, e lhe disse, que fizesse o que quizesse. D. Manoel de Lima lhe disse: » Vou-me; e seguro-vos huma cousa, que em Portugal não faça queixume de vós a ElRey. »

Sahido dalli, embarcou-se em hum catur ligeiro, e se foi pera Cochim, onde tomou as náos de verga d'alto, e se embarcou com

Fernão Peres de Andrade; e João de Sepulveda lhe deo toda a sua matalotagem, porque deixou de ir pera o Reyno pelas razões que atrás dissemos. Estas náos tiveram boa viagem. Sómente a de Martim Correa da Silva, que se foi perder em Zanzibar, onde achou a náó S. Filippe, de que era Capitão Jacome Tristão, e os mais dos soldados doentes. Este Fidalgo os mandou curar á sua custa muito bem, e a todos os mais deo mezas, e lhes fez os gastos até os trazer na mesma náó a invernar á India.

D. Manoel de Lima chegou ao Reyno, e não tratou dos aggravos de Martim Afonso de Sousa; mas presumia-se que esperava por elle pera o desafiar; e alguns parentes, que na India tinha, o affirmavam tão publicamente, que foi ter ás orelhas do Governador. E vestindo-se hum dia de festa muito loução, tendo huma espada na cinta, que lhe tinha dado o grão Capitão Gonçalo Fernandes, sendo moço, sahindo pera a casa, onde os Fidalgos o estavam esperando, (antre quem estavam os parentes de Dom Manoel de Lima, que diziam que o havia de desafiar,) e olhando o Governador pera os Fidalgos, lhes perguntou se estava gentil-homem; e gabando-o todos, poz a mão na espada, dizendo: » Pois sabci, quem

» quem me mandar desafiar, que lhe hei de
 » ir lá. » E muito bem sabia elle que Dom
 Manoel de Lima o havia de fazer, e assim
 o affirmáram a ElRey; mas elle o atalhou
 pela maneira que adiante se verá no Cap.
 VII. do Liv. III. da sexta Decada.

CAPITULO VIII.

*Do que fez o Governador Martim Affonso
 de Sousa em Baçaim : e de como voltou
 pera Cananor, e se vio em segredo com
 o Capitão: e de como Henrique de Sou-
 sa matou o Aderrajão de Cananor, e seu
 irmão.*

AO outro dia que isto passou, que foi
 ao segundo da chegada do Governador,
 mandou em terra armar quatro mezas
 pera darem de comer aos soldados pera ma-
 ior dissimulação do que determinava, por-
 que nem dos muitos amigos se fiava. E ha-
 vendo quatro dias que estava em terra, tor-
 nou-se a embarcar com muita pressa, e dan-
 do á véla, se fez na volta do Leste, como
 que hia demandar a costa da Arabia; e sen-
 do vinte leguas afastado da terra, tornou a
 voltar caminho do Sul, por onde governou
 tres dias; e no cabo delles poz a proa a
 Leste até descubrir a terra, e á vista della
 foi demandar Monte Deli, aonde foi surgir

com toda a Armada de noite, sem ser visto da terra. E sem dar conta a pessoa alguma do que queria fazer, se embarcou no catur de Simão Gallego, mandando chamar Fernão da Silva, Alcaide mór de Alpalhão, Fernão de Sousa de Tavora, Francisco de Sá de Menezes, e hum filho bastardo de Thomé de Sousa, Veador que foi d'El-Rey D. João, que lhe ficava em lugar de sobrinho, que lhe levava hum guião de Christo; e tomando mais os navios do Peireirinha, do Siqueira, e de Francisco Fernandes o Moricale, que eram os mais ligeiros da Armada, affastando-se de noite della, sem o saber pessoa viva, mais que os que consigo levava, tomando o remo em punho pera Cananor, andou aquellas quatro leguas em pouco mais de duas horas. E chegando á couraça, bradaram pelas vigias, que chamassem o Capitão, que era cousa que importava, sem lhe dizerem que estava alli o Governador. Diogo Alvares Telles affomou á couraça, e o Governador lhe mandou dizer, que mandasse affastar as vigias, como fez. E dando-se-lhe a conhecer, entrou por huma bombardeira, e ambos sóz praticáram menos de meia hora, e o que tratáram foi, que trabalhasse por lhe colher na fortaleza Coge Cemaçadim por mimos, ou por outra alguma invenção; e que vin-

do a ella o prendesse , e lho mandasse logo a bom recado a Goa por Henrique de Soufa. E que quando o não pudesse haver ás mãos , trabalhasse por colher Pocarale Aderrajão , a quem Coge Cemaçadim estava entregue , e que o reprezasse , pera a troca d'elle haver Coge Cemaçadim. E que quando tambem o não pudesse colher na fortaleza , o encommendasse a Henrique de Soufa , Capitão mór do Malavar , que era seu amigo , e todas as vezes que hia a Cananor o buscava , e visitava , pera que o prendesse , e o tivesse na Armada até lhe entregar o Coge Cemaçadim , deixando-lhe pera isso hum mandado seu , que já levava feito ; e encommendando-lhe muito o segredo , se tornou a embarcar , e voltou pera a Armada , a que chegou de madrugada. E mettendo-se no seu galeão , deo logò á véla pera Goa , aonde chegou em breves dias , desarmando-se de todo huma Armada tamanha ; com o que todos ficáram embaraçados , vendo as voltas que dera sem verem effeito algum.

O Capitão de Cananor , depois do Governador recolhido , foi visitar ElRey , e Coge Cemaçadim , como muitas vezes fazia , mandando-lhes brincos , e mimos. E vindo dia de Natal , mandou convidar a Coge Cemaçadim pera lhe dar hum banque-

Couto. Tom. II. P. II.

E

te,

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

te, do que se elle escusou: e não se póde presumir, que fosse avisado de alguém, porque o Governador só de si tinha fiado aquelle segredo. Mas foi ou porque o coração lhe adivinharia alguma cousa, ou porque veria algum roim agouro, porque estes Mouros nunca fazem cousa alguma sem eleição de horas boas, ou más, e sem notarem sinaes de bons, ou máos agouros nas aves, nas alimarias, e em todas as mais creaturas, porque lhes fazem os seus Bragmanes crer cem mil abusões; e quando são pera seus negocios, todas as horas são boas, mas pera os alheios sempre lhe acham hum inconveniente, com que lhe estorvam negocios bem importantes. Mas que he de espantar haver isto em Mouros, e Gentios, se antre Christãos vemos os que governam os Reys fecharem-nos pera todos, e terem-nos abertos sempre pera si, limitando tempos, e dias pera os despachos alheios, e pera os seus não haver limite, nem termo, porque todas as horas são suas.

E continuando com a historia. Vendo o Capitão de Cananor que não podia haver ás mãos Coge Cemaçadim, tratou de trazer á fortaleza o Aderrajão; e nem isso pôde fazer. Pelo que chegando áquella bahia Henrique de Sousa, vendo-se com elle em muito segredo, lhe deo o mandado do Go-

ver.

vernador, encommendando-lhe muito, que trabalhasse por haver o Pocarale Aderrajão ás mãos, e embarcallo na Armada. Henrique de Sousa se deixou estar na bahia, e mandou logo visitar Pocarale, como sempre costumava, e dahi a dous dias lhe mandou pedir, que se vissem na praia, porque tinha alguns negocios que tratar com elle. O Pocarale vestio-se pera ir lá, o que a mulher trabalhou de estorvar, dizendo-lhe, que não fosse por então, porque não sabia o que o coração lhe dizia. Mas como não ha poder fugir á mão de Deos, sem dar pelos rogos da mulher, foi-se á praia com hum seu irmão, e achou já Henrique de Sousa nella. E demandando-o, foram praticando lós em muitas cousas, e de passo em passo, de prática em prática o levou até onde tinha negociada alguma gente, e almadías pera o prender, e metter nellas, porque as fustas não podiam chegar tanto á terra. Pocarale enbebido na prática se foi deixando ir, e tendo-o já perto, liou-se com elle, e quiz levallo nos ares pera dar com elle nas almadías. Pocarale, que era hum Mouro grande, e forçoso, vendo-se daquella maneira, abraçou-se com Henrique de Sousa de feição, que o sugigou, bradando pelos seus, que começáram a dar grandes cuquiadas a seu modo, a que acudio logo muita gente

Ee ii

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

da Cidade, que era perto. O irmão do Pocarale, que estava hum pouco affastado com alguns criados seus, acudio logo com armas pera valer ao irmão. Henrique de Soufa, que tinha o olho nelle, e estava fugigado do Pocarale, bradou aos seus, que o matastem, e correndo hum huma lança por elle, o varou de parte a parte, cahindo logo morto; e outro endireitou com o irmão, que hia já pera ferir Henrique de Soufa, e o matou logo. Henrique de Soufa se foi recolhendo ás almadiás, porque carregava já muita gente sobre elles, e quasi se recolheo com a agua pela cinta, e todos os mais.

ElRey teve logo rebate do que passava, e acudio á Cidade muito sentido do caso, e mandou logo apregoar guerra contra a nossa fortaleza, que logo se fechou, e velou. O Capitão escreveu o successo ao Governador, pedindo-lhe gente, munições, e provimentos. Isto sentio elle em estremo, e acabou de perder as esperanças de haver Coge Cemaçadim ás mãos: e logo despedio Pantalção de Sá com sincoenta soldados pera ir invernar naquella fortaleza, escrevendo a ElRey cartas de satisfações, lançando a culpa a Henrique de Soufa, promettendo-lhe de o castigar. Mas ElRey não se quietou, e assim ficou aquelle inverno a

nossa fortaleza fechada sem communicação da Cidade , donde lhe hiam os provimentos , que lhe começaram a faltar. Daqui ficaram os Portuguezes desacreditados naquelle Reyno , que correo sempre com o Estado em grande amizade ; e depois daquelle grande cerco , que , sendo Lourenço de Brito Capitão , em tempo do Viso-Rey Dom Francisco de Almeida puzeram áquella fortaleza , nunca mais lhe fizeram guerra ; e todas as que daqui por diante houve , (de que com o favor Divino trataremos , que molestáram muito o Estado ,) procedêram deste negocio ; porque o sobrinho do Aderajão , que lhe herdou a casa , e o titulo , sempre em quanto viveo , (que foram depois mais de sincoenta annos ,) foi o mór inimigo que o Estado teve , e sempre fez guerra áquella fortaleza.

CAPITULO IX.

De como Manoel de Sousa de Sepulveda , Capitão de Dio , desmanchou as paredes , que ElRey de Cambaya mandava fazer antre a fortaleza , e a Cidade : e a falla que Coge Çofar sobre isto fez a ElRey , em que o persuadio a fazer guerra contra os Portuguezes.

DEpois d'ElRey Soltão Mamude de Cambaya se ver quieto em seu Reyno , começou a sentir a grande sujeição , que lhe ficava com a fortaleza dos Portuguezes naquella Ilha de Dio , e a perda de parte das rendas della , e não poderem suas náos navegar com a liberdade passada , senão á vontade dos Portuguezes , e com salvo conducto seu. E o que sobre tudo o atormentava , e magoava mais , era a morte d'El-Rey Soltão Badur seu tio , dentro em seu Reyno , á vista da sua Cidade , e de seus exercitos sobre fé , e verdade dos Portuguezes , indo visitar o Governador como amigo ao seu galeão. E trazendo esta dor de continuo dentro em seu coração , traçava consigo modos pera se satisfazer de tantas affrontas , e pera tornar a haver a sua Ilha livre da sujeição em que estava ; determinando de tomar aquella fortaleza ou por ma-

nha, ou por força. Pera isto mandou, que se fizesse a parede como estava assentado no contrato das pazes antre ella, e a Cidade. Esta parede se começou a levantar, sem fazerem caso de cousa alguma, só com os officiaes, por maior dissimulação, com quem corria o Tanadar da Cidade. Manoel de Sousa de Sepulveda, Capitão daquella fortaleza, tanto que vio crescer as paredes, começou-se a assombrar com ellas, havendo que fora grande descredito do Estado concederem-se-lhes, porque ficavam com ellas os Portuguezes encurrealados. E por ir correndo a obra da fortaleza, que estava aberta por muitos lugares, foi tambem dissimulando, e fortificando-se.

E porque o circuito da fortaleza, e antigo muro era muito pequeno, e antre o muro, e a cava ficava hum releixo de mais de tres braças de largura, em que se podiam metter muitos inimigos; mandou fazer o muro pela borda da cava, mettendo toda aquella largura mais dentro, e fez dous baluartes novos maiores que os antigos, São Thomé, que ficava a metade sobre a rocha firme, e a outra sobre hum cotovello da cava, que se entulhou. O outro era São João, que depois se chamou o baluarte da Rama, como na sexta Decada se verá, quando tratarmos do grande cerco de D. João

Mascarenhas. Fez tambem de novo o baluarte S. Jorge sobre a porta, ficando a fortaleza em maior fórma, e mais forte, por causa dos baluartes ficarem mais capazes, assim pera a artilheria, como pera os soldados. Tanto que Manoel de Sousa teve acabada esta obra, e se vio fechado, ajuntou toda a gente que havia na fortaleza, e sahio com as armas nas mãos huma manhã, e deo nos que trabalhavam nas paredes, fazendo-os fugir, ficando-lhes toda a ferramenta, com que mandou logo desfazer as paredes, que ainda que eram de pedra ençosso, eram muito largas, e grossas. Nisto gastou alguns dias, estando sempre no campo, mandando recolher na fortaleza toda a pedra, andaimes, e mais petrechos.

O Tanadar acudio áquillo com recados, e protestos da parte de Soltão Mamude, a quem logo mandou avisar do negocio; mas Manoel de Sousa não deixou de dar presfa á obra, primeiro que viesse gente de Cambaya. Chegado o recado a Soltão Mamude, como andava com a mágoa da morte do tio, e das mais cousas que affirma dissemos, ficou tal, que parecia que queria rehentar de pezar, recolhendo-se tão melancolizado, que andou alguns dias sem querer ver gente. Coge Çofar, que na Corte tinha o primeiro lugar, vendo ElRey com

tamanha tristeza, e melancolia, se foi a elle, estando com alguns Capitães principaes, e lhe pediu licença pera lhe dizer algumas cousas, que cumpriam a seu serviço; e dando-lha elle, posto em pé, lhe fez esta falla:

» A cousa, de que me hoje mais glorioso, muito Grande, e Poderoso Rey, he de se ter visto em mim, depois que vim a estes Reynos, a principal parte que ha de ter o bom vassallo, que he lealdade, e amor a seu Rey; o que nasce as mais das vezes, ou sempre da parte do Rey, quando sabe galardear serviços, e repartir mercês, porque então põe os vassallos em muito grandes obrigações; e o que arrisca mais a vida por seu serviço, esse se tem por mais ditoso. Eu vim de minha patria em companhia do Baxá Mostafá Carman, que me creou como filho, e chegámos á fortaleza de Dio, poucos dias antes que o Governador Nuno da Cunha, depois daquelle grande incendio, e destruição da Ilha de Bet, estando Melique Toccão senhor daquella Ilha a risco de a largar com temor da Armada Portugueza, que vinha assombrando o Mundo, e o Baxá Mostafá o tirou do medo em que estava, e se fortificou de feição, que se tornáram os Portuguezes escalavrados. Neste feito não tive eu o menos quinhão. De-

» pois nos trabalhos que o grande Soltão
 » Badur teve com os Magores , quando se
 » senhoreáram do seu Reyno , quasi todos
 » o desamparáram , e se passáram pera os ini-
 » migos ; mas eu sempre o acompanhei , e
 » servi com muito amor , e gosto até á ho-
 » ra em que os Portuguezes o matáram , que
 » pelo não deixar fiquei cativo em seu po-
 » der , ferido , e á morte. E prouvera a
 » Deos que alli acabára eu , pois perdi hum
 » Rey tão conhecido de meus serviços , e
 » merecimentos , que por elles me fez hon-
 » rado , rico , e grande em seu Reyno. De-
 » pois succedendo-lhe o Mirão seu sobri-
 » nho , tambem o servi com muito amor ,
 » e zelo ; e agora V. A. não sentio em mim
 » menos amor , e fidelidade , nem eu tam-
 » bem menos desejos , e obras em vossa gran-
 » deza , de que estou bem satisfeito. Servio-
 » se de mim no grande cerco de Dio , em
 » que perdi esta mão , e ainda tenho estou-
 » tra , e esta vida , e a de minha mulher , e
 » filhos , e toda a fazenda que V. A. me deo ,
 » pera perder tudo por seu serviço.

» Por isso , Senhor , lembro-vos que ten-
 » des aqui este vassallo , e esses que ali es-
 » tam , que não valem menos que eu : acu-
 » di por vossa honra , e trabalhai por vin-
 » gar a injusta morte d'ElRey vosso tio , e
 » não queirais viver com tamanha infamia

» ante todos os Reys do Oriente , que sem-
 » pre se affombráram com a potencia de
 » Cambaya. Vós tendes thesouros , muito
 » poder , grandes Capitães , muita , e mui-
 » to grossa artilheria , muitos armazens de
 » munições ; mantimentos não vos hão de
 » faltar ; tendes em fim tudo o que vos he
 » necessario pera poder conquistar grandes
 » Reynos , quanto mais humza fortaleza fra-
 » ca , e guardada de poucos Portuguezes ;
 » e ainda que todos quantos ha na India
 » nella estiveram , não vos pudéram resistir.
 » Ninguem vos nega que não são muito va-
 » lorosos ; mas são tão poucos , que não
 » chegam a cinco mil todos os que ha espa-
 » lhados por toda a India ; e com serem
 » tão poucos , tem-se feito Senhores , Capi-
 » tães , e Governadores de todos os luga-
 » res maritimos de todo o Oriente , toman-
 » do tamanho dominio sobre todos os Reys
 » d'elle , que não podem navegar suas náos
 » sem sua licença , cousa que se não póde ,
 » nem deve soffrer a huns homens estran-
 » geiros , que entráram em todos estes Rey-
 » nos em habito de mercadores , pedindo
 » commercio , e lugares pera se aposenta-
 » rem ; e mettendo em cabeça , que faziam
 » casas pera seus recolhimentos , e feitorias ,
 » fizeram fortalezas com que começaram a
 » sopear a todos. Por isso , ó Rey , sé tu o

» primeiro , que acudas pela honra de to-
 » dos , e manda-lhes requerer que olhem pe-
 » la de Mafamede vosso Profeta , que estes
 » homens tanto vituperão , e affrontão , e
 » que os lancem fóra da India , e de seus
 » Reynos , pera que a romagem da Casa de
 » Meca fique na liberdade em que d'antes
 » estava. E pera estes de Dio eu me offere-
 » ço com todos os meus thesouros pera lhes
 » fazer guerra , e lhes tomar a fortaleza ;
 » e pera isso mandarei pedir a ElRey de
 » Zebit , meu parente , Rumes , e Turcos a
 » soldo , pera o que lhe mandarei nestas náos ,
 » que lião de ir daqui a poucos dias , muito
 » dinheiro. E em quanto se estas negoção ,
 » e solicitação , sou de parecer que corras com
 » dissimulação neste negocio , por se não pre-
 » catarem , nem aperceberem os Portugue-
 » zes de Dio ; antes agora mais que nun-
 » ca te finjas com o Governador , e o man-
 » des visitar pelo segurar , pera que quando
 » tivermos tudo prestes , os tomemos descui-
 » dados. »

Acabada esta falla , lhe disse ElRey : » Que
 » lhe agradecia aquellas lembranças , e o
 » amor , e vontade que mostrava a seu ser-
 » viço , que elle o fazia dalli por diante Ca-
 » pitão Geral de todo o seu exercito , pe-
 » ra que logo começasse a correr com as
 » cousas , que lhe parecessem necessarias ; e

» que até o tempo em que se desenrolassem
 » as bandeiras sobre Dio, se guardasse o se-
 » gredo daquellas cousas.» Coge Çofar fez
 logo escrever cartas a todos os Reys da In-
 dia até os do Malavar, persuadindo-os a
 huma liga geral contra os Portuguezes. A
 substancia desta falla, e destas cousas soube-
 mos de Caracem, genro de Coge Çofar,
 que se achou a ella presente, e em Baro-
 che, onde era Capitão, e onde o nós con-
 versámos (como em outra parte dissemos)
 nos contou todas estas cousas, e outras. Ma-
 noel de Sousa de Sepulveda, tanto que des-
 manchou a parede, que foi em Janeiro, avi-
 sou o Governador do que tinha feito, pe-
 dindo-lhe que provesse aquella fortaleza de
 gente, e munições, pera que se houvesse al-
 guma alteração nos Mouros, o não toma-
 sem descuidado; o que o Governador fez
 logo, mandando-lhe alguns Capitães com
 soldados.

E porque neste tempo chegou a Goa Bel-
 chior Fernandes Correa com as cartas de
 D. Jorge de Castro, em que lhe dava con-
 ta da chegada de Ruy Lopes de Villa-Lo-
 bos áquellas Ilhas, e de tudo o que com
 elle lhe tinha succedido; e que tambem era
 falecido Ruy Vaz Pereira, Capitão de Ma-
 laca, começou logo a prover naquellas cou-
 sas, e ordenou de mandar a Maluco huma

Armada , de que elegeo por Capitão mór Fernão de Sousa de Tavora , e lhe deo hum galeão , e duas fustas , de que deo as Capitánias a Leonel de Lima , e a Manoel de Mesquita. E porque não havia provídos de Malaca , deo aquella Capitania a Garcia de Sá , por ser hum Fidalgo velho , e lhe deo por regimento , que dêsse mais gente , e navios a Fernão de Sousa.

Partida esta Armada , despachou o Governador a D. João Mascarenhas pera ir entrar na Capitania de Dio , por acabar em Abril Manoel de Sousa de Sepulveda ; e mandou em sua companhia Bernaldim de Sousa , e Jorge de Sousa seu irmão , com soldados , pera invernaem naquella fortaleza , e todos partíram no mez de Abril.

C A P I T U L O X.

De como Fernão de Sousa chegou a Malaca : e de como faleceo naquella fortaleza ElRey D. Manoel , Rey de Maluco : e de como deixou ElRey de Portugal por herdeiro de seus Reynos : e da posse que Jordão de Freitas tomou delles por ElRey D. João.

PArtido Fernão de Sousa de Tavora de Goa , foi ter á Cidade de Malaca em Junho , e logo tratou com Garcia de Sá os

navios , e soldados que lhe havia de dar , e sobre a embarcação d'ElRey D. Manoel , que tambem levava por regimento , que levasse comsigo , e o mettesse de posse do Reyno. Garcia de Sá sobre os navios , e gente , que lhe o Governador mandou dar , andou em dilacões muito. Neste tempo fallecco ElRey D. Manoel , que se estava fazendo prestes pera se ir pera o seu Reyno. Mas como Deos nosso Senhor o tinha eleito pera outro melhor , e de mais dura , ordenou que falecesse daquella enfermidade , recebendo primeiro os Divinos Sacramentos com grandes mostras de contrição , e de arrependimento de seus peccados ; ordenando seu testamento muito á sua vontade , dispondo das cousas de sua alma , não como Christo novel , senão como se fora creado de menino com o leite da Igreja Catholica. Fallecco aos trinta dias deste mez de Junho do anno de quarenta e cinco , em que andamos. Seu corpo foi enterrado o mais solememente que pode ser , com grande dor , e sentimento de todos , de que era muito amado , como era razão o fosse hum Rey , que tinha sahido das trévas de sua cegueira , e entrado na luz da verdade do Evangelho. E abrindo-se seu testamento , que estava solemne , acháram que dispunha de muitos legados pios por sua alma , e no-

meava por herdeiro de seu Reyno a ElRey de Portugal. E porque a verba em que o declara he muito substancial, pera o direito que ElRey de Portugal tem adquirido naquelle Reyno, nos pareceo bem ir aqui escrita *de verbo ad verbum*, assim como a achámos no traslado do testamento, que está registado nos Contos de Goa, donde o tirámos. Diz a verba assim:

» Declaro eu D. Manoel, Rey de Ma-
 » luco, que eu sou filho de Cachil Sulano
 » Magirá, e da Rainha Niachile Pocaraga,
 » filha d'ElRey Almançor de Tidore, Reys
 » que foram de Ternate, Montel, Maquiem,
 » Cajão, e de todas as terras do Moro, e
 » Batochina; e como filho d'antre ambos
 » me pertencia directamente aquelle Reyno,
 » de que fui jurado por Rey, por morte
 » de meus irmãos mais velhos, Cachil Bo-
 » jal, e Cachil Dayalo, que reináram an-
 » tes de mim. E estando de posse daquelle
 » Reyno, sendo muito leal a ElRey de Por-
 » tugal, meu Senhor, Tristão de Taíde,
 » Capitão de Maluco, assim por falsas in-
 » formações, como por me ter má vanta-
 » de, me prendeo, e mandou á India ao
 » Governador Nuno da Cunha, que vendo
 » os autos de minhas culpas, e devassas que
 » se tiráram, me julgou por sem culpa, e
 » que fosse tomar posse de meus Reynos. E

es-

» estando em Goa , vendo a Lei dos Chri-
 » stãos ser santa , e virtuosa , cheia de to-
 » da a verdade , inspirou Deos nosso Senhor
 » em mim , que a acceitasse , o que fiz , con-
 » vertendo-me á verdadeira Fé de Christo ,
 » deixando a feita , e cegueira , em que an-
 » tes me creei , e andei , e recebi o Sacra-
 » mento do Santo Bautismo na Sé de Goa ,
 » e foram meus Padrinhos o Governador , e
 » Jordão de Freitas. Depois recebi o Sacra-
 » mento da santa Confirmação , de maneira
 » que sou fiel , e verdadeiro Christão. De-
 » pois fui despachado - pera me ir pera o
 » meu Reyno , cujo caminho até agora o
 » não acabei de fazer , porque o Viso-Rey
 » D. Garcia de Noronha , e o Governador
 » D. Estevão da Gama me não acabáram de
 » despachar , como era razão. E agora es-
 » tando nesta Cidade , e fortaleza de Mala-
 » ca , despachado pelo Governador Martim
 » Affonso de Sousa pera me ir pera meu
 » Reyno , adoeci. E porque não sci o que
 » nosso Senhor de mim determinará , por
 » descargo de minha consciencia quero dis-
 » pôr de meu Reyno , como seja serviço de
 » Deos nosso Senhor , como de feito dispo-
 » nho na maneira seguinte.

» Digo que sou Christão ; e já que meu
 » Reyno he de Rey Christão , não deve de
 » o herdar , nem succeder nelle Mouro al-
 Couto. Tom. II. P. II. Ff » gum.

» gum. E meu irmão Aeiro, que agora es-
 » tá nelle, he mais moço, Mouro, e filho
 » de outra mãe, que não he Rainha: e por-
 » que não he bem que venha aquelle Rey-
 » no por minha morte, senão a outro Chri-
 » stão como eu, pera converter meus povos
 » á Fé de Christo, como eu esperava de fa-
 » zer se vivêra; e pois não tenho successor
 » Christão, instituo por herdeiro de meus
 » Reynos, e por meu Testamenteiro a El-
 » Rey de Portugal, cujo vassallo sou; e des-
 » te dia pera todo sempre renuncio nelle to-
 » do o direito Real, e actual, que nos di-
 » tos Reynos tenho, pera delles fazer, e dis-
 » pôr como seus. E lhe peço por mercê,
 » que se houver de prover Rey, ou Gover-
 » nador, seja tal, que tenha proposito de
 » fazer todos aquelles povos Christãos, e ain-
 » da trabalhar por os fazer aos Reys vizi-
 » nhos, e comarcãos, porque assim determi-
 » nava eu de fazer, se me Deos lá levára,
 » porque com isto será minha alma descan-
 » çada.»

Estes são os frutos que os Reys de Por-
 tugal cada dia recolhem desta conquista do
 Oriente, que são de mais proveito, e re-
 spondencia, que todas as drogas delle. Esta
 foi a fazenda de mais estima, que nas náos
 deste anno foi ao Reyno, que El Rey Dom
 João houve pelo melhor emprego do Mun-
 do,

do , dando muitas graças a Deos por ver hum Rey Mouro , tão apartado da Igreja Romana , lá nos principios do Oriente receber com tanto amor a Lei de Christo , e guardalla de feição esse pouco que vivo , que pudera envergonhar aos mais dos Christãos da Europa ; e de crer he que iria sua alma a gozar de outro Reyno sem fim. E tornando a nosso fio.

Tanto que foi tempo de Fernão de Sousa de Tavora se partir pera Maluco , deo-lhe Garcia de Sá hum fustarrão com quarenta soldados , de que fez Capitão a João Galvão , homem nobre , e muito bom Cavalleiro. Garcia de Sá embarcou com Fernão de Sousa de Tavora a mãe , e padraсто d'ElRey D. Manoel , que com elle foram pera Goa ; e assim mandou o traslado do testamento a Jordão de Freitas , pera lá se lhe cumprirem seus legados. Depois de Fernão de Sousa de Tavora partido , chegou a Malaca D. Jorge de Castro com ElRey Aeiro , e sabendo da morte do irmão , fez por elle grandes estremos. E dizendo-lhe Garcia de Sá , que se tornasse pera Maluco pera governar aquelle Reyno , até ElRey de Portugal mandar o que se havia de fazer , não quiz , dizendo , que já havia de chegar a Goa a se ver com o Governador ; e assim se embarcou como foi tempo. Fer-

Ff ii.

não

não de Sousa de Tavora chegou a Maluco, e sabendo-se da morte d'ElRey D. Manoel, vestio-se Jordão de Freitas de dó, e foi desembarcar a mãe, e padrasto, e os mandou pera a sua Cidade. E logo por virtude do testamento, tomou posse daquelle Reyno em nome d'ElRey D. João de Portugal, estando presentes todos os Grandes, e Regedores do Reyno: e elle, e Fernão de Sousa elegêram pera o governarem a mãe, e padrasto d'ElRey D. Manoel, e elle com elles até vir recado de Portugal. E assim ficaram as cousas por então, porque o que mais succedeo se conta na sexta Decada no governo de D. João de Castro, de cujo tempo são.

C A P I T U L O X I .

Dos requerimentos, que o Idalcan mandou fazer ao Governador Martim Affonso de Sousa sobre Mealecan: e do que sobre isso passáram: e das partes, e qualidades deste Governador.

TAnto que o Governador Martim Affonso de Sousa mandou trazer Mealecan de Cananor pera Goa, logo o Idalcan foi avisado disso, do que ficou muito enfadado, e tratou com os do seu conselho sobre o que

que faria naquelle negocio. E assentou-se, que mandassem notificar ao Governador, que ou lhe cumprisse os contratos que estavam feitos, ou lhe largasse as terras que lhe dera; e que quando não fizesse huma cousa, nem a outra, então lhas mandasse tomar por força, porque já então ficariam as culpas todas sobre o Governador. E porque elle era ido fóra, esperou que viesse. E tanto que teve recado que estava em Goa, despedio hum correio com cartas pera elle, em que lhe pedia: » Que cumprisse os contratos » que estavam feitos antre ambos, quando » lhe deo as terras de Salsete, e Bardés, e » mandasse logo Mealecan pera Malaca, já » que não fora pera Portugal, e quando » não, que lho entregasse, ou lhe largasse » as terras que lhe tinha dado, senão que » faria o que lhe parecesse, que mais lhe » convinha. »

Estas cartas chegaram ao Governador, quando despedia Fernão de Sousa de Tavora pera Maluco; e vendo a determinação dellas, mandou logo metter Mealecan na Torre da menagem, e ordenou com muita pressa João Fernandes de Nigreiros, Cidadão principal de Goa, pera ir em fórma de Embaixador ao Idalcan, por quem lhe mandou dizer: » Que se deixava de mandar » Mealecan pera fóra, era porque tinha es-

» crito nas náos passadas a ElRey sobre a-
 » quelle negocio , pera elle ordenar o que
 » faria , e que esperava por resposta sua ; e
 » que pera melhor o segurar o mandára tra-
 » zer de Cananor , donde podia fugir , e o
 » tinha na Torre da menagem diante de seus
 » olhos , onde se não podia recear de cousa
 » alguma. » Este Embaixador não foi bem
 recebido , e ouvindo as razões do Governador ,
 parecendo-lhe tudo cumprimentos , e
 invenções , mandou prender o Embaixador ,
 e todos os Portuguezes , que estavam naquella
 Cidade , e recolher suas fazendas , pon-
 do-os a muito bom recado , com tenção de
 os não largar até lhe entregarem Mealecan :
 aconselhando-lhe seus Capitães , que não sof-
 fresse tanto , e que mandasse logo hum ex-
 ercito a cobrar as terras de Salfete , e Bar-
 dés ; o que elle por então não quiz fazer ,
 porque como sua tenção era haver ás mãos
 Mealecan , ou o fazer lançar pera parte on-
 de se elle não receasse , houve que lhe bas-
 tavam pera isso os penhores que tinha. O
 Governador tanto que soube da prizão do
 Embaixador , ficou melancolizado , e come-
 çou a correr com recados , assim com o Idal-
 can , como com os seus grandes do confe-
 lho , mandando-lhe afirmar , que pera o
 Verão mandaria Mealecan pera Malaca. Nif-
 to se passou o Inverno sem se tomar con-
 clu-

clusão em cousa alguma, até surgir na barra de Goa D. João de Castro, que vinha por Governador (como no principio da sexta Decada diremos.) O Governador gastou este Inverno em reformar a Armada, porque por sem dúvida tinha que lhe viria successor, e lha queria deixar toda preparada.

O Bispo D. João de Alboquerque ordenou este Inverno em seu Bispado algumas cousas, que lhe parecêram de serviço de Deos; e porque a Cidade de Goa era grande, e cada vez hia crescendo mais, e não podia o Cura de Santa Catharina administrar os Sacramentos a todos os moradores della, porque até então fora governado todo o espirital por hum Vigario Geral, repartio toda a Cidade com seus arrebaldes em quatro Freguezias, que de novo provêo de Vigarios, e Beneficiados. A primeira foi a de Santa Catharina (que como dissemos) quando logo o Bispo chegou á India, foi elegida em Sede Episcopal. A segunda a de nossa Senhora do Rosario. A terceira de nossa Senhora da Luz. A quarta de Santa Luzia, ordenando santas, e boas Constituições, assim pera as cousas que tocavam ao Culto Divino, como pera o bom governo de suas ovelhas.

E pois por aqui acabamos esta quinta

Decada , e o tempo do governo de Martim Affonso de Soufa , concluamos este Capitulo com as partes , e qualidades de sua pessoa , e linhagem. Foi este Governador filho mais velho de Lopo de Soufa , e de D. Brites de Albuquerque : foi seu pai Alcaide mór de Bargaça , que lhe rendia perto de quatrocentos mil reis. E parece que dizendo-lhe o coração , que havia de ser muito honrado ; tanto que o pai faleceo , engeitou a Alcaidaria mór ao Duque , e foife viver com o Principe D. João , filho d'El-Rey D. Manoel ; e porque era ainda mancebo , servio-se delle de seu pagem : parece que lhe aconteceu hum desastre , ou desgraça , de que envergonhado elle , porque era muito pontual , fugio da Corte , e se foi a Salamanca , onde se namorou de huma Dama Castelhana , chamada D. Anna Pimentel , com quem casou , e trouxe a Portugal. Era já neste tempo o Principe D. João Rey , que o tornou a recolher , fazendo-lhe honras , e mercês. Dahi a alguns tempos o mandou por Capitão mór de huma Armada para o Brasil , em que o servio bem. Depois o mandou por Capitão mór do mar da India o anno de trinta e quatro , como dissemos no Cap. I. do Liv. IX. da quarta Decada. Foi homem de muito grandes pensamentos ; e já em moço tinha tamanho brio ,

e opinião , que passando por Bargarça o grande Capitão Gonçalo Fernandes de Cordova , lhe fez Lopo de Soufa , pai de Martin Affonso de Soufa , grandes gazalhados ; e o mandou acompanhar pelo filho algumas jornadas ; e ao despedir d'elle , tirou o grão Capitão hum rico colar de ouro , e pedraria , que levava ao pescoço sobre os trajos de caminho , e foi pera lho lançar ao seu : Martin Affonso se affastou pera fóra , como que não o queria. O que visto pelo grão Capitão (entendendo que aquillo era opinião) lhe disse : *Ora , Senhor , bem vos entendendo , deveis de querer armas ; e tirando a espada , que levava na cinta , lha deo , e elle a tomou com grande acatamento , estimando-a muito , e assim a trouxe sempre consigo ; e nos dias de mores festas a trazia na cinta. Foi este Governador homem de boa estatura , gentil-homem , e aprasivel. Era muito prudente , e de grande conselho , e por isso foi sempre hum dos principaes do d'El-Rey , em quanto governou a Rainha Dona Catharina por seu neto D. Sebastião , e algum tempo depois d'elle tomar o governo. Era apressado em suas cousas , e grande conhecedor do tempo , tanto , que parecia que os adivinhava , pelo muito discurso que delles tinha.*

E assim entendendo que ElRey havia de

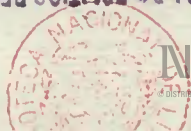
bolir com os do seu Conselho , lançou-se primeiro de fóra com achaques que tomou , e não tardou muito que não houvesse nisto novidades. Foi rico da India com o que levou , e com mercês que sempre lhe fizeram. Constituiu hum arrezoado Morgado , que deixou a seu filho Pero Lopes de Sousa , em que entrava a Villa de Alcoentre. Foi homem , que em quanto governou , poupou mais o superfluo , e despendeo melhor o necessario que todos , porque pagou trinta e cinco contos de dividas velhas , e tres quartéis cada anno a toda a gente da India ; e tinha sempre cincoenta mil pardãos em deposito pera as necessidades que sobreviessem ao Estado. Foi tão amigo de olhar pela fazenda d'ElRey , que foi o primeiro que ordenou mandar Veadores della ás fortalezas. E costumava a dizer , que pera ElRey ter dinheiro , havia de haver muitos que o ajuntassem , e hum só que o gastasse. No que se enganou , porque depois se veio a entender , que estes Veadores da Fazenda eram os mores destruidores que ella tinha ; e por isso mandou depois ElRey , que os não houvesse , como em seu lugar diremos. Primeiro que entregasse a India a D. João de Castro , mandou pôr o seu retrato na casa , onde estavam os dos outros Governadores , e ainda está hoje pelo natural do seu tamanho

com o traje ao antigo , roupa aberta de mangas de roca , com golpes , e botões , jubão de petrina baixa , e sobre elle couraças postas sobre veludo cravadas , musgos dos antigos , espada á teta , e barrete redondo com golpes , e pontas de ouro. E por aqui temos concluido com esta quinta Decada á gloria , e honra de Deos nosso Senhor , que vive , e reina *in secula seculorum. Amen.*

FIM DO LIV. X. DA DECADA QUINTA.



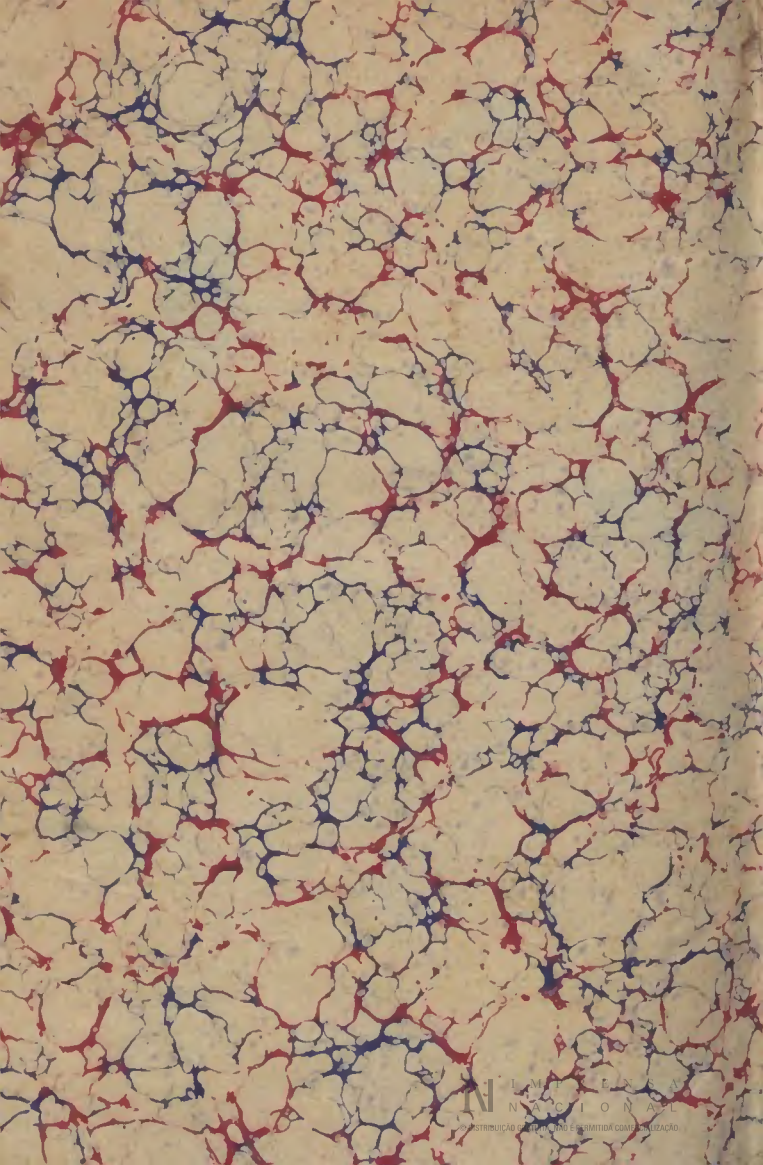
THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ
BIBLIOTECA DO PÓSITO REPUBLICANO

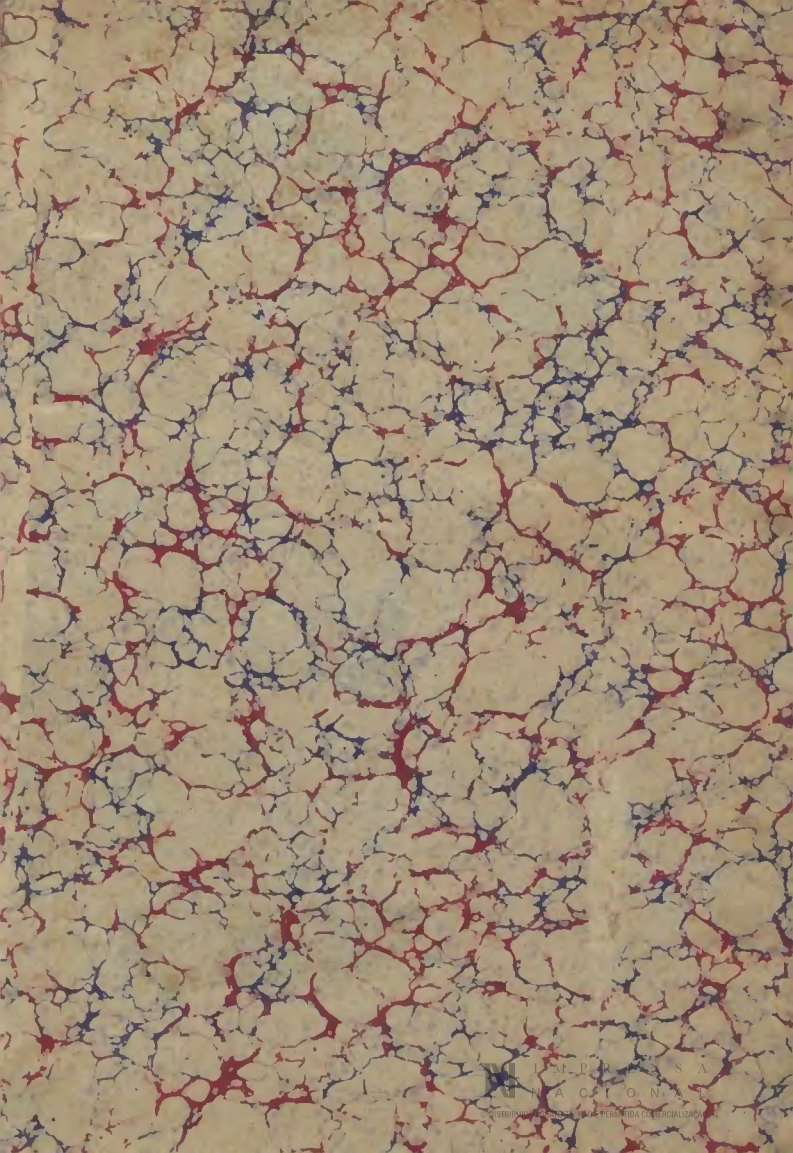


IMPRENSA
NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO





MARSA
ACCION

DISTRIBUCION Y VENTA POR ENCARGO DE LA EDITORIAL

NB



•EFG000000103•